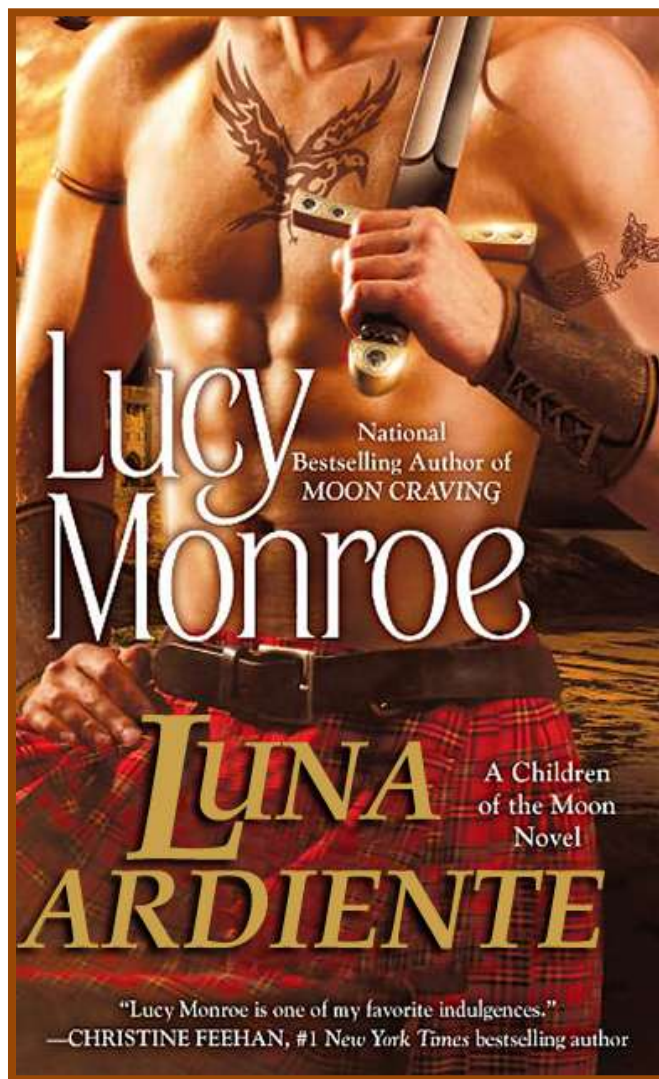




Filhos da Lua 03

Lua Ardente

Lucy Monroe



Resumo:

Barr nunca pediu para ser nomeado Líder do clã guerreiro Donegal e liderar seu bando de homens lobos. Mas cumprirá cabalmente com seu dever e como ainda não encontrou a sua companheira, espera poder achá-la entre os membros de seu novo clã. Sabia que ser líder seria difícil; mas não esperava descobrir a uma mulher nua no bosque cuja memória era tão frágil como seu delicioso e extremamente atrativo corpo humano. Poderia esta mulher ser sua Autêntica Companheira?

Enquanto se encontra em uma missão para salvar a seu povo da extinção, Sabrine finge não ter lembranças a fim de infiltrar-se entre seus inimigos: o clã Donegal. Como uma mulher que se transforma em corvo, está decidida a recuperar a pedra sagrada que pertence por direito a seu povo. Mas logo se verá consumida por seu ardente desejo e crescente amor por laird Donegal, que acreditava tê-la salvado, mas que desconhece os perigosos e inevitáveis segredos destinados a separá-los.

Revisão Inicial: Carolina Alvares

Revisão Final: Heloisa

Visto Final: Tânia

Projeto Revisoras Traduções

Prólogo

O início

Milênios atrás, Deus criou uma raça de pessoas tão ferozes que até suas mulheres eram temidas em batalha. Essas pessoas eram guerreiras em todos os sentidos, recusando-se a submeter-se ao domínio de qualquer um que não fosse um dos seus... sem importar o tamanho das tropas enviadas para subjugar-las. Seus inimigos diziam que eles lutavam como animais. Seus inimigos vencidos nada diziam, pois estavam mortos.

Eles eram considerados um povo primitivo e bárbaro porque desfiguravam suas peles com tatuagens em tinta azul. Os desenhos eram normalmente simples. Uma única besta era pintada em um contorno simples, embora alguns membros do clã tivessem mais marcas que rivalizavam com os celtas pela complexidade artística. Esses eram os líderes dos clãs, e seus inimigos nunca eram capazes de descobrir o significado de quaisquer das tatuagens azuis.

Alguns supunham que elas eram símbolos de sua natureza bélica e nisso estavam parcialmente certos. Pois as bestas representavam uma parte deles mesmos que esse violento e independente povo mantinha em segredo frente à dor da morte. Era um segredo que eles guardavam por séculos de sua existência, na época em que a maioria migrou através da paisagem europeia para se estabelecer no inóspito norte da Escócia.

Seus inimigos romanos os chamavam de Picts, um nome aceito pelos outros povos de sua região e de regiões ao sul... Eles chamavam a si mesmos de Chrechte.

Sua afinidade com os animais na luta e na conquista vinha de uma parte de sua natureza que sua contraparte completamente humana não apreciaria. Pois esse povo feroz mudava de forma e as tatuagens azuladas em suas peles eram marcas dadas como um ritual de passagem. Quando sua primeira mudança ocorria, eles eram marcados com o tipo de animal em que podiam se transformar. Alguns controlavam a transformação. Alguns não. E embora a maioria fosse de lobos, existiam grandes gatos caçadores e aves de rapina também.

Nenhum dos que se transformavam reproduzia-se tão depressa ou abundantemente quanto seus irmãos e irmãs inteiramente humanos. Ainda que eles fossem uma raça espantosa e sua perspicácia fosse aprimorada por uma compreensão da natureza que a maioria dos humanos não possuía, eles não eram precipitados e não eram governados por sua natureza animal.

Um guerreiro podia matar cem de seus inimigos, mas ela ou ele poderia morrer antes de ter uma descendência, a morte levaria a um inevitável encolhimento do clã. Alguns clãs Pictish e aqueles conhecidos por outros nomes em outras partes do mundo já tinham se extinguido ao invés de se submeterem aos inferiores, porém numerosos, humanos ao seu redor.

A maior parte dos que se transformavam da região montanhosa da Escócia era muito esperta para enfrentar o fim de sua raça em lugar de se misturarem. Eles enxergavam o caminho para o futuro. No século nove d.C., Kenneth MacAlpin ascendeu ao trono escocês. De origem Chrechte por parte de mãe, MacAlpin era o resultado de um

"casamento interracial", e sua natureza humana dominava. Ele não era capaz da "mudança", mas isso não o impediu de reivindicar o trono dos Pictish (como era chamado então). A fim de garantir sua majestade, ele traiu seus irmãos Chrechte em um jantar, matando todo o resto dos membros da realeza de seu povo—e estabeleceu para sempre uma desconfiança dos humanos em seus companheiros Chrechte.

Apesar desta desconfiança, os Chrechte perceberam que eles poderiam desaparecer lutando contra uma sempre crescente e invasora raça humana, ou poderiam se juntar aos clãs Celtas.

Eles se juntaram.

Pelo que resto do mundo soube, embora houvesse muitos para confirmar sua antiga existência, era que o que tinha sido considerado o povo Pictish não existia mais.

Por não ser de suas naturezas serem governados por qualquer povo que não o seu próprio, depois de duas gerações, os clãs Celtas que assimilaram os Chrechte eram governados por chefes de clã que se transformavam. Em sua maioria, os completamente humanos entre eles não sabiam disso; porém, a poucos eram confiados os segredos de seus parentes. Aqueles que sabiam os segredos estavam cientes de que trair o código de silêncio significava morte certa e imediata.

Aquele código de silêncio raramente era quebrado.

Capítulo 1

Vamos... o corvo grasnador está já gritando vingança.

—William Shakespeare

Terras dos Donegal, Terras Altas Escocesas

Século XII D.C.

O corvo sobrevoou o terreno e com sua aguda visão espiou os cinco caçadores Donegal no bosque.

O vermelho e preto das suas plaids¹ espreitava pelas árvores, não deixando nenhuma dúvida de seu verdadeiro número, mas ela só podia ouvir três. Dois permaneciam em silêncio absoluto enquanto espreitavam a sua presa. Até sua aguda audição de corvo, muito mais afiada do que suas garras, não podia detectar o som de seus movimentos.

Eles mascararam seus odores também, mostrando que possuíam um maior controle de sua natureza Chrechte que os outros. Esses dois Faol dos Chrechte eram perigosos.

Não se podia confiar nos lobos, mas um que dominava sua besta era alguém a quem vigiar cuidadosamente. Ele não seria enganado facilmente pelos truques dos Éan. Era bom que sua família corvo lhe tivesse designado para esta tarefa. Outro guerreiro com menos experiência poderia ter falhado com suma facilidade com lobos como esses.

Sabrine esteve protegendo sua gente desde que cumpriu quinze verões, fazia já uns longos sete anos.

Sobrevoou em círculos mais baixos, preparando-se para sua aterrissagem. Isto devia parecer natural, mas não lhe entusiasmava tomar sua forma humana para cair simplesmente através dos ramos das árvores. Ainda se encontrava a uma boa distância dos homens, mas muito perto do chão, quando uma dor agonizante perfurou sua asa esquerda.

Seu primeiro instinto foi encostar sua asa em seu corpo, mas ela se obrigou a mantê-la estendida para assim poder planar mais abaixo em vez de simplesmente cair direto. Não morreria antes de salvar sua gente da traição dos lobos.

Enquanto se aproximava da terra, permitiu que sua forma de corvo desaparecesse, assumindo sua forma totalmente humana, tal como tinha planejado fazer antes que essa asquerosa flecha perfurasse sua asa. Os ramos das árvores arranharam seu corpo enquanto caía ao chão.

Ignorou os pequenos desconfortos da dor para um objetivo maior. Usaria a sede de sangue dos lobos contra eles. Suas próprias ações fariam com que ela encontrasse a forma de ser aceita em seu clã.

Como uma indefesa mulher humana.

Uma sombria diversão a atravessou junto com o suplício de sua aterrissagem. Imediatamente depois, agarrou a flecha, rompeu a ponta, agarrou o outro lado e com um puxão a arrancou de seu braço.

¹ Manta retangular quadriculada usada sobre o ombro esquerdo como parte da vestimenta nacional escocesa.

Ao mesmo tempo em que o mundo que a rodeava se tornava negro, lançou a ofensiva arma tão longe quanto foi possível.

Sem fazer ruído, Barr girou seu grande corpo ante o som de uma flecha deixando o seu arco. A raiva o montou mais violentamente que um cavaleiro inglês a seu cavalo. Sem um sinal visível do javali, não havia uma maldita desculpa para usar a arma.

A atenção de Muin estava enfocada no céu, não no bosque onde supunha que devia estar. O mais jovem de seu grupo de caça ainda permanecia com o arco erguido como se estivesse preparado para voltar a disparar.

Seria mais fácil treinar os ingleses, pensou Barr com um grunhido, sem sequer tentar conter-se. Tinha conhecido filhotinhos Chrechte com melhores instintos para a caçada.

—Que diabo está fazendo, rapaz? — exigiu Barr, seu tom calmo deixava traír sua cólera, mas sem deixar-se levar por esta.

—Vi um corvo — sussurrou Muin fervorosamente. —Meu avô diz que são aves de mau agouro e que devemos matá-los quando os virmos.

—Oh! E seu avô também ensinou você como caçar? — exigiu Barr, sua ira apenas contida. —Ele ensinou a avisar à presa de nossa aproximação?

—O javali não ouviu a flecha. A tentativa de defesa de Muin não surtiu efeito em Barr.

Ele se aproximou do imbecil rapaz dominando-o com seu tamanho.

—O que acontece quando você mata uma ave no céu?

Muin tragou, seu rosto se contraiu com nervosismo apesar da óbvia tentativa de ocultá-lo.

—Cai por terra.

—Certo. E supõe que a ave nos dará a cortesia de aterrissar sem fazer ruído?

—Não, meu laird².

—Não.

Não era a primeira vez desde que tinha chegado ao clã Donegal para agir como laird e líder de sua matilha Chrechte, que Barr perguntou-se se possuía a paciência necessária para a tarefa. Ele tinha gostado de ser o segundo-em-comando de laird Sinclair, era bom, mas o rei tinha solicitado esse favor. Barr não se deixou influir. Entretanto, seu antigo laird, Talorc, havia completado a solicitação, adicionando a missão de treinar os Chrechte existentes entre os Donegal. Naturalmente, Barr estava de acordo.

Sabia que Talorc desenvolveu certa estima por Circin, o jovem guerreiro que o desafiou e treiná-lo nos costumes de sua raça acabou sendo problema seu. Já que algum dia Circin lideraria o clã Donegal, tanto por decreto do rei como pelo fato de que um dia seria o Chrechte mais forte entre os Donegal, era imperativo que aprendesse a controlar e utilizar a natureza de seu lobo.

Mas a tarefa não era simples, não com tantos Chrechte mal ensinados que pareciam inconscientes de seus instintos e cegos a seu entorno... no melhor dos dias.

Embora, pelo geral, Muin não era um dos idiotas. Essa era a única coisa que o salvava de ser derrubado de um duro golpe ao chão.

O rosto do jovem membro do clã tomou uma tonalidade tão avermelhada como seu plaid.

—Eu, uh...

² Senhor.

—Agiu sem pensar. Estou de acordo.

—Eu sinto muito, meu laird. Muin abaixou sua cabeça, a vergonha que o embargava impregnava seus arredores com um evidente sabor acre.

—Faça isto novamente e eu o derrubarei como um tronco.

—Sim, laird.

—E Muin?

O jovem elevou o rosto para encontrar o olhar de Barr. Barr teve que respeitar a coragem do pirralho por fazê-lo. Em geral, não estava acostumado a atemorizar a homens crescidos como seu irmão gêmeo, Niall fazia, sobre tudo porque ele sabia sorrir e seu irmão não. Não é que Barr tivesse tido motivos para fazê-lo ultimamente. Entretanto, só seu tamanho já intimidava a muitos entre o clã Donegal, Chrechte e humanos por igual.

—Sim, laird? — perguntou Muin.

—Somos Chrechte. Respeitamos toda forma de vida. Caçamos por alimento, não por diversão.

—Mas os corvos trazem má sorte.

—São aves. Só os anciões que recordam o ontem melhor que o hoje e os filhotinhos acreditam que uma ave traz ou tira a sorte. Você é um guerreiro. Atue como tal.

Muin se ergueu, puxando seus ombros para trás.

—Aye³, laird.

Barr sacudiu a cabeça e deu a volta para continuar a perseguição do javali, para algo serviria se o faziam. Se seu grupo de caça retornava com uma presa, revisaria sua opinião desses jovens Chrechte Donegal.

Ao menos, Earc ainda tinha o rastro do javali. O outro guerreiro Sinclair, que lhe acompanhou para treinar os soldados Donegal e aos Chrechte entre eles, nunca tinha perdido uma presa.

E não o faria nesta ocasião, mas parecia perplexo pelo caminho que o javali tinha seguido para cruzar o bosque.

—Foge de nós — disse Earc com uma voz que nenhum humano teria sido capaz de ouvir.

—Acha que farejou aos Chrechte mais jovens? — esses ainda não dominavam a habilidade de mascarar seus cheiros durante grandes períodos de tempo.

—Não entendo. Algo deve havê-lo espantado. Corre sem rumo fixo, em minha opinião.

—Circin e eu o adiantaremos, e o guiaremos para você.

Earc assentiu.

Mudando para sua forma de lobo, Barr seguiu o odor do javali, decidido a abater sua presa. Circin, que controlava sua mudança, seguiu seu exemplo. Outros, que não podiam, puseram-se a correr mais rápido do que a maioria dos humanos faria.

O aroma de algo além do javali excitou os sentidos do lobo de Barr, exigindo sua atenção com sutil poder. Algo tentador e diferente. Algo que seu lobo não podia ignorar. Inclusive era mais imperioso que perseguir a sua presa e insistentemente afastava a atenção de seu lobo da caçada.

³ Sim.

O javali foi esquecido, o lobo se esforçou por seguir o novo odor, fazendo que seu corpo canino girasse com extraordinária graça. Sem nunca romper o ritmo de sua marcha, e sem esperar a aprovação de sua consciência para mudar de direção, o lobo foi aonde sua besta interior lhe exigia ir.

A mente humana de Barr tratou de decifrar o que seus sentidos lhe diziam, mas nunca tinha captado um aroma como esse. Nem jamais tinha reagido a um simples cheiro com esta necessidade impossível de negar.

Uma necessidade tão elementar que sua besta a aceitava sem titubear, enquanto sua mente humana continuava desconcertada.

Era o aroma de um humano? Levantou seu focinho para farejar o ar com maior precisão. Pinheiro. Terra argilosa. Luz do sol. Um coelho. Um esquilo. Folhas mortas e agulhas de pinheiro secas. E o aroma. Sem dúvida era humano e sem dúvida era muito mais.

Feminino. Não o de uma mulher durante seu cio, a não ser a sutil fragrância de seu sexo. Mas nenhum odor de lobo se mesclava com os outros aromas.

Se não um lobo, deve ser humana. Sua percepção de algo estranho devia vir de sua essência única.

Mas se não era lobo, que fazia ali?

As mães contavam a seus filhos histórias sobre outras tribos que se transformavam, mas eram contos de fadas para entreter aos pequenos. Os lobos eram os únicos Chrechte que ele ou outro membro do clã Sinclair tinham conhecido sempre. Se outras raças que se transformavam existissem, os lobos seriam conscientes deles. Eram muito territoriais para desconhecer esse fato.

Ao abrir caminho através das árvores, deslizou até parar, afundando suas garras na terra para segurar-se. Esteve correndo muito rápido. Nem sequer quando era um filhote se aproximou de uma situação desconhecida com semelhante falta de moderação. Algo mais que preocupação e se seu irmão ou seu antigo laird pudessem vê-lo agora, cairiam de bunda mortos de rir.

Nem sequer a garantia de sua humilhação encontrou cabo em sua mente; sua atenção estava totalmente concentrada na fonte desse aroma.

Ela jazia na terra, seu cabelo, tão negro como a asa de um corvo, cobria um seio, mas o outro permanecia completamente exposto a seu olhar. Embora não muito generoso, estava perfeitamente formado e se encontrava coroadado com um rosado mamilo que rogava a seus lábios e língua despertá-lo. Do aspecto de seus delicados pés, a feminina curva de seu quadril, até a suave curva de seu ombro e todas as superfícies entre esses, suas formas eram perfeitas para gerar a fome carnal em Barr e sua besta.

Os negros cachos que adornavam a união entre suas coxas cintilavam com um brilho azul sob os raios de sol como sua longa cabeleira que cobria sua cabeça. Certamente eram da cor dos corvos do céu. Esses poderiam ser aves abomináveis, mas possuíam uma elegância em sua cor e forma que não podia ser ignorada.

Barr sentiu uma fugaz, mas sincera esperança de que Muin tivesse falhado com sua inoportuna flecha. O pensamento de que semelhante beleza, até na mera forma de uma ave, fora destruída por uma tola superstição o adoecia.

A mulher nua continuou inconsciente no chão do bosque. Sua etérea beleza chamava seus instintos protetores, tocando uma parte de seu lobo que nunca antes tinha saído à superfície. Embora fosse alta para uma mulher, ainda seria pequena junto ao corpo humano de Barr. E o fazia desejar interpor-se entre ela e qualquer ameaça potencial.

Não era um sentimento que usualmente experimentasse por alguém, salvo por aqueles que chamava de clã, e nunca com esta profundidade.

O estado atual da mulher só fazia com que sua necessidade de protegê-la aumentasse até fazer seu lobo grunhir. Sua adorável e pálida pele estava maltratada por numerosos e pequenos arranhões, como se tivesse se deslocado por entre os arbustos. Possivelmente outro javali a surpreendeu enquanto se banhava e ela se viu obrigada a fugir?

Trotou para frente, farejando-a com seus sentidos realçados. Tanto sua mente como sua memória instintiva encontrava-se confundidos, a evasiva sensação da presença de um Otherness⁴ seguia perturbando-o. Mas, também havia algo ali. Sangue. Em quantidades maiores que os arranhões podiam explicar. Não o percebeu antes porque esse outro odor o confundiu muito. Mas era sangue.

Seu sangue.

Uma raiva assassina nublou as usualmente nítidas imagens cinza e brancas que viam os olhos de seu lobo. A pequenina estava ferida, sua perfeita e pálida pele se encontravam obscenamente arruinada por um orifício em seu antebraço, que ainda gotejava lentos riachos de vermelho líquido.

Rapidamente examinou a área que os rodeava, mas não viu sinal do que tinha causado a ferida. Entretanto, não parecia ser produto de um ramo de árvore no lugar errado. A ferida não tinha as bordas dentadas de uma lesão infligida por algo tão simples como um ramo de árvore no lugar incorreto enquanto ela corria. Com seu focinho cutucou suavemente seu braço para assim poder ver o outro lado.

Fosse qual fosse a arma, tinha perfurado seu braço limpamente, deixando outra ferida no lado oposto.

Tinha fugido de um ataque, não de um animal selvagem, mas sim de algo muito mais perigoso? Um humano.

Não havia clãs ao norte deles desse lado das terras Donegal. O campo deserto dominava tudo e Barr não pôde decidir de onde provinha ela, muito menos seu atacante.

Um suave gemido escapou de seus pequenos e ovalados lábios, a mão de seu braço ileso se moveu agilmente como se, se estendesse para ele. Transformou-se em humano no tempo que ela levou para abrir seus sedutores olhos castanhos.

Os escuros olhos cheios de confusão se enfocaram nele enquanto piscava lentamente uma e logo duas vezes. Uma pequena ruga se formou entre suas sobrancelhas, ela tentou mover-se, mas logo desistiu com um grito abafado. A dor surgiu em seus formosos olhos.

—O que aconteceu? — as palavras saíram em um sussurro como se o falar lhe fosse difícil.

A sensação de algo estranho desapareceu como se nunca tivesse existido. Sentiu-se muito sobressaltado pela suplica em sua pergunta, mas ele ardia por obter sua resposta, assim que tomou um momento para falar.

—Não sei.

—Quem é você? — sua voz era um pouco mais forte, mas não muito.

Não pôde negar o pressentimento de que ela estava acostumada que suas perguntas fossem rápida e completamente respondidas. Ao menos que seja uma rainha, o que duvidava

⁴ Otherness pode ser interpretado como “outro eu”, ou a natureza animal dos que se transformam. É um nome genérico para denominar ao “alter ego” animal quando se desconhece ou não se quer nomear a raça específica (lobo, ave, felino, etc.) (N. da T. espanhol).

muito, isso era estranho no mundo de uma mulher humana. Apesar de tudo, os instintos do homem ou da besta não sabiam com certeza, diziam-lhe que tinha razão.

—Sou Barr, laird do clã Donegal, em cujas terras agora se encontra.

—Barr? — a comoção dilatou as pupilas de seus escuros olhos castanhos, fazendo-os ver quase completamente negros, como os de um corvo adulto. —Laird?

Ele ficou surpreso.

—Aye. Embora não pudesse imaginar o porquê as notícias a chocavam. Não é como se não possuísse a aparência de um laird.

Nenhum homem no clã Donegal era tão intimidante, mas claro ela não podia saber isso.

—Eu... — sua boca ficou entreaberta, como se as palavras lutassem por sair, mas nenhuma o fez.

O som de passos aproximando-se chamou a atenção de Barr, fazendo-o notar o quanto estava concentrado na mulher. Deveria ter ouvido o homem Donegal com maior antecipação.

Muin correu diretamente para eles, detendo-se quando estava a apenas trinta centímetros da mulher humana. Os olhos do jovem se abriram amplamente e seu rosto se tornou vermelho pela segunda vez essa tarde, mas não afastou o olhar da misteriosa mulher nua de Barr.

—Earc e outros ainda estão caçando o javali. Enviou-me para lhe buscar em caso de que necessitasse ajuda. Precisa ajuda laird?

O lobo de Barr rosnou ante o óbvio interesse do outro homem pela nudez da mulher ferida. Respondeu à descarada ação com um possessivo grunhido.

—Olhe para seu laird quando se dirigir a ele, Muin.

De um salto, o soldado Donegal retrocedeu ante as palavras muito baixas para os ouvidos humanos e seu olhar se afastou imediatamente da mulher com cabelos de corvo.

A mulher empalideceu e estremeceu, enchendo Barr com instantânea preocupação. Devia estar sofrendo.

—Meu laird, quem é ela? — perguntou Muin, olhando furtivamente à mulher.

—Olhe para outro lado. A voz de Barr flutuou no ar com fúria, fazendo que o jovem caçador estremecesse e retrocedesse ainda mais. —Recupere meu plaid e não a impregne com seu odor.

—Onde...

—Siga meu odor se pode — instruiu Barr, apertando os dentes.

—Sim, laird. O homem correu.

Em uma amostra tardia de modéstia, a mulher colocou seu cabelo diante de seu ombro, de tal forma que ambos os seios ficassem tapados e levantou uma perna para bloquear sua vista do tentador triângulo de cachos negros.

—Deve ser um laird, obedeceu-lhe sem protestar.

—Pensou que eu mentiria para você? — os humanos podiam ser estranhos, e embora conhecesse esta por alguns minutos, suspeitava que a encontrasse inclusive mais incompreensível.

—Talvez.

—Por quê?

A repulsão flutuou em seu rosto, mas foi algo tão fugaz, que poderia ter sido um efeito da luz da tarde.

—Os Faol dos Chrechte às vezes o fazem.

A surpresa o apanhou e não o soltou com facilidade. Sabia que ele era um lobo? E por que tinha usado o ancestral nome que tão poucos recordavam inclusive em sua tradição oral?

—Parece surpreso. Sua cabeça se inclinou para um lado tal como o faria uma ave. —Por quê?

Uma pergunta ridícula, mas ainda assim a respondeu.

—Só os Chrechte e uns poucos humanos aparentados com eles conhecem nossa natureza lupina.

—Mas mudou de lobo a humano na minha frente.

—Estava inconsciente.

Ela murmurou algo que soou como típico de um lobo.

—Certamente, estava.

—Então, você está acasalada com um Chrechte? — o pensamento o fez enfurecer, embora não pôde explicar a razão.

O olhar de completa aversão voltou a aparecer no rosto da mulher durante menos um segundo, mas desta vez não teve dúvidas de que tinha estado ali.

—Odeia os Chrechte — afirmou ele com uma voz nivelada, surpreso outra vez... tanto pelo fato em si mesmo, como por quão profundo lhe incomodava que o fizesse.

Uma turbulenta fúria converteu os olhos femininos em uma castanha tormenta elétrica.

—Não odeio aos Chrechte.

Sua veemência foi indiscutível; delatando seu desejo de dizer muito mais, mas seus lábios permaneceram firmemente fechados, deixando-os sem sangue pela força com que os pressionava.

Ele sugeriu:

—Tem família Chrechte, mas nasceu sem a capacidade de mudar para lobo. —Esse não era um fato incomum e em alguns, causava um profundo ressentimento.

—Não posso mudar para lobo — confirmou ela, seu tom de voz insinuava que não lhe representava uma grande perda.

Barr nunca esqueceria como o irmão do laird Balmoral tinha sido afetado por sua incapacidade para mudar. O próprio pai de Ulf o tinha rechaçado por essa razão e isso tinha transtornado Ulf, o fazendo perder seu sentido de honra e compaixão. Ao fim, tinha causado um dano incalculável ao resto de sua família, sobre tudo ao laird Balmoral, Lachlan. A companheira de Lachlan também tinha sofrido, mas tudo tinha acabado bem. Finalmente.

Era óbvio que ela também sentia alguma classe de ambivalência para sua família Chrechte. Embora duvidasse muito que ela seguisse o caminho que Ulf tinha tomado, sobre tudo porque era uma frágil mulher humana.

—O que estava fazendo aqui? — perguntou ele, desejando ouvir sua resposta antes que Muin retornasse.

Ela estudou os arredores.

—Estamos no bosque?

—Em terras Donegal. Com muita dificuldade conteve a reação de virar olhos. Não tinha dúvidas de que ela sabia exatamente o que ele queria dizer e tinha decidido se fazer de desentendida.

—Não sei.

—O que?

Não parecia brincar, mas devia estar.

—Estou ferida — assinalou como se isso o explicasse tudo.

Isso não o fazia.

—Sim, está.

—Como me fiz isto?

—Não deveria ser você quem me contasse isso?

—Mas não sei.

Engraçado, não captou o aroma da mentira e ainda assim, vacilou em lhe acreditar. Nunca tinha passado algo igual antes.

—Como pode ignorá-lo?

Ela simplesmente o olhou.

—A ferida em seu braço parece ter sido provocada por uma arma humana. Era única para ser a marca de uma garra ou uma mordida. —Foi atacada?

—Devo ter sido. Por um violento trapaceiro sem consciência. Sua voz esteve cheia de aborrecimento, muito para não conhecer seu atacante.

—Quem foi?

—Não o conheço. Isso soou totalmente sincero, mas não concordava com o anterior tom de ódio em sua voz.

Certamente, ela era um quebra-cabeça.

—Pequena...

—Meu nome é Sabrine.

Isso era algo ao menos.

—A que clã pertence?

—Não sei.

—Como pode desconhecer isso?

Ela pressionou a mão em sua testa, como se tratasse de empurrar seus pensamentos dentro de sua cabeça.

—Deveria saber, mas não sei.

—Pergunto-me se a queda fundiu seus miolos?

—Deve tê-lo feito. Tentou sentar-se uma vez mais. Desta vez teve êxito, embora a dor em sua expressão contasse o alto preço que lhe custou. —Eu não gosto da ideia de que meu cérebro esteja confuso.

Outra vez não se percebia a fragrância que delatasse uma mentira, mas apesar de tudo, as palavras não soavam de todo sinceras. Devia ser seu estado de confusão que deixava perplexo os seus sentidos de lobo.

—Imagino que não.

—O que farei agora?

Isso requeria uma resposta que não tinha.

—Até que recorde sua procedência, retornará ao lar dos Donegal comigo.

A urgência que seu lobo tinha sentido por chegar a esta mulher tinha diminuído desde que ela despertara, mas não se foi completamente. Era como se ainda estivesse ali. Só que oculta dele, o qual tinha menos sentido que a incapacidade de Sabrine para recordar a seu próprio clã, enquanto sim era capaz de recordar aos Chrechte.

Ele não tinha escondido nada do seu lobo desde sua primeira mudança, e vice-versa; não podia fazê-lo. Homem ou besta eram um.

Se ela fosse Chrechte, Barr teria suposto que estava mascarando sua essência e distraindo os sentidos de seu lobo, mas inclusive se o fizesse não poderia mascarar completamente sua natureza de lobo. E ela não era nada disso. Muin retornou com o plaid de Barr, antes que ele terminasse de estudar essa raridade e decidir suas implicações.

Mantendo o corpo entre o jovem Donegal e Sabrine, Barr usou seu plaid para cobrir sua nudez, cuidando de não golpear seu braço ou seu frágil corpo. Logo a levantou gentilmente em braços.

E algo fundamental aconteceu, tanto lobo como humano foram conscientes do correto dessa ação.

Capítulo 2

Enquanto a carregava pelo bosque, o aroma de Barr envolveu Sabrine, lhe exigindo reconhecimento e incitando a que seu corvo reagisse de alguma forma.

Ele já não mascarava sua presença, nem seu lobo, nem sua forma humana. Era uma advertência patente para outros predadores de que alguém mais perigoso do que eles entrava em seu território. Isso manteria o enfurecido javali longe deles.

Mas além de ser uma advertência, atuava também como um forte vinho para seus sentidos. Podia cheirar ao lobo na pele do homem que a carregava.

Isto deveria desgostá-la, mas pelo contrário se sentiu relutantemente intrigada.

Pela primeira vez desde que assumiu o dever como protetora de seu povo, o corvo de Sabrine desejou sair e saltar.

Apesar da dor de sua asa ferida, desejava sulcar os céus e voar. E não para patrulhar procurando alguma ameaça potencial. Tinha muita vontade de fazer mergulhos e piruetas, coisas que não tinha desfrutado, salvo como manobras táticas, desde que tinha deixado sua infância.

Talvez sua caída em pleno voo realmente lhe havia prejudicado o cérebro. Era a única explicação ao seu desejo de saltar. Ao desejo que crescia por seu corpo como um fogo lento.

Ao impulso inexplicável e totalmente inaceitável de se aconchegar mais perto do impressionante corpo de seu guerreiro nu.

Não cheirava a malvado, mas era um lobo. Não podia ser nada mais. E ainda assim, sua ave desejava esfregar-se contra ele, impregnar-se de sua essência em um nível totalmente instintivo, coisa que nenhum macho de sua própria raça lhe tinha provocado jamais. Era muito diferente aos homens Éan.

Inclusive para um lobo, Barr era enorme. Mais alto que todos os homens do grupo de caça, facilmente passaria meia cabeça a qualquer dos Éan, incluindo as águias reais. Sabrine era alta para os padrões de sua gente, mas esse homem a tinha chamado pequena e não podia contradizê-lo.

Não era grande só em estatura, seus ombros eram tão largos que não só teria que agachar-se, mas também ficar de lado para entrar no lar de Sabrine. Embora ela jamais o levasse ao lar de sua gente.

Esse caminho levava a loucura, à morte e à destruição.

De todos os modos, não podia deixar de tremer pelo sentimento de segurança que lhe proporcionava estar em seus braços. Cada passo que dava, fazia que seus avultados músculos se esticassem contra ela. E em vez de planejar estratégias para compensar sua força superior em uma batalha entre eles, via-se dominada pelo desejo de permitir que sua fortaleza fosse como um escudo entre ela e qualquer que desejasse feri-la.

Sua mente estava mais que transtornada; tinha perdido por completo a razão.

Além disso, não deveria desejar com tanta força levantar-se e tocar seus cabelos dourados; tinha que juntar as mãos com força, para que não façam por sua própria vontade.

Conhecia uma águia real com a mesma cor de cabelo, mas a pele da águia não estava tão bronzeada pelo sol como a de Barr. O encanto masculino do lobo era muito sedutor em todos os sentidos.

Ele também era consciente de sua magnificência entre os homens; carregava-a sem nenhuma inibição por sua própria nudez, e sem recato aos olhares curiosos do jovem guerreiro que Barr havia tornado a enviar ao bosque por sua capa.

Tão indignada como isso a fazia sentir, Sabrine não podia evitar reagir a ele com um temor puramente feminino. Nunca um Éan tinha causado nela uma reação semelhante. Sempre tinha estado sozinha, uma guerreira entre e para a sua gente.

Agora, Sabrine batalhava contra a desconhecida sensação de vinculação que tratava de formar-se entre ela e o gigantesco guerreiro desde que tinha despertado em sua presença. Nenhum lobo deveria lhe causar tais sentimentos.

Os Faol dos Chrechte não eram de confiança, não eram leais e nunca poderiam ser um companheiro com quem acasalar-se.

Havia histórias horrorosas de lobos que tinham usado a suas companheiras Éan para guiá-los até as aves Chrechte, para logo matar a todo o bando, incluindo à companheira penosamente enganada. Certo que as histórias eram muito antigas, mas o eram porque os Éan tinham aprendido sua lição. Não se acasalavam com seus pares Faol.

Durante gerações, os Faol faziam todo o possível para liberar o mundo da presença dos Éan. Não podia permitir-se esquecer desse importante feito. O roubo da Clach Gealach Gra das cavernas com os mananciais sagrados era a última afronta em décadas de traições perpetradas pelos lobos contra o povo corvo.

A pedra sagrada era necessária para a cerimônia de maioridade com a qual sua gente adquiria todos seus dons Chrechte. Aqueles Éan que não acessassem seus dons particulares, não poderiam engravidar ou dar a luz, algo que a maioria dos Éan considerava um dom tão sagrado como sua própria natureza Chrechte. Muito mais grave que roubar de sua gente esse desejo, era o fato de que o roubo da Clach Gealach Gra era, sem dúvida, uma insidiosa tentativa para assegurar-se de que os que se transformavam em aves, não sobrevivessem além da atual geração.

Seu povo vivia como sombras no bosque, escondendo-se dos lobos e dos humanos por igual, esperando que os cruéis Faol acreditassem que tinham tido êxito em exterminar ao último dos Éan. Eram muito poucos para fazer algo mais. Além disso, matar não era próprio da natureza de um corvo. Podiam defender-se junto aos falcões e águias, mas não podiam realizar um ataque junto a eles. Já que o número dos falcões e águias combinadas era menos da metade dos Éan, defender-se era sua única alternativa segura. Claramente, seu intento de esconder-se não tinha funcionado.

Não importava que o último grupo de caça não tivesse voltado desde que tinha sido uma garotinha, quando perdeu a seus pais em um ataque. Os lobos ainda deviam suspeitar que os Éan seguissem existindo, e prosperando, e tinham planejado esse pérfido complô para liberar o mundo das aves, de uma vez e para sempre.

Não lhes permitiria ter êxito. Não podia. Encontraria O Coração da Lua e o devolveria à custódia de sua gente, antes que seu próprio irmão menor tivesse que confrontar a chegada de sua maioridade sem o talismã sagrado.

A sensação de segurança nos fortes braços de Barr, que sustentava seu corpo com tanta firmeza, não era nada mais que uma ilusão, sem substância e extremamente perigosa. Nunca estaria realmente segura nos braços de um lobo. Se ele descobrisse sua verdadeira natureza, terminaria o trabalho que começou a flecha de seu caçador.

Não importava quão complacente encontrava ao homem, ele era e sempre seria, um Faol dos Chrechte.

Seu inimigo jurado.

—O que a preocupa, moça? Lembrou-se de algo? — perguntou, sua profunda voz ressoou por ela como a água ao precipitar-se sobre as rochas, deixando-a interiormente inquieta.

Ela quase se soltou, sim, tinha recordado que era seu inimigo. Quase se atirou de seus braços, mas não o fez. Os últimos anos escondendo seu medo e qualquer outra emoção enquanto protegia a seu povo deram a força para permanecer aparentemente imutável. Devia manter em mente seu objetivo. Essa meta requeria que a visse como uma mulher humana frágil.

—Não. Estava pensando em seu clã — disse ela, contornando a verdade, mas não a rompendo.

Mentiria para salvar a sua gente, mas não o faria por simples conveniência. Não era um lobo.

—Não lhe farão mal.

—Tem certeza?

—Não se atreveriam. Está sob minha proteção.

Inexplicavelmente, seu coração saltou e o prazer eliminou a dor que sua gente tinha sofrido no passado por um único e incrível momento. Ninguém lhe prometeu sua proteção antes. Se o mais forte dos guerreiros Éan o fizesse, diria que ela podia proteger-se por si mesma e acreditá-lo.

Mas esse homem, esse lobo, era mais poderoso que qualquer outro Chrechte que tivesse conhecido antes. Poderia protegê-la. Verdadeiramente, poderia ser seu campeão e o protetor de seu povo.

Mas nenhum Faol tinha sido o guardião dos Éan e nenhum jamais o seria.

—Você a está reivindicando então? — perguntou o outro lobo Donegal, seu tom estava cheio do mesmo respeito que limita em temor que ele tinha usado cada vez que se dirigia à Barr.

O descomunal guerreiro que a carregava não disse nada, assim Sabine decidiu responder por ele.

—Ninguém está me reivindicando.

O único olhar que Muin lhe deu, dizia claramente que suas palavras tinham menos peso que as ações de seu laird.

Franziu o cenho para Barr.

—Não está me reivindicando.

—Nesse instante a estou levando para minha casa para cuidar de suas feridas.

—Certo. Bem. Sua cabeça lhe dava voltas e obrigou a si mesmo a parar. —Nenhuma reclamação.

—No momento.

Ela ofegou e logo o fulminou com o olhar, mas Muin simplesmente lhe sorriu com satisfação. Barr ignorou a ambos.

—Para sempre — insistiu ela.

Barr se deteve e abaixou o olhar para ela, seus tormentosos olhos cinza a questionavam.

—Não deseja filhos?

Seu coração se contraiu outra vez, mas desta vez com dor. Embora todo Éan fosse instruído do nascimento que engendrar meninos, era a única forma de proteger seu futuro como raça, ela tinha decidido há muito tempo não ter bebês.

—Não terei filhos só para deixá-los órfãos quando morra.

—Esse é um pensamento pessimista.

Possivelmente ele o considerasse assim, mas era um lobo, não um corvo. Ninguém tentava caçar a seu povo até a aniquilação total.

—Assim funciona o mundo. Em especial seu mundo.

—Nem todos os meninos crescem órfãos. Nem sequer a maioria.

—Entre minha gente, muitos o fazem.

—Recorda isso, mas não o nome de seu clã? — perguntou ele sarcasticamente.

Ela afastou a cabeça, qualquer mentira que tivesse que dizer faria que sua boca tivesse sabor de bÍlis.

—Não é que não recorde o seu clã, é que não deseja fazê-lo — afirmou ele, soando completamente orgulhoso de havê-lo imaginado. Nunca lhe passou pela mente que pudesse equivocar-se.

Mas em certa forma, tinha razão. Não queria recordar a aniquilação que sua gente tinha suportado em mãos dos Faol.

Ela não o confirmou nem o negou.

—Me dirá.

—Dizer o que?

—Tudo.

—Não. Inclusive para seus próprios ouvidos, a solitária palavra cresceu com a suficiente força para derrubar a uma pequena vila.

O semblante de Barr não se escureceu; simplesmente deu de ombros, empurrando seu corpo de tal forma, que o plaid que a cobria deslizou o suficiente para que estivessem pele com pele.

Desta vez, seu ofego teve uma causa completamente diferente à comoção. Toda ela era pura sensação. Uma sensação assombrosa. Uma sensação que a fazia-desejar-pela-primeira-vez-compartilhar-seu-corpo-com-um-homem.

Nunca esteve tão perto de um companheiro, não fora da batalha. E nunca outro homem a afetou como fazia esse bárbaro loiro.

Barr inalou profundamente e ela se deu conta com desgosto de que ele estava cheirando sua excitação.

— Pare com isso — sussurrou, mas não soube por que já que o outro Chrechte que ia com eles possuía a audição de um lobo.

Barr lhe sorriu orgulhoso, seu prazer masculino esquentou o ar que os rodeava.

—Não.

—Não me está reclamando.

—Seu corpo diz o contrário.

—Minha mente controla meu corpo.

—Veremos.

—Me forçaria a fazer algo que minha mente não deseja?

—Não a forçarei, mas assim que seu coração domine sua mente, terá que desistir.

—Meu coração não tem nada a ver com isto.

—Diga o que quiser, mas seu corpo delata seus verdadeiros pensamentos.

—Não delata nada mais que minha reação animal.

—Essa é uma expressão estranha para uma humana dizer.

—Os humanos também são animais, simplesmente possuem uma natureza, não duas como os Chrechte.

Ela agarrou o plaid, tentando ajustá-lo para que sua pele não roçasse com a dele. Barr não o permitiu, mas continuou caminhando, mantendo-a apertada a ele.

Lobo arrogante.

Barr a levou a um complexo⁵ quase uma hora depois, e imediatamente se viram rodeados por membros curiosos do clã. Todos usavam o plaid vermelho e negro dos Donegal.

Uma anciã olhou atentamente a Barr e a ela, com conhecedora diversão.

—Parece que você teve uma caçada bem-sucedida, não é assim, meu laird?

—Aye, eu achei a moça no bosque.

—Pelo olhar dela, vocês todos.

Um garotinho perguntou:

—Um animal selvagem a atacou e roubou toda sua roupa, não é assim?

—Aye, menino, é exatamente o que aconteceu— mentiu Barr sem titubear um segundo.

—Vê-se um pouco pior pelo cansaço — disse a anciã. —Melhor levá-la ao torreão⁶.
Deixem que Verica lhe dê uma olhada.

As palavras surpreenderam a Sabrine. Sabia que os humanos podiam ser amáveis, mas esta mulher pertencia ao clã que tinha roubado a pedra sagrada. Na mente de Sabrine todos os Donegal eram cruéis e egoístas, como os lobos que tinham atacado seu clã e lar.

Não teve muito tempo para considerar esse pensamento antes de encontrar-se no torreão.

Esse não era tão amplo como algumas edificações de outros clãs que tinha visto em seus voos noturnos, mas era maior que qualquer morada entre os Éan. Barr a levou ao grande salão, onde três longas mesas estavam dispostas em forma de U e no extremo oposto uma grande lareira irradiava calor. Não havia cadeiras diante da lareira, mas isso não detinha um pequeno grupo de guerreiros a reunir-se ali para afiar suas armas.

Barr deixou atrás aos soldados depois de lhes dar uma superficial saudação. Alguém perguntou quem era ela e Barr disse que era sua convidada. Isso provocou curiosos olhares, os que claramente Muin tinha a intenção de satisfazer depois de unir-se aos guerreiros junto ao fogo.

⁵ Área cercada ou murada contendo prédios e residências.

⁶ Torre larga, com ameias, que constitui o reduto defensivo de um castelo.

Isso não pareceu preocupar a Barr enquanto atravessava o enorme recinto, rodeava as mesas e se dirigia para uma escada.

Ao subir o primeiro degrau, bramou:

—Verica!

E logo subiu os degraus de dois em dois, tentando não sacudir a Sabrine apesar de sua velocidade. Sua elegância não a surpreendeu — os lobos não eram lerdos — mas a preocupação por sua comodidade o fez.

Uma formosa mulher, de pequena estatura, saiu de uma habitação próxima ao patamar. Provavelmente era Verica que a anciã tinha mencionado e que Barr tinha chamado. Tinha o cabelo da mesma cor que Sabrine, mas salpicado com franjas de um vermelho escuro. Sabrine tinha visto uma característica semelhante em um que se transformava tanto em falcão como águia real. Ele possuía uma cabeleira marrom escura com mechas douradas, igual às plumas de sua segunda natureza mutante. Era extremamente incomum que um Chrechte nascesse com os dons de ambos os pais. Só tinha ouvido de três casos em toda sua vida e um fazia muito que estava morto.

Sabrine não podia explicar o que tinha causado a coloração desta pequena mulher, até que esteve mais perto dela e o aroma da mulher se fez evidente.

Cheirava como uma loba.

Entretanto, nenhum outro Chrechte possuía o cabelo negro próprio dos corvos, salvo os mesmos corvos. O qual significava que esta mulher era uma dual, que se transformava tanto em lobo como corvo. A única possibilidade de que isso acontecesse, era que cada um de seus pais pertencesse a um ramo diferente dos Chrechte.

Horrorizada pelas implicações desse conhecimento, Sabrine observou com surpresa silenciosa à outra mulher, quem por sua parte, fulminava com o olhar a Barr.

—Você berrou?

—Esta mulher necessita uma curandeira.

—O que fez a ela?

—Não se atreva a perguntar semelhante coisa.

—Porque não? Supõe que devo fingir que Circin não procura meus serviços cada noite pelas feridas que você inflige a ele?

—Seu irmão será o laird um dia; deve ser um guerreiro forte.

—Ainda é um rapaz. A diminuta mulher não parecia minimamente intimidada por seu descomunal laird.

Ou era intrépida, estúpida, ou mascarava muito bem o perfume de suas emoções, uma habilidade que os Faol não compartilhavam no mesmo grau com os Éan.

Sabrine decidiu que ia gostar dessa mulher.

—Não a agradecerá que diga isso. Um Chrechte que cumpriu dezesseis verões sem ter esgrimido uma espada ao menos em uma batalha simulada, é uma desgraça.

—Circin não é uma desgraça!

—Nay⁷, mas seus instrutores são.

Algo se moveu no rosto da mulher, uma piscada de inquietação ante a menção dos instrutores.

⁷ Não; negação, recusa, resposta negativa; voto contrário.

—Desalentei a Circin de treinar com os Chrechte adultos do clã quando era muito mais jovem.

—Poderá explicar seus motivos depois de que veja esta mulher.

—O nome desta mulher é Sabrine, como já sabe laird Donegal — Sabrine olhou carrancuda para Barr.

Ele sorriu em resposta.

—Perguntava-me se tinha perdido a voz junto com a memória.

—Perdeu a memória? — perguntou com urgência Verica e logo se virou para Barr. —Por que não me disse isso antes? Um cérebro confuso pode ser muito perigoso. Pode parecer normal, para de uma hora pra outra dormir e não despertar mais.

Barr soltou outro desses grunhidos subvocais que gelavam os ossos. Ambas as mulheres estremeceram.

—Não morrerá.

Verica assentiu, como se simplesmente por dizê-lo, a afirmação do laird se cumpriria.

—Alguém deve vigiá-la durante a noite.

—Eu o farei.

—Você? Mas é o laird! — pela primeira vez, a mulher lobo-corvo parecia desconcertada. Tinha tomado a nudez de seu líder com calma, embora isso não fosse uma surpresa, considerando que os homens nas Highlands ainda lutavam e caçavam tal como tinham vindo ao mundo na maioria das ocasiões. —Não será sua companheira, certo?

—Não sou a companheira de um lobo — disse Sabrine com mais segurança do que sentia.

Suas reações ao enorme Faol podiam explicar-se pelo golpe na cabeça ao cair na terra ou por um vínculo que nunca se arriscaria a reconhecer.

Não só pela segurança de seu povo, mas também por sua própria segurança, os Éan nunca aceitariam que um dos seus se acasalasse com o inimigo.

Receberia a pena de morte por sua traição ou no melhor dos casos seria desterrada. Mas sua gente não poderia pagar o custo de perdê-la.

Ambos os Donegal a olhavam com distintos graus de especulação. O de Barr continha uma forte convicção. O de Verica estava corado com a surpresa, mas não fez a pergunta que flutuava entre eles.

Pelo contrário, mostrou uma sala do outro lado do patamar.

—Faça que se deite.

Barr começou a mover-se, mas não se deteve no cômodo que a mulher do clã lhe indicou, mas sim se dirigiu a porta seguinte e a abriu de um empurrão.

—Você a está reivindicando? — perguntou Verica, conseguindo soar completamente escandalizada esta vez.

Porque as pessoas seguiam lhe perguntando isso? Mas ele tampouco se incomodou em responder nesta ocasião e para ser sincera, Verica precisava fazer soar como se Barr pudesse ter alguém muito melhor? Sabrine seria uma companheira forte para qualquer homem, inclusive para o enorme laird, se é que alguma vez planejasse tomar a um companheiro. Coisa que não faria e sobre tudo não a um lobo que se transformava.

Em vez de responder por ele, como fez com Muin, Sabrine beliscou Barr. Contundente e com força. Poderia assegurá-lo por si mesmo desta vez.

Ele estremeceu e logo baixou a vista para ela.

—Porque fez isso?

—Responda à mulher de seu clã. Diga-lhe que não está me reivindicando. Sabrine olhou à outra mulher. —Disse que me vigiará esta noite, parece que pensa fazê-lo aqui, mas estou certa de que não é necessário.

—Então você é uma curandeira? — perguntou ele.

Uma pontada inesperada de uma velha dor perfurou seu coração.

—Não. — Se seus pais tivessem vivido, teria sido. Sua mãe foi uma curandeira, mas suas mortes levaram Sabrine a tomar o caminho de guerreira.

—Verica é e ela é muito decente, se diz que precisa ser vigiada, você será.

—Não creia que não notei que não respondeu ao meu pedido.

—Ah, era um pedido? Soava como uma ordem para mim.

—Possivelmente poderia ter expressado meu pedido com maior tato.

—Poderia não ter me beliscado.

—Não, para ser sincera, não podia.

Capítulo 3

—É terrivelmente impertinente para ser uma coisinha tão frágil.

—Comparado com você, uma mãe ursa é uma coisinha. Não contradisse a palavra frágil porque necessitava que a visse dessa forma. Débil e não como uma ameaça a que vigiar enquanto percorria o torreão, e se for necessário, as cabanas circundantes em busca da Clach Gealach Gra roubada.

Se ele soubesse a verdade sobre ela...

Verica riu em voz alta.

—Vós dois são mais entretidos que os anciões diante de um tabuleiro de damas.

Em vez de zangar-se pelas brincadeiras da mulher como Sabrine esperava, Barr sacudiu a cabeça enquanto a colocava em sua cama.

—Com a sabedoria que esses dois repartem, estou surpreso de que esse clã tenha sobrevivido até agora.

—Não é o único. Mas a voz de Verica carecia do humor da de Barr; possuía, pelo contrário, um tom sombrio que fazia perguntar-se o que ocultava sob a superfície das palavras da curandeira.

—Não acreditará o que fez Muin hoje e logo se justificou dizendo que seu avô o tinha ensinado.

—O que?

—Disparou a um corvo enquanto caçávamos um javali.

—O que é mais espantoso? O fato de disparar contra a ave ou que o fizesse durante a caçada? — perguntou Verica.

—Ambos, somos Chrechte, respeitamos a vida; não matamos por diversão.

Sabrine não podia acreditar no que ouvia.

—O que disse Muin a isso? — perguntou Verica.

—Nada. O que podia dizer? — a arrogante e inconsciente convicção de Barr, de que o outro homem estava de acordo com ele, era tão sedutora como ridícula.

Sabrine tinha dificuldade para se concentrar na conversação com a persistente nudez de Barr, embora Verica não parecesse ver-se afetada.

Apesar de tudo, a aparente candura de Barr a deixou atônita.

—Sinceramente não acredita que todos os Faol sentem o mesmo?

—Aqueles sob meu mando devem.

Verica jogou seu peculiar cabelo raiado atrás do ombro.

—Muin lhe explicou sua razão para disparar à ave?

— Disse que seu avô tinha lhe contado que os corvos eram de mau agouro. O ultraje coloriu sua voz com vermelha fúria. —A única má sorte desse corvo hoje foi voar no céu onde um rapaz tolo pôde vê-lo.

—Seu clã não ensina coisas iguais sobre os corvos? — perguntou Verica com voz neutra.

—Que trazem má sorte? — perguntou ele, como se ainda lhe custasse acreditar que alguém pudesse pensar tais coisas.

Isso era totalmente inesperado e Sabrine não sabia como interpretar sua atitude como guerreiro Faol.

—Sim.

—Nay. Todos os Sinclair sabem que todos os animais são necessários para manter o equilíbrio de nosso mundo. Ele fez um ruído de indignação. —E Talorc, nosso... seu laird, teria enviado ao curandeiro quem sugerisse a um caçador prestar mais atenção a uma superstição que à caçada.

—Sério? — perguntou Verica.

—Eu não minto.

—Disse ao garoto ali fora que um animal selvagem tinha me atacado e tomado minha roupa — interferiu Sabrine.

—Não sabemos se isso passou ou não.

—Por isso não é uma mentira? — perguntou ela, percebendo que toda essa conversa ia além de sua compreensão dos lobos.

Barr deu de ombros.

—Existem as mentiras e as sutis mudanças da verdade que não fazem mal a ninguém.

— Você deve vestir um novo plaid. — ela disse de repente.

A proximidade de sua presença sem roupas eclipsava todo o resto.

—Você não gosta de meu corpo nu?

—Acredito que ela gosta muito. Trarei minha cesta de remédios. Verica fez uma reverência e deixou o quarto.

As paredes que antes pareciam espaçosas começaram a aproximar-se enquanto Sabrine se dava conta de que na verdade estavam sozinhos.

Barr se sentou a seu lado na cama e logo procedeu a lhe tirar o plaid.

Ela se aferrou a ele.

—O que você acha que está fazendo?

—Verica não pode limpar suas feridas se não pode vê-las.

—Tirarei o plaid quando ela retornar.

—Não foi tão recatada no bosque.

—Não tinha opção.

—Vamos, já vi seu delicioso corpo. Não haverá nenhuma diferença se o voltar a ver.

—Assim? Pensa me convencer com insultos? — mas era um insulto? Ele pensava que seu corpo era delicioso. Embora seu aroma delatasse que a encontrava sexualmente atrativa, o que não era absolutamente a mesma coisa.

—Não é um insulto.

Possivelmente não estivesse mentindo.

—Se vire e me porei sob o plaid.

Esperava que se negasse, mas ele se levantou e lhe deu as costas. Ela colocou mãos à obra e tirou o plaid agora manchado de sangue e se meteu entre as roupas da cama.

A manta era da mais suave lã que jamais sentiu e as cores eram diferentes do plaid Donegal. Sabine recordou algo que Verica havia dito.

—É de um clã diferente?

Isso explicaria porque era o laird quando os espiões Éan haviam nomeado a um homem diferente.

—Aye, nasci como um Sinclair.

—Mas têm o bracelete do laird Donegal.

Verica entrou na habitação levando uma grande terrina de água fumegante.

—Isso é porque o rei da Escócia e nosso antigo laird, Rowland — ela virtualmente cuspiu o nome — acreditaram oportuno outorgar o legítimo título do meu irmão a um guerreiro de outro clã. Uma moça a seguia, levando uma cesta da metade de seu tamanho.

—Treino a seu irmão para tomar seu legítimo lugar quando alcançar a maturidade. Barr dobrou o plaid com hábeis movimentos.

—E quando isso acontecerá? — ela pôs as mãos sobre os quadris e olhou diretamente aos olhos de seu laird. —Quando for avô?

A moça deixou a cesta cair, seu olhar abatido revoava de um lado a outro, entre sua senhora e seu laird.

—Se o rapaz não estiver preparado para liderar quando fizer vinte e cinco anos, lavarei as mãos com respeito a ele e a esse clã afundado na superstição.

Em vez de ver-se ofendida pelo comentário que denegria seu clã, Verica assentiu como se estivesse de acordo.

—Tenho sua palavra?

—Tem.

Verica abriu a cesta e entregou à moça um pacote de ervas.

—Coloque duas pitadas na água e misture.

A moça fez o que foi indicado, depois Verica tomou um pouco da água e a mesclou com muitos outros ingredientes em uma terrina menor. Verica molhou um tecido na grande terrina de água e começou a limpar meticulosamente a ferida no braço de Sabine. Quando terminaram, a moça e ela fizeram uma cataplasma e o aplicaram a ambos os lados da ferida.

—Isto deve extrair qualquer veneno.

Verica lhe envolveu o antebraço com uma atadura de linho antes de lavar cuidadosamente cada arranhão e tratá-los com o bálsamo. Barr observou tudo com estreito escrutínio. Verica não mostrou mais preocupação pela modéstia de Sabine do que tinha manifestado Barr. O que não era uma surpresa supôs Sabine. Ambos eram Chrechte antes de tudo. Os humanos nas Highlands não era um grupo muito comedido e os Chrechte o eram ainda menos quando se referia ao exibicionismo. Entretanto, nesta ocasião ela tinha descoberto certo recato que ignorava possuir.

Na presença de Barr se sentia tão tímida como uma virgem humana.

Barr lançou ao chão um jovem humano, o impacto fez que se elevasse uma nuvem de pó ao redor do guerreiro.

Deixou Verica vigiando Sabrine, com instruções de não permitir ninguém entrar em seus aposentos. Havia coisas que, estava certo, ela ainda tinha para revelar. Estava decidido a ser o único a quem ela o dissesse e usava sua ferida como uma desculpa para mantê-la isolada. Não obstante, manteria em segredo o fato de que retê-la em sua cama e afastada dos outros machos de seu clã agradava a seu lobo mais do que devia. Mas seu novo clã sentia curiosidade sobre ela. Ao menos cinco pessoas haviam perguntado sobre a mulher nua que ele tinha encontrado no bosque. Os falatórios se estendiam mais rápido que uma jarra de cerveja ao derramar-se.

Barr estava muito ocupado treinando aos soldados para satisfazer essa curiosidade e deixou que Muin contasse o que sabia. O qual era menos do que Barr sabia; que por si era muito pouco.

Embora o jovem Chrechte se arrumasse para fazer um festim daquilo.

—Quando seu oponente é maior que você, use seu tamanho contra ele. Use sua velocidade, sua agilidade para se manter fora de seu alcance — explicou Barr ao moço que tinha derrubado.

A expressão absorta do soldado seria algo digno de ver em alguns dos Chrechte com os que Barr e Earc estavam trabalhando.

Esses humanos desejavam aprender.

— Eu tento laird, mas você é mais rápido que eu apesar de seu tamanho.

— Continue tentando. As desculpas não protegerão o clã.

O soldado assentiu, retrocedendo a uma postura de combate.

—Muin, pare de fofocar e venha aqui — gritou Barr para onde o juvenzinho flertava com uma mulher Chrechte.

—Rowland não nos permitia que treinássemos com os guerreiros de elite — mencionou um dos outros Donegal de onde ele e um pequeno grupo de homens humanos esperavam seu turno para treinar com seu novo laird.

A incredulidade o golpeou com mais força que qualquer das tentativas desses soldados, Barr se deteve e deu a volta para ficar frente a eles.

—Manteve-os separados nos treinamentos?

—Sim.

Que tipo de estúpido não preparava o seu clã para brigar contra outro Chrechte? Confiar completamente nos lobos para protegê-los era uma má estratégia que deixava muito vulnerável o clã. Não era surpreendente que seu rei tivesse ordenado ao ancião Chrechte que cedesse seu posto como laird. Não que o rei conhecesse a preferência de Rowland para seus irmãos Chrechte, mas até um humano veria o mau uso das forças do clã e a pobre postura tática que o ancião tinha tomado.

Se um guerreiro humano não aprendia a lutar contra um rival mais forte ao adestrar-se com eles, o clã seria débil e vulnerável quando seus inimigos bem pudessem superá-los em número de guerreiros Chrechte.

—Então com quem praticavam?

—Entre nós. Tal como estavam às coisas não era exatamente como se uma pedra polisse a outra pedra.

—Quem lhes instruía?

Os homens afastaram o olhar e olharam entre si, mas sem encontrar o olhar de Barr.

—Me respondam.

—Rowland dizia que tínhamos que ganhar o direito de ser treinados permanecendo em pé por um minuto contra um guerreiro de elite. Nunca pudemos.

Claro que não poderiam. Sem formação apropriada, um guerreiro humano não tinha oportunidade contra a natureza do lobo, nem sequer um Chrechte Donegal insuficientemente treinado.

—Rowland é um idiota.

Escutaram-se exclamações de horror, mas o homem que tinha falado parecia estar relutantemente de acordo com Barr.

—É nosso laird — disse Muin em tom escandalizado enquanto corria.

Barr não vacilou. Atirou ao Chrechte ao chão sobre suas costas com um golpe de advertência.

—Eu sou seu laird. Rowland é um ancião que esqueceu a importância de cada membro de seu clã. Não cometo esse tipo de enganos.

—Não, meu laird. — Pelo que tinha visto, o antigo laird era amigo íntimo do avô de Muin, mas o jovem guerreiro não titubeou ao dar sua conformidade.

—Ganham o direito a ser treinados dando sua lealdade ao clã — disse Barr a todos.

O jovem com o qual esteve treinando se ergueu, seu rosto mostrava determinação.

—Fizemos isto.

Os outros homens assentiram.

—Aye? — provocou Barr.

Não duvidava deles, mas os homens precisavam acreditar em que suas próprias mentes diziam a mais pura verdade.

—Aye. O tom do jovem foi veemente, sua cabeça se moveu de cima abaixo em acordo. — Construímos casas e reparamos nosso torreão. Caçamos para levar mantimentos aos ventres famintos, não importam as circunstâncias ou o clima adverso. Sustentamos nossas famílias, lhes servindo quando fazemos que o clã se mantenha unido. Tentamos aprender a lutar, mas deixam que o façamos por nossa conta.

Os outros homens assentiram, acrescentando comentários próprios, a frustração que sentiam por Rowland se fazia evidente em cada punho fechado e mandíbula tensa. Sua lealdade tinha sido recompensada com brincadeiras e desdém.

Barr não permitiria mais descaso semelhante.

—Ensinar como resistir a um adversário de maior força, habilidade e velocidade é minha responsabilidade. Não falho nas tarefas que assumo — lhes advertiu.

Vários dos homens sorriram sentido prazer por sua promessa. Não sorriam duas horas depois, mas tampouco se queixavam. Embora em todos e em cada um deles, incluindo Muin, luziam machucados frescos e inclusive feridas sangrentas.

Pararam a prática quando Earc retornou do grupo de caça com os Chrechte.

— O javali conseguiu o melhor de você? — os caçadores pareciam ter recebido uma surra igual aos soldados que Barr tinha treinado.

—Pode malditamente bem cheirar o sangue. As fossas nasais de Earc se alargaram. Claramente não estava de humor para brincadeiras. —Sabe que capturamos nossa presa.

Mas obtê-lo tinha sido obviamente um inferno, algo muito mais difícil do que deveria ter sido para três lobos, embora só um deles pudesse controlar sua mudança.

Earc se acasalaria logo e com isso ganharia a capacidade de mudar a vontade. Isso era uma coisa que Barr e Talorc tinham discutido. Talorc sustentava que o sexo constituía um acasalamento. Os lobos em sua matilha não nasciam com a capacidade de mudar a vontade, como podia fazer Barr, tinham que esperar até acasalar-se para fazer que acontecesse. Que soubesse só os lobos brancos e seus descendentes nascia com essa capacidade. Outros tinham que ter sexo ao chegar à maturidade a fim de controlar a mudança. Isso carecia de sentido para Barr, mas havia muitas coisas em seu mundo que eram um mistério em si mesmo.

A incapacidade dos guerreiros Sinclair para mudar a vontade era uma desvantagem tática frente a clãs como os Balmoral, que não tinham tais costumes com respeito ao sexo antes do acasalamento.

Ignorava quais eram as práticas dos Donegal nesse ponto.

Circin e Fionn avançaram, carregavam entre eles o javali em um grosso galho.

—Fionn, parece como se tivessem lutado com o javali antes de matá-lo.

—Digamos que precisa aprender uma forma mais sutil de caçar.

— Você o instruiu?

—Ele não escutou bem a primeira vez.

Barr duvidava que o porco tivesse sido o único animal no bosque de que Fionn teve que defender-se. Earc era um homem paciente, mas não era um santo.

—Aprendi a lição — disse Fionn com voz cansada.

—Isso é importante, mas se não escutar o meu segundo no comando outra vez, não será sua ira a que enfrentará.

Fionn estremeceu, mas assentiu.

—Entendo.

Sabrine dormia quando Barr retornou a sua antecâmara para vê-la.

—Dei-lhe uma beberagem tranquilizadora a base de ervas — explicou Verica. —Estava agitada e queria despertar.

—Crê que é seguro para ela dormir?

—Só cochila, não experimenta um sono profundo.

—Seus sentidos são extremamente agudos. — Isso nem sempre facilitava as coisas entre os dois.

—Ajuda-me em meu papel como curandeira.

Barr acreditou facilmente.

—Me explique por que impediu que seu irmão treinasse com os Chrechte adultos.

Circin era o mais dedicado de seus discípulos. Obviamente ansiava a classe de tutela que tinha obtido entre os Sinclair e que agora recebia de Barr e Earc.

Um dia Circin se converteria em um excelente laird, mas estava anos atrasado em sua preparação.

—Não estava preparado para ser um homem.

—Suas palavras soam sinceras, mas há algo mais. Como fez com Sabrine momentos antes.

Verica se preocupou de cobrir com a manta à mulher adormecida.

—Nada pelo que precise se preocupar.

—Sou seu laird. Tudo o que se refira a meu clã me concerne. — Embora não tivesse elegido esta posição, agora que tinha a responsabilidade, iria cumpri-la cabalmente.

—É um sentimento louvável certamente, mas alguns costumes são privados.

—Se tiver uma razão para desconfiar de outro Chrechte do clã, preciso sabê-lo.

—Não tenho nada mais que um pressentimento. Não farei acusações sem fundamentos.

Isso ele respeitava.

—Admito que desejo que os outros mostrem sua reticência para fofocar.

Os lábios de Verica se moveram com nervosismo.

—Somos um clã pequeno. Em algumas ocasiões as palavras viajam mais rápido que os passos, mas a curiosidade as faz ir ainda mais rápido.

—Notei.

—As perguntas sobre sua cativa lhes afastaram do treinamento?

—Nay. — Era um guerreiro, não uma velhinha curiosa. As fofocas não o afastavam de seus deveres. —E não é minha cativa, Sabrine é uma convidada.

—Assim posso deixar o quarto? — perguntou Sabrine da cama, abrindo os olhos. —Tinha a impressão — e dedicou a Verica um olhar comedido — que não devia fazê-lo.

—Para sua própria proteção, preferiria que não deixasse esta habitação sozinha. Ali estava isso era ter consideração a suas suscetibilidades femininas, certo?

A esposa de Talorc insistia em que uma mulher não gostaria de ser mandada em nenhum momento. Barr podia permitir que sua convidada pensasse que tinha opinião no tema, mas a verdade é que ele teria a última palavra.

—Necessito proteção entre seu clã? — perguntou ela, sem ver-se surpreendida como ele esperava.

—É uma estranha para eles. Os Donegal não são muito amáveis com aqueles que não conhecem.

—Crê que ferirão meus sentimentos? — a incredulidade em sua voz era melhor que sua aparente ingenuidade, ele pensou.

Mas tinha perdido a memória. Possivelmente tinha esquecido quão facilmente podiam ser feridos os sentimentos de uma mulher humana. Inclusive as mulheres Chrechte de seu antigo clã se ofendiam por coisas que ele nunca viu como algo mais que inócuas.

—Ainda não está suficientemente recuperada para se aventurar a sair desta casa. Precisa descansar. — Deu umas palmadinhas em seu braço esperando ser uma forma de consolo. —Está

frágil e precisa conservar sua força. — Olhou fixamente para ele com descarada incredulidade por três segundos antes de piscar, e logo assentiu com a cabeça.

— Certo. Estou fraca e necessito descansar.

Seus sentidos haviam se preparado para a discussão. Esta capitulação repentina o surpreendeu.

— Aye, isto é exatamente o que você precisa. — Verica respondeu antes de Barr ter chance. — Hoje à noite pelo menos você jantará na cama.

— Pode providenciar isto? — Barr perguntou.

Verica assentiu com a cabeça. — Brigit e eu jantaremos aqui também.

Foi tentado a se unir a elas, mas o clã ainda precisava de sua presença visível tão frequentemente quanto possível para solidificar seu papel como seu laird na mente de todos. A curandeira e sua jovem aprendiz serão boa companhia para a convidada misteriosa e muito atraente também.

Rowland juntou-se a Barr na mesa principal antes da comida ser trazida da cozinha. Ainda que o Chrechte mais velho não tenha mostrado nenhuma felicidade em ser forçado por seu rei para outorgar sua liderança, ele sempre comeu com Barr. Earc disse que era porque Rowland ainda considerava a mesa principal como sua. Depois de saber o que soube hoje, Barr não tinha certeza de quanto tempo permitiria isso. A presença do homem somente avivou a fúria em lenta combustão por sua falta de liderança.

— Ouvi que me chamou de idiota, rapaz. — disse o ancião com voz queixosa enquanto se sentava.

Barr estava bastante certo que nenhum dos homens que ele esteve treinando disse qualquer coisa, mas a area de treinamento era próxima à cozinha. E havia um grupo de guardas durante o tempo do treinamento. Barr podia facilmente ser escutado.

— Ouvi que você negligenciou em treinar homens desejosos de cumprir com seu dever para o clã. — O ancião abriu sua boca para falar, mas Barr o impediu. — Pior, eu vi com meus próprios olhos como você mal treinou aqueles que você se incomodou em treinar.

— Agora você escute aqui. — Mas Barr ouviu o suficiente. Ele se abaixou até que seus rostos ficaram a poucos centímetros. — Não, velho, escute-me você. Sou seu laird e se dirigirá a mim como tal se precisar se dirigir a mim novamente. Perdeu sua posição por idiotice e negligência, mas se você pensar em me desafiar pelo direito de liderar esse clã pense bem. — Matarei você.

O rosto do grisalho Rowland se torceu em uma carranca. — Você precisa mostrar respeito por seus anciões.

— Respeito se ganha. — Até agora, a única coisa que esse homem ganhou de Barr foi um rápido pontapé.

— Levei estas pessoas desde que meu amigo querido e nosso laird legítimo foi morto enquanto caçava quando Circin era apenas um menino. — Indicou o herdeiro não treinado com um dedo nodoso. — Isto merece respeito.

Por sua parte, Circin olhou menos que impressionado pela reivindicação que Rowland estava fazendo. Certamente nenhum afeto em direção ao homem mais velho apareceu na expressão ou maneira do futuro laird.

Rowland pode ter tomado o lugar do pai de Circin como líder do clã, mas ele não cumpriu com o seu papel de mentor dos filhos do homem.

—Seria se não tivesse feito um trabalho tão inadequado. —Ele não estava disposto a adoçar suas palavras pelo bem do ego do homem.

Rowland tentou parecer digno, mas estava muito longe disso pelo modo de pensar de Barr. —Não precisamos discutir isto aqui.

—Não vamos discutir nada em absoluto. Desafie-me ou se cale.

—Com a idade chega à sabedoria.

—Para alguns. E alguns de nós nos transformamos em tolos, — disse Osgard.

O velho era o único outro Sinclair que havia acompanhado a Barr até os Donegal. Não foi por sua própria decisão, e sim sua única opção face as suas ações com respeito à companheira do laird. Osgard tomou seu banimento do clã Sinclair com dificuldade, mas aceitou isto. Ganhou o castigo, sabia e reconheceu isto.

O confuso pensamento que mostrou de novo no clã Sinclair que levou as suas atitudes inaceitáveis diminuiu longe das lembranças constantes de memórias que claramente tinha crescido muito pesadas para aguentar. Entretanto ainda tinha dias que gastou em seu quarto, perdido em um passado muito real para esquecer completamente.

Barr movimentou a cabeça em direção a Osgard. —Podia usar seu olho durante o treinamento amanhã.

— Sou um intratável velho bastardo. Pensa que seus alunos podem suportar o chicote da minha língua?

— Resistiram aos golpes de meu punho hoje.

—Então têm real potencial como guerreiros.

—Aye.

Ele viu os sorrisos e as cabeças baixas que suas palavras causaram pelo canto de seu olho.

—Ora! — Rowland levantou-se e saiu da sala.

—Tanto melhor. — Osgard puxou uma barba mais cinza que branca, mas chegando lá. — Ouvi que sua caça foi mais bem sucedida e menos sangrenta que a do nosso Earc.

—Era a mesma caça até que nosso laird decidiu ir buscar mulheres nuas em lugar de caçar, — Earc disse com sorriso de compreensão e uma piscadela.

Osgard bufou. —Está dizendo que não prefere uma mulher com cheiro agradável de limpeza em vez de um javali suado? Só pensei que faria sua caça aqui.

Earc, guerreiro duro e Chrechte forte, corou como um jovem bezerro na agonia do amor. —Eu não estarei caçando mulheres em qualquer lugar no momento, obrigado.

—Se você o diz. — Osgard não soou convencido.

—Eu digo.

—Certo então.

—Certo.

Capítulo 4

—Levou-a a sua cama e insistiu em ser quem a vigia durante a noite, tal como Verica recomendou — comentou Circin.

—E é ali onde está nesse instante, verdade? — perguntou Osgard.

—Estão brincando — disse um dos outros anciões Chrechte desde seu assento em outra mesa. —É uma forasteira sobre a qual não sabemos nada. Não pode se acasalar com ela.

—Atreve-se a tentar me dizer o que posso ou não posso fazer? E quem disse algo sobre acasalar-se? — é claro que seu lobo se sentia extremamente possessivo, mas Barr ainda não estava seguro de que sua dama nua do bosque fosse a única a que se proporia reclamar.

Não negava a si mesmo a possibilidade, embora não admitiria a ninguém mais.

—É nosso laird agora. Deve sua lealdade a esse clã.

—O clã a tem, mas quando chegar o momento de escolher a minha companheira, não suportarei sua interferência, nem a de ninguém.

—Com quem escolhe se acasalar afetará a esse clã.

Ignorou aos anciões que gemiam como garotinhos e fofocavam como velhinhas, mas Barr se absteve de mencionar aquele fato. Nem todos os anciões eram uma dor na bunda, só dois ou três, e por muito que lhe irritassem, esse era seu lar.

—Confiarão e acatarão a eleição de nosso laird. Ponto. —Disse Osgard em seu tom mais irascível.

Earc assentiu como fizeram muitos outros ao redor das mesas, surpreendendo Barr. Esperava lealdade, com o tempo, mas não tinha esperado a aprovação de suas decisões tão rápido.

Isto não dizia nada de bom de como o clã via seus antigos líderes.

A paciente de Verica beliscou a comida com cautela, seu pequeno nariz se enrugou em seu pobre rosto arranhado. Mas em primeiro lugar, o que tinha causado que esta delicada mulher estivesse sozinha nos bosques e sobre tudo que fosse atacada?

A falta de memória de Sabine preocupava Verica mais do que queria deixar entrever ao seu laird. Embora estivesse igualmente preocupada pelo que havia trazido a mulher a seu estado atual. Não podia ser algo bom e poderia significar sérios problemas para seu clã.

Não que Verica desprezasse a oferta de Barr de ajudar à jovem, mas como mulher do clã não podia deixar de perguntar-se que problema poderia trazer, tanto dentro como fora das terras dos Donegal.

—Os cozinheiros do laird são tão bons como o melhor — assegurou Verica à outra mulher, certamente Sabine cheiraria nada mais que carne de cordeiro bem preparada e verduras em sua terrina de madeira.

—Minha mãe é um deles — disse Brigit, o orgulho se denotava em sua voz, mas logo seu rosto em forma de coração tomou um aspecto ferido. —Meu pai está morto.

Verica se esticou, os batimentos de seu coração aumentaram embora mantivesse uma expressão neutra. Falar do homem morto poderia representar problemas tanto para Verica como para sua aprendiz.

Sabrine olhou Verica de uma forma estranhamente preocupada, como se pudesse ler os pensamentos desta, apesar de suas melhores tentativas para controlar sua expressão. Crescer como uma dual no clã Donegal havia sido morrer ou tentar aprender a voar para ocultar sua natureza de ave assim como seus autênticos pensamentos e sentimentos.

—Como morreu? — perguntou brandamente Sabrine à moça.

—Um animal selvagem o feriu enquanto caçava. Brigit recitou as palavras como se lhe tivessem ensinado a dizer, mas não continham convicção.

Tinha que aprender a dissimular melhor. Aqueles que tinham assassinado o seu pai não hesitariam em machucar a menina. Mas Verica não podia culpar Brigit por sua inexperiência. Seu pai morreu fazia menos de um ano, muito pouco tempo para sepultar sua pena tão profundamente até que se desvanecesse.

Verica se encontrou dizendo, tanto para o bem da menina como o seu, uma advertência muito sutil a Sabrine:

—Igual ao meu pai.

—Seu pai era o laird antes de Barr?

—Nay, antes disso antes do laird ao que Barr substituiu. Rowland, um homem cruel e estúpido, e tão malicioso como a besta em seu interior.

Verica sempre tinha acreditado que ele era responsável pela morte de seu pai, mas não podia demonstrá-lo. Inclusive se fosse capaz de fazê-lo, não teria servido muito. Rowland tinha muito poder sobre a matilha de lobos Chrechte e o clã Donegal entre os quais viviam.

Melhor recordar isso antes que seus lábios causassem mais dor para todos.

—Suficiente conversa sobre o passado — disse ela. —Come sua comida, Brigit. Sua mãe se desgostará se devolver sua terrina sem tocar às cozinhas.

A comida estava boa e Verica notou que Sabrine comia avidamente, como faziam Brigit e ela.

—Desde quando Barr é o laird? — perguntou Sabrine enquanto punha sua terrina à parte.

Verica a recolheu e a colocou junto à dela em uma mesa junto à porta, advertindo-se a tomar cuidado quando falasse com esta mulher. Havia algo em Sabrine que convidava às confidências, mas compartilha-las facilmente era perigoso. Mortalmente arriscado.

—Menos de um mês.

—Ele é muito melhor que o laird anterior.

A cabeça de Verica se moveu em um assentimento que não pôde evitar, embora colocasse em seu rosto uma expressão de repreensão.

—Não fale desrespeitosamente de Rowland.

O lábio da moça se espichou teimoso.

—Não era um líder justo.

—Não, mas ainda é um homem poderoso em nosso clã. Poderia ser mau para ti e sua mãe se alguém ouvisse dizer isso.

—As coisas não podem piorar para minha mãe. O lábio de Brigit se converteu em uma expressão cheia de dor que afetou ao coração de Verica.

—O que quer dizer? — exigiu Verica, um sentimento doentio assentou em seu estômago. Sabia, mas como desejava não fazê-lo.

Tinha visto a forma em que Rowland observava a jovem viúva antes da mulher ter perdido seu marido.

O rosto de Brigit empalideceu e fechou a boca com tanta força que seus lábios pareceram desvanecer-se. A moça negou com a cabeça.

E a inquietação de Verica se intensificou.

—Me diga.

—Mamãe diz que não devo.

O corpo de Sabine se esticou, e uma expressão que Verica só tinha visto antes no rosto de um guerreiro, apoderou-se de seu rosto com ferozes linhas.

—O antigo laird fere sua mãe?

Os olhos de Brigit se encheram de lágrimas, mas ela as secou antes que estas pudessem cair.

—Mamãe e eu somos fortes. Ela o diz.

—São fortes. Mas o medo da moça se converteu em um aroma desagradável em torno delas. Verica não a interrogaria mais.

—Isso é certo. Não precisa dizer algo que não deseja — disse Sabine antes de Verica.

Brigit assentiu, sua tensão diminuiu um pouco.

—Sempre dizem que as paredes têm ouvidos — disse a Verica. —Igual à mamãe, mas não as têm. Isso não é possível. Essas palavras não possuíam mais convicção que suas palavras sobre a morte de seu pai. Brigit percorreu com o olhar a antecâmara, sua expressão estava cheia de medo e impotente cólera. —Embora às vezes acredite que realmente as têm.

Embora fosse mais preciso dizer que Rowland tinha Chreches que espiavam para ele. Não havia muito que escapasse à audição de um lobo. Nem sequer o que se dizia atrás das portas fechadas.

—Rowland é seu laird anterior? — perguntou Sabine, a repugnância em sua voz quando pronunciou o nome era um eco exato dos sentimentos no coração de Verica.

—Aye — confirmou Verica. —O rei o obrigou a renunciar ao título para que o primeiro ao mando dos Sinclair pudesse assumir o papel.

—Barr estava acostumado a ser o primeiro ao mando do laird no clã Sinclair? —Sabine souou como se encontrasse isso extremamente inverossímil.

Todo o clã sentia o mesmo, não importava quanto se alegrassem em silêncio ante o giro dos acontecimentos. Mas também, todos e cada um dos membros do clã se perguntavam quanto tempo duraria sua boa fortuna. Quanto antes que Barr e seu primeiro, Earc, terminassem da mesma maneira que seu pai?

O pensamento de Earc morto feria a Verica de uma forma que rejeitava reconhecer. Esse homem não era para ela.

Assentiu enquanto avançava pela casa, arrumando-a.

— Sim.

—E ele é o melhor guerreiro de todos. O sobressalto na voz de Brigit era refrescantemente diferente à reação que seu antigo líder lhe causava.

—É muito grande. O louvor de Sabine soava mesquinho.

E muito diferente à reação de outras mulheres Donegal, quais faziam todo o possível para granjear a atenção do novo laird. Não é que alguma tivesse tido êxito até agora. Ele não tinha mostrado a mais mínima preferência, concentrando-se completamente em melhorar o amparo do feudo.

—Mas também é muito rápido — disse Brigit com entusiasmo. —É mais rápido que qualquer de nossos guerreiros.

—Agora é nosso guerreiro, também.

—Embora permita que Rowland fique. A opinião de Brigit sobre essa situação não precisava ser pronunciada em voz alta; seu tom e a forma com que falava diziam tudo.

Verica suspirou. O novo laird não era consciente de que uma serpente traiçoeira compartilhava sua mesa em cada refeição. O que só aumentava a possibilidade de que Barr pudesse encontrar o mesmo destino que seu pai. Sua mãe tinha advertido seu pai, mas ele se acreditou invencível.

Sua morte tinha deixado sua esposa corvo, assim como ao resto do clã, desprotegida ante a perfídia de Rowland.

Como faria a inevitável morte de Barr.

—Deu a Barr uma razão para desterrar a esse Rowland? — perguntou Sabine.

—Nay.

—Não falou sobre o assunto?

—Não tenho provas das acusações que desejo fazer.

Ambas olharam Brigit. A mãe da moça provavelmente tinha a prova da maldade do homem, mas teria que desejar dar esse passo.

—Não posso culpar outra mulher por não desejar apresentar uma acusação. Se algo chegasse ao laird Barr, não teria ninguém para protegê-la da ira de Rowland.

—Uma mulher precisa ser capaz de proteger-se. Sabine soava absolutamente séria.

—Como? — perguntou Brigit, um interesse entusiasta brilhou em seus olhos escuros.

—Não ensinam às mulheres de seu clã a lutar? — Sabine parecia horrorizada.

—Nay. As mulheres são muito fracas — repetiu Brigit, uma das comuns críticas de Rowland.

—Ridículo.

—Você sabe lutar? — perguntou Brigit a sua paciente.

Sabine abriu a boca e logo a fechou, vendo-se indecisa.

—Não o contarei — prometeu Brigit. —Verica tampouco o fará. É boa mantendo segredos.

Sabine dirigiu a Verica um olhar interrogante.

—Muito melhor que minha aprendiz. —Os que se transformavam em aves deviam ser. A natureza dual de Verica faria que a matassem se alguma vez se conhecesse esse fato.

Depois disso, Sabine assentiu.

—De verdade? Pode lutar? Pode me ensinar?

Esse angustiante aspecto de indecisão voltou a cruzar o rosto de Sabine.

—Possivelmente quando seu braço esteja curado, possamos nos aventurar a entrar no bosque uma tarde — ofereceu Verica para convencer à outra mulher.

Sabia muito bem quão difícil era decepcionar Brigit.

—Um guerreiro não permite que uma ferida interfira em seu treinamento. Sabrine estava tão horrorizada como uma freira ao enfrentar-se com um lago cheio de homens banhando-se.

—Não é um guerreiro, tola. É uma mulher. Brigit riu bobamente.

Os olhos de Sabrine se estreitaram, como se essa verdade em particular não fosse bem-vinda.

—Possivelmente amanhã possamos encontrar um pouco de tempo.

—Minha mamãe poderia assistir?

—Claro que pode — respondeu Sabrine com uma voz que não toleraria nenhuma oposição. —Irei às cozinhas amanhã e eu mesma e a convidarei ao nosso passeio pelo bosque.

O sorriso de Brigit merecia qualquer esforço necessário realizar esse passeio sem que Rowland ou seus capangas as seguissem. Com cuidado, Verica começou a repassar mentalmente uma lista de ervas que poderia acrescentar aos mantimentos desses para incapacitá-los e impedir que as espiassem.

Se fosse apanhada, as consequências não seriam nada agradáveis. Era terrivelmente arriscado, mas tinha que fazer algo.

Pelo bem de Brigit; pelo bem de todos.

O som de risadas femininas flutuando desde sua antecâmara deteve Barr na porta. A consciência de que tais sons não eram tão comuns nesse clã como no feudo Sinclair o golpeou com a força de uma pedra.

Um laird era responsável pelo bem-estar de sua gente. A falta de alegria entre eles era causa de preocupação, mas também o era sua cegueira ao problema.

Tinha vivido entre os Donegal durante um mês, mas não tinha notado a falta de risadas até agora. Necessitou-se a presença de outra forasteira entre eles para que se desse conta.

Certamente tinha notado outras coisas. A separação entre os Chrechte do clã e seus companheiros humanos. Até hoje, não se tinha dado conta de quão profunda era a brecha. A falta de machos Chrechte de sua própria idade também era estranha. Seus meninos estavam aqui e alguns adolescentes, mas a matilha não era meramente pequena, como Talorc e ele tinham acreditado antes de ir às terras Donegal. Era estranhamente desigual.

O lobo esperava fora da porta e Sabrine se perguntou por que não entrava. Seu aroma estava parcialmente mascarado, como o dela, Barr sempre estava em guarda para não ser descoberto. Entretanto, ela se deu conta de sua presença antes que sequer tivesse alcançado a porta. E seu corpo já estava reagindo em inexplicáveis e inegáveis formas.

Seu corvo tinha muita vontade de posar em seu regaço e lhe bicar o pescoço e a cabeça.

A mulher nela desejava muito mais que simplesmente bicar e a guerreira em que se converteu estava mais aterrorizada que em qualquer outro momento em sua vida.

Isso significava que podia perder a batalha contra seus instintos.

A porta se abriu e a aguda risada infantil de Brigit cessou repentinamente e seu rosto delatou o medo que tentava esconder.

Barr entrou, seus ombros eram quase tão largos como o marco da porta. Sorria, mas havia algo em torno de seus olhos, uma expressão vigilante que lhe intrigou.

—Parece que vocês duas mantêm a nossa convidada entretida.

—Estava nos contando uma história divertida, meu laird. Brigit se tranquilizou visivelmente quando viu Barr e logo baixou a cabeça timidamente.

Barr estendeu a mão e agitou o cabelo da moça enquanto olhava Sabrine zombeteiramente.

—O fazia?

A moça levantou os olhos, uma expressão de pura idolatria e adoração os fazia brilhar, e assentiu.

—Possivelmente possa me contar a história mais tarde. Outra vez, falava com a menina, mas seu olhar estava fixo em Sabrine.

O calor se estendeu por ela como fogo ao saltar da lareira e se sentiu arder em lugares que nenhum homem havia feito jamais.

Sabrine não acreditava que lhe contaria essa história em particular... nunca. Tinha tratado sobre seu adestramento com adagas. Inclusive uma lâmina de madeira podia ferir se apunhalava com suficiente força. Assim que tudo o que disse foi:

—Possivelmente.

—Vamos, Brigit, já é hora vá encontrar com sua mãe. Verica recolheu sua cesta e fez uma reverência antes de rodear Barr e escapular para a porta.

Fez uma pausa ali e se voltou para confrontá-lo.

—Desperte Sabrine várias vezes durante a noite. Não mostra sintomas preocupantes, mas a perda de suas lembranças não pode ser ignorada.

O olhar masculino foi de Verica a Sabrine, e vice versa, a expressão em seus olhos cor tormenta era ilegível.

—Sua memória deve estar voltando, se pode recordar histórias para contar.

—Nossas mentes não são tão fáceis de entender, meu laird. Sabrine recorda partes, mas o mecanismo de seus pensamentos ainda perde essas peças importantes, como a forma em que chegou ao bosque. Pode não recuperar jamais algumas lembranças.

Barr franziu o cenho, mas assentiu.

—Vigiarei esta noite.

E faria muito mais se Sabrine não tomasse cuidado. Embora não tivesse acreditado ser possível, o aroma de Barr se fez muito mais forte. Não tinha ideia do que faria quando ele baixasse a guarda e seu aroma voltasse a golpear seus sentidos com poderoso impacto. Raramente bebia o vinho que sua gente preparava com tanta destreza, mas o simples feito de estar na mesma habitação com ele, a fazia sentir como se tivesse bebido uma garrafa inteira.

De acordo a embriagadora fragrância que emanava em sua excitação, sua reação a ela era extremamente potente. E era algo muito mais que inquietante. Já era bastante ruim ter que lutar contra seus próprios desejos, mas resistir contra os dele, bem poderia significar sua perdição.

Havia uma razão pela que não bebia vinho ou nem sequer cerveja. Sabrine não gostava da vulnerabilidade de ter seus sentidos impedidos pelos efeitos das bebidas espirituosas, mas isto era pior. MUITÍSSIMO pior. As consequências não iriam com umas horas de descanso ou tomando ar.

Esta reação que provocava nela não se submeteria a seu controle, endurecido pelos anos que tinha passado protegendo seu povo.

Ele entrou na antecâmara e o calor cobriu o corpo de Sabrine, o pulso em sua garganta pulsava acelerado enquanto sua boca secava. Sua mão se moveu sobre seu pescoço com vontade própria, cobrindo esse traiçoeiro batimento do coração.

—Sei que o fará. —As valentes palavras de Verica mostravam que confiava nesse laird muito mais do que fazia em Rowland. Confiava o suficiente para não lhe temer.

Barr inclinou a cabeça ante ela e logo para Brigit.

—Então boa noite.

—Esperem! — chamou Sabrine antes que Verica partisse.

A outra mulher a olhou compreensivamente, como se soubesse a pergunta que faria Sabrine e qual seria a resposta que daria seu laird.

—Não seria mais apropriado que Verica se sentasse comigo durante a noite?

Lamentava pedir isso à curandeira, sobretudo porque não era necessário já que não tinha perdido a memória, mas a outra alternativa se tornava mais insustentável a cada momento.

Não havia compaixão nos olhos de Barr, só mais desse ardente calor.

—Seria mais impróprio para ela passar a noite em meus aposentos.

—Então permita que eu vá a seu quarto.

A contrariedade tingia suas palavras. Ele era Chrechte, sabia exatamente o efeito que tinha nela e provavelmente gostava. Maldição.

—Nay, não deixará minha cama pelas comodidades do chão de sua antecâmara.

—É tão deliberadamente obtuso?

O brilho em seus olhos cinza lhe disse que o era, mas sua mandíbula quadrada também denotava teimosia. Ela não iria a nenhuma parte.

Mas não estava em sua natureza render-se com facilidade.

—Seja razoável. Fará com que seu clã me assinale como a uma prostituta?

—Dormir em meus aposentos é algo ínfimo junto ao feito de ter sido encontrada nua e só no bosque.

—Não acredito. —Era isso certo? Sem dúvida, ele tinha razão.

Os humanos tinham padrões diferentes para as mulheres e homens, e os Chrechte que viviam entre eles frequentemente adotavam essas mesmas atitudes.

Entre sua gente, ela usava um tartán só um par de centímetros mais comprido que os homens Éan. Usar semelhantes roupas aqui seria considerado escandaloso. Era uma das muitas coisas que a confundiam sobre os clãs humanos.

Porque os homens e mulheres eram considerados tão diferentes? Ela era um guerreiro, mas seu irmão nunca o seria. Os papéis estavam determinados pela aptidão e a preferência entre os Éan, mas os Faol nem sequer pareciam aderir-se a tais padrões, já que seus guerreiros femininos eram considerados alguns dos mais ferozes para enfrentar em batalha.

—Sou o laird.

—E?

—E... — ele arrastou as palavras uma a uma, até que foram três vezes mais largas do que o habitual — o que penso é o que importa.

Por alguma ridícula razão, sentiu-se furiosa consigo mesma por ter acreditado que ele era diferente. Pelas evidências mais débeis, permitiu-se acreditar que um lobo poderia ser algo diferente aos arrogantes e cruéis verdugos de seu povo.

—Isso é certo.

Ele a olhou com o cenho franzido.

—Acaso é diferente em seu clã? Ou não o recorda? — perguntou zombeteiramente.

Não podia culpá-lo da zombaria. Usava a perda de suas lembranças como uma conveniente desculpa e ele tinha razão. As coisas não eram tão diferentes entre seu clã. A diferença era que ela raramente discordava de seu superior entre os Éan.

Entretanto, Verica não era tão otimista sobre a ligeireza de Barr. Ela ofegou.

—Isso não é muito justo, meu laird. Sabrine não pode controlar o que recorda.

Uma vez mais, a curandeira mostrou uma consoladora falta de medo ao homem que liderava seu clã.

—Assombra-me isso — respondeu Barr.

—Minha memória não é o tema de discussão.

—Não, seu bem-estar é.

—Exato. Prefiro não ser marcada como uma rameira.

—Muito tarde.

—Laird! — repreendeu-o Verica com voz estrangulada.

—Ninguém disse isso, mas os velhinhos linguarudos já pensam, devido às circunstâncias em que a encontrei. E dedicou a Verica um olhar reprovador. —E você sabe bem, tendo vivido entre eles durante mais tempo que eu.

—O que propõem só fará piorar as coisas — insistiu Sabrine.

—Anunciei já minha intenção de conservá-la...

Sabrine sentiu que o ar escapava de seu peito. Mas através do caos de suas emoções notou a sobressaltada fascinação tanto no rosto de Verica como no de Brigit.

Capítulo 5

—... em minha antecâmara por esta noite — continuou Barr como se a dramática pausa não tivesse ocorrido. —Se fica comigo ou não, já não é de importância.

—Isso não é verdade.

—E estará mais segura comigo que só com Verica cuidando de você.

—É uma curandeira.

—Aye. E eu sou um guerreiro.

—Crê que serei atacada em minha cama? —Que pensamento tão ridículo.

Mas ele não sorria, nem sequer na zona em torno dos olhos, e a boca de Verica se contraiu pela preocupação.

—Sua falta de família e vínculos com o clã a põe em perigos inescrupulosos. Não tive suficiente tempo com o clã Donegal para ter imposto completamente meus pontos de vista sobre quais comportamentos são aceitáveis. O antigo laird tinha menos escrúpulos que eu.

Ela não tinha argumentos sobre essa observação em particular. Informações que tinha recebido sobre Rowland, antes de chegar aqui, faziam-lhe acreditar facilmente que o homem era capaz de roubar a Clach Gealach Gra.

O que nunca tinha esperado era a Barr.

—Considerou a possibilidade de que sua presença em seus aposentos pudesse pôr em perigo a nossa curandeira? — perguntou Barr. —Existe uma razão para conservá-la em minha antecâmara. Ninguém se atreveria a violar meu santuário.

Considerando as coisas que tinha ouvido hoje, Sabrine devia reconhecer a sabedoria de suas palavras. Possivelmente, e só talvez, também teria que revisar sua crença de que ele era cego às faltas de seu novo clã.

Claramente era consciente, e tinha atuado em consequência para protegê-la não só a ela, mas também a Verica e Brigit.

O homem era um conjunto de contradições. Era um lobo, mas não mostrava sinais de visível crueldade. Era a arrogância personificada, mas aqui estava explicando suas decisões sem sinal de rancor. Os líderes dos Éan raramente faziam algo assim. Quando um dos membros do Triunvirato falava, sua palavra era lei. Não se admitiam perguntas, nem discussões; a obediência total era a norma.

Até o momento, Sabrine nunca tinha questionado suas ordens, mas se o fizesse, não acreditava que respondessem com a paciência que Barr lhe tinha mostrado a ela e a sua própria gente.

—Estaria segura em meus aposentos se ninguém soubesse que está ali — disse Verica discretamente depois de um momento de silêncio.

—Está tão segura? — perguntou Barr. —Não somos os únicos Chrechte que chamam lar a esse torreão.

A palidez da pele de Verica só tinha um significado. Tinha medo. O aviso de Barr tinha provocado verdadeira inquietação na curandeira. Sabrine se negava a aumentar as preocupações da mulher.

—Ficarei aqui. Lamento não ter levado em consideração todas as consequências da situação.

Só esteve pensando nela, com a quase certeza de que seus instintos de corvo e desejos femininos estavam a ponto de assaltar e possivelmente destruir as defesas de sua guerreira interior. Podia lutar com um, mas não com ambos. E nunca antes os impulsos de seu corvo tinham estado em desacordo com seus instintos de autoconservação.

Barr encolheu os ombros.

—Não tem nada pelo que pedir perdão.

—Você não conhece nosso clã. Deveria estar segura em meus aposentos. A tristeza no porte de Verica deixou o coração de Sabrine de uma forma que acreditava ter sepultado faz muito tempo.

—Estará em um futuro. O cenho de Barr não era sinal de bom agouro para aqueles que ousassem opor-se. —Só que não posso efetuar muitas mudanças de uma vez.

—Mas deseja efetua-las? — insistiu Verica.

—Aye.

—Quando a bonita dama partir, pode minha mamãe dormir em seus aposentos, meu laird? — perguntou Brigit.

O silêncio caiu como a escuridão depois do ocaso. Durante muitos segundos, ninguém se moveu, ninguém falou. Brigit olhou a seu laird com confiada inocência, inconsciente das implicâncias de sua petição.

Verica o olhou, também, mas com uma cautelosa esperança que fez mal a Sabrine. Esse clã esteve sob o poder de um mesquinho tirano durante muito tempo.

A expressão de Barr não mudou, mas o calor que exsudava se incrementou dez vezes mais e a sensação de perigo iminente rodeando-o se fez mais profunda. Um tique nervoso pulsou em sua mandíbula, mas ele manteve o resto de suas emoções em um repouso neutro, enquanto dava a volta para ficar frente à Brigit. Ficou de cócoras diante da garotinha, sua atenção estava quase completamente nela... quase porque havia um laço de conexão entre ele e Sabrine, ainda quando não a estivesse olhando, inclusive quando tivesse pensamentos tão notoriamente furiosos sobre algo mais.

—Sua mãe necessita de meu amparo, pequena?

Outra vez o medo envolveu a Brigit, como a uma presa agonizante, enquanto ia dando-se conta de que sua pergunta poderia ter revelado o segredo de sua mãe.

—Mamãe e eu somos fortes.

As palavras de Brigit foram pronunciadas com lábios trementes e voz suplicante que rompeu rapidamente o desperto coração de Sabrine. Conviver entre esta gente traria consequências que não tinha esperado e que temia fossem duradouras.

Barr assentiu, sua expressão era sombria, o tique em sua mandíbula aumentava em intensidade.

—Aye, são. Conduziram bem sem seu pai, mas compreendem que sou seu laird?

Puxando um cacho de seu cabelo canela, Brigit moveu a cabeça afirmativamente.

Barr fez um ruído de satisfação, como se o reconhecimento da menina o tivesse agradado.

—É meu trabalho lhes proteger em seu lugar.

Em vez de ver-se confortada, o rosto da menina se enrugou.

—Mamãe diz que ninguém pode ajudá-la, mas que não deixará que nada me passe.

—Ela a ama muito, mas você também a ama.

—Aye. Brigit cabeceou tão energicamente, que as lágrimas que continha se derramaram de seus olhos sobre suas bochechas.

Barr grunhiu tão baixo que só o ouvido Chrechte de Sabrine permitiu que o ouvisse. Seu lobo estava mais que furioso: o som era um que clamava sangue. Mas quando falou, a voz do laird foi suave, quase gentil.

—Sei que está preocupada com ela, mas eu solucionarei o problema agora.

—Dá-me seu mais solene juramento? — perguntou Brigit, ainda chorando.

—Aye.

Os batimentos do coração de Verica aumentaram, sua expressão mostrava tanto medo como esperança. A curandeira desejava que seu laird protegesse à mãe de sua aprendiz, mas se via insegura de que ele pudesse fazê-lo.

Barr olhou a curandeira, avaliando-a com o olhar. Finalmente, assentiu com a cabeça como se também desse seu juramento a ela.

Os olhos de Verica se abriram e logo sorriu com naturalidade, cheia de alívio.

—Trás Earc e a seu irmão.

A mulher assentiu, a determinação e um propósito se assentaram em seu rosto com linhas quase ásperas, antes de fazer uma reverência e partir para cumprir o encargo.

Barr pôs a mão sobre o ombro da menina.

—Venha e me conte à história que lhe fazia rir faz um momento.

Como Sabrine e Verica antes, o laird tinha notado que exigir respostas à menina não seria justo. Brigit tinha prometido a sua mãe e obrigá-la a romper essa promessa seria desonroso.

Fora o que fora esse Faol, não era um valentão e claramente possuía honra.

—É verdade que treinou Cathal e Lais junto a Muin hoje? — perguntou a garotinha, mostrando que sabia muito bem como manter seus segredos.

Considerar a causa de que tivesse aprendido semelhante subterfúgio feriu Sabrine.

—Aye, moça, é verdade. Eles se desempenharam bem para começar.

—São meus primos — disse Brigit com orgulho. —Rowland jamais os treinará, mas ambos desejam saber como defender a suas famílias.

Sabrine obteve a impressão de que a garotinha não desejava falar sobre o ancião do clã. A expressão no rosto de Barr dizia que ele também tinha captado e que não gostava disso. Mas não repreendeu à menina, nem tampouco se permitiu olhá-la carrancudo.

—Fizeram-no bem hoje. A voz de Barr expressava aprovação.

A menina sorriu, sua expressão se estendeu aos seus suaves olhos castanhos e os fez cintilar.

—Continuará treinando-os?

—Aye, embora em alguns dias seja Earc quem trabalhará com eles.

Brigit pareceu meditar isto durante um momento e logo moveu com muita dificuldade a cabeça.

—Ele é quase tão forte como você.

— Acha? — brincou Sabrine com Brigit. —É difícil acreditar que alguém seja tão grande como seu laird.

—Ah, mas não é, é só quase — disse Brigit solenemente.

Mas os olhos de Barr agora estavam fixos em Sabrine.

— Acha-me muito grande? — sedutora e magnífica, sua voz a tocou muito fundo.

Pela primeira vez que recordasse, encontrou-se incapaz de pronunciar uma palavra enquanto imagens dele totalmente nu flutuavam em sua imaginação.

—Com segurança, não lhe chamaria pequeno. Ela conseguiu forçar essas palavras com alguma aparência de calma.

—Nosso laird é maior que qualquer outro guerreiro nas Highlands. O prazer absoluto de Brigit ante esse fato brilhou na sua face e na voz.

—Exceto por meu irmão gêmeo.

—Têm um gêmeo? — perguntou Brigit com assombro.

Havia dois deles? O pensamento fez que Sabrine se sentisse enjoada.

—Aye, Niall me substituiu como primeiro ao mando de Sinclair quando parti.

—É tão bonito como você? — perguntou Brigit e logo se ruborizou.

—Embora tenha uma terrível cicatriz de guerra, gosta de acreditar que é mais bonito do que eu e isso é tudo o que importa para ele.

Brigit o olhou com os olhos muito abertos, proclamando sua fascinação.

—Quando éramos muito mais jovens, nosso clã foi traído por uma mulher que deveria nos haver protegido com sua vida.

—Então também creem que as mulheres podem ser guerreiras? —perguntou Brigit com sobressalto.

—Nay, mas deveriam saber lutar por seu clã se fosse necessário e saber proteger-se.

Embora Sabrine discordasse com a primeira parte de sua declaração, pensou que Barr era mais liberal que o homem que tinha liderado a esse clã antes dele.

—Ensinará às mulheres? — perguntou Brigit em um tom esperançoso.

Antes que Barr pudesse responder, um golpe soou na porta.

—Passem.

A porta se abriu de repente e Verica entrou, seguida de perto por um guerreiro moreno que parecia ter a idade de Barr. Era quase tão grande como o laird e seu semblante era quase tão feroz. Não eram homens que gostaria de enfrentar; possivelmente Rowland tivesse um pouco de sabedoria.

Detrás dele, seguia-o um homem mais jovem. A semelhança do moço com Verica era inequívoca. Até seu cabelo negro estava salpicado com mechas vermelha vinho. Era um corvo e também um que se transformava dual.

Os pensamentos de Sabrine deram voltas quando essa quimera se instalou em sua mente. Que clã tão estranho era os Donegal? Certamente eram muito diferentes do que tinha esperado encontrar, desde seu novo laird até os duais.

Não tinha conhecido a nenhum corvo que tivesse sobrevivido entre os Faol. Saber de sua existência fazia que questionasse muitas das suposições de seu povo.

O moço que devia ser Circin estava rodeado pela essência do lobo, como uma manta durante um dia frio, não havia pistas de sua natureza corvo no ar em torno deles. O que confirmou uma hipótese da qual quase estava segura: os lobos eram inconscientes da presença dos Éan entre eles. Ela examinou Circin, procurando algum sinal de qual poderia ser seu dom especial Chrechte.

A habilidade de Sabrine para trocar a percepção de outros não era facilmente evidente nem sequer para outros corvos. Tinha-a usado para "esconder" as tatuagens de seu clã, no bosque, frente à Barr, o corvo azul em suas costas e a adaga abaixo desse representavam seu papel como protetora de seu povo.

Se devesse tomar um companheiro, uma videira florescente seria acrescentada para simbolizar a esperança de seu futuro juntos. Não tinha planos de tatuar essa marca em particular.

Circin a olhava muito estreitamente, enquanto o homem que devia ser Earc fixava sua atenção em Verica.

A curadeira fazia todo o possível por fingir que não o notava, mas a conexão entre esses dois podia ter sido também uma cinta vermelha brilhante, por ser tão óbvia.

—Desejava nos ver, laird? — perguntou Circin, sua voz ainda mostrava sinais de sua juventude.

—Aye. O olhar de Barr se posou em Brigit. —Tenho um problema que concerne a Sorcha. Você, Earc e Verica passarão a noite em sua cabana. E amanhã, terei as respostas a minhas perguntas.

—Acerto em assumir que não deveremos receber a outros visitantes esta noite? — perguntou Earc, sua voz era grave e estava cheia de curiosidade.

—Aye.

Brigit contemplava a seu laird com olhos muito abertos pela surpresa.

—A curadeira dormirá em nossa cabana? — obviamente, a adoração da garotinha não se limitava a seu novo laird.

—Aye.

—Mas e se ele se zangar?

Isso era o mais perto que Brigit tinha chegado a nomear ao atormentador de sua mãe ou reconhecer sua existência.

—De quem está temerosa? — perguntou Verica e logo pareceu lamentar não ter mantido a boca fechada.

A agitação de Brigit cravou o ar em torno deles e Sabrine não pôde suportá-lo por mais tempo.

—Veem aqui, juvenzinha.

Sem vacilar, a menina se aproximou e subiu à cama para sentar-se ao lado de Sabrine.

Sabrina tomou sua mão, projetando uma cálida luz em torno delas que outros não veriam. Agachando-se até a altura dos olhos de Brigit.

—Há algum guerreiro nesse clã que possa derrotar a Earc, pensa-o bem?

—Só nosso laird.

—Mas ele não é quem causa sua angústia?

Brigit negou veementemente com a cabeça.

—Então não tem nada que temer esta noite.

—Mas e amanhã?

—Deve confiar em seu laird para que se preocupe do amanhã. Sabrine sinceramente esperava que sua confiança no descomunal homem não fosse errônea.

E ali estava Barr, colocando sua grande mão nas costas da pequena moça.

—Não permitirei que ninguém faça mal a sua mãe.

—Ela não quer que conte a ninguém. As lágrimas estavam à flor da pele pelo tom da voz da garotinha e seu lábio tremeu.

—Aye, e você não disse nada, salvo sua inocente petição. Sua mãe não te culpará.

—Prometi-o.

—Não tem quebrado nenhuma promessa. O gentil comportamento de Barr com a menina tocou a alma de Sabrine.

Como esse homem poderia ser o alfa da matilha que tinha roubado o talismã sagrado dos corvos?

—Ainda dará um passeio no bosque conosco amanhã? — perguntou Brigit ansiosamente a Sabrine.

—Darei.

—Não deixará esta cama. O tom de Barr levava o peso de sua posição como laird e líder da matilha.

Ela o ignorou.

—Farei.

—Nay.

—Aye.

—Está ferida. Soava como se tentasse ser razoável e não pudesse entender sua obstinação.

—Não é tão grave para que deva ficar na cama.

Fazê-lo acreditar que era uma humana indefesa era uma coisa, mas fazê-lo acreditar que precisava estar prostrada em uma cama ia contra seu propósito de procurar O Coração da Lua.

Em vez de discutir com ela como esperava Barr lhe dirigiu um intencionado olhar cheio de calor.

Só quando se deu conta que poderia ter sido um pouco precipitado defender sua relativa boa saúde justo antes de passar a noite sob sua vigilância, Earc disse:

—Acredito que é momento de partir.

Sem dúvida o outro lobo podia cheirar a crescente excitação de Barr como ela podia. Muito embaraçoso. Nunca esteve em semelhante situação antes. Outros machos a tinham desejado, mas não com o nível de desejo que nublava o ar em torno deles, tão densamente que

Sabrina estava surpreendida de que outros não pudessem vê-lo. Mas o mais grave não era como seu lobo reagia ante ela. Era como ela respondia a ele.

Sua excitação também flutuava no ar, desafiando até o sentimento de preocupação que a embargava pela aparente situação da mãe de Brigit.

Os lábios de Earc se moveram nervosamente e Sabrina sabia que ele podia captar sua excitação assim como a de seu laird. Ela o fulminou com o olhar.

O segundo de Barr a olhou surpreso.

—Não deveriam ir tão rápido — insistiu ela.

—Ahh, acredito que é absolutamente necessário.

Circin pareceu vagamente envergonhado enquanto sua irmã olhava com comiseração a Sabrina.

—Se não devolvermos logo Brigit a sua mãe, Sorchá se preocupará.

Sabendo quando dar seu braço a torcer, Sabrina inclinou a cabeça em reconhecimento.

—Então devem ir.

—Não há necessidade de que soe como se a abandonassem a um destino horroroso. Meus cuidados podem não ter a destreza da curandeira, mas estará a salvo de outros esta noite.

Deu-se conta de que Barr não tinha prometido que estaria a salvo dele. O homem poderia ser um descarado, planejando coisas que ela nunca tinha feito, mas poderia estar fazendo hipóteses exageradas. Mas apesar de tudo, estava segura de que não era um mentiroso.

Sabrina concentrou sua atenção na menina.

—Tudo ficará bem. Deve confiar nisso.

—Tentarei.

Sabrina assentiu e abraçou à pequena com uma necessidade instintiva superior a sua natureza Chrechte. Brigit aceitou o forte abraço, devolvendo-lhe com ferocidade antes de descer da cama e reunir-se com Verica, Earc e Circin ante a porta.

Eles partiram prometendo cuidar do bem-estar de Sorchá esta noite e Verica deu a Barr instruções de última hora sobre o cuidado de Sabrina.

Sabrina sabia o que tinha tentado a outra mulher, mas duvidava que essas palavras finais a protegessem da paixão de Barr. Não quando a sua paixão fervia a fogo lento sob sua pele, esperando transbordar-se e unir-se a dele.

Barr nunca antes se sentiu tão profundamente tentado por uma mulher.

Embora nem sempre estivesse de acordo com a estrita postura de Talorc ante o acasalamento físico, tampouco o via como algo para satisfazer por nada mais que umas horas de fugaz prazer. Unir seu corpo com outro levava o peso de um possível acasalamento sagrado, e não era um risco a ser tomado as pressas. Ele foi mais que afortunado de que sua primeira incursão na intimidade sexual não tivesse originado a formação de um acasalamento; era suficientemente mau o que isto originou a dois de seus mais queridos amigos.

A possessividade do guerreiro para sua Autêntica Companheira tornou impossível que a amizade continuasse entre Barr e ele, uma vez que se inteirou que ela tinha entregado sua virgindade a outro homem. Quanto à mulher, nem ela nem Barr se sentiram novamente cómodos na presença um do outro depois do fracasso dessa única união.

Uma vez que um Chrechte desenvolvia um casamento sagrado ou verdadeiro com sua companheira, tornava-se incapaz de unir-se sexualmente com mais alguém enquanto sua companheira vivesse. Barr não o entendia melhor do que fazia com o milagre de sua natureza e forma animal. Entretanto, sabia a verdade e tinha sido sexualmente circunspeto por causa disto.

Só um tolo não daria conta que sua forte reação a Sabrine poderia suportar a um acasalamento sagrado e Barr estava longe de ser um tolo. Seu lobo se sentia atraído pela misteriosa mulher do cabelo de corvo de um modo que nenhuma outra pessoa tinha feito.

Se as coisas seguissem seu curso normal, tomaria o tempo para chegar a conhecer a mulher que seu lobo estava tão decidido a ter. Consideraria com cuidado se seria uma companheira apropriada antes de atuar guiado por seus impulsos mais básicos. Mas isto não era uma reação ordinária.

Seu lobo demandava ação imediata e as ânsias de seu corpo faziam que essa demanda fosse quase impossível de ignorar.

O lobo uivava por ser liberado, a libido de Barr doía pela necessidade e sua mente lutava contra ambos. Ainda procurava uma explicação à sensação da presença de algo estranho, não podia tirar isso da mente, seu cérebro lhe dava voltas a esse problema. Como podia ela lhe mentir e ele não cheirá-lo? Mas estava seguro que mentia.

Sua formosa e sedutora Sabrine não tinha perdido a memória. Qual era seu jogo, era algo que não podia compreender, mas estava claro que havia se sentido verdadeiramente afligida pelo bem-estar de Sorch, a mãe de Brigit.

A evidente compaixão de Sabrine só fez que Barr a desejasse mais, mas seu engano igualmente aparente lhe impedia por completo confiar nela.

Poderia deitar-se com uma mulher em que não confiava? Seu lobo uivou um "Sim". Seu pênis se estremeceu em resposta e ele não estava mais perto de resolver seu conflito interior que antes.

—Parece como se propusesse invadir a Inglaterra, mas cheira como se a quem desejasse invadir fosse a mim. Nada em seu tom revelou o que ela sentia a respeito, mas as palavras em si mesmo revelaram muito.

E soube. Não o entendia, mas sabia que devia ser verdade.

—É Chrechte, mas esconde sua natureza de lobo tão bem que nem sequer eu posso senti-lo.

—Não sou uma Faol. O aborrecimento com que pronunciou a palavra Faol não deixou espaço à dúvida.

Mas...

—Deve sê-lo. Não é uma simples humana.

—Os humanos possuem sua própria força.

—Aye, fazem-no, mas você é Chrechte.

Sabrine não negou, mas sua boca se converteu em uma linha obstinada que lhe disse sem palavras que não responderia.

—E não esqueceu nada, exceto possivelmente como dizer a verdade.

Isso deveria ser tudo o que necessitasse para refrear sua libido, mas a teima e força igualmente indiscutíveis de Sabrine arrasavam suas últimas defesas. Esta mulher era sua companheira.

Seus quentes olhos terrosos se estreitaram perigosamente.

—Está me chamando mentirosa?

—Nay. Tinha aprendido dos enganos de Talorc com sua esposa e Barr não faria semelhante acusação sem entender a totalidade da situação.

Não esqueceria os resultados da estupidez de Talorc com sua própria esposa. Seu amigo havia contando a Barr seu fundo pesar e arrependimento após, mas nada podia desfazer a lembrança para qualquer um deles.

—Não a chamo mentirosa, mas realmente acredito que me esconde a verdade.

Seu cenho se fez letal, mas permaneceu em silêncio e sem mover-se.

—Não mente compulsivamente, verdade?

—Nay. A palavra continha o significado de uma hora inteira de conversação.

—Encontra-se fora de controle amontoando uma mentira sobre outra para proteger à primeira — aventurou ele.

—Se estivesse mentindo, deveria ser capaz de saber, sendo o superior guerreiro Chrechte que é.

—Meus sentidos dizem uma coisa, mas meus instintos outra. —E como era possível isso, é o que o maravilhava.

—Confia em seus instintos sobre os sentidos de seu lobo?

—Nesse caso? Sim. —Embora seu lobo não pudesse cheirar a mentira, movia-se inquieto em seu interior, nada seguro das aparências de tudo isto. Esses mesmos instintos também lhe diziam que a reclamasse e não os negaria.

Aproximou-se da cama, sua mente estava segura de uma coisa ao menos. Ele a teria esta noite.

Capítulo 6

Barr se aproximou da cama como um felino à espreita e não como o lobo que era. Um tremor de antecipação percorreu Sabrine estremecendo sua natureza corvo. Uns tempestuosos olhos cinza a olharam com o poder dos antigos sacerdotes que uma vez serviram a seus povos. Antes que os Faol decidissem que os Éan não mereciam ser Chrechte.

As tradições orais falavam desses tempos; falavam de sacerdotes, curandeiros e líderes, mas não contavam a história de um lobo que pudesse capturar a um corvo somente com o poder de seu olhar.

Não havia nada que a preparasse para conhecer o Barr do clã Donegal. Nenhuma história que a ajudasse a conter sentimentos tão poderosos, que dizimavam seu controle e forjavam desejos aos quais não era capaz de negar-se, lhe fazendo esquecer sua absoluta certeza de que acasalar-se com um lobo seria terrivelmente perigoso.

Sua mente gritava advertências, enquanto seu corpo se preparava para a inevitável união com o Faol. Sua mente insistia em que não se rendesse, mas seu corpo fazia ouvidos surdos.

Pela primeira vez em sua vida a mente de Sabrine não estava a cargo, seu tão apregoadado controle estava sepultado sob os ardentes carvões de seu desejo. Seus instintos de corvo reclamavam solução à necessidade que fazia contrair sua matriz e umedecia sua feminilidade. Os mamilos que nunca tinham conhecido o prazer do toque de um amante ergueram-se em duros botões de flor com um desejo que se aproximava da dor.

Seus músculos geralmente tensos ao preparar-se para a batalha se relaxaram, permitindo que suas pernas se separassem ligeiramente sob a manta.

As fossas nasais de Barr se alargaram quando o aroma de sua excitação impregnou o ar. Retirou a manta quando chegou à cama. E ela permitiu sem fazer um movimento que escondesse de seu olhar sua espectadora nudez. A ânsia em seu corpo eclipsou qualquer esperança que tivesse para evitar esta união.

Ele inalou profundamente, seus olhos se entrecerraram e piscaram.

—Deseja-me.

—Aye. —Não havia razão para negá-lo ante ele ou a si mesmo.

Não quando o aroma picante de sua necessidade os rodeava.

— Terei você esta noite.

Sua declaração era pura arrogância, mas algo em seu tom a alertou de que também era uma pergunta.

Procurava seu acordo, demonstrando que possuía mais autocontrole que ela, deteria-se se assim o exigisse. Mas Sabrine não acreditava que pudesse fazê-lo.

Embora não fosse uma dócil donzela para sofrer sua dominação.

—Teremo-nos um ao outro.

Ele sorriu, sua expressão era selvagem.

—Tem-me feito acreditar que é uma mulher frágil, necessitada de amparo.

— E sou.

Talvez não frágil, mas definitivamente necessitada de amparo; assim como sua gente. Mas nenhum Faol, nem sequer esse que mostrava tanta preocupação pela segurança de uma mulher humana, se ofereceria para fazer algo semelhante.

—Possivelmente, mas é forte e Chrechte, embora o negue.

Ela nunca tinha rechaçado ser Chrechte, nem sequer uma vez. Embora tivesse negado ser Faol. Não faria que seus lábios pronunciassem uma falsidade tão ofensiva.

Explicá-lo revelaria segredos que não permitiria sair à luz.

Ele não esperou uma resposta, nem parecia esperá-la. Simplesmente se desfez de seu plaid e suas armas com curtos e eficientes movimentos, revelando seu magnífico corpo de guerreiro. Poderia não compartilhar a cicatriz de seu rosto com seu gêmeo, mas Barr não carecia de marcas. Junto com suas tatuagens Chrechte em seus bíceps e costas, tinha várias pequenas cicatrizes obtidas em batalha. Cada uma o fazia muito mais sedutor para ela. Um homem que tinha lutado e recebido feridas em seu esforço por proteger a aqueles aos que chamava clã, era um homem a quem podia admirar em todos os sentidos.

Embora fosse um lobo.

Apesar da necessidade sexual que Barr exsudava, teve tempo para pôr suas adagas onde pudessem ser facilmente alcançadas se as necessitasse.

Os instintos guerreiros afiados de Sabrine não puderam deixar de notar o que se requeria para alcançá-las, também.

Ele riu enquanto colocava um joelho sobre a cama, o som foi baixo e sedutor, enviando tremores de desejo através dela.

—O que o diverte? — ela nunca tinha sido muito jovial.

—Calculou a distância até minhas adagas quando as pus em seu lugar. O sorriso conhecedor em seu rosto se refletia em sua voz.

—E acha isso digno de riso?

—Encontro sua tentativa de brincar de donzela em apuros mais que digno.

Sua segurança sobre o engano de Sabrine não parecia havê-lo zangado.

—Sou quem sou.

Ele poderia tomar isso como quisesse. Ela estava mais à frente da dissimulação.

—E estou impaciente por descobrir exatamente o que significa isso.

Isso não passaria, mas que o dissesse assim poderia fazer que o laird sorrisse bobamente outra vez.

—Não quero desejá-lo. Essa era uma parte de verdade que podia compartilhar.

—Por quê?

—É um homem perigoso com quem me acasalar.

—Então também o sente?

—Pensei que era óbvio.

—Pergunto-me como soará sua voz em minha mente — disse ele enquanto baixava a cabeça para capturar seus lábios em seu primeiro beijo.

E só quando suas palavras ecoaram em sua consciência, Sabrine notou que haviam falado de dois aspectos muito diferentes do acasalamento. Ela se referiu à intimidade sexual.

Mas ele pensava que eram autênticos companheiros.

Deus não seria tão cruel.

Não importava quão atraente ou quão enigmático era seu caráter, não podia ser a companheira sagrada de um lobo. O céu não faria uma brincadeira tão maligna.

Seus agitados pensamentos se estilhaçaram quando os lábios se moveram com possessividade contra os seus. O sabor era incrível, como especiarias e água doce de um manancial. Intoxicada por sua proximidade se alegrou de estar deitada. Se estivesse em pé não acreditava que tivesse permanecido erguida.

Nunca tinha conhecido tais sensações.

Em toda sua vida, nunca tinha considerado sua boca um baluarte de tentação sexual, mas a sensação dos lábios de Barr contra os seus avassalou as profundidades de sua alma e vice-versa.

Barr passou a língua pela união de seus lábios, em uma demanda silenciosa que seu corpo, instintivamente, soube como responder. Sabrine abriu os lábios, lhe dando acesso a sua boca. Ele tomou imediata vantagem, intensificando o assombroso sabor que bombardeava seus sentidos.

Assaltou-a com o poder de um guerreiro e lhe devolveu o beijo, impulsionada por sua própria necessidade feminina de enfrentar força contra força, desejo contra desejo, suavidade contra dureza. Nenhum era superior ao outro, mas não questionavam que o corpo dele era maior e seus músculos mais fortes. Deveria assustá-la, mas não o fazia. Ela encontrava seu tamanho e força insuportavelmente excitantes, sobre tudo tão perto de sua própria nudez.

Era tudo o que poderia ter desejado em um companheiro, mas era um homem ao qual não podia convidar a entrar em sua vida real. Não obstante, desfrutaria desse momento de prazer enquanto o tivesse. Tinha conhecido pouca alegria em sua vida, não rechaçaria esse momento a seu corvo insistindo em que ela tinha o controle. Nunca conheceria esse prazer outra vez, estava irrevogavelmente convencida disso... assim pensava conhecê-lo agora. Mas quando morasse de novo entre sua gente, agradaria tanto ao lado carnalmente feminino de seu corvo e de sua natureza humana.

Ele se afastou, seu corpo enorme brilhava a luz da tocha.

—Tens sabor de ambrósia.

Ela riu por seu exagero.

—Meu sabor é o de uma mulher.

—Minha mulher.

—Por esta noite.

—Para sempre.

Não pôde fazer que sua boca pronunciasse uma negação, mas tampouco se permitiria expressar um acordo.

Ele flexionou seus grandes músculos, fazendo-os avultar-se em formas que tiveram a seu corvo gorjeando de desejo. Ele não era um Éan, mas entendia a necessidade de mostrar sua força e valor para ela, atraindo seu corvo mais perto da superfície do que tinha permitido Sabrine desde que mudou em pleno voo e caiu a terra. Ela levantou a cabeça e lhe acariciou o pescoço com o nariz em uma resposta instintiva, seu corvo procurava vincular-se com seu lobo.

Um olhar de satisfação cobriu os traços masculinos quando ele inalou profundamente.

—Agora posso cheirá-la. Não o seu lobo, se não o seu Otherness, ali para mim. Só para mim.

—Só para ti. —Não se arriscaria a ver-se exposta ante o resto de seu clã.

Havia algum motivo para que Verica mantivesse sua natureza de corvo oculta e seu irmão também o ocultava. Sabrine supunha o porquê, também.

O resto dos Faol não seria tão tolerante com os que pertenciam aos outros como Barr.

Ela estendeu uma mão e acariciou seu rosto, a loira barba de um dia raspava contra sua palma.

—É um homem especial, Barr, a diferença de outros de sua classe.

—Agrada-me que pense assim.

Sua voz ressoou pela confiança.

Sacudindo a cabeça, ela sorriu.

—Também é muito arrogante para seu próprio bem.

—Se você diz.

— Digo.

—Possivelmente devo impedir que mais acusações saiam desta adorável boca. —Seu olhar cinza acariciou seus lábios fazendo-os formigar, e parte do olhar era como se fosse um verdadeiro beijo.

—Possivelmente deveria. Se isto significava mais desses beijos prazerosos, estava completamente a favor.

Ele se agachou e voltou a reclamar seus lábios com uma paixão que ela não teve dificuldade em equiparar. De fato, foi tão fácil que a assustou.

O que faria quando tivesse que deixar esse homem? Mas devia deixá-lo. Sua vida e o futuro de seu povo dependiam disso.

Os dedos calosos roçaram um de seus flancos até que uma enorme mão embalou a pequena curva de seu seio. Ele incitou seu mamilo com seu polegar até que ela pensou que cairia da cama. Cada golpe do polegar contra o sensível botão enviava uma pontada reflexa de prazer para sua matriz, fazendo que as dobras entre suas pernas também se contraíssem.

Uma abrasadora aceitação sexual emanou entre eles.

—É tão sensível.

—Tem muitas com quem me comparar? — perguntou ela, sem esforçar-se por esconder a irritação que lhe causava esse pensamento.

Barr elevou suas sobrancelhas castanhas enquanto seus lábios se moviam nervosamente.

—Não muitas.

—Quantas? — exigiu ela, suas mãos se apertaram contra os pétreos contornos do peito de Barr.

Nenhum homem deveria ser assim de forte. Nem assim de irresistível.

—Uma talvez duas.

—O que significa isso? Uma ou duas? — insistiu ela, sua agitação aumentava.

—Meu antigo laird desaprova o sexo salvo se suportar um enlace permanente.

Ela reconhecia uma distração pelo que era, mas não pôde menos que observar:

— Isso não impede que os Faol possam controlar sua mudança?

— Até que tenham sexo? Sim.

A sutil tensão diminuiu de seus ombros.

— Isso não soa como uma boa estratégia.

— Ele acredita que alguns costumes são mais importantes que a estratégia.

— Como o amor?

Barr riu e o calor de sua risada a atravessou em uma classe totalmente diferente de prazer.

— Talvez agora que encontrou o amor com sua esposa, mas não antes. Não, considerava que a possibilidade de criar um vínculo sagrado em um momento ocasional ou um mal concebido acasalamento era algo a se evitar a todo custo.

Havia algo mais ali, podia ouvi-lo na voz de seu formoso guerreiro.

— Por quê?

— Seu pai era o autêntico companheiro de uma inglesa que traiu a nosso clã, causando a morte de nosso laird e de muitos de nossos melhores guerreiros.

A mulher que causou a cicatriz de seu irmão tinha sido a companheira sagrada do laird. A dor que tinha causado à matilha se fazia evidente em cada linha de seus fortes traços.

— Era humana?

— Aye.

— É muito fácil subestimar sua força.

— É o que diz a esposa do Balmoral.

O Balmoral vivia em uma ilha e os Éan sabiam pouco sobre seu clã.

— Diz?

— Aye, sendo humana e tendo posto Balmoral de joelhos, acredito que poderia ter razão.

— É aos Faol a quem meu povo observa mais estreitamente — admitiu ela.

Barr a olhou com estranheza, mas não lhe exigiu uma maior explicação e por isso se sentia agradecida. Não poderia fazê-lo sem trair aos Éan e morreria antes de fazê-lo.

— Assim, uma ou duas? — voltou a perguntar, quando se fez evidente que Barr acreditava ter esquivado sua anterior pergunta com muita habilidade.

Ele suspirou, seu grande corpo se pressionou contra o seu.

— Duas.

— Isso não me faz feliz — disse ela, sem entender realmente sua própria reação, mas não demonstrou interesse em fingi-lo.

— Posso dizer que não foram importantes. Seus olhos a devoraram com preocupação. — Nenhuma mulher foi minha amante.

— O que significa isso? — tinha tido sexo com elas. Acabava de dizê-lo.

— Uma era uma viúva chorando a morte de seu marido.

—E assim simplesmente decidiu consolá-la? — perguntou Sabrine, o sarcasmo de sua voz gotejava fel.

Ele pareceu aliviado.

—Isso foi exatamente o que aconteceu.

—Quão encantador para ela.

Esta vez Barr não perdeu sua ironia e sua careta lhe deu um pinga de satisfação.

—E a anterior? — inquiriu ela.

—Não desejava viver sem controlar a mudança.

—E?

—E então encontrei a uma companheira complacente e tive sexo em uma noite de caçada.

As linhas profundas de suas bochechas lhe disseram que isto nem tinha sido agradável, nem um momento do qual estava orgulhoso.

—Era Faol?

—Aye. Ambos éramos muito jovens. Era um dos estranhos lobos fêmeas que não nascem com o controle de sua mudança. Isso a humilhava.

—Assim concordaram solucionar o problema do outro.

—Aye. Perdi a dois de meus mais próximos amigos por causa disto.

—Por quê? — Sabrine não entendia um resultado tão terrível se a mulher o tinha desejado. A menos que... —desenvolveu sentimentos por ti que você não correspondeu?

Sabrina podia entendê-lo muito bem para seu próprio gosto.

Barr emitiu um som de amarga diversão.

—Absolutamente. Acabou que minha companhia era embaraçosa para ela. Se for honesto, confesso que me sentia igual com ela. Embora não fizesse sentido para mim.

Sua perplexidade era quase divertida. Ele não se permitia experimentar emoções que o debilitassem, assim como tampouco ela.

—Mencionou a dois amigos? O outro era seu irmão? Ou possivelmente seu pai?

—Um de meus melhores amigos resultou ser seu autêntico companheiro. Desafiou-me depois de inteirar-se que eu tinha tomado sua inocência.

—Não o matou.

—Nay, mas nesse dia enterramos nossa amizade.

—Sinto muito. Lamentava que tivesse perdido a um amigo, mas Sabrine ainda se sentia incomodada de que tivesse tido sexo com essas mulheres. Não fingiria aflição porque Barr já não era amigo da mulher.

—Sinto não vir a ti intacto, tal como você vem para mim. A sinceridade em sua voz aplacou alguns sentimentos negativos que a incomodavam.

—Não deveria me importar — reconheceu.

—Mas o faz.

—Aye.

—Só posso prometer a você minha fidelidade de agora em diante.

—Não o faça. Por favor. —Suplicou com os olhos embora não disse a palavra em voz alta.

Barr estreitou seu olhar.

—Nenhum de nós terá opção.

—De verdade? — perguntou, meio temerosa de sua resposta.

—Aye. Você não acha?

—Nay. —Se o fizesse, estaria fora de sua cama e de seu quarto mais rápido do que ele podia piscar. Seu companheiro verdadeiro não existia, e se o fazia, não era um lobo.

—Um de nós está equivocado.

—Sim.

—Está certa em que sou eu.

—Estou.

E parte dela, uma parte realmente estúpida, sentia-se afligida por esse fato.

Ele sorriu ufano.

—Vamos investigá-lo, certo?

Durante um momento, um terror que jamais tinha conhecido a paralisou. E se tinha razão? E se era o companheiro de que estava tão segura que não existia?

Mas ele não podia sê-lo. Um acasalamento entre os Faol e os Éan era estranho. E dos poucos que tinham acontecido, muitos terminaram em traição e morte para o Éan.

Seu corvo insistia em que compartilhar intimidade com esse homem não seria perigoso para ela; Sabine tinha que acreditar em sua ave. O corvo nunca tinha feito com que se equivocasse, nem sequer uma vez.

—Vamos. Aferrou-se a seu corpo, derrubando-o sobre ela para reatar esses beijos assombrosos.

Esta vez foi ele quem se moveu contra ela, enquanto sua língua pressionava seus lábios. Barr a fazia parecer pequena, enchendo seus sentidos até que somente existia ele para ela. A dureza que Sabine sentia contra seu corpo era uma grande parte da anatomia de Barr. Não tinha ideia de como encaixariam, mas esse era um problema que deixaria contente nas mãos dele. Estava ocupada aceitando o fogo que transpassava suas veias enquanto seus corpos se esfregavam em uma imitação do ato por vir.

Poderia não ter experimentado nunca o sexo, mas os Éan não tinham tabus sobre a intimidade sexual como os outros clãs.

Barr passou a mão entre suas pernas, tocando-a em um ponto que a fez gritar em sua boca. A alegria era tão intensa, o prazer tão exorbitante, que não pôde contê-lo em seu interior.

Um grande dedo deslizou na sua vagina, não com profundidade, mas o suficientemente longe para que ela não pudesse ignorar a intrusa presença.

Ela gemeu e nem sequer sentiu um pinga de vergonha por isso. Ele estava em seu interior, inclusive se não fosse seu membro, o momento foi tão íntimo que carecia de padrões com o que compará-lo.

Além de seu irmão menor, não tinha permitido que ninguém se aproximasse, e isto estava além da cercania. Isto era unir-se. Durante esse momento no tempo, não eram Faol e Éan. Eram dois fazendo uma só pele. Homem. Mulher. Juntos como um, ambos e nenhum de uma vez.

O dedo a penetrou um pouco mais e uma dor pulsou em sua matriz. Foi tão inesperado que não pôde evitar reagir.

Seu som de angústia fez que Barr afastasse a boca, sua respiração era trabalhosa.

—Tratarei de não magoá-la, mas a barreira de sua intimidade deve ceder.

E rasgar-se e sangrar. Tinha ouvido o que aconteceria, mas experimentá-lo estava além de sua imaginação.

Não seria menos que outras mulheres, sem importar a raça, fossem humano ou Chrechte, que o tinham sofrido durante milênios antes que ela.

—A dor é parte disto.

—Pode ser mínima.

Ele a beijou brandamente, na comissura de sua boca.

—Como sabe?

—Minha viúva me disse isso, quando admiti o total fracasso de minha primeira vez.

—Não quero ouvir sobre a viúva. Não era tua, verdade? Não a reclamou. As plumas de seu corvo se alvoroçaram; e Sabrine não gostava que falasse dessa mulher de uma forma possessiva. Absolutamente.

—Nay, não o fiz. —Acariciou-lhe o rosto, tirando o cabelo do rosto de Sabrine. —Ela tornou a casar-se.

—Então não a chame tua —ordenou Sabrine com irritação, inclusive enquanto se derretia sob seus prazerosos serviços.

—Como desejar, minha pequena fera.

—Só sou pequena a seu lado. Inclusive um javali seria pequeno junto ao gigantesco guerreiro.

Ele deu de ombros, deslocou o dedo, roçando de um lado a outro com pequenos movimentos. Ela não podia decidir se desejava fazer pressão, ganhando mais dessa sensação ou afastar-se da pequena pontada de dor. Barr deslizou seu polegar sobre esse lugar de intenso prazer uma e outra vez com rapidez, Sabrine arqueou as costas, pressionando-se contra seu dedo. A conexão era tão pequena e ainda assim tão grandiosa. Assustadora.

Forçando-a ser totalmente consciente de si mesmo como mulher Chrechte pela primeira vez.

Capítulo 7

Nessa cama seu rol como guerreira não existia. O compromisso de proteger seu povo não dominava seus pensamentos. Pelo contrário, o desejo carnal a tinha apanhado em suas vorazes garras.

—É tão formosa — grunhiu Barr, sua voz era áspera ao dizer as palavras com uma sinceridade que não podia ficar em dúvida.

Nunca se considerou bela e assim o disse.

Seu grunhido esta vez foi de puro desgosto masculino.

—É tudo o que sonhei em uma companheira e nunca acreditei que teria.

—Não somos companheiros.

Não podiam sê-lo. Rejeitava considerar essa possibilidade.

Barr sorriu hermeticamente, burlando de sua obstinada declaração.

—Veremos.

—Seu lobo se engana — insistiu ela. —Não sou sua companheira. Seu corvo nunca a introduziria em uma situação tão insustentável.

Não podia pensar em nada pior que descobrir seu Companheiro sagrado e ter que abandoná-lo. À exceção de guiar aos Faol para os últimos de sua raça para que fossem destruídos.

—Meu lobo nunca se engana.

—Possivelmente esta vez... ahhh... — Barr lhe esfregou o clitóris com o polegar, enviando-a para uma nuvem de absoluto êxtase em que não havia espaço para discussões ou protestos.

Barr baixou a boca, não para pressioná-la contra seus lábios a não ser para sugar seu pescoço e deixar ali sua marca. A perspectiva de levar no corpo o sinal de sua reclamação, embora pelo curto tempo que a marca demorasse a curar, fez que um cataclismo de emoções a atravessasse.

A percepção de Sabrine se fragmentou em mil pedaços quando Barr começou a conhecer seu corpo com a boca e mãos de uma forma que nunca acreditou experimentar. Acariciou-lhe os seios e as partes internas de suas pernas. Mordiscou-lhe o ombro, para logo lhe acariciar com o nariz a curva de seu pescoço, enviando seu corvo ao êxtase. Degustava-a enquanto esfregava seu corpo com o seu, mesclando seus aromas até que ela acreditou que esse nunca voltaria a ser o mesmo.

Permitiu à mesma liberdade com seu imponente corpo cheio de cicatrizes, seus músculos se esticaram sob cada carícia de seus dedos. Barr tinha sabor de vento indômito, seu lobo estava perto da superfície como seu corvo. E em vez de temer à besta, Sabrine tinha muita vontade de conhecê-la.

Depois de longos e agônicos minutos de estimulante prazer, ele pôs sua boca ali, entre suas pernas... sobre sua carne mais íntima; sua língua substituiu a seu polegar, desatando inimagináveis emoções.

As sensações se elevaram em espiral, mais e mais, até que sentiu que suas percepções se estilhaçavam e seu corpo convulsionava em um agônico prazer que estava segura nenhuma outra mulher tinha conhecido jamais. Tão entristecedor e tão intenso que poderia morrer por sua causa; seu coração poderia deter-se, mas ainda assim, esse seguiu pulsando em seu peito com um frenético repico. Barr voltou a penetrá-la com o dedo, afundando-o ainda muito mais, e o ardor da

total penetração ao atravessar sua virgindade se mesclou com um prazer absoluto, ocasionando um fio tanto de alívio e desencanto ao ato.

Sabrine lançou um grito, o som que escapou de sua garganta era o de uma mulher além de sua resistência e ao mesmo tempo exultante.

Ele a tocou causando pequenos tremores em todas as partes de seu corpo, até que ela perdeu toda a tensão em seus membros e se derreteu sobre as mantas.

Barr se levantou, seu magnífico corpo voltou a estar exposto ante ela e seu corvo não pôde menos que polir-se em seu interior.

—Está pronta para nossa união?

Não lhe disse que já estavam unidos, não admitiria um sentimento tão débil. Tampouco lhe diria que estava preparada, porque não estava segura de estar. O que realmente fez foi sorrir, expressando a cabal extensão do prazer que lhe tinha outorgado ao exhibir-se ante seu saciado olhar.

Os olhos de Barr se obscureceram e a segurou pelos quadris, pressionando seu magnífico membro viril contra sua carne exposta. Penetrou-a com a ponta de seu cheio membro, lhe proporcionando de uma vez um intenso prazer enquanto a sobressaltava a sensação de ser estirada e estirada até não poder mais.

—Está bem? — perguntou ele, sua frente se encontrava perlada de suor.

—Sim.

Ele investiu, deslizando-se mais fundo em seu interior. Ela fechou os olhos, concentrando-se no que estava sentindo. Existia mais que um vínculo físico. Muito mais. Era místico e espiritual, e totalmente aterrador. Sabrine sentiu o brilho da magia da mudança titilar entre eles, embora nenhum estivesse chamando a sua natureza Chrechte. Seu sexo a encheu, mas se sentia como se fosse além de sua quente fenda. Barr a enchia com sua mesma essência e sua alma se estendeu dentro da sua.

Quando seu pênis alcançou as profundidades de sua vagina, o corpo dela se esticou em outro esmagador clímax. Seu corvo grasnou a palavra Chrechte para companheiro em sua mente, enchendo o silencioso vazio em seu interior, o lugar que tinha estado deserto desde a morte de seus pais.

Sabrine abriu os olhos bruscamente e se encontrou com seu olhar cinza repleto por uma ternura que não podia entender. Ele era lobo. Ela corvo.

Esse momento poderia destruí-la.

Mas possivelmente valia a pena o risco. Pela primeira vez em anos, a solidão que tinha sido sua constante companheira se dissipou sob o calor de sua presença, tanto em seu interior como em torno dela.

Seu irmão menor tinha sido criado por sua tia e tio, enquanto ela começava em uma idade muito precoce, o treinamento para converter-se na protetora de sua gente. Embora chamasse a muitos de família, a verdade de sua vida, da morte de seus pais e desde que foi nomeada guerreira, era que se proveu com uma afiada solidão que nunca ninguém atravessou, muito menos dizimou como Barr fazia com seu toque.

Sofria com o conhecimento de que se Barr não fosse lobo, ela o adoraria. Mas a cruel realidade era que nunca se acasaliariam. Sabrine e Barr não formariam a família que todo Chrechte desejava.

As lágrimas caíram das bochechas de Sabrine enquanto onda trás onda de prazer a atravessava, lançando Barr a seu próprio êxtase, sua semente saiu disparada até esquentar por completo sua matriz, seu corpo ficou rígido ante o devastador caudal de prazer, levando-o a beira da morte.

—Minha — grunhiu Barr, em Chrechte antigo.

E incontidamente, o corvo nela outorgou sua aceitação.

Ele secou suas lágrimas com beijos e logo simplesmente lhe beijou as têmporas, o rosto e por último seus lábios.

Ainda estavam unidos intimamente quando ela caiu adormecida.

* * *

Earc deixou que Verica explicasse a Sorch a razão de sua presença. Acreditava que a ordem de Barr seria mais bem recebida se vinda de outra mulher, mas o transtorno de Sorch e sua confusão eram notórios. Ela fez todo o possível por ignorá-los enquanto discutia com Verica.

Brigit estava ao seu lado, seu pequeno rosto se enrugava pela preocupação, seu olhar saltava de sua mãe à curandeira e vice-versa.

Earc acreditava que uma das mulheres deveria notar a necessidade de consolo da garota e fazer algo a respeito.

Quando nenhuma o fez, ele estendeu a mão e acariciou as costas de Brigit, refreando cuidadosamente sua força.

—Tudo ficará bem.

Brigit elevou a cabeça abruptamente e o olhou com os olhos bem abertos. Ele tentou lhe dar um sorriso tranquilizador.

Ela começou a tremer.

Earc encontrou o olhar de Verica e lhe deu um olhar fulminante para lhe fazer saber que ela devia ficar a cargo disto.

Um sorriso curvou seus lábios e ela acariciou o cabelo de Brigit.

—Não se assuste. Não é tão aterrador como aparenta.

Earc soltou um grunhido lhe advertindo sua falta de humor. Tinha desejado que consolasse à menina devido ao evidente desgosto de sua mãe; não havia necessidade que a tranquilizasse com respeito a ele.

Ele não era o problema aqui.

Embora a forma em que Sorch a olhava dissesse o contrário.

—Mas não necessito um guarda.

A mentira possuía um aroma rançoso ao mesclar-se com seu desespero, fazendo-o enfurecer.

Verica pôs uma mão sobre o braço da adorável viúva, a expressão da curandeira era compassiva, mas firme.

—Ambos sabemos que isso não é certo.

O olhar de Sorch se posou sobre sua filha enquanto se abraçava a si mesma.

—O que andou falando Brigit? — seu tom não continha acusação, nem rastro de cólera; pelo contrário estava bordado com medo e tristeza.

—Não disse nada, mamãe.

Sorcha puxou a sua filha, abraçando-a com força.

—Está bem, carinho. Não estou zangada.

—Mas não rompi minha promessa.

—Certo, não o fez — afirmou Verica. —Mas é um fato que esteve passando um mau bocado.

O olhar de Sorcha foi para a porta da cabana, sua agitação se fez evidente em sua acelerada respiração.

—Seu pai está morto, esse é o problema.

—Aye, é, e a forma com que o fez sem dúvida é parte disto.

Sorcha soltou a sua filha e olhou com preocupação a Earc.

—Foi abatido por uma besta selvagem quando caçava.

Seu intento de mentir foi tão pobre, que Earc fez uma careta. Claramente, a mulher acreditava que seu marido tinha morrido de outra forma.

Ela o olhou carrancuda.

—Duvidam de minha palavra?

—Aye.

Sorcha ofegou, seu rosto ficou sem cor.

Verica atraiu à outra mulher em um abraço consolador.

—Não se preocupe. Está segura e assim seguirá. O furioso olhar que enviou a Earc seria digno de qualquer guerreiro. —Earc não quis dizer que esteja mentindo.

—Aye, fiz.

E a mulher lobo sabia, porque dissimulava ante a humana?

Verica deixou Sorcha e se equilibrou para Earc.

—Seria amável de me acompanhar lá fora — cuspiu as palavras entre dentes.

Maldita fosse se não se via duas vezes mais bonita zangada.

—Barr disse que devíamos ficar com a mulher — recordou a Verica.

—A mulher tem um nome. Sorcha.

Acaso acreditava que se esqueceu?

—Sei.

Os punhos de Verica aterrissaram em seus quadris e sua ira aumentou até fazer que o sangue de Earc fervesse... embora com uma emoção muito diferente.

—Então tenha a cortesia de utilizá-lo quando se refere a ela — disse bruscamente Verica.

Ele inclinou a cabeça para Sorcha.

—Não era minha intenção ofender.

Sorcha olhou para ambos com olhos tão abertos como os de sua filha.

—Não estou ofendida.

Ele assentiu e dirigiu a Verica seu olhar mais paciente.

— Viu? Não ofendi Sorchia.

— Mas me ofendeu.

— Não ganharei esta discussão, certo?

— Certo.

— Vais seguir zangada? — Earc tinha esperado que a missão que lhe encarregou seu laird fosse uma oportunidade para falar com ela.

Com seu cabelo multicolorido tão diferente ao que tinha visto em outras mulheres, Chrechte ou em qualquer outra, e sua curiosa mescla de compaixão e feroz temperamento, a curandeira o tinha fascinado desde sua chegada a terras Donegal.

— Seguirá atuando como um guerreiro arrogante e sem tato?

— É assim como estive atuando?

É que em sua mente os guerreiros eram educados bonequinhos?

— Aye.

— Então, é muito provável.

Circin uivou uma gargalhada e Earc se voltou para ele. O jovem rapidamente controlou seu sorriso, mas o humor brilhava em seus olhos.

— Recordarei sua risada amanhã durante o treinamento.

Circin empalideceu com satisfatória velocidade, mas sua bela irmã fez o ruído de uma panela ao chegar ao ponto de ebulição.

— Atrave-te a ameaçar a meu irmão? Esquece que será seu laird?

— Ele nunca será meu laird — lhe informou Earc, com certeza absoluta.

— Barr prometeu que deixaria a liderança do clã pouco antes que Circin faça vinte e cinco anos. Diz que me mentiu? — ela estava decidida a deixá-lo zangado.

Mas ele se negou a picar o anzol.

— Meu líder nunca mentiria nem sequer para acalmar a uma harpia injustificadamente desgostada.

— Me chamou harpia?

O ar em torno deles fervia a fogo lento com sua fúria. Foi uma mudança bem-vinda sobre o medo de Sorchia. Inclusive nesse momento, a cozinheira parecia mais interessada na discussão entre eles que em seu próprio problema.

— Acredito que a questão aqui, é Earc não ter a intenção de ficar com nosso clã depois de que seu amigo renunciar ao cargo de laird — intercedeu Circin antes que Earc pudesse responder.

Verica ficou tensa e sua expressão se voltou ilegível para ele.

— É isso o que quer dizer?

— Aye. Em grande parte. Uma vez que Barr promova Circin como seu primeiro ao mando, é provável que eu volte para minha posição entre os Sinclair.

— E qual era?

— Um guerreiro Sinclair. Isso era tudo o que sempre tinha querido ser.

—Não considerará ficar? — perguntou Circin, olhando de soslaio a sua irmã.

Earc encolheu os ombros. Ninguém sabia o que o futuro poderia trazer. Um ano atrás teria jurado que nunca deixaria seu clã.

—Faltam alguns anos para isso e não vale a pena preocupar-se com isso nesse momento.

Verica assentiu como se lhe estivesse falando.

—Estou de acordo. Agora mesmo pelo que mais devemos nos preocupar é por convencer Sorchá de aceitar o guarda que seu laird lhe atribuiu.

—Não desafiará as ordens de nosso laird — disse Earc a Sorchá.

Depois de dar sua própria ordem, girou-se para Circin.

—Você e eu dormiremos perto da porta. Verica pode compartilhar a cama com a Sorchá e Brigit.

Verica fez esse som outra vez, aquele que indicava seu descontentamento, mas Earc não cometeu o engano de lhe perguntar o que estava mal. Sempre foi difícil entender as mulheres, mas ela era a pior de todas.

Já era muito mau que o fizesse arder. Seu tempo entre os Donegal estava se convertendo em uma tortuosa prova para seu autocontrole.

—Tenho minha própria cama, meu pai a fez — disse Brigit.

Earc lhe sorriu.

—Ah, sim?

—Ali está. —Ela assinalou um pequeno nicho na parede junto ao fogo.

O amor que sentia por seu falecido pai brilhou nos olhos da garotinha. Earc ignorava como morreu o homem, mas pelo comportamento de Sorchá podia adivinhá-lo. A besta selvagem tinha sido um não-tão-selvagem lobo. Um de seus irmãos.

A raiva ferveu em suas veias ante a perspectiva de que um Chrechte se comportasse assim.

—Não me imporei a Sorchá porque você o diz — declarou Verica. —Posso fazer uma cama no chão.

—Não quero escutar nada semelhante — respondeu Sorchá, a hospitalidade do clã vindo à tona. —Se tiverem a intenção de ficar, minha filha compartilhará minha cama e a curandeira tomará a cama de Brigit.

Embora ela respondesse aos comentários de Verica, dirigia suas palavras a Earc.

Earc pôde ver, pela tensão em seu semblante, que isso irritava à sedutora curandeira.

—Refrescarei a roupa de cama com lavanda — declarou Brigit antes de sair pressurosa da cabana.

—Vá com ela. — instruiu Earc a Circin, quem já se encaminhava para a porta.

Sorchá moveu a cabeça com ternura.

— Ela a adora — disse a Verica.

—Ela é uma aprendiz maravilhosa.

—Quis que esperasse um par de anos, ao menos até ter treze verões antes que iniciasse sua formação, mas depois que seu pai... — Sorchia suspirou, sua voz se apagou. —Necessitava algo que a ajudasse a vencer a dor.

—Comecei minha formação quando era o bastante alta para mover o pote de ervas, mas nessa época era minha mãe quem me ensinava. A voz de Verica ressoou com uma antiga, mas ainda aguda pena.

Parecia que muitos Donegal sofriam uma profunda dor de um ou outro tipo, e Earc se viu obrigado a perguntar-se quanto seria responsabilidade de Rowland. Como laird ele era responsável pelas ações de sua gente, embora não estivesse diretamente comprometido. Barr tinha muito mais que fazer nesse clã que só treinar soldados e preparar a um juvenzinho em seu papel como futuro laird.

—Sua mãe tinha um trato gentil.

Sorchia ia e vinha ativamente pela cabana, movendo isto, arrumando aquilo, seu olhar ia da porta às janelas e vice-versa.

—Mas não era débil.

—Aye. Parecia como se um forte vento pudesse levantá-la e levar-lhe, mas até Rowland temia zangá-la. —O aborrecimento e o medo no tom de Sorchia quando pronunciou o nome de seu antigo laird revelaram muito.

—Poucos se opuseram a ele depois de que ela morreu.

Havia uma mensagem adicional nas palavras de Verica e Earc era um guerreiro experiente para captá-lo.

—Aqueles que o fizeram morreram. —Sorchia tampou a boca com uma mão. —Não quis dizer...

—Aye, fez e repetirá o mesmo amanhã quando falar com seu laird.

—Ela dirá o que acredita ser conveniente e nenhuma palavra mais. —As mãos de Verica pousaram em seus quadris outra vez causando involuntariamente, estava seguro disso, que seus seios se elevassem e se tornassem mais proeminentes.

Seus olhos azuis cintilaram desafiantes. Ele não pôde evitar que sua mente divagasse por um atalho onde esses mesmos círculos azuis ardessem fulgurantes, mas com luxúria em lugar de resistência.

Mas isso não importava, esse era um assunto no qual não se comprometeria.

—Contará a seu laird o que precisa saber para conduzir e proteger a esse clã.

—E quem nos protegerá quando ele parta? Não você, já que também irá.

Ela o fez soar como uma acusação.

E Earc não entendia a razão. Não planejava deixar o clã enquanto sua força de guerreiro e habilidades fosse necessária.

—Quando Barr voltar com os Sinclair, seu irmão e seus soldados assumirão a tarefa.

—E o que acontecera se partir antes? — ela parecia falar muito a sério.

Entretanto, o que propunha era uma tolice.

—Ele não abandonará a esse clã.

—Poderia não ter opção.

Sorcha assentiu, mas não disse nada.

—O que quer dizer? — questionou Earc.

O rosto de Verica mostrou sua dor durante um momento antes de ocultá-lo com uma expressão de completa determinação.

—Crê que meu pai desejava deixar esse clã nas mãos de Rowland?

—Barr não vai morrer durante uma caçada. Certamente, Earc encontrava estranho que o pai de Verica o tivesse feito. Poucos animais podiam vencer a um lobo Chrechte e só quando esse estava muito ferido ou exausto. Possivelmente o pai de Verica tenha sofrido ambas as situações. — Não há uma besta o bastante poderosa ou ardilosa para vencer Barr.

—Meu pai acreditou o mesmo, inclusive depois que minha mãe o advertiu. A traição não necessita de uma força superior ou de astúcia... só necessita da confiança. —Os traços de Verica mostraram uma pena terrível antes de recuperar sua expressão decidida.

—Barr não confia em ninguém nesse lugar, só em mim.

Se acreditou que a verdade a ofenderia, equivocou-se. Mulher contraditória via-se aliviada.

Sorcha olhava a ambos com os olhos entreabertos, seu nervosismo perfumava o ar.

Nesse momento, Brigit entrou agitada na cabana com os braços cheios de lavanda, precipitou-se para seu pequeno quarto sem dizer uma palavra a ninguém.

Circin sorriu indulgentemente em sua direção antes de ficar frente à Earc.

—Rowland vinha à cabana quando viu a Brigit e a mim, deu a volta e tomou outra direção. Circin franziu o cenho. —Brigit me agradeceu por isso.

Ele estudou com atenção a Sorcha e seu rosto compungido. As lágrimas caíam por seu rosto e ela fugiu da habitação, escapando à área detrás de um painel divisório. Earc supôs que era onde dormia já que não havia rastro de uma cama à vista. Depois de um olhar de pura frustração a ambos os homens, Verica partiu, retorcendo suas mãos enquanto se apressava a seguir à outra mulher.

Circin olhou Earc.

—Que disse?

Earc se encolheu de ombros. Possivelmente o jovem guerreiro tinha obrigado Sorcha a reconhecer aquilo que se negava a assinalar. Não podia estar seguro sem comprová-lo, mas podia intuir o que esteve ocorrendo. Rowland se aproveitou de seu papel como laird e da viuvez de Sorcha, e inclusive possivelmente poderia havê-la causado.

A ideia de que outro guerreiro Chrechte se aproveitasse dos mais fracos fez que a bÍlis subisse pela garganta de Earc. Desejava matar Rowland. O antigo laird era uma praga na herdade Chrechte.

—Deveria pedir desculpas? — perguntou Circin.

—Por quê?

—Machuquei seus sentimentos.

— Não foi você quem a machucou.

—Mas...

—Se um dia for laird e se não quiser que sua posição seja denegada a você pelo queridíssimo rei Sassenach da Escócia, aprenderá a aceitar as consequências da verdade.

Circin disparou um olhar para o painel divisório e logo onde Brigit estava ocupada em seu pequeno quarto, o aroma da lavanda flutuava pelo ar da cabana.

—Fiz sua mãe chorar.

O moço tinha dezesseis verões, mas era tão jovem.

—Não fez chorar à mulher; foi a situação em que se encontra.

—O que exatamente está acontecendo?

—Ela o dirá amanhã a seu laird. —Até esse então, Earc guardaria suas especulações para si mesmo. Eram acusações graves, da classe que terminava na morte de alguém.

Circin assentiu.

—Se o tivesse feito quando Barr assumiu a liderança do clã, acredito que nos teríamos liberado faz muito da insuportável presença de Rowland.

—Ela não confia nele. Não tinha forma de saber que Barr pertence a uma classe diferente de homem. E maldito fosse Rowland por fazer que a mulher tivesse que questioná-lo. —Embora tenha tido um mês para compreendê-lo.

—Não é simples assim — disse Verica discretamente quando se reuniu com eles em frente ao fogo. —Ela e Brigit se deitaram, embora aposte que Sorcha não dormirá esta noite.

—Não é correto que uma mulher aposte — brincou Circin.

E recebeu um cascudo na cabeça por sua provocação.

—Já o mostrarei o que é correto.

—Mostrará mais respeito que esse, se deseja que esse clã o aceite como seu laird — disse Earc com secura.

Mostrando-lhe que ela sabia distinguir uma brincadeira quando a ouvia, Verica lhe sorriu sardonicamente.

—Aye, quando estivermos frente ao clã, mas só entre nós, ainda é meu irmãozinho.

—O que quer dizer então? Que não conto a seus olhos? — o humor se evaporou tão rápido como tinha chegado. Não gostou dessa perspectiva.

Ela abriu a boca para falar, mas nada saiu enquanto um estranho rubor alvoreceu seu rosto.

Circin riu, o som foi discordante na cabana cheia de tensão.

—Deve vê-lo como da família ou algo assim. Nunca me golpeou diante de alguém mais.

—Nunca o golpeei. Verica lhe deu um tapa no braço, desmentindo sua ultrajada reclamação.

Circin e Earc riram enquanto Verica se ruborizava brandamente.

—Deveríamos ir dormir. Ela fez todo o possível para soar mandona, mas a forma em que se preocupava com as dobras de seu plaid revelavam seus verdadeiros sentimentos, coisa que Earc adorava.

—Assim me considera um amigo íntimo? — ele sabia que tipo de proximidade queria ter com ela e não tinha nada que ver com a amizade.

A ligeira dilatação de suas delicadas fossas nasais indicava que ela também reconhecia seu desejo. Circin devia ser capaz de cheirar o crescente desejo de Earc por Verica. Em vez de ver-se alarmado por isso, como ela fazia, ou ofendido, como Earc se sentiria com sua própria irmã (fosse

uma reação racional ou não), Circin parecia contemplativo. Earc não estava seguro que esta fosse à melhor opção.

Sabia o que ele pensaria se a situação fosse à inversa. Matrimônio. Acasalamento. Permanência. Estivesse ou não preparado o outro guerreiro.

Verica os olhou, o cenho franzido danificava suas formosas feições.

—Vocês podem fazer o que lhes agrade, mas eu irei à cama.

—Não respondeu a minha pergunta. Agarrou-a pelo braço quando ela passou a seu lado.

Pareceu que o tempo reduzia sua marcha até deter-se enquanto uma força invisível formava um vínculo entre eles, fazendo que seu pênis se endurecesse e que seus pulmões ficassem sem ar. O corpo de Verica tremeu, mas ela se balançou para ele em vez de afastar-se.

Seus lábios se entreabriram de maneira sedutora, o aroma do desejo feminino incitou o desejo sexual de Earc até limites dolorosos. E o aroma de algo mais que seu lobo o golpeou como uma rajada embriagadora.

—Verica! — o pânico de Circin cortou a conexão entre eles e a bruma crescente de luxúria. —O que está fazendo?

Ela se retirou bruscamente, seu rosto se tornou lívido. Observou Earc como se lhe tivesse crescido outra cabeça... ou como se de repente se transformasse em Rowland ante seus olhos.

—Eu...

—Precisa deitar-se. —Pela primeira vez, Circin soou como o homem que um dia seria laird.

Ela assentiu, seus olhos estavam cheios de uma angústia que Earc não pôde entender. Não importava quão entristecedora fora a paixão de ambos, nunca a tomaria com seu irmão em casa.

Sua reação era exagerada para o que requeria a situação,

Sentia-se molesta por considerar deitar com ele?

O remanescente do medo nos olhos de Circin também estava fora de proporção.

—Um dia ela tomará um companheiro.

Circin afirmou com a cabeça, sua expressão agora era séria.

—Simplesmente espero que ele seja digno de toda sua confiança e afeto.

Já que esse era um sentimento que qualquer irmão sentiria, Earc não respondeu. Pelo contrário avivou o fogo antes de ir dormir, o que Circin e ele fizeram, cobrindo-se com seus plaids perto da porta.

Capítulo 8

Barr despertou abraçado a sua nova companheira.

O aroma do Othernes era forte, voltando uma fragrância que não acreditava poder prescindir, amoldava-se a ele com tanta precisão. Embora esbelta e de delicada estrutura óssea, era ligeiramente mais alta que as demais mulheres, fazendo-a perfeita para ele, colava-se a seu corpo como se tivessem dormido assim toda sua vida.

Não acreditava que fosse muito mais jovem que ele, o qual a punha em uma idade em que a maioria das mulheres já estava casada. Mas isto não significava que não estivesse prometida. Ficou rígido ao pensar que estivesse destinada a alguém mais. Era virgem, mas isso não negava que alguém a tivesse reclamado antes.

—Qual é o problema? — perguntou ela com voz sonolenta, enquanto ficava sobre suas costas e o olhava aos olhos.

Inclusive esta prova de que estava tão estreitamente vinculada a ele que sentia sua agitação enquanto dormia, não aplacou sua necessidade de uma resposta imediata.

—Crê que alguém mais possa ter direitos sobre ti?

As sombras encheram seus olhos castanhos, mas ela negou com a cabeça.

—Está segura.

—Não é uma coisa que esqueceria.

—Como o clã ao que pertence?

Ela fez uma careta e logo o olhou zangada como se ele fosse responsável pela ficção de sua memória perdida.

—Não estou prometida a nenhum homem.

—Agora está prometida a mim.

—Nay.

—Ontem à noite pronunciou seus votos Chrechte. Não pode desdizê-los. —Ela afastou o olhar, mas Barr não lhe permitiria evadir-se. Era muito importante. —Não me negue.

De repente ela rodou para ele, envolvendo seus braços em volta de seu pescoço até permanecer muito juntos. Sabrine tremeu contra ele, seu coração pulsava muito rápido e um sentido de tristeza, que Barr não entendia, rodeou-a.

—Sabrine? Diga-me o que a aflige — exigiu ele.

Ela jogou a cabeça para trás e encontrou seu olhar com olhos profundamente preocupados, sua doce companheira Chrechte não lhe podia ocultar seu apuro.

—Nenhum outro homem me reclamou como você o faz.

—Nenhum outro o fará.

—Nenhum — estive de acordo ela.

—É minha.

—Enquanto esteja aqui.

Barr sacudiu a cabeça em uma feroz negação.

—Sempre.

Sabrine trouxe como se tentasse conter um profundo abismo de emoção.

—Nunca darei a outro o que agora dou a você.

Aprenderia que não precisava tentar lhe esconder suas emoções. Toda ela estava segura com ele.

—Nay, não o fará. —A satisfação emanou dele.

Mesmo sabendo que como sua Autêntica Companheira não era capaz de enganá-lo fisicamente, gostou de ouvir sua promessa.

Ela riu brandamente.

—É um homem arrogante, meu laird.

—E você é uma mulher de estranha beleza. Nunca tinha conhecido uma mulher com feições tão delicadas, reunidas com tal elegância.

—Ninguém mais pensa assim.

Isso era algo que ele não acreditava.

—Os machos de seu antigo lar devem ter a visão danificada.

Ela se esticou, mas não disse nada.

—Quando não encontrei a nenhuma companheira entre os Sinclair, perdi a esperança de encontrar uma. Então Talorc me pediu para vir aqui e que o ajudasse a conduzir esse clã até que Circin esteja preparado para assumir seu posto e esperei outra vez. Nunca pensei que a encontraria nua no bosque.

—Nunca pensei encontrar a alguém como você, sobretudo entre os Faol.

—Nenhum outro homem será o correto para ti.

—Nunca permitiria que outro se aproximasse assim. —A ferocidade em sua expressão não permitia espaço para a dúvida.

—Sinto-me feliz que tenha esperado por mim.

Ela sacudiu a cabeça, outra vez tentando lhe esconder sua emoção.

—Não se esconda de mim.

—Não me escondo — disse ela severamente. Então seu olhar se suavizou, nenhuma máscara cobria a pena que não deveria sentir. —Não posso prometer a você “um para sempre”.

—Ninguém sabe o que trará o amanhã.

O corpo de Sabine se relaxou com óbvio alívio, dando a Barr seu primeiro vislumbre de verdadeira preocupação sobre seus futuros. Ela não acreditava que fossem autênticos companheiros. Nada mais. Uma vez que desse conta da verdade, passaria sua vida com ele.

Até então, reforçaria sua reclamação sobre ela através da união de seus corpos.

Embalou a suave curva de suas nádegas, as massageando enquanto juntava ainda mais seus corpos.

—Mmmm... se sente muito agradável. Moveu-se com ele, arqueando o corpo como uma gatinha. —Você é tão quente.

—É meu lobo.

—Eu gosto.

Um pensamento o inquietou em um rincão de sua mente... por que Sabine não era de sangue quente como ele? Mas se perdeu no calor de seu desejo.

Sua esgotada paixão ainda os rodeava com força e agora se mesclava com o perfume de seu renovado desejo mútuo.

Ele se agachou e tomou sua boca em um beijo devastador. A necessidade por conhecê-la dirigiu sua paixão tão ferreamente como o desejo que os consumia. Provar sua boca era suficiente... não, precisava prová-la outra vez, e outra, e outra até que seus sabores se mesclassem, até que não existisse diferença entre eles. Nem sequer para sua natureza Chrechte.

Ela estava tão envolvida, seu desejo era selvagem, sua resposta não tinha travas por sua recente inocência perdida. Isto enviou um relâmpago através dele, incrementado a tormenta de avidez até que trovões corriam por suas veias em vez de sangue.

O vínculo entre eles era muito diferente ao que tinha experimentado com seus pares anteriores. Tinha encontrado a libertação no sexo. Inclusive tinha encontrado certo nível de prazer físico que lhe fez pensar em voltar por mais. Mas não tinha conhecido o que na verdade significava unir-se a outro, sentir a conexão de seus corpos nesse lugar onde sua alma devia residir. O que havia entre eles dava crédito às antigas lendas sobre os Companheiros Sagrados, que formavam um enlace místico que ia além da comunicação mental.

Nada que tivesse tido em sua vida, mas seu avô estava acostumado a contar histórias de coisas semelhantes junto com contos inverossímeis sobre outras tribos Chrechte além dos lobos.

Mas podia sentir as emoções dela como se fossem as suas. Entretanto sabia que não o eram. Essa pena subjacente, a determinação e o medo não tinham começado em seu coração. Provinham dela. Como fizeram a exultação, o prazer e a comoção que Barr sentiu quando ela se deu conta de que a feroz possessividade e a satisfação masculina vinham dele.

Ela se afastou, seus olhos estavam totalmente abertos pelo medo.

—É isto normal? — ela inalou, mas sua respiração permaneceu errática. —Não posso acreditar que o seja. Ninguém me falou jamais de algo como isto... desta união mental.

—Não são nossas mentes que estão unidas, são nossas almas.

—Sempre foi de esta forma para ti? — sua voz ressoou tanto com esperança como com aborrecimento ante a ideia que houvesse sido assim.

Foi essa esperança o que lhe incitou a provocá-la um pouquinho.

—Pensava que não queria ouvir sobre minhas anteriores experiências sexuais.

O medo se converteu em pura irritação feminina, a esperança foi completamente eclipsada pelo aborrecimento. Imitando perfeitamente um grunhido, ela o exigiu.

—Diga-me isso.

—Nay, isto foi especial, só nosso.

—Não somos autênticos companheiros.

Não se incomodou em lhe responder; sua mente estava ocupada em outra coisa, e não por suas deliciosas curvas ou as ondas de emoções que fluíam entre eles. Um lobo não precisava imitar um grunhido. Os lobos simplesmente grunhiam. Ela não era lobo, mas era Chrechte.

As antigas lendas não eram um mero entretenimento. Eram verdadeiras. Existiam outras tribos Chrechte, mas como tinham conseguido passar despercebidas?

O medo aguilhoou sua conexão e logo uma esteira de desespero, sua fonte se sentia ligeiramente diferente à primeira vez que ele tinha experimentado esse incomum vínculo.

—Deixe de pensar — ordenou ela com voz sedutora.

Embora parte dele soubesse que Sabrine usava sua intimidade para distraí-lo, sua voz e a ânsia carnal que mostrava faziam que qualquer pensamento não relacionado com seu ofegante pênis fosse descartado.

Ela o beijou desta vez, sua boca quente e doce realizou uma reclamação que fez uivar a seu lobo com absoluta aprovação.

Sabrine o tocava, explorando seu corpo com suas pequenas e delicadas mãos. Essa conexão realçada palpitou no ar, voltando a combinar suas emoções, encantando os sentidos de Barr com seu descarado desejo.

Cada carícia foi a esse lugar em seu interior onde ele jurava que se encontrava sua alma.

Em sua primitiva paixão, ela possuía uma beleza celestial que desafiava às palavras ou expectativas. Não era uma simples mulher, definitivamente não era humana. Era uma princesa guerreira Chrechte de um tempo imemorial.

Sabrine se pressionou contra seu ombro e ele voltou a abraçá-la sem protesto. Apesar de toda a força que sentia em seu interior, ela não podia obrigá-lo a render-se a seu guia, mas como sua companheira podia dar a seu formoso amante esse presente. E o daria.

Veria que não tinha que esconder sua verdadeira natureza, que ele era suficientemente forte tanto para protegê-la, para reconhecê-la como igual, tal como os Chrechte faziam durante milênios.

Sabrine se sentou escarranchada sobre ele, um sorriso selvagem curvava seus lábios.

—É meu turno de tomar.

Uma prazerosa satisfação cobriu seu semblante mostrando que ele havia sentido seu desejo de fazer isto. Esta era a forma do ancestral acasalamento Chrechte. A vida entre os clãs humanos tinha levado a alguns Chrechte a adquirir muitas de suas restrições, fazendo que homens e mulheres sentissem que suas vidas deviam reger-se por elas. Barr estava contente de que Sabrine não se visse curvada pelos costumes humanos.

Sabrine colocou seu sexo contra sua ereção e ambos gemeram de prazer.

—Está segura? — Barr se encontrou perguntando, embora não tivesse tido a intenção de fazê-lo.

Mas na noite anterior tinha feito amor vigorosamente e ela era virgem. Inclusive uma Chrechte não poderia estar totalmente recuperada da perda de sua virgindade.

Seu olhar estudou a oferta e ela se agachou para beijá-lo.

—Estou segura de que o desejo — disse brandamente contra seus lábios.

—Então me faça seu.

E assim o fez, pressionando sua úmida e escorregadia carne sobre seu duro membro, encerrando-o no vulcânico calor de sua paixão.

Sabrine começou a balançar-se contra ele, paradoxalmente lânguida e feroz em sua paixão. O erotismo de suas ações o atravessou, fazendo que quase fosse impossível deixar de recuperar o controle. Contra toda expectativa, seu lobo o ajudou invocando ancestrais instintos que não entendia, mas aos que podia render-se. Ele era um guerreiro. Era um alfa.

Mas ela era sua princesa. Podia controlar e ele o permitiria. Ela podia tomar, e como amostra de sua força, ele podia dar. Podia-lhe importar menos que isto não tivesse sentido. Assim eram as coisas desde o começo dos tempos.

A carícia de sua carne aferrando-o incrementou seu prazer, conduzindo-o inexoravelmente para a culminação, o qual fez que seu pênis erupcionasse em uma série de violentas ejaculações. O som que lançou Sabrine não se parecia com nada que ele tivesse ouvido jamais, um agudo gorjeio que terminou em um gemido rouco enquanto paralisava em torno dele, lhe provocando outra onda de puro êxtase.

Barr gritou, ergueu-se e os fez girar-se de tal forma que Sabrine estivesse debaixo dele, enquanto ainda permanecia em seu interior. Sua virilidade deveria amainar, mas não o fazia, causando que a sentisse como uma sedosa e úmida luva que se aferrava a ele.

Os olhos de Sabrine se tornaram quase negros em sua paixão, seu cabelo negro azulado cintilava pela luz da alvorada que atravessava as altas janelas orientadas a oeste.

Sentiu a natureza Chrechte de Sabrine justo sob a superfície, lhe golpeando a consciência como as asas de uma ave contra uma porta.

Em seu interior, seu lobo se elevou para ir a seu encontro, uivando e fazendo cambalhotas de vitória. Tinha encontrado a sua companheira e nunca a deixaria ir.

Incapaz de fazer algo mais, esperando que estivesse tão ansiosa quanto ele, começou a investir dentro dela, reconstruindo seu prazer com uma velocidade impossível.

Esta vez, quando chegaram ao clímax seus gritos se misturaram, originando um som que facilmente poderia aumentar a necessidade de Sabrine, com uma compulsão ainda mais feroz que a de proteger a sua gente.

Esse era o risco de um vínculo sagrado, que poria a sua companheira sobre o clã, sobre a matilha. Quando sua companheira era digna, isso não era um problema, mas se não, levaria-os a classe de dor que o clã Sinclair tinha conhecido.

Sua mente lhe explicou isso, mas seu coração lhe disse algo mais. Disse-lhe que esta mulher, sua Sabrine, sua princesa, era digna.

Earc despertou pelo som de um suave movimento. Imediatamente esteve alerta, levantando do leito no chão para encontrar Sorcha diante do fogo.

Sorriu cautelosamente, as sombras sob seus olhos davam testemunho de quão pouco tinha dormido a noite anterior.

—Pensei em fazer nossos mingaus. O laird não desejaria que retornasse a meus deveres nas cozinhas sem seu beneplácito.

Embora suas palavras fossem uma declaração, os preocupados olhos lhe faziam uma pergunta.

—Minhas instruções são que não devo permitir que ninguém fale contigo até que Barr tenha a oportunidade de fazê-lo.

Seu corpo se desinchou como a bexiga de um porco ao ser cravada e a tensão no ambiente se dissipou o suficiente para que sua fúria, que tinha começado a elevar-se, se acalmasse.

—É bom sabê-lo.

—Realmente tem medo dele, verdade? — e ambos sabiam que Earc não se referia a Barr.

—Terror. —Suas mãos se fecharam, abriram, fecharam e abriram muitas vezes enquanto observava o fogo em silêncio.

—Nós lhe protegeremos.

—Nós? — perguntou ela, parecendo aturdida.

—Barr, Circin, eu.

—Circin é um moço.

—Aye, não pode fazê-lo sozinho, mas um dia será seu laird. Já sente o peso da responsabilidade por seu bem-estar.

—Rowland não sentiu tal peso.

—Rowland é um porco. —E ali estava Circin, ajustando seu plaid com uma mão enquanto que com a outra esfregava o rosto.

Ela riu, o som foi suave e um pouco assustado, mas divertido apesar de tudo. E se atreveu a dar um assentimento.

—Aye.

Ela preparou em silêncio o café da manhã enquanto Circin e ele se alternavam para realizar suas abluções matutinas no pátio. Earc rapidamente fez cargo de seus assuntos mantendo seus sentidos alerta por qualquer perigo potencial, a fumaça dos fogos das cozinhas no torreão era o único sinal da atividade no resto do clã.

Quando retornou à cabana, nem Verica nem Brigit se levantaram.

Estava surpreso de que Sorchia não tivesse despertado a sua filha, mas guardou sua opinião, voltando a analisar a reação de Verica para ele a noite anterior.

Um tranquilo golpe soou na porta, mas também poderiam ter sido trovões de verão pelo modo em que Sorchia respondeu. Ela ofegou, retrocedeu e lentamente se afastou do fogo e da porta, sua expressão era o terror personificado.

Earc ficou em pé e se localizou entre ela e a ameaça percebida no preciso momento em que a porta foi aberta por um empurrão, a pequena cabana não possuía uma pequena tranca que assegurasse a porta como careciam muitos dos lares que rodeavam o torreão. Circin se uniu a Earc, criando um muro protetor entre a assustada mulher e o Chrechte, açoitado de sua gente, que cruzou a porta.

Rowland parou em seco e fulminou com o olhar Earc e Circin quando os viu.

—Que demônios fazem os dois aqui? Agora ela vende seus favores a todos do clã?

O som que veio detrás deles faria que qualquer lobo se sentisse orgulhoso e esse não provinha de Sorchia. Mas Earc pôde distinguir os torpes movimentos da cozinheira e a forma em que procurou apoio contra a parede.

A voz de Verica se propagou pela cabana como uma vara.

—Atreve-se a fazer tais acusações, miserável velhaco assassino!

—Sou seu laird, senhorita, e faria bem em não esquecê-lo. Os olhos de Rowland se estreitaram com a afronta, seu aroma possuía a fetidez do rancor.

—O diabo o leve! — Earc avançou, obrigando ao homem a retroceder um passo embora não estivesse o suficientemente perto. —Me assegurarei de que Barr ouça que lhe desafiou o direito de dirigir esse clã.

Rowland não tinha a inteligência para sentir-se intimidado por essa promessa.

—Não desafiei a esse moço tolo absolutamente, mas esse clã me pertence e um dia será meu outra vez.

A cega presunção do bastardo privou Earc, por um momento, do ar necessário para falar.

—Estará morto muito antes que eu permita que esse clã seja liderado por outro, e esse nunca será você. A voz de Barr, impregnada com um poder que Earc nunca lhe tinha ouvido antes, encheu a cabana.

Rowland girou para o outro homem. Seus lábios se moveram, mas nenhuma palavra saiu, seu olhar voou pela pequena moradia, como se procurasse uma via de escape.

—Não desejava ofender — balbuciou finalmente — só é a surpresa de encontrar a minha puta entretendo a outros em minha ausência.

—Sorcha não é uma prostituta e manterá sua asquerosa boca fechada se for tudo o que tem a dizer. O tom de Circin voltou a mostrar as sementes de sua futura liderança.

—Entretém a dois guerreiros em sua cabana antes da primeira comida. Como chama a isso? — Rowland zombou, parecendo muito mais crédulo em suas asquerosas insinuações que em suas tentativas de desculpas a Barr.

O ar que rodeava Barr brilhou com sua fúria.

—Meu amparo.

A confusão no rosto de Rowland fez que Earc sentisse vontade de rir. O homem não entendia o porquê Sorcha necessitava amparo, ou mais provavelmente, não compreendia a razão pela que Barr sentisse a necessidade de dá-la.

Chamá-lo porco era um insulto aos porcos.

—Minha irmã esteve aqui toda a noite e a filha da mulher. Que classe de maldade faz que um homem possa ver algo repreensível nisso? — demandou Circin com desgosto.

—Que eu saiba sua irmã poderia ter ajudado a lhes entreter — cuspiu Rowland, provando outra vez que carecia da inteligência de uma pulga.

Circin se adiantou, sem dúvida tinha a intenção de desafiar ao ancião Chrechte, mas Earc não permitiria.

Rowland já não era jovem, mas não carecia de força e lutaria sujo. Sem honra ou com artimanhas. Eram coisas que Earc ainda devia ensinar a rebater em batalha aos guerreiros Donegal.

Se os dois homens lutassem, Circin morreria e Verica sofreria. Earc não soube por que, mas esse pensamento foi insuportável. Além disso, lhe agradava o temerário jovem que tinha desafiado ao laird Sinclair pelo direito às terras que continham os mananciais sagrados.

Com a velocidade de seu lobo, Earc se deteve frente à Circin e enviou um murro à mandíbula de Rowland, tudo em um instante.

—Pedirá perdão a Verica por sua repugnante acusação ou me enfrentará em desafio.

Rowland havia balançado, mas não caiu. Franzindo o cenho esfregou a mandíbula, um hematoma já começava a se formar ali.

—Não tem direito a me desafiar pela cadela. Não é seu parente.

—É minha irmã — disse Circin furiosamente.

Não havia “mas” com relação a isso; tinha que tomar medidas drásticas. Que acabavam não sendo tão ruins.

—É minha companheira, a lei do acasalamento supera a qualquer outro laço.

A comoção de Verica alcançou e rodeou Earc, embora ela não emitisse uma só palavra. Circin grunhiu com satisfação, seu aroma ainda continha cólera, mas também felicidade e se Earc

não acreditasse impossível, teria pensado que o moço tinha planejado esse giro dos acontecimentos.

A expressão de Barr não mudou e seu apoio a seu primeiro era total. Encarou a Rowland.

—No improvável caso de que sobreviva ao desafio de Earc, enfrentará a mim pelo mando do clã Donegal.

—Não tenho feito desafio algum.

—Isso não importa ancião — disse Earc, tão indignado que apenas podia suportar olhar ao homem. —Não sobreviverá ao meu.

—Permitirá uma luta entre um guerreiro muito mais jovem e um mais velho? — questionou Rowland a Barr em tom lastimoso. —Não seria justo.

—Soa como um menino ao que lhe tiraram seu doce. Se tivesse desejado de evitar o desafio, deveria ter mantido fechada sua asquerosa boca. Nenhum pinga de compaixão se escutou na voz de Barr.

—Negu-me. Deixarei o clã — disse ele como se fizesse uma grande concessão. —Mas não lutarei contra dois gigantes como vós.

—Suas ações e atitudes lhe assinalam como uma ameaça para esse clã e seu comportamento para Sorchia infringiu a lei da matilha. O desterro não é uma opção.

—A lei da matilha não se aplica aos humanos.

—Quando vive entre eles, sim.

—É absurdo. Não são nada comparados conosco.

Barr se dirigiu a Sorchia.

—Posso assumir por seu livre uso da distinção entre humanos e ele, que Rowland lhe revelou aspectos de sua natureza desconhecidos para o resto do clã? — inclusive em seu interrogatório, Barr procurava não revelar segredos de seu povo.

Sorchia assentiu, o aroma ácido de sua transpiração dava testemunho de seu permanente medo.

—O que disse a você?

—Ele...

—Mantém a boca fechada, puta! Sabe o que acontecerá se não o fizer.

Barr se moveu tão rapidamente que ninguém, salvo Earc, viu-o estender a mão e golpear com tanta força ao grisalho Chrechte que esse saiu voando, até chocar-se espetacularmente contra a parede provocando um tremor na cabana.

—Fale assim outra vez e o amordaçarei.

Barr se aproximou da agora visivelmente tremula Sorchia.

—De agora em diante não tem nada que temer dele.

Sorchia sacudiu a cabeça, seus olhos estavam abertos totalmente e cheios de lágrimas que corajosamente tratava de conter.

—Pode converter-se em um lobo.

—Disse isso? — perguntou Barr.

Sorchia negou com a cabeça.

—Mostrou isso. Disse-me que se não fazia o que queria, desmembraria a Brigit parte a parte tal como tinha feito com meu marido. Cada palavra saiu trabalhosa e entrecortada, um soluço escapou de seus lábios fortemente apertados depois que terminou de falar.

Verica estendeu seu braço e apertou a mão de Sorcha.

—Nunca mais.

Sorcha olhou a Barr com total desesperança.

—Nunca ganhará uma batalha contra ele.

—Matei a meu primeiro javali em uma caçada quando tinha oito anos; esse homem lobo não representa uma provocação para mim.

Já que os Chrechte não atravessavam sua primeira mudança até que o cabelo lhes crescesse em outros lugares além de suas cabeças, isto era uma façanha impressionante.

Earc podia equipará-lo, se acrescentava um ano.

Ele olhou a Rowland com desprezo.

—Não superará o primeiro desafio.

—Peço perdão — disse Rowland rapidamente, embora as palavras claramente lhe fossem amargas.

— Ficara satisfeito se retirar seu desafio? — perguntou Barr a Earc.

Earc se dirigiu a Verica e lhe repetiu a pergunta. Ela o olhou com muitas emoções para lhes dar nome, mas a que preponderava era a antiga pena que ele tinha notado a noite anterior.

—Nay. Não quer dizer as palavras.

—Que deseja? Que me rebaixe acima de todo o clã?

—Aye. Se me pedir perdão com maior cortesia ante os guerreiros no grande salão durante a comida do meio-dia, aceitarei suas palavras. —Havia algo em sua expressão que dizia que ela sabia sem duvida, que o velho Chrechte jamais aceitaria esses termos.

Rowland tremeu com amarga fúria, surgindo o poder de um lobo muito forte.

—Não farei coisa semelhante por uma puta sem valor, filha de um nauseabundo corvo.

O olhar de Verica voou para Earc, uma nova emoção anulava às demais. Medo.

Ele ignorava o que o causava, mas isso não importava. Earc lhe sorriu; tinha-a reclamado como sua companheira. Ela possivelmente ainda não entendia o que isso significava, mas aprenderia. Ele sempre a protegeria. De qualquer coisa.

Sua atenção retornou ao bastardo que causava em sua nova companheira semelhante angustia.

—Nos encontraremos no bosque dentro de trinta minutos. Se não aparecer, irei persegui-lo e terminarei sua miserável existência sem vacilar.

Rowland finalmente tinha reunido suficiente matéria cinza para ter medo; isso se mostrou no pânico de seus olhos totalmente abertos, mas era muito tarde.

Barr olhou Circin.

—Reúne aos Chrechte na clareira perto do pequeno lago. A todos. Caso algum rejeitar apresentar-se será considerado um pária a partir desse dia em diante.

—Não pode me fazer isto. O rei garantiu meu status no clã — tentou Rowland uma vez mais.

Barr não cedeu sua postura.

—E suas ações destruíram o privilégio que o outorgou.

—Crê que ganhou, mas já o verá. Ninguém me vencerá. A saliva caía da boca do homem enquanto gritava essas palavras, para logo sair correndo da cabana.

—Homem tolo — disse Sorcha, logo ofegou e fechou com tanta força seus lábios que esses desapareceram.

—Não crê que posso vencê-lo em um desafio? — mas nesse momento Earc repreendeu a si mesmo. Claro que não o fazia. Não sabia que ele também possuía um lobo em seu interior.

—Acredito que outorgou ao desgraçado traidor trinta minutos para planejar seu assassinato — respondeu Verica com manifesta preocupação.

Gostou de saber que ela se preocupava com ele, embora não estivesse claro se preocupava se por acaso Earc morria ou porque isto deixaria a sua amiga humana em perigo até que Barr eliminasse ao autoconfesso assassino.

Não houve rastro de mentira na voz de Sorcha quando denunciou que Rowland tinha proclamado a responsabilidade da morte de seu marido.

Sem lhe importar qual fora a razão que motivava a preocupação de sua sedutora companheira, procurou tranquilizá-la.

—Não deixarei que esse miserável, monte de esterco, vença-me.

—Acaso não imagina que meu pai acreditou o mesmo? — a angústia de Verica só se intensificou.

—Seu pai confiou nele; sem dúvida acreditou que a natureza Chrechte do outro homem evitaria que traísse aos de sua própria raça, em especial ao líder de sua matilha.

—Aye.

—Não sou ingênuo.

—Não morra — ordenou ela.

—Não o farei.

Verica assentiu, mas não disse nada mais. Ele decidiu que se devia matar o velho abutre, faria-o com o sabor de sua companheira na língua, agachou-se e a beijou. Não foi um beijo gentil, a não ser um beijo que a reclamava totalmente... a mulher tinha que saber que a partir desse dia era dele.

Capítulo 9

Sabrine estava fora da cabana e passou despercebida para o velho lobo quando esse partiu como um vendaval.

Barr lhe havia dito que permanecesse na cama e que descansasse. Tinha esperado um tempo prudente, até que ele terminasse de baixar as escadas, antes de segui-lo.

Não podia esquecer seu objetivo entre os Donegal. Tinha que encontrar a Clach Gealach Gra e devolvê-la a sua gente antes da cerimônia de maioridade de seu irmão. Só o obteria se si mantinha a par do que acontecia no clã.

Escutar às escondidas a discussão de Barr com o bastardo que tinha liderado a esse pobre clã, claramente era um dever nesse aspecto.

Sem dizer uma palavra a alguém na cabana, Barr saiu pela porta. Sabine não se incomodou em lhe esconder sua presença.

Ele se recostou contra a parede da pequena edificação, cruzando os enormes braços sobre seu peito parcialmente coberto pelo plaid.

—Não ouviu bem.

Não parecia particularmente molesto por esse fato. E em honra à verdade, se ela podia acreditar no que captavam seus ouvidos, quase soava divertido.

—Posso escutar. Até podia obedecer.

Quando estava de acordo com as instruções.

—Não o duvido.

—Permitirá que Earc mate ao demônio ao que chamam Rowland.

—Aye.

—Porque ofendeu a uma mulher Chrechte?

—Porque se confessou culpado de matar a um humano e maltratar a uma mulher humana de uma forma em que nenhum Chrechte deveria cometer jamais.

Não era o que tinha esperado que dissesse pelo que suas palavras provocaram outra inquietação. Seu coração desejava acreditar que Barr era diferente dos outros Faol, mas sua mente rejeitava descartar facilmente toda uma vida de doutrinação.

—Assim, sua ofensa para a Verica já não importa, porque agora sabe que tinha uma mãe corvo.

Barr franziu o cenho por um momento, dando a impressão de ser um homem que não sabia do que estava falando. E logo o entendimento chegou, limpou sua cara e uma nova certeza caiu sobre seus rasgos.

—É um corvo. —O orgulho por seu poder de dedução ressoou através de sua voz, embora tivesse falado tão baixo que até um Chrechte teria dificuldade para ouvi-lo. —Como a mãe de Verica foi um corvo.

—Rowland já o disse. —Mas finalmente se deu conta de que Barr não tinha acreditado no ancião, possivelmente havia pensando que suas palavras não eram mais que uma figura retórica.

O arrependimento apunhalou a Sabine não por ter revelado inconscientemente a herança de Verica, a não ser sua natureza dual.

A maravilha encheu os olhos cinza de Barr.

—Acreditava que os Éan eram um simples mito.

Realmente o tinha feito. Nada salvo a verdade e a maravilha vinham dele. Como podia ser?

—Os Faol odeiam aos Éan. —Toda ave Chrechte sabia isso. Inclusive Verica e Circin faziam óbvios esforços para esconder suas naturezas corvos. —Seu povo tem feito todo o possível por destruir ao meu desde muito antes que os Faol se unissem aos clãs humanos.

—Os Chrechte são uma raça guerreira. Lutamos entre nós até que matilhas inteiras morreram. Unimo-nos aos clãs humanos, consentindo em cessar as hostilidades entre nós. —Disse-o como se desse uma lição de história a uma menina.

Sabrine se zangou. Conhecía a história dos lobos, mas sua união com os humanos não tinha mudado sua necessidade de matar aos Éan.

—Os Faol nunca deixaram de assassinar o meu povo.

—Mas nem sequer sabíamos que existiam.

—Sua matilha talvez não. —Mas não estava segura de como podia ter acontecido. —Mas outras o fazem.

—Teria ouvido algo.

Ela sacudiu a cabeça. A arrogância de Barr, tão diferente à vaidade de Rowland, era parte integral dele, sua afirmação nem sequer a surpreendeu. Sua absoluta certeza de que conhecia tudo sobre os Chrechte, frustrava-a tanto como a divertia.

—Quaisquer que fossem a antiga inimizade que existia já não prevalecem mais, como as matilhas de lobo já não guerreiam entre elas.

—Equivoca-se.

—Sabrine. —Só disse essa única palavra.

Seu nome, mas continha uma incrível riqueza de significados.

Estava aniquilado de que ignorasse tão descaradamente suas ordens, mas devia ter em conta que tinha vivido entre os Chrectes, não entre humanos. Os Éan eram um povo matriarcal, tal como o tinham sido desde tempos imemoriais, como os Faol antes de unir-se aos clãs humanos e a infame traição de MacAlpin a seus parentes reais.

Entre os Éan devia respeito a aqueles em posições de autoridade, mas os homens não sustentavam um status de superioridade simplesmente pela natureza de seu sexo. Não teriam necessitado tantos anos para que Rowland enfrentasse a uma morte iminente se tivesse vivido entre os Chrechte da antiguidade.

—Afirma que as matilhas jamais batalham entre si?

—Só quando os clãs estão envolvidos.

—E os clãs das Highlands são quase tão voláteis como os Chrechte que lhes uniram.

Barr deu de ombros.

—Isso não significa que os lobos sigam abrigando algum antigo rancor contra os corvos.

—Os Éan não só são corvos, embora sejamos o maior grupo sobrevivente.

—E os lobos da matilha Sinclair ou os Balmoral estariam nada mais que felizes ao inteirar-se de sua existência.

—Noto que não menciona aos Donegal.

—Os prejuízos de Rowland são claros. Não assumirei que não tenha influenciado a outros dentro do clã; já que os liderou durante mais de uma década.

—Esse prejuízo é mais que uma conduta censurável. É mortal.

—Aí é onde acredito que está equivocada — disse Barr, mostrando que ainda tinha muita honra para entender aos homens que não a tinham.

—Meus pais morreram em mãos dos Faol. Vocês ainda nos caçam no bosque.

Os olhos cinza tormenta de Barr se abriram por completo e logo se estreitaram.

—Impossível.

—Como crê que passou isto? — assinalou seu braço ferido, sua irritação ultrapassou a qualquer outro sentimento incluso à arrogância de Barr. Como se atrevia a duvidar de suas palavras? —Um de seus caçadores Faol me disparou enquanto voava.

—Nay.

—Oh, sim. —Havia tão mais que queria dizer, mas esse não era o lugar para fazê-lo.

Em um clã Chrechte, havia muitas possibilidades que a ouvissem por acaso.

—Meu laird? — perguntou Verica da porta sobre a que tinha apoiado uma mão.

Ele a olhou com atenção.

—Aye?

O olhar do corvo-lobo saltou de Barr a Sabine e logo depois de retorno a Barr, sua curiosidade pelo que haviam falado possuía um perfume especiado que impregnava o ar.

—Rowland tentará matar a Earc em lugar de enfrentá-lo em um desafio justo.

—Aye, estou certo de que tem razão. O homem possui menos honra que os ingleses. — Barr se separou da parede da cabana. Caminhou até ficar justo diante de Sabine, pousando a mão em seu pescoço em um gesto tão possessivo como consolador... para um lobo. —Continuaremos esta discussão depois.

Não o contradisse. Barr tinha que proteger a seu amigo ou esse malvado Faol o mataria. Quase sentia carinho por Earc depois de lhe ouvir defender Verica tão incondicionalmente, sem contar a forma em que tinha protegido ao jovem corvo-lobo, tomando seu lugar no desafio contra Rowland.

Barr retornou à cabana e Sabine, sem pensá-lo, encontrou-se o seguindo. Brigit estava acordada agora e se aferrava à mão de sua mãe, seu inocente olhar estava cheio de preocupação. Quem sabia quanto tinha ouvido da discussão.

Sorcha era uma mulher formosa, mas rugas de preocupação e infelicidade danificavam o que uma vez deve ter sido um rosto que frequentemente se teria franzido por seus sorrisos. Agarrava a mão de sua filha fortemente e olhava aos homens Chrechte com um nível de cautela que Sabine entendia muito bem.

Barr ficou em cócoras e acomodou uma rebelde mecha canela detrás da orelha de Brigit.

—Não tem nada que temer. Dou-lhe minha palavra.

—Acredito. — A menina tentou um sorriso e seu esforço foi passável.

Barr transladou seu olhar à mãe, quem tremia ligeiramente.

—Sorcha, Brigit e você devem voltar para o torreão com Sabrine. Ela as manterá seguras em minha antecâmara enquanto o problema de Rowland é resolvido por aqueles que lhe prometeram amparo.

A mulher humana não mostrou um sorriso tão passável como sua filha, mas sua tentativa demonstrou sua coragem.

—Obrigado.

—Não agradeça a seu laird por cumprir seu dever, Sorcha. Um homem com a falta de honra de Rowland nunca deveria ter conduzido esse clã e nunca voltará a fazê-lo.

Ela assentiu.

Barr se dirigiu a Verica.

—Procura Muin e aos primos de Brigit, logo se una às outras mulheres em minha antecâmara.

—Sou Chrechte, deveria ser testemunha do desafio.

—Agora é a companheira de Earc. Rowland ou aqueles que lhe são leais podem encontrar um modo de usá-la contra ele. Isso não é aceitável. Estará mais seguro contigo a salvo de qualquer perigo no torreão.

Verica começou a abrir os lábios, com toda a aparência de voltar a discutir com seu laird.

Aceita, ordenou-lhe Sabrine usando a comunicação mental.

A curandeira alargou os olhos e contemplou com a boca aberta a Sabrine.

Fecha a boca. Barr desconhece os poderes dos Éan. Acaso não tinham ensinado às mulheres desse clã um pouco de sentido de autoconservação, ou pelo menos como esconder suas emoções?

Pode me ouvir? Respondeu Verica usando o enlace mental que Sabrine tinha criado entre elas.

Se assim o escolher, sim.

Mas...

Explico isso depois.

—Faz o que seu laird pediu a você — disse Sabrine, pronunciando em voz alta a última oração.

Sem outra discussão, falada ou mental, Verica deu a volta e partiu, sua confusão ia atrás dela como uma nuvem.

—O que aconteceu? — perguntou Barr com diversão.

O coração de Sabrine se deteve e logo continuou pulsando mais rápido.

Ele franziu o cenho.

—Não se altere. Estou impressionado de que tenha escutado você antes que a mim, mas não estou zangado. — Ainda se via perplexo. — Suponho que são coisas de mulheres.

Mais preciso seria dizer coisas de corvos, mas ainda assim Sabrine assentiu. Revelar os segredos dos Éan não era algo que desejava fazer, nem hoje, nem nunca. Nem sequer a esse homem por quem rapidamente perdia o coração que a muito acreditou era de pedra.

Verica chegou aos aposentos de Barr apenas momentos depois que Sabrine e as demais. Verica enrugava o nariz e franzia a testa enquanto percorria com o olhar a antecâmara, até que finalmente se concentrou na cama. Os olhos azuis mostravam uma atônita incredulidade quando se encontraram com o olhar de Sabrine.

—Falou com nosso laird? — resmungou.

Sabrine franziu o cenho.

—Isso não importa nesse momento. Não há dúvida de que Barr enviará Muin e os guardas humanos para resguardar esta antecâmara.

—Aye, assim acredito.

Então devemos ir antes que cheguem, enviou Sabrine por seu enlace mental.

Mas não podemos deixar a Sorch e Brigit desprotegidas. Era um bom sinal que a mulher Chrechte se reconhecesse responsável, de alguma forma, do amparo da humana e de sua filha, embora não escondia o fato de que sua comunicação mental era pouco melhor que a de uma menina.

Sorch estava muito preocupada com suas próprias inquietações para notar algo, mas Brigit olhava com estranheza a sua mentora nas artes curativas.

Sabrine acomodava o plaid sobre a cama, aparentemente sem concentrar-se em nada em especial.

Não deixaremos o torreão até que os homens cheguem.

Mas Sabrine duvidava que Rowland estivesse interessado na mulher humana nesse momento. Estaria muito concentrado em descobrir a forma de eliminar Earc antes do desafio, e provavelmente, também, a Barr.

Não o permitiria. Não era capaz de ficar entre os Donegal, mas não consentiria que o homem a quem tinha entregado seu corpo, e parte de sua alma, morresse. Não enquanto pudesse protegê-lo.

Podemos nos ocultar no quarto entre minha antecâmara e a de Circin. Podemos ver a porta do laird dali.

Sabrine parou diante da aterrorizada mulher humana.

—Me escute, Verica e eu devemos deixá-la aqui. Estará segura. Os guardas logo chegarão para vigiá-la. Não lhes informe de nossa ausência, por favor.

—O que pensam fazer? — perguntou Brigit, já que sua mãe ainda guardava silêncio pelo assombro.

—Salvar ao laird e a seu primeiro.

Sorch tremeu, demonstrando que esteve escutando, inclusive em seu estado de comoção.

—Mas são mulheres.

Sabrine não se incomodou em responder a essa tola observação.

—Não nos delatará?

Sorch obedeceu ao seu pedido.

Brigit sorriu abertamente.

—Você é uma guerreira, certo?

—Descendo da linhagem real de meu povo, venci em batalha muitos homens e voltarei a fazer. —Não se opunha a gabar-se um pouco se isso tranquilizava a menina.

Sorcha a contemplou como se Sabine estivesse falando sandices, mas o sorriso de Brigit cresceu até iluminar seu rosto.

—E nos ensinará a lutar?

—Farei, mas agora mesmo devo ir.

Brigit assentiu enquanto sua mãe a olhava com claro horror, mas a mulher humana não fez nada para detê-las. Sabine esperava que não alertasse os guardas que chegariam a qualquer momento.

Precipitaram-se para o outro quarto, as largas e incomodas saias dificultavam o passo de Sabine.

—Tem um plaid de Circin quando era jovem?

—Ainda é um jovem — se queixou Verica.

Possivelmente nesse clã, mas entre os Éan, um macho de dezesseis anos estaria em vias de acabar seu treinamento como guerreiro, sobre tudo um destinado a liderar os destinos de seu povo. Sabine tinha quinze verões quando levantou sua primeira espada real, mas esteve treinando e vivendo entre guerreiros durante anos para esse momento.

—Seu plaid ficará sem que tenha que lhe fazer muitas dobras — refletiu ela.

Verica se deteve em seco.

—Quer usar o plaid do meu irmão?

—Não esperará que leve esta larga saia na batalha.

—Entraremos em batalha? — o medo de Verica estava ali, embora fizesse um esforço respeitável por mascarar-lo.

Entretanto, sua determinação não vacilou.

—Eu entrarei em batalha. Você sulcará os céus e atuará como meus olhos. A asa ferida de Sabine lhe impediria de fazer seu próprio rastreamento da zona. Deve ter muito cuidado, mas é imperativo que descubra a um assassino escondido entre as árvores.

—Acredita que Rowland fará que um de seus capangas ataque Earc por ele? —perguntou Verica, sem ver-se surpreendida, já que não lhe custava imaginar algo assim.

—Acredito que é um total covarde e essa classe de homem terá um aliado armado com um arco. Seu capanga tentará disparar em Earc a certa distância e esperará fugir na confusão.

—Não acredito que escape da ira de Barr.

Sabine estava de acordo com isso. Mas Rowland era muito estúpido e presunçoso para notá-lo.

—Sem dúvida Rowland acredita que ele e seus capangas podem manter Barr ocupado.

Ou, mais provavelmente se seu arqueiro era humano, não lhe importava e não tinha plano algum para proteger ao homem.

—O que faremos?

—Encontrará o assassino. Dirá sua localização e eu o matarei.

Verica a olhou fixamente.

—Realmente é uma guerreira, certo? — de algum jeito, devia ter perdido o significado das palavras trocadas entre Sabrine e Brigit, ou simplesmente rejeitava reconhecê-las.

Sabrine se ergueu alta e orgulhosa, sua máscara de batalha caiu sobre sua cara.

—Sou.

Verica estremeceu e logo se repôs.

Disse que descende da linhagem real dos Éan. Mostrando que tinha alguns instintos de autoconservação, Verica tinha mudado para sua silenciosa forma de comunicação.

Aye.

É pelo que podemos falar usando a comunicação mental?

Aye. Aqueles que pertencem à linhagem real podem fazê-lo com todos os Éan.

Sabia que era um corvo, desde o começo.

Certo.

Mas escondi meu aroma.

E muito bem por certo. Entretanto, ninguém exceto nossa linhagem possui o cabelo similar à cor das plumas de um corvo. O brilho azulado sobre o negro da meia-noite não ocorria entre os humanos ou os lobos que viviam em clãs.

Ah. Não sabia isso.

Ambas tinham tido suas lacunas de ignorância.

Eu não sabia que alguns dos Éan viviam entre os clãs. Nunca teria acreditado que pudessem sobreviver entre os lobos que estavam tão decididos em destruí-los. Nossos líderes desconhecem esse feito.

Temos muito que falar.

Aye, mas agora devemos salvar a vida de seu companheiro.

Não posso acreditar que me reclamasse como companheira só para proteger a Circin e evitar que lutasse contra Rowland.

Earc é um homem de honra, embora seja um lobo.

Verica inclinou a cabeça, dando a Sabrine uma estranha opinião.

Nem todos os lobos odeiam aos Éan. Certamente notou isso, havendo acasalado com Barr. Meu pai amou muitíssimo a minha mãe. Embora, ao final, não pôde protegê-la daqueles que a desprezavam.

E ele morreu por seu amor, verdade?

É o que sempre acreditei. Mas minha mãe nos advertiu que nunca deixássemos que os outros lobos conhecessem nosso desdobramento animal.

—Era uma mulher sábia.

—Sim.

Esperaram a que os guerreiros chegassem e tomassem suas posições fora da porta de Barr antes que Sabrine usasse seu poder Éan sobre a percepção de outros para fazer possível que Verica e ela pudessem escapar-se à casa da curandeira.

Verica se precipitou para um baú encostado contra uma parede e o abriu com um empurrão. Mexeu nele até que elevou triunfalmente um plaid.

—Esse ficará melhor que um plaid de Circin, embora seja alta para ser mulher, é muito mais esbelta que ele.

Sabrine tirou suas roupas rapidamente e colocou o plaid mais curto que lhe era mais familiar.

A curandeira moveu mais coisas no baú até que tirou um pacote envolto em tiras de couro.

Sabrine sabia o que era antes que Verica apartasse as tiras. As armas de uma guerreira Éan: a faca e a espada estariam balanceadas para sua constituição mais magra.

—Pertenceram a minha avó. Sempre acreditei o que minha mãe disse sobre elas, que vinham de meu bisavô, ou algo assim, mas agora me dou conta de que a mãe de minha mãe devia ter sido uma guerreira como você.

Sabrine dirigiu as armas com a apropriada reverência.

—Aye. São perfeitas. E, além disso, cuidou bem delas.

—Minha mãe fez que o promettesse. Disse que poderia necessitar delas um dia. Não entendi então, para que as necessitaria se sou uma curandeira.

Inclusive uma curandeira poderia ver-se obrigada a levantar uma espada em defesa própria se sua natureza secreta fosse descoberta.

—Eu teria sido uma curandeira se minha mãe tivesse vivido — comentou Sabrine à outra mulher enquanto terminava de vestir-se e atava a espada a seu cinturão.

Logo atou a faca a sua coxa com as tiras de couro nas que tinha estado envolto.

—Lamenta não ter seguido o caminho de sua mãe?

—Lamento sua morte que fez necessário meu sacrifício.

Verica assentiu sua expressão cheia de compreensão.

As duas mulheres escaparam do torreão, Verica parecia inconsciente do poder Éan que fazia possível que passassem totalmente despercebidas.

Verica tomou voo logo que estiveram a uma distância prudente do torreão e as duas mulheres mantiveram constante contato através do enlace mental que lhes provia Sabrine. Como uma das mais fortes de sua linhagem com esse dom, seria capaz de ouvir Verica agora que o vínculo tinha sido estabelecido inclusive à longa distância.

Estará escondido em um ponto adequado com uma posição vantajosa a clareira na qual ocorrerá o desafio. Sabrine outorgou seu melhor conselho, baseado em seus anos protegendo a sua gente contra inimigos similares a Rowland. Estará o suficientemente perto para matar Earc com sua primeira flecha, mas tão longe como lhe é possível dentro dessa limitação.

Tudo depende de quão bom seja com o arco e a flecha, respondeu Verica.

Conhece melhor ao Rowland e seus amigos. A quem recorrerá para cometer esse covarde ato?

Ordenou-se a presença de todos os Chrechte na clareira.

Tem amigos humanos com essa destreza?

Não tem amigos humanos.

E alguém a quem pode intimidar?

Algum dos caçadores do clã, supôs Verica. Os caçadores vivem temerosos de Rowland, quem tem os meios para desfazer-se daqueles que discrepam com ele enquanto conseguem carne para o clã.

Sabrine não se sentia cômoda com a ideia de matar a um humano cuja única culpa era temer a seu antigo laird. Andou pelo bosque, mantendo sua direção para a clareira no qual Verica lhe tinha indicado seria o lugar de encontro para o desafio Chrechte. Verica sobrevoou a zona, o corpo de seu corvo era um diminuto ponto negro no céu.

Vejo-o. A voz da Verica foi um grito triunfante na cabeça de Sabrine. Nem sequer acreditou necessário tirar seu plaid.

Não esperava olhos que o espiassem do céu.

É o jovem Connor. A tristeza impregnou a voz mental da Verica, um desconsolo tão real que afetou Sabrine, ainda enquanto acelerava o passo para enfrentar-se ao camarada do lobo. *Está aparentado com Rowland, mas seu pai não é se transforma. Nasceu de uma mãe Chrechte e de pai humano.*

Verica lhe descreveu onde encontrar ao jovem e Sabrine correu com pés silenciosos através do bosque até que esteve a apenas a uns metros de distância. Subiu sigilosamente detrás dele e colocou sua faca na garganta do homem muito antes que esse fora capaz de dar-se conta de sua presença.

—Deixa cair o arco e pode ser que o deixe viver — sussurrou diretamente em sua orelha, seu corvo estava tão perto da superfície, que sua voz foi tão áspera como um grasnido.

Capítulo 10

O homem afrouxou sua mão sobre o arco.

—Não o ia matar.

—A evidência não apoia sua afirmação.

—Só ia ferir-lhe, mas se não lhe disparo, Rowland matará a meu pai.

Tal como Verica tinha suposto, o homem tinha sido coagido, mas ainda assim... não estava livre de culpa.

—Rowland morrerá esse dia. É sua escolha se unir a ele ou não.

O arco caiu sobre o topo da rocha em que o homem tinha permanecido em pé. Sabrine manteve a faca sobre sua garganta e silenciosamente chamou Verica.

Verica aterrissou em um ramo detrás deles e mudou de forma antes de aproximar-se.

Amarre suas mãos, ordenou-lhe Sabrine através de sua comunicação mental.

Verica o fez sem dizer uma palavra e Sabrine se assegurou de que o caçador humano mantivesse a cabeça para frente de forma que não visse a curandeira. Não seria o motivo pelo que os segredos da mulher se fizessem de conhecimento público.

—Assim Rowland ameaçou a sua família se não matava por ele? — interrogou-lhe Sabrine, uma vez que o homem esteve bem amarrado.

—Não ia matar ao primeiro de nosso laird. Só pensava feri-lo — reclamou o jovem Connor outra vez, sua sinceridade era inclusive mais aguda que o aroma de seu medo.

—Crê que isso faz sua traição mais aceitável?

O fracasso agasalhava ao caçador com uma evidente mortalha.

—Não entendem. Rowland sempre consegue o que quer.

—Repito, Rowland, esse maldito porco, morrerá hoje.

—Se isso acontecer, me alegrarei mais que todos, mas se não acontecer, quem protegerá a meu pai? Não tem a força dos Chrechte. É muito velho. A voz de Connor tremeu com pena ao nomear seu pai.

—Não deixarei que nada aconteça com seu pai. —Sabrine se encontrou lhe fazendo essa promessa.

—Como pode protegê-lo? É uma mulher.

Deus, o que acontecia aos membros desse clã? Por que tanta ignorância?

—Impedi que disparasse em Earc, certo?

—Não sou bom para brigar. Seria uma carga para nosso clã se não pudesse disparar meu arco com precisão durante as Caçadas.

—Foi isso o que Rowland disse a você? — perguntou Sabrine, consternada pelas cruéis e humilhantes palavras.

—Aye.

—Bem, mentia. Barr está treinando a homens humanos para proteger ao clã. —Como qualquer bom laird devia fazer.

— Eu ouvi, mas Rowland disse que isso não faria diferença. Nenhum humano poderá ser jamais melhor que um Chrechte.

—Você o é. Ao não disparar em Earc, venceu Rowland.

—Mas o teria feito se vocês não tivessem intervindo.

Sabrine assentiu. Acreditava. Não importava quanto desgostasse Connor a ideia de ferir outro Chrechte pelas ordens de Rowland. Ou seu medo às consequências. Sabia o que era sacrificar tudo pela família. A iminente aproximação da cerimônia da maioridade de seu irmão menor a tinha incitado a infiltrar-se em um clã repleto de Faol.

—Barr deverá ser informado de sua cumplicidade com Rowland.

A cabeça do Connor caiu, seu queixo se chocou contra seu peito em um sinal de derrota.

—Sei.

—Falarei em seu nome.

—O que pode dizer? Encontrou-me com meu arco apontando para seu primeiro. Permitiriam que observe o desafio? Se devo morrer por minha traição, farei sabendo que Rowland pisará primeiro no inferno.

—Não morrerá nesse dia. —Não sabia como realizaria essa façanha, mas esse moço era o resultado da epidemia de ódio e medo com a que Rowland tinha infectado ao clã Donegal.

Sentia-se tentada a deixa-lo ir depois de que terminasse o desafio e simplesmente não contar a Barr sobre o abortado intento de impedi-lo. Por outra parte, fazê-lo seria como se traísse Barr. Sabrine não podia seguir esse caminho.

—O que está acontecendo aqui? — perguntou Circin quando chegou.

Verica saltou e mudando para corvo, partiu em um sopro de plumas.

Sabrine sorriu.

—Não teria sabido que se aproximava se não fosse pelo som que fez ao atravessar o bosque.

Ainda lhe faltava muito antes que fosse um guerreiro com a destreza de Barr, mas tinha feito grandes melhoras desde que os antigos Sinclair tinham chegado.

Circin a olhou e logo afastou os olhos, uma franja de vermelho brunido apareceu ao longo de suas maçãs do rosto.

—O que faz aqui? E vestida como um homem?

Ah, pelo amor de Deus.

—Age como se nunca antes tivesse visto as pernas de uma mulher.

—E assim é.

—Como é possível? Acreditava que os Faol caçavam juntos.

—Fazemos, mas as mulheres mudam antes de unir-se aos homens.

Esse clã tinha adotado muitos mais costumes humanos que outros localizados mais ao norte nas Highlands, ao menos, assim o revelavam suas distantes observações. Barr não tinha mostrado modéstia ou recato por sua própria nudez.

—Seu laird o enviou atrás do assassino? — perguntou ela, em vez de continuar a desnecessária discussão sobre suas roupas.

Se se sentia muito incômodado, podia olhar algo mais além de seus joelhos.

O laird em formação assentiu.

—Bem.

É obvio, Circin teria chegado muito tarde para deter a flecha que bem poderia ter matado Earc. De todos os modos, agradou-lhe conhecer que o homem fazia um bom trabalho de rastreamento, seu coração proclamava que era um guerreiro ardiloso.

—Connor? — perguntou Circin, sua voz estava cheia de surpresa e infelicidade. —Foi o mais alegre quando o rei exigiu que Rowland renunciasse a seu cargo como laird.

—O bastardo ameaçou ao pai do moço.

Circin amaldiçoou.

Ele olhou para o céu, onde Verica já tinha desaparecido e logo depois se virou para Sabrine.

—Sabe.

Ela assentiu, mas não acrescentou nada mais diante de Connor.

Circin lhe perguntou ao homem:

—Alguém mais participa do covarde complô para matar Earc?

—Nay. Rowland não podia arriscar-se a que seus amigos Chrechte fossem descobertos quando um deles não se apresentasse ao desafio.

Muito absorta no desafio que se desenvolvia baixo eles, Sabrine não fez comentário. Sabia que não havia ninguém mais porque Verica tinha seguido explorando o bosque enquanto Sabrine interrogava ao arqueiro.

Barr ordenou aos Chrechte formar um círculo em torno dos opositores, dificultando qualquer maquinação que o antigo laird tivesse incubado em seu cérebro de mosquito. Esperava que Circin fosse capaz de encontrar a qualquer um que Rowland tivesse convencido para ajudá-lo, mas apesar de tudo o lobo de Barr estava totalmente alerta.

Mandou guardar silêncio entre as testemunhas, de modo que se um simples ramo se rompia fosse capaz de ouvi-la.

Estudou aos espectadores com o olhar.

—Exigi sua presença nesse lugar para que testemunhem o desafio entre Earc e Rowland.

—Enfrentará a um guerreiro mais jovem contra nosso antigo laird? — perguntou com cólera um dos homens mais velhos.

—Se sobreviver ao desafio, eu mesmo rasgarei sua garganta pelos delitos perpetrados contra aqueles sob seu amparo.

Todos na clareira ficaram em silêncio ante sua promessa, tal como tinha desejado.

Achou interessante notar que ninguém se adiantava para protestar pela inocência do homem, mas isso não era uma surpresa. Um homem não começava com o assassinato e a violação. Barr não duvidava que Rowland tivesse abusado de sua posição dentro da matilha durante todo seu mandato.

Inclusive antes que tivesse assumido o cargo oficialmente.

Rowland, quem tinha entrado na clareira vendo-se muito ufano, começava a suar. Desde que tinha chegado à clareira, tinha passado o tempo conversando com alguns de seus velhos amigos e lançando olhadas furtivas ao norte. Sua presunçosa arrogância começava a mostrar-se como um plaid de inferior feitura. Rowland olhou à distância outra vez e provavelmente viu exatamente o que Barr divisou ao mesmo tempo.

Levando o plaid de um homem e brandindo uma espada, Sabrine estava em pé sobre uma saliência rochosa que seria o refúgio ideal para um arqueiro. Podia ver-se a cabeça de Circin atrás dela.

Ela levantou o braço em um sinal característico de um guerreiro para indicar que tudo estava bem. Barr se encontrou contendo uma risada, embora sua mente lhe dissesse que deveria estar furioso. A cólera de que não tivesse atendido suas ordens guerreava com a sensação de orgulho de que essa magnífica mulher fosse sua companheira. Não podia imaginar o que tinha motivado Sabrine a vestir-se como um guerreiro e levar uma espada, mas isso foi suficiente para enviar uma rajada de fogo por suas vísceras.

A obscena palavra que saiu da boca de Rowland inclinou os sentimentos de Barr para o orgulho.

—Lutará contra mim primeiro — prometeu o velhaco sem honra.

Rowland deu a volta, dando a sua antiga matilha algo que se supunha era um olhar de rogo. Isso não funcionou devido aos sentimentos depreciativos do homem.

—Nenhum de meus irmãos dará um passo à frente para lutar nesse desafio por seu velho laird? — a ênfase na palavra velho fez que Barr pusesse os olhos em branco.

Alguns Chrechte se estremeceram, mas nenhum parecia preparado para cair sob o fio de uma espada pelo velho bastardo.

Earc tirou o plaid, jogando-o em um lado. Tal como decretava a lei dos Chrechte com respeito a um lobo que ainda não possuía o controle de sua mudança, esse sustentava sua adaga em sua mão dominante.

Rowland o observou com desdém.

—O que planeja fazer com isso, moço? Não será capaz de sustentá-la uma vez que mude.

—Só mudo com a lua cheia — disse Earc, não havia vergonha em sua voz.

A careta de Rowland era algo que poderia chamar um sorriso, mas o homem se via agrado com as novidades. Sem dúvida. Uma maléfica satisfação brilhava em seus olhos.

Tolo.

Possivelmente não tinha treinado a seus guerreiros Chrechte a lutar contra seus irmãos em sua forma animal, mas Talorc o tinha feito com os Sinclair e assegurou-se que todo guerreiro em seu clã pudesse enfrentar em batalha a um Chrechte. E todos os Chrechte foram adestrados até que pudessem lutar contra outro lobo em sua forma animal ou humana. Earc nunca tinha sido vencido por ninguém mais que Talorc, Niall ou Barr.

E como nenhum outro guerreiro os tinha vencido isso não assinalava nenhuma classe de debilidade na capacidade de luta de Earc.

Em uma piscada, Rowland mudou para sua forma de lobo e saltou sobre Earc sem advertência. Não lhe surpreendia que influísse tanto temor em sua forma de lobo. Rowland era tão grande como Barr, com um olhar selvagem em seus olhos lupinos que faria que a maioria dos Chrechte pensasse bem antes de enfrentá-lo em uma batalha. Earc não era a maioria dos Chrechte,

nem Barr. Um dia, se Deus quisesse, treinariam os Donegal Chrechte para ser essa classe de guerreiros.

Que Rowland mudasse inesperadamente de forma e seu salto mostrava que ainda era tão ágil como muitos lobos mais jovens. Embora isso não o fosse de muita ajuda.

A ação, embora impressionante, era um mau truque. Embora estritamente não rompesse as regras do combate, confiava nisso. Barr esticou sua mandíbula, mas conteve seu instinto inicial de mudar e arrancar a garganta do lobo ante a flagrante amostra de irreverência.

Earc se desembrulharia sem problemas, Barr se sentia crédulo. Sua confiança provou ser verdadeira quando a falta de honra de Rowland não lhe serviu de nada ao antigo laird.

Earc esteve esperando à poderosa besta, desviando-o com um oportuno empurrão ao peito do lobo, fazendo que a enorme besta caísse. Rowland se levantou, grunhindo e mostrando um conjunto de afiados dentes, a saliva voava para todos os lados enquanto sacudia a cabeça.

Earc sorriu presunçosamente e brincou:

—Supõe que devo parecer impressionado por um feio filho da puta?

O lobo saltou outra vez, mas Earc não lhe deu de presente quartel, e essa vez atirou um golpe no flanco do lobo com sua adaga enquanto esse tentava evitar a trajetória da arma.

Talorc lhes tinha ensinado debilitar um lobo, fazendo que perdesse sangue, antes de aproximar-se para matar. Procurar realizar o golpe de graça muito cedo era arriscar-se a receber uma ferida que bem poderia causar a morte do tenaz guerreiro muito depois que a luta tivesse terminado. Sobretudo se o combate se realizava longe da lua cheia e o Chrechte ainda não possuía o controle de sua mudança. Certo, a mudança não curaria uma ferida, mas assegurava que esta se curasse bem e não se infectasse.

Não entendia o porquê disso, mas supunha que tinha algo a ver com a mesma magia que fazia possível a mudança de homem a lobo.

Earc seguia as instruções de seu antigo laird com impecável rigor nessa batalha. Evitou os repetidos ataques de Rowland, ferindo ao lobo em cada oportunidade. Apesar de tentar morder uma e outra vez, as poderosas mandíbulas de Rowland nunca se fecharam em nenhuma parte do corpo de Earc. Estava claro que o corpulento lobo estava cansado, mas também era certo que se tornava mais furioso.

Isso poderia ser perigoso.

Os combatentes furiosos eram descuidados, mas também imprevisíveis.

Rowland engenhou para ferir com suas garras o peito de Earc e pareceu que o aroma do sangue de seu inimigo o deixou frenético. Atacou Earc com renovado vigor, fazendo sons que Barr nunca tinha ouvido de um lobo em todas as batalhas nas que tinha lutado. O lobo de Rowland estava enlouquecido pela sede de sangue e sua fúria amarga empestava como carne putrefata.

Uma vez mais, Earc demonstrou sua formação superior porque estava preparado para as rajadas de ataques do lobo, embora Barr estivesse seguro que nunca se enfrentou a um oponente tão infectado pela sede de sangue.

Earc usou o ímpeto da besta para atirá-lo ao chão outra vez, mas esta vez o seguiu, aterrissando sobre o assassino autoconfesso e sentando-se escarranchado sobre o imponente corpo do lobo. Rowland se encontrava debilitado pela perda de sangue, mas fortalecido pelo frenesi de brigar além da força de um lobo normal. Inclusive a de um Chrechte.

Entretanto, Earc rejeitou ser derrubado, mantendo as fortes mandíbulas do lobo longe de sua pele mais vulnerável.

Brandindo sua faca em um contundente arco, Earc o apunhalou lhe atravessando o coração, matando ao lobo imediatamente.

Um aturdido silêncio dominou o claro. Ninguém se moveu. Ninguém falou. A incredulidade era uma entidade viva, dentro dessa total quietude o enérgico e triunfante grasnido de um corvo soou sobre a comocionada concorrência. Barr se deu conta de que se Sabrine o tinha desobedecido, sem dúvida o tinha feito com a ajuda de Verica. O corvo cantava a vitória de seu companheiro sobre o homem que ela acreditava que tinha matado a seu pai.

Um corvo que tinha acreditado que era um lobo. Poderia um Chrechte fingir o aroma de outro enquanto mascarava o próprio? Ou era Verica alguém inconcebível? Uma mulher com não uma, mas duas formas Chrechte.

Essa era uma pergunta que teria resposta, mas mais tarde.

O momento era o adequado para consolidar seu status como líder da matilha e fazer indisputável o posto de Earc como seu primeiro.

Barr jogou a cabeça para trás e uivou, necessitou-se um momento, mas outros se uniram. Embora não Earc. Um Chrechte nunca tomava levemente a morte de um de sua raça, inclusive se tivesse sido forçado a matá-lo.

Enquanto os espectadores podiam fazer conhecer sua aprovação, e o fariam, Earc não uivaria sua alegria por derrotar o seu inimigo já que havia um Chrechte menos no mundo e seu número não era alto.

O rosto de Earc era sério quando recuperou as armas humanas de Rowland e as apresentou a Barr com uma solene reverência.

Barr aceitou a espada e a adaga, embora não tivesse desejo de conservá-las. Ele percorreu com o olhar a clareira, seus olhos captaram as variadas reações pela morte de Rowland. Viu amostras de alívio, incredulidade, horror, alegria, cólera, esperança... e todas essas emoções estavam tingidas pela comoção.

Barr levantou as armas, vendo individualmente a cada membro de sua matilha. Alguns não o olharam nos olhos, mas todos pertenciam a sua matilha, a seu amparo... até que se demonstrassem indignos.

—Sou o laird aqui. Alguém põe em dúvida meu direito a liderar?

Vários gritaram firmes negações e outros uivaram, mas nenhum se pronunciou afirmativamente. Nenhum o desafiou.

—Os Chrechte vivem entre os clãs humanos para proteger a nossa raça. Em troca protegemos a aqueles entre os que vivemos. Não nos aproveitamos deles porque somos mais fortes ou mais rápidos.

Essa vez os gritos foram mais fortes e os uivos mais triunfantes. Essa matilha tinha sofrido sob o mando de Rowland. Barr lhes daria uma oportunidade de demonstrar que desejavam a mudança que lhes oferecia.

Esperando que a matilha guardasse silêncio, atentamente notou aqueles que não participaram da confirmação da lei Chrechte sobre suas vidas entre os humanos.

—A partir de agora, cada macho Chrechte treinará como um guerreiro. —Alguns tinham estado contendo-se e ele não o tinha feito obrigatório, tentando entender por que um povo cuja natureza belicosa os tinha levado quase a sua própria extinção não se adestrava no amparo de seu clã.

— Vão nos ensinar como derrotar a um Chrechte em sua forma de lobo enquanto ainda somos humanos? — gritou um moço.

—Aye.

Earc estava em pé junto a Barr.

—Também ensinaremos aos homens de nosso clã como lutar contra os Chrechte, sem revelar nossa natureza.

—Como fez com Muin e os guerreiros humanos ontem? — perguntou uma mulher.

— Sim.

—Rowland nunca permitiu que os guerreiros de elite treinassem com os humanos. Que nos faria fracos — disse um dos amigos de Circin.

—Earc parece débil?

—Não!

—Seu papel primário entre os Sinclair era preparar os humanos a resistir os ataques dos Chrechte.

Olhadas de surpresa respeito se viram em vários rostos.

—Um dia Circin lhes dirigirá; até esse dia treinarei a cada homem nesse clã segundo os costumes de um verdadeiro guerreiro Chrechte.

Os gritos de aprovação aumentaram, o ensurdecido rugido cresceu até aqueles que não participavam e eram mais notórios por seu silêncio. A distância entre eles e outros cresceu, já que os membros do clã se afastavam dos rostos desaprovadores.

Earc franziu o cenho ao percorrer os concorrentes com o olhar e claramente notou aqueles que negavam seu apoio.

—Lástima que nenhum o desafiará.

—Se compartilharem as atitudes de Rowland, provavelmente compartilha sua propensão pela furtividade e a emboscada.

—Não crê que sua morte terminará com as tentativas de escavar seu rol aqui?

—Corta a cabeça de uma serpente, mas o corpo seguirá retorcendo-se, sem que saiba se ainda está morta.

Earc assentiu sua compreensão.

—Nem todos estiveram contentes com minha vitória.

—Nay.

—Teremos que nos manter vigilantes.

—Quando temos feito algo diferente?

—Não sei. Quando perseguiu o perfume de uma mulher nua pelo bosque, possivelmente?

Barr quase riu ao recordar.

—Viu-a na saliência rochosa ao norte?

—Fingi não fazê-lo. Está vestida como um homem.

—É uma mulher pouco comum.

—Aye, é.

—O corvo que grasnou triunfalmente quando ganhou, acredito que era sua companheira. Earc não mostrou sua surpresa, mas seu coração pulsou com maior velocidade.

—Verica é um lobo.

—Com uma mãe corvo.

—Acreditei que o velho bastardo só lançava insultos, embora confesse que não entendi por que chamar corvo a sua mãe poderia ser uma ofensa.

—Os Éan não são um mito.

—Maldição.

—Não é algo fácil de aceitar.

—Está certo de que era Verica?

—Tão certo como posso estar sem que ela admita.

—Isso soa como algo próprio de minha companheira, tenho muito que falar com ela.

—Antes ou depois de que a leve ao seu leito?

—Importa isso?

—Nay.

Barr não permitiu que os crimes do Chrechte morto lhe impedissem de cumprir seu dever. Uma pira funerária foi construída, o lobo de Rowland foi colocado sobre esta e todos guardaram vigília enquanto o fogo ardia com suficiente força para queimar a alguém o suficientemente tolo para aproximar-se muito.

Todos os Chrechte fizeram vigília, embora poucos mostrassem algum sinal de verdadeira pena por seu antigo líder de matilha.

Verica chegou, sua expressão era triste apesar do fato de ter boas razões para querer morto ao homem.

Sabrine estava com ela, seu próprio desagrado pelo defunto era mais que aparente em suas formosas feições. Recebeu vários olhares receosos, mas permaneceu impassível a elas.

—Não obedece bem.

—Já o fiz notar antes.

—Nay, antes disse que não escutava bem. Tinha dado a você o benefício da dúvida e supunha que não me tinha ouvido bem sobre o de permanecer em minha antecâmara.

—Minha audição é excelente.

—Sem dúvida — disse, enquanto tocava seu plaid. —Não crê que é um pouco curto para ti?

—Saias mais longas teria sido um obstáculo para a minha missão.

—Fazendo o que? Burlando-se de minha autoridade?

—Salvando a seu primeiro. Circin não o teria feito a tempo, embora o culpado insistisse em que não tentava matar... só ferir.

—Tem armas.

—Aye.

—São muito pequenas para terem sido feitas para um homem.

—Para um homem de seu tamanho, certamente.

Ele fez uma pausa. Isso era verdade. Havia alguns homens menores entre os clãs, e inclusive nem todos os Chrechte sempre eram altos.

—Acredito que foram feitas para uma mulher.

—Não posso evitar que o creia.

—E não responderá a minha pergunta.

—Não perguntou nada.

—Se fosse um homem menos paciente, ficaria furioso.

—Se fosse um homem menos paciente, Rowland teria morrido faz muito.

Não podia objetar essa opinião.

—Verica e você têm muito em comum.

—Crê que também o faria enfurecer?

—Acredito que compartilham a mesma natureza Chrechte.

Capítulo 11

Barr não mencionou os corvos; muitos membros do clã estavam perto e nenhum uivo soava para encobrir sua conversação como quando Earc e ele tinham falado antes.

Rowland tinha rejeitado aceitar aos corvos como Chrechte. Seus amigos poderiam sentir o mesmo e Barr não exporia Verica a algum perigo possível.

Primeiro devia eliminar toda a serpente.

A tranquila quietude da mulher ao seu lado podia ser sinal de surpresa, cólera, preocupação... ou algo. Ela não permitiu que a mais mínima insinuação de suas emoções saísse à superfície para que seu lobo a identificasse.

—Falaremos disso mais tarde —disse ele.

Sabrine não respondeu. A diferença desta manhã, quando teve a sensação de que ela tentava evitar a conversação, nesse mesmo instante Barr podia sentir que estava ansiosa por tê-la.

Interessante. Esta mulher, vestida com o plaid de um homem, nunca o aborreceria, disso estava seguro.

—Um novo amanhecer surgiu para os Chrechte Donegal — disse Verica enquanto as chamas cresciam até alcançar os céus.

—O novo amanhecer surgiu no dia em que cheguei; simplesmente não tinham se dado conta.

Earc assentiu, seu semblante era sério.

—Aye.

Verica sacudiu a cabeça, mas seus olhos mostravam um brilho brincalhão antes de voltar-se rapidamente para a pira ardente.

Antes que o meio-dia chegasse não ficava nada mais que cinzas.

A caminhada de volta ao torreão foi silenciosa e Sabrine não tentou falar. Sem dúvida, Barr já sabia que devia julgar o homem a quem Rowland tinha convencido para ajudá-lo. Era um laird honorável. Não estaria ansioso por matar a outro homem do clã tão logo depois da morte do velho laird.

E ela não o permitiria. Embora ainda devesse ocorrer-lhe a melhor forma de detê-lo.

Connor era culpado de traição em todas suas definições. O fato de que tivesse sido obrigado teria pouco peso para maioria dos líderes, incluindo o Conselho do Triunvirato dos Éan.

Circin esperava no salão com Connor e o pai humano do homem. Sua mãe Chrechte estava na cremação e ficou vendo como o corpo de seu primo ardia entre as chamas.

Ela se precipitou para seu filho, um agudo gemido escapou de sua garganta.

—Não...

Sabrine observou como Barr encontrava o olhar do pai. Ela não podia resignar-se e perder sua determinação nesse momento. Isto se fez evidente quando a resolução do filho de proteger a seu pai deu as forças necessárias.

Ela avançou até ficar ao lado de Barr, sem saber por que o fazia, mas o sentia correto.

Os olhos do homem Donegal se alargaram, sua máscara de solenidade se quebrou pela surpresa.

Sabrine recordou então que as mulheres desse clã nunca usavam kilts masculinos. Possivelmente deveria ter se trocado antes de entrar no salão, mas devia cumprir sua promessa a Connor.

Barr a olhou.

—É esse o arqueiro ao que lhe impediu de disparar a meu primeiro?

—Ele não quis fazê-lo.

Barr voltou para olhá-la, claramente surpreso pela defesa.

—Nay?

—Conhece quão desprezível filho de cadela era esse asqueroso lobo. — Ela só havia conhecido brevemente ao homem e não pôde deixar de notá-lo. Barr viveu no mesmo clã com ele durante mais de um mês. —Ameaçou ao pai do moço.

O homem em questão emitiu um som de profunda pena e a mãe de Connor começou a soluçar. Entretanto, nenhum suplicou a Barr pela vida de seu filho.

Sabrine estava segura que não se devia e que não queriam fazê-lo, mas tendo vivido tanto tempo sob o mando de Rowland, ignoravam que um líder podia ser misericordioso além de violento e egoísta.

O pai avançou, caindo de joelhos diante de Barr.

—De acordo com a lei do clã, ofereço-me a receber o castigo de meu filho em seu lugar.

Barr franziu o cenho.

—É consciente de que é culpado de trair o seu clã e o seu laird.

O ancião assentiu, enquanto afundava os ombros pelo peso das ações de seu filho.

—Morrerá por seu filho?

—Nay! — gritou Connor, tentando romper as ataduras que o sujeitavam ao banco no qual se sentava.

Os soluços de sua mãe eram silenciosos, mas todo seu corpo tremia.

Sabrine tocou o braço de Barr.

—Ouvirá o testemunho em defesa do moço?

Ele olhou a Sabine.

—Apanhou-o com o arco, o que poderia acrescentar a isso que pudesse influir em minha decisão?

Ah, a grande arrogância dos homens.

—Posso testemunhar o que ele opinava quando o encontrei. Posso dizer a você quão fácil e rápido soltou seu arco. Como Chrechte posso afirmar que falou a verdade quando me disse que não tinha intenção de matar Earc, mas que foi obrigado a lhe disparar uma flecha devido às ameaças contra seu pai.

Barr não pareceu comovido.

—As ameaças de Rowland não tinham peso. Estava destinado a morrer.

—Connor não acreditou que seu primeiro pudesse derrotar a Rowland. Ninguém o fez — disse a mãe Chrechte enquanto se esforçava corajosamente por controlar suas lágrimas.

Barr não disse nada, sua expressão não delatava nada. Tinha mascarado seu aroma com tanta eficácia, que nem sequer Sabrine podia dizer o que ele sentia.

Sabrine se moveu até ficar frente ao jovem humano.

—Dei minha palavra de não deixar que nenhum mal acontecesse a esse homem.

—A quem deu sua palavra? — exigiu Barr com um cenho.

—A Connor, é obvio.

—Meu laird, Connor não sentia apreço por Rowland e é um bom filho — disse Verica.

—Não queria matar a Earc — acrescentou Circin.

—Sempre guardou nosso segredo — acrescentou outro Chrechte que os tinha seguido ao salão.

—Se Rowland merecia morrer por seus supostos pecados, esse humano... — cuspiu a palavra um dos anciões Chrechte — deve morrer pelos seus.

Barr se girou para o ancião, sua expressão já não era impassível. A raiva dava a seus traços uma expressão que provavelmente deveria havê-la assustado, mas que Sabrine encontrou muito atrativa.

O homem era o suficiente forte para ser seu companheiro. Não tinha conhecido outro guerreiro pelo qual se sentisse dessa forma.

—Sua opinião não me interessa, ancião, nesse ou outro assunto. — Havia algo sob as palavras de Barr, como se o homem soubesse exatamente a que se referia seu laird.

O velho Chrechte zombou de Sabrine como se houvesse dito uma vil calúnia.

Barr emitiu um rugido, o som enviou um frio estremecimento por sua coluna e braços. Ela teve que controlar-se para não tremer.

Barr grunhiu:

—Não pense que passei por cima de sua falta de amparo ao torreão esta manhã.

O recalcitrante homem estremeceu, sua cólera se evaporou para ser substituída por um visível medo.

—Pode me dar seu juramento de lealdade ou deixar o clã. Barr parecia preferir a última opção.

A fúria embargou ao ancião Chrechte, mas ele inclinou a cabeça, expondo com muita dificuldade a garganta.

Barr não se agradou, mas assentiu movendo abruptamente a cabeça.

—Pode transladar suas posses ao lar de um de seus familiares. Seus aposentos no torreão serão usados por meu novo senescal⁸.

—Quem?

Mas Barr o ignorou, despedindo-se do homem mais velho sem outra palavra enquanto dava a volta para Sabrine e o homem ajoelhado detrás dela.

⁸ Um Senescal era um oficial nas casas de nobres importantes durante a Idade Média. No sistema administrativo francês medieval, o Senescal era também um oficial real, encarregado da aplicação da justiça e do controle da administração nas províncias do sul, equivalente ao "bailio" do norte da França.

—Mulher, se afaste de Aodh. A vista que tem de suas panturrilhas é imprópria.

Ela não riu, mas esteve perto.

—É um homem muito possessivo.

—Aye.

—Tentará matar o humano?

—Tentar?

Ela só o fulminou com o olhar. Se Barr não acreditava que podia salvar ao homem, logo averiguaria a verdade.

Barr sacudiu a cabeça.

—Me conceda a cortesia de seu respeito.

—Realmente o respeito.

— Então demonstre.

Ela cruzou os braços e lhe dirigiu um olhar que lhe dizia que não se arrependia de nada enquanto se movia a um lado.

—Está seguro de querer tomar o castigo de seu filho?

O homem assentiu sua determinação não fraquejou apesar do seu medo tornar ácido o ar.

Barr observou ao homem durante um longo momento. Afastou o olhar e encontrou os olhos de Connor. Silenciosas lágrimas caíam pelas bochechas do jovem guerreiro.

—Ao tentar salvar a vida de seu pai, bem pode ser a causa de sua morte.

—Não. Por favor. Faça o que quiser comigo, mas deixe viver a meu pai.

—Seu filho o ama mais que a sua própria vida, mas por suas ações, prova que semelhante sacrifício é natural.

Aodh não respondeu o medo por seu filho era um sólido muro em torno dele.

—Ninguém perderá a vida esse dia. Minha companheira suplica piedade e a outorgarei.

Ela nunca tinha suplicado nada, mas não ia discutir isso e arriscar que Barr mudasse de opinião.

Barr lhe deu uma olhada, a diversão sob sua solene expressão testemunhava o fato de que tinha tido toda a intenção de provocá-la com seu comentário.

Depois disso, concentrou toda sua atenção em Aodh.

—Assumirá as funções próprias de meu senescal. Demonstrando a lealdade de sua família a minha liderança, se transladará ao torreão e usará suas habilidades para melhorar a produtividade de nossas terras.

—Deseja que eu seja seu senescal? — Aodh estava extremamente impressionado e se via como se um sopro de ar pudesse fazê-lo cair de bunda.

—Aye, vivi nesse clã durante mais de um mês, tempo suficiente para ver que é a classe de homem que pode servir melhor ao clã nesse rol, junto a meu primeiro, terá o nível mais alto de responsabilidade de nosso feudo.

—Inclusive depois... — a voz de Aodh se acalmou, mas seu olhar se extraviou para seu surpreso filho.

—De fato. Nada ganha recordando o passado.

Era um passado muito recente para esquecê-lo tão facilmente, mas Sabrine não seria quem o mencionasse.

—Obrigado, meu laird.

Barr inclinou a cabeça.

—Me dará sua lealdade?

—Sim! — o homem permitiu que sua frente se erguesse, esmurrando seu peito esquerdo com um forte punho.

Barr sorriu, sua expressão se atenuou ligeiramente quando seus olhos se posaram em Connor.

—Espero que treine com os guerreiros, começando esta tarde.

—Mas não sou bom para nada, salvo para caçar.

—Dúvidas de minha sabedoria?

Circin estava ocupado desatando ao homem enquanto Connor negava com a cabeça veementemente.

—No futuro, confiará em que seu laird o protegerá como a cada membro de sua família... vocês são meu clã.

Um suspeito brilho cresceu nos olhos de Connor, mas o alívio e a alegria que o embargavam não deixavam dúvida de que as lágrimas que tentava conter não eram causadas pela tristeza.

Sua mãe o abraçou com força e logo avançou até ficar em pé junto a seu marido, quem já se levantou.

—Servir-lhe-ei de qualquer forma possível.

—Rowland não aprovou que tenha tomado a um humano como companheiro.

—Nay, não o fez.

—Era um idiota.

A mulher alargou os olhos, mas deu uma direta afirmação.

—Me ajude a mudar esse clã, de tal forma que cada um de seus integrantes se sinta orgulhoso de chamá-lo família.

—Farei.

Sabrine retornou às habitações de Verica, vestiu-se com o plaid de uma mulher, fazendo com que as largas saias varressem o chão. Sem dúvida eram mais quentes, mas a limitação de movimento não era algo ao que desejasse acostumar-se.

— Rowland vivia aqui no torreão? — perguntou Sabrine a Verica.

Durante um momento foi difícil reconhecer que sua busca poderia ser tão simples, mas não tinha dificuldade em ao menos esperá-lo.

Verica não respondeu, atuando como se não tivesse escutado as palavras de Sabrine. Isto não a ofendeu nem a surpreendeu. A outra mulher esteve preocupada desde que deixou o salão.

Verica guardou o outro plaid no baú e fechou a tampa, deixando as armas sobre a cama. A espada brilhou do leito da curandeira e a adaga permaneceu resguardada em sua bainha. As mãos de Sabrine formigavam por tomar e rearmar-se, mas nenhuma era dela. Tinham pertencido a uma guerreira Éan morta faz muito e era parte da herança de Verica, até se não gostasse de reconhecê-lo. O sangue de uma guerreira corria por suas veias, igual que a de uma curandeira.

Outra herança que as duas mulheres compartilhavam.

A vida tinha ditado que seguissem caminhos diferentes, mas sob a superfície, elas eram mais ou menos iguais.

Mas ainda assim, a vida de Sabrine era a de uma guerreira e se sentia nua sem armas. Não tinha tido a intenção de estar sem elas por muito tempo, mas tampouco tinha esperado que um arqueiro lhe disparasse enquanto voava.

Sua espada e duas letais adagas estavam escondidas no alto de uma árvore no bosque. Tinha acreditado que poderia consegui-las facilmente caso necessário, mas com seu braço ferido, passariam alguns dias antes que voltasse a voar como um corvo.

—Hmmm? — murmurou Verica, como se nesse momento se desse conta que Sabrine lhe tinha falado.

—Rowland, o torreão era seu lar? — Sabrine assumiu que ele vivia em sua própria cabana. Quando Barr disse ao anterior e desagradável senescal Chrechte que devia deixar o torreão, viu-se obrigada a reconhecer que sua hipótese poderia ser falsa.

—Oh. — Verica fez uma pausa como se mentalmente estivesse repetindo a pergunta. — Aye. Seus aposentos estavam perto do salão, como os do avô de Muin. Terei que limpar e entregar as coisas de Rowland a sua irmã.

—Estava no desafio?

—Nay. Não é uma Chrechte que se transforma. É sua meio-irmã, sua mãe era humana. — Verica franziu o cenho, uma amostra de desgosto apareceu em seu rosto. — Seu pai não a reconheceu, embora a semelhança fosse indiscutível. Sua esposa Chrechte não era sua Autêntica Companheira e ele não hesitou em semear sua semente onde desejasse.

—Canalha. Um adúltero entre os Éan seria banido, no melhor dos casos. O Conselho do Triunvirato aplicava as antigas leis em certas circunstâncias e se fosse decisão dela aplicaria a pena de morte.

—Aye.

Pelo visto, Rowland tinha adquirido algo de seu abominável comportamento sob a tutela de seu pai.

—Então o fruto não caiu longe da árvore.

—Tem razão. Seu pai também odiava aos que se transformavam em corvos. — Verica tremeu, como se mencionar ao homem falecido faz tanto tempo, ainda tivesse o poder de afetá-la.

Essa era uma reação que Sabrine entendia sem problemas. Ela nunca esqueceria o aroma do lobo que tinha assassinado os seus pais. Às vezes esse lhe chegava em sonhos, fazendo-a despertar tremendo e suando, e agradecida que ninguém compartilhasse sua cama para vê-la tão débil.

Pouco antes acreditou captá-lo, mas o aroma tinha sido tão fraco, que agora se dava conta de que as circunstâncias excepcionalmente tensas enganaram sua mente.

—Há outros entre seu clã que desprezam a nossa gente.

—Aye, como outros que não. — Entretanto, supor erroneamente em que direção vai às inclinações de um lobo, poderia custar à vida de quem se transforma em corvo.

—Imaginava. — Inclusive se pudesse abandonar seu papel como protetora de seu povo, não poderia viver entre o clã Donegal sem arriscar-se a morrer. Não podia ficar com Barr. Sabrine manteve sua voz neutra quando ofereceu: —A ajudarei a limpar os aposentos de Rowland, se quiser.

—Não tem que fazê-lo. — Verica olhou os arredores, vendo-se distraída e não muito preocupada no tema enquanto voltava a distrair-se em outros pensamentos. —Poderíamos pedir à mãe de Connor já que sem dúvida será a governanta do torreão agora que seu marido foi nomeado senescal.

—Mas não seria correto. — Embora tenha sido parente do velho lobo. Causou muita tristeza a sua família.

Também tinha causado muita tristeza para Verica e Circin, mas a curandeira já lhe estava dando a razão.

—Certo.

—Então, deixe que a ajude. — Seria uma oportunidade ideal para que Sabrine fizesse sua busca da Clach Gealach Gra. Não podia ter a certeza que Rowland tivesse roubado o talismã sagrado dos Éan, mas parecia o culpado mais provável. Teria ficado feliz de ver a raça dos Éan se extinguindo.

Verica perguntou:

—Está segura?

—Não tenho nada que fazer enquanto espero que meu braço cure.

—Salvo treinar as mulheres desse clã para que saibam defender-se — disse Barr da entrada.

Ambas as mulheres saltaram, Sabrine estava surpreendida por não havê-lo sentido aproximar-se. O brilho diabólico nos olhos cinza lhe dizia que ele tinha mascarado intencionalmente sua ação.

Ela conteve um sorriso. O homem era um osso duro de roer, disso estava certa. Qualquer Éan se sentiria orgulhosa de chamá-lo companheiro. Lamentava que não tivessem um futuro mais à frente do tempo que demorasse em voltar a voar e encontrar a Clach Gealach Gra.

—Ouvii algo a respeito? — perguntou ela, esperando que ele não tentasse negá-lo.

—Brigit foi a mais comunicativa, embora não soubesse.

E o que significava isso? Ele era Faol, assim não podia ter o dom de ler as mentes, o qual era algo muito pouco frequente entre os Éan. Mas era um lobo, e podia ler emoções e a honestidade. Brigit era humano; não podia esconder a verdade de um Chrechte defendendo-se detrás de algumas mentiras.

—Não se opõe?

—Nay. Nunca conheci um guerreiro feminino até sua chegada, o que me levou a analisar meticulosamente a necessidade de que todos os membros do clã conheçam os princípios básicos de como proteger seus lares.

—E suas pessoas. — Em especial as mulheres desse clã, pensou ela, precisam ser capazes de defender-se.

Ele assentiu reconhecendo-o, sua mandíbula se contraiu com força enquanto pensava em algo.

—Aye, e suas pessoas.

A conexão entre eles tinha encaixado de uma forma que Sabrine não havia experimentado quando criou um enlace para comunicar-se mentalmente com Verica. As emoções de Barr fluíam através do inexplicável vínculo. Sua fúria ante o trato que Sorchia tinha recebido, a preocupação de que outras mulheres tivessem sido objeto desse tipo de abuso, sua determinação... embora ela não podia dizer sobre o que, e subreptício a tudo isto, encontrava-se uma fome sexual dirigida exclusivamente a ela. Tão forte, que corria veloz por suas próprias veias, deixando cadentes chamas atrás de sua esteira.

Balançou-se e Verica a olhou com estranheza. Sabrine se obrigou a fazer caso omissos do desejo que a embargava, decidida a não ser governada por esse caudal de sentimentos sem futuro.

Já recuperada disse:

— Gostaria de treinar as mulheres.

—Obrigado. Não o farei obrigatório como tenho feito com os homens.

—E por que não?

—Escolho minhas batalhas.

Isso fez que Sabrine sorrisse.

—A inteligência é uma qualidade admirável.

—Aye.

—Homem arrogante.

—Você gosta quando o sou.

Isso era certo. E muito.

—Quantos dos amigos de Rowland vivem aqui no torreão?

Se ele não tinha roubado O Coração da Lua, provavelmente o teria feito um de seus companheiros.

—Os alojamentos dos guerreiros se encontram atrás do grande salão. Barr deu de ombros. —Não sei quantos dos Chrechte mais jovens concordam com as retorcidas crenças de Rowland, ou quantos dos mais velhos não o faziam, mas isso é algo que posso supor melhor depois de hoje.

—Há outros, além do avô de Muin, que tenham habitações próprias? — perguntou Sabrine.

Barr a olhou especulativamente enquanto franzia as sobrancelhas.

Verica não duvidou em responder.

—Aye. O irmão de Rowland vive em um quarto do outro lado do meu.

—Também tem um irmão?

Antes suas contínuas perguntas, Barr adotou uma atitude vigilante, mas não tentou evitar que conseguisse respostas.

—Aye. O homem é aproximadamente vinte anos mais jovem — explicou Verica. —Ele nasceu quando seus pais eram muito velhos e sua mãe morreu ao lhe dar a luz.

—Assim o que, é um total cambia forma Chrechte?

—OH, sim. Rowland nunca o teria reconhecido se não fosse.

—Porque não lhe entrega as coisas de Rowland?

—Padraig não tem interesse nas coisas materiais e realmente aprecia a sua irmã. Era uma das coisas nas que Rowland e ele discordavam. Padraig será o primeiro em insistir que os pertences de Rowland sejam entregues a ela.

—Soa como se ele e o antigo laird tivessem pouco em comum.

—Muito a desgosto de Rowland, mas tem razão.

— Padraig estava no desafio? — Sabrine não podia recordar ter visto alguém que se parecesse com o velho lobo.

Verica recolheu as armas e as levou para um suporte sobre uma parede.

—Aye, mas não chamou a atenção para ele, não mostrou seu apoio a Rowland ou sua rejeição à afirmação da liderança de nosso laird.

Sabrine não pôde evitar lhe dar um último olhar ofegante à adaga e espada.

—Não foi muito enérgico em seu apoio. A falta de expressão no rosto de Barr e o tom neutro de sua voz não indicavam como considerava o homem que não foi-muito-entusiasta em mostrar seu apoio.

—Incomodou-lhe que você fosse convocado a liderar o clã? — perguntou Sabrine.

—Não mostrou antagonismo. Realmente, passa mais tempo com o sacerdote que com os guerreiros. Sei pouco sobre ele.

Sabrine assentiu, entendendo que os caminhos dos dois homens não se cruzaram frequentemente devido a essas circunstâncias.

—Nunca criticou a nosso novo laird tal como outros têm feito — acrescentou Verica.

—Tinha a esperança de ser laird?

—Rowland sempre prometeu que Circin ocuparia seu legítimo lugar quando alcançasse a maioridade, mas nunca acreditei que cumprisse essa promessa.

Pensativa, Sabrine franziu o cenho.

—Mas crê que tente seguir os passos de seu irmão?

Sabrine não gostava da ideia de que ainda pudesse existir uma serpente entre os Donegal pronta a atacar Barr.

—O fato de que seu aposento se encontre nesta planta e o de outros na planta inferior mostra mais que uma mera distância física entre os irmãos — disse Verica. — Padraig e Circin sempre se deram bem, mas o homem não é um guerreiro. Não como a maioria dos Chrechte, e Rowland sabia. Ele se queixava disso com muita frequência, mas ainda assim Padraig passava seus dias estudando os textos em latim do sacerdote e enchendo páginas com sua própria escritura.

—Então não evita treinar porque seu irmão já não é o responsável? — perguntou Barr.

—Oh, não. Sempre se esquecia de mostrar-se nos dias que Rowland se encarregava dos soldados.

Barr pareceu contente com essa informação e se mostrou indiferente ante o fato de que um de seus Chrechte não estivesse interessado na guerra.

—Portanto é um homem culto? — perguntou Sabine. Os Éan não podiam se dar o luxo de animar os eruditos, vivendo como fantasmas no bosque. Embora ainda existissem indivíduos que se enclausuravam para aprender e estudar o que gostassem.

—É. Padraig e o padre Thomas são bons amigos, passam muitas noites falando de temas que a maioria dos guerreiros compreende muito menos que a forma de usar um tear.

Os Éan praticavam ritos religiosos muito mais antigos que os Faol. Poucos nasciam com o instinto para liderar espiritualmente o seu povo, mas aqueles que o faziam não tinham lugar em suas vidas para o caminho do guerreiro. Isto era uma lei imutável entre os Éan. E nem sequer o Conselho de Anciões, encarregado dos guerreiros como Sabine, podia questioná-lo.

Perguntou-se se o irmão de Rowland era um Chrechte dessa classe.

—É um sacerdote em formação?

Não estava segura de como os clãs chamavam a esses homens Santos.

Verica sacudiu a cabeça, a tristeza se refletia em seu olhar.

—Rowland jamais permitiria que um Chrechte fizesse votos de celibato.

Os sacerdotes humanos eram celibatários? Que estranho! Mas assim eram as coisas.

—Há assuntos mais importantes que a procriação.

—Não para Rowland.

—Rowland estava destruindo este clã e à matilha que fez seu lar aqui. O desgosto batalhava com a preocupação na voz de Barr. —Homens inexperientes para a batalha, mulheres forçadas a proporcionar o que só deveria ser seu para dar, eruditos aos que não lhes permite fazer aquilo para o que nasceram. É uma perversão de tudo o que os Chrechte têm obtido desde que unimos os clãs.

Os olhos de Verica se encheram de lágrimas e pouco depois estas caíam por suas bochechas.

Sabine a contemplou, sem saber o que fazer com a mulher chorosa quando não via razão para que a curandeira desse rédea solta a sua pena.

Com segurança Verica via que Barr tinha a intenção de fazer mudanças pelo bem da matilha e o clã.

De repente Verica lançou seus braços ao redor de seu laird e o abraçou com força.

—Obrigado.

Barr olhou a Sabine sobre o ombro da outra mulher, sua expressão em pânico. Claramente lhe pedia que fizesse algo a respeito, mas ela era uma guerreira, não uma babá.

—Porque demônios abraça a minha companheira? —exigiu Earc da entrada.

Capítulo 12

Não havia autêntica ira em sua voz. De fato, Earc parecia divertido pelo prolongado apuro de seu amigo.

Finalmente, Verica soltou a seu laird, dando, além disso, uns tapinhas no braço e um sorriso aquoso. Logo deu a volta para Earc.

—Barr e você devolveram a vida a este clã. Simplesmente estava dizendo obrigado.

—Não me soou como se dissesse algo em concreto — brincou Earc, agora o humor era mais pronunciado em seus olhos castanho claro.

Verica franziu o cenho, parecendo recuperar a compostura.

—O que faz em minha antecâmara? É impróprio.

—Sou seu companheiro, é absolutamente correto. A presença de Barr, entretanto, está aberta a más interpretações.

—Não, não o está. O fulminante olhar de Barr desafiava o seu primeiro a contradizê-lo.

Earc simplesmente levantou uma sobrancelha escura.

Verica sacudiu a cabeça.

—Pelo amor de Deus, vocês dois parecem crianças pequenas pela forma em que se incomodam.

—Que eu recorde não me chamam de pequeno há muitos anos — disse Barr, um pouco pasmado.

Earc simplesmente se encolheu de ombros.

—Falei com o sacerdote. O padre Thomas pode realizar nosso matrimônio antes da refeição da noite.

Verica oscilou para trás, seus olhos se abriram de par em par e de repente seu coração adotou o ritmo de um lobo correndo atrás de sua presa em meio de uma caçada. Ou possivelmente como a lebre caçada.

—O que disse?

Earc se aproximou dela, mas Verica retrocedeu e ficou de lado.

Ele se deteve, suas sobrancelhas formaram uma só linha, de um momento a outro a fragrância do ar clamava perigo.

— Você ouviu.

Verica negou com a cabeça.

Earc assentia enquanto dava outro passo para ela.

—Não. — Sabrine não entendia mais que outros o pânico na voz da recentemente chorosa mulher. Até o momento, Verica só tinha mostrado nada mais que uma nervosa aceitação à reclamação de Earc. Inclusive tinha estado agradecida de que o forte guerreiro tivesse intervindo para salvar a seu irmão de um desafio injusto.

Toda a afabilidade de Earc desapareceu.

—Aye. Este amanhecer a reclamei como minha companheira e minha reclamação não será posta em dúvida porque não segui os costumes humanos.

Verica abriu mais os olhos, como se fosse uma égua sem domar frente a seu cavaleiro pela primeira vez, e intempestivamente saiu disparada da antecâmara.

Earc murmurou uma fileira de maldições.

—Pelo que vejo precisará apanhar a sua companheira antes que cruze a fronteira com a Inglaterra.

Earc olhou furioso a Barr.

—Não precisa me ofender.

Barr deu de ombros, mas um sorriso se insinuava nas comissuras de sua boca.

Earc moveu a cabeça e girou sobre seus calcanhares antes de seguir a Verica com rapidez lobuna.

Barr contemplou a entrada vazia e refletiu:

—Acredito que seu acasalamento poderia ser tempestuoso.

—Só até que ele se dê conta de que consultar é mais efetivo que ordenar quando se trata de companheiros. — Mas Sabrine não podia afirmar com certeza que essa fosse a causa da fuga de Verica. O aroma da mulher se parecia muito ao de uma presa abandonada para que Sabrine pudesse entender o que tinha estado passando por sua mente. Mas ela devia saber que estava segura com Earc.

Ou não?

Verica era corvo tanto como lobo e Earc era totalmente um Faol dos Chrechte.

—Assim? — o arrastar da rouca voz de Barr acariciou o interior de Sabrine, fazendo evidente o desejo que sempre ardia a fogo lento sob a superfície quando se encontrava perto a ele.

—Aye.

—Fala com muita autoridade.

Sobre o que estavam falando? Ah, sim.

—É porque sem dúvida a tenho.

— Crê que deveria perguntar a você se você gostaria de me acompanhar a nossa antecâmara, em vez de elevá-la em braços e a levar ali?

A resposta de Sabrine foi desnecessária devido a Barr já ter feito realidade suas palavras.

O ar estava cheio do perfume de sua atração e em lugar de lutar com aquilo, Sabrine permitiu que este a cobrisse até sentir-se enjoada.

Não sabia quanto tempo tinha com este magnífico guerreiro dos Faol, mas desfrutaria de cada instante que lhe concedesse. Mas de uma coisa estava certa: não haveria muitos deles.

Earc alcançou Verica quando esta chegou às escadas. Não disse nada, contendo-se em perguntar que demônios fazia fugindo dele até que se desvanecesse a maior parte do desassossego feminino.

Era algo que seu irmão maior lhe havia dito que funcionava bem com as mulheres. Earc não tinha motivo para duvidar da sabedoria do homem, já que seu acasalamento era feliz.

Verica não se deteve no salão, mas sim saiu do torreão, cruzou o pátio, atravessou os campos e entrou no bosque. O aroma da terra aquecida pelo sol do verão e a urze não mascarava o perfume de sua presa. A tentação de caçá-la incrementou, mas Earc a conteve rapidamente.

Capturar a sua companheira era muito mais que uma premente necessidade. Algo estranho, tendo em conta que não veio ao clã Donegal planejando encontrar uma companheira ou sequer esperando-a.

Verica rodeou a área onde Earc tinha lutado no desafio; o aroma de madeira carbonizada e cinza perdurava pesadamente no ar. O aviso de que tinha sido obrigado a tomar a vida de um lobo de sua mesma espécie não ocasionou em Earc nenhuma sensação de perda. Rowland podia ter sido Chrechte, mas esteve a ponto de destruir a matilha. Não havia nada que lamentar pela perda de um ser tão malvado e egoísta.

Não deixaram de andar até que Verica chegou o pequeno arroio mais à frente da clareira. Silenciosamente, ela observou a água e logo elevou o olhar ao céu. Earc não a pressionou para que falasse, contendo-se e esperando que fosse ela quem dissesse o que tinha ocasionado que abandonasse o torreão.

Não era por ele, porque Verica não tinha feito nenhum esforço para livrar-se de sua presença desde que deixou seus aposentos, embora Earc não tivesse desfrutado da sensação que lhe provocou quando ela fugiu de casa depois de que ele fez seu anúncio.

A curandeira, depois de jogar a cabeça para trás, olhou fixamente o céu durante compridos momentos de silêncio antes de dizer:

—Transformei-me em corvo pela primeira vez neste lugar.

Earc olhou os arredores. Parecia um bom lugar para uma primeira mudança, mas não podia conciliar a ideia de que ela era ao mesmo tempo ave como lobo.

—Não sabia que os Chrechte pudessem ter duas naturezas.

—É muito estranho, mas quando dois companheiros de diferentes espécies estão unidos por um vínculo sagrado, seus filhos podem levar as naturezas de ambos em seu interior.

Essa era uma informação da qual ninguém em sua matilha tinha conhecimento, ao menos que ele soubesse. Mesmo a existência dos Éan era mais um mito que uma realidade para a matilha Sinclair.

—Seus pais eram companheiros sagrados. — De acordo ao que ela acabava de dizer, não podia haver outra forma.

—Aye. — A riqueza de significados dessa única palavra o golpeou com a força de um murro de Barr.

—Espera algo igual.

Ela deu um cauteloso olhar de soslaio.

—Sinceramente, nunca pensei em um companheiro.

—Por quê?

—Me arriscar a que meu corvo fosse descoberto era me arriscar a morrer.

Certamente não lhe temia.

—Nunca te farei mal.

—Não se parece com os homens de meu clã. — Não era um acordo total, mas estava perto.

—Nay, não sou.

Em vez de sentir-se confortada, cresceu ainda mais a inquietação de Verica. Sua respiração se tornou dificultosa enquanto que o suor começava a perlar sua frente e lábio superior. O aroma da angústia de sua mulher fez que o coração do lobo uivasse.

Era seu trabalho proteger a sua companheira de tudo aquilo que pudesse feri-la ou lhe causar uma séria confusão emocional. Seu pai lhe tinha ensinado essa verdade, mas o lobo de Earc sabia instintivamente esse conhecimento.

Verica mordeu o lábio inferior e enredou as mãos em suas saias.

—Amo a meu irmão.

—É algo natural.

—O clã confia em mim como sua curandeira.

—Não há outros que realizem essa tarefa?

—Ninguém que tenha aprendido com uma mestra curandeira como minha mãe, quem me ensinou a tratar uma ampla variedade de doenças.

—O clã Donegal tem sorte em ter você.

—Não quero ir. — Elevou a vista para ele, seus formosos olhos azuis lhe suplicavam compreensão.

Ele não podia lhe negar nada, mas ainda não entendia o porquê estava tão desgostosa. Não ia casar com ela e voltar com os Sinclair essa mesma noite, nem sequer no seguinte ano ou dois.

—Não irá a nenhum lugar.

—Como sua companheira terei que fazê-lo. Cedo ou tarde me verei obrigada a deixar a minha família.

—Como eu deixei os meus para vir aqui.

—Aye.

—Tenho pais e irmãos para compartilhar contigo entre os Sinclair. — Acaso ela não podia ver essa vantagem?

—Sou tudo o que tem Circin.

—Com nosso acasalamento me converterei em seu irmão.

—Que bem lhe fará isso quando voltar ao clã em que nasceu? —perguntou ela, de um momento a outro sua voz se tornou acusadora e angustiada.

E de repente ele entendeu sua reticência a seu acasalamento.

—Passarão anos antes que tenha que retornar.

—Não quero partir nunca.

Poderia lhe haver recordado que como sua companheira, não tinha outra opção salvo ir aonde ele fosse. Poderia lhe assegurar que tudo estaria bem, que amaria a vida entre os Sinclair, mas algo lhe conteve a dizer todas essas palavras.

Baixou o olhar para a mulher que tinha sofrido tantas perdas em sua vida e ainda assim seguia servindo a seu clã com suas artes curativas. Não se sentia amargurada ou retorcida pela pena, mas se negava a desejar mais.

Como podia não sentir-se comovido por semelhante amostra de força unida por igual com essa amostra de vulnerabilidade?

— São dois dias de viagem entre o torreão Donegal e o castelo Sinclair.

—Sim?

—Podemos visitar minha família a cada ano.

—Visitar? — um pouco de esperança soou em sua voz.

—Aye.

—Isso significa que viveríamos aqui, com meu clã?

—Com nosso clã.

—Poderíamos ficar com sua família durante uma semana ou mais, cada ano. — O entusiasmo em sua voz o fez sorrir.

Verica estendeu a mão como se fosse tocá-lo, mas de repente a retirou.

Earc lhe agarrou a mão e a levou a seu rosto. Uma estranha carga parecida com um relâmpago em miniatura se formou entre eles.

Ela elevou a vista para ele timidamente.

—Eu gosto quando sorri.

—Eu gosto quando cheira a alegria, em vez da tristeza.

—Se preocupa com minha felicidade. — Surpresa e assombro embargavam a voz de Verica.

— Sim.

—Como meu pai fazia com minha mãe — disse ela, quase com sobressalto. —Minha natureza corvo não o enoja.

—Não. — Por que sequer fazia essa pergunta? Ela tinha reconhecido já que não acreditava que fosse como outros homens de seu clã.

Ela se afastou, uma sensação de precaução a rodeava.

—Há uma coisa que ainda não sabe.

—Me diga.

—Os corvos têm dons além de sua natureza Chrechte.

—Igual aos lobos.

Ela resfolegou como se sentisse frustrada por sua falta de entendimento.

—Posso sentir a morte iminente de uma pessoa.

—O que quer me dizer?

—Sabe como um corvo sempre parece ser capaz de anunciar a morte dentro de seu território?

—Aye. É algo inquietante.

—Alguns dos Éan compartilham muito mais que a natureza de sua ave, mais do que outros podem aceitar.

—Explique.

—Se puser minhas mãos sobre alguém, posso sentir se for morrer. — Ela disse as palavras sem que sua voz se quebrasse pela emoção, mas ele não acreditava que este dom viesse sem um grande custo para uma pessoa tão compassiva como sua companheira.

—Esse é um talento útil para uma curandeira. — Embora não particularmente agradável para seu tenro coração.

—Possivelmente. Foi como soube que meus pais não morreram de forma natural.

Ele não o entendeu e foi o bastante inteligente para não fingir que o fazia.

—Porque não senti suas mortes? — tentou adivinhar.

—Não as sinto quando a morte é causada por outra pessoa.

—Assassinato. — A repugnante palavra deixou um gosto amargo em sua língua.

—Ou desafio. Ou batalha.

Esse fato tinha um pouco mais de sentido. Como os corvos que compartilhavam sua natureza com ela, reconhecia a natureza do sofrimento de seus congêneres.

—Isso quer dizer que não sabia que Rowland morreria no desafio.

—Nunca me teria aproximado o suficiente para tocá-lo e averiguá-lo. — Seu aborrecimento ante a mesma idéia ressoou desde sua suave voz. —E se o tivesse feito, não teria sabido que sua morte viria de sua mão.

—E se seu pai tivesse sido assassinado por uma besta selvagem...

—O teria sentido antes que ele deixasse nossa cabana e lhe teria advertido. Meus dons Chrechte acabavam de aparecer. Por muito tempo, acreditei que era minha culpa, que de algum jeito tinha ignorado a advertência de meus sentidos de corvo. Mas, mais tarde me dei conta de que a advertência não vinha se a morte era ocasionada pela mão do homem.

—E sua mãe?

—Definitivamente foi assassinada. — Da forma em que abraçava a si mesma, a expressão feroz em seu olhar azul, o tom de sua voz... tudo falava de uma certeza categórica.

Uma certeza com a que se obrigou a viver da tragédia, sem poder fazer nada contra os que ela acreditava responsável.

—Pelo bastardo do Rowland.

—Sempre acreditei nisso, mas não tinha provas.

E não haveria forma de que tivesse podido levá-lo ante a justiça se as tivesse tido, considerando o poder absoluto que o antigo laird tinha ostentado no clã Donegal e sua matilha Chrechte.

—Por fim pagou o preço de sua crueldade. Earc não pôde evitar desejar que o homem vivesse por mais um curto tempo e poder matá-lo novamente.

—Nesta ocasião escolheu mal à vítima de suas ofensas.

—Acreditava que seu oponente seria Circin. E o ardiloso cambia forma teria matado ao inexperiente cachorrinho sem remorso, se Circin fizesse o desafio em vez de Earc.

—Desejava que Circin o desafiasse. Procurava uma forma de desfazer-se de meu irmão.

—Aye. — Esse não tinha sido um movimento muito inteligente, mas teria sido efetivo se Rowland o tivesse levado a cabo. Claro que Barr nunca o teria permitido, mas Earc tinha suas próprias razões para ter intervindo.

—Devo-o tanto, salvou a vida de meu irmão; salvou ao meu clã. A aprovação na voz de Verica causou prazer em Earc.

Mas não era um homem que tomasse o crédito quando este não era totalmente dele.

—Barr não teria permitido que Rowland seguisse vivo depois de descobrir sua grave ofensa contra Sorchia.

Verica assentiu, uma vez mais mordeu o exuberante lábio inferior, tornando-o de um vermelho intenso e tentando-o a saboreá-lo.

—É um bom homem para ensinar a meu irmão a forma de liderar.

—Aye, é. — Mas a atenção de Earc não estava concentrada nas qualidades positivas de seu laird. Estava muito ocupado pensando no sabor em sua língua da boca de sua companheira e a sensível pele detrás de sua orelha.

Ela elevou a vista para ele, seus olhos brilhavam com uma emoção para a qual ele não tinha nome.

—Mas ainda é o homem que o salvou.

—Reclamando-a como minha companheira. — Dizer essas palavras fez que ânsia entre eles crescesse até que ele não pôde pensar em nada mais.

Verica baixou o olhar escondendo seus expressivos olhos dele, possivelmente em um intento para esconder seu próprio desejo, mas a fragrância da excitação feminina a delatou.

—Sim.

—A conexão entre nós é forte.

—É. As palavras foram quase um sussurro.

—Porque se esconde de mim?

—Tenho medo.

As palavras foram muito mais dolorosas que qualquer ferida que tivesse recebido em batalha. Tinha passado o último mês sonhando com esta mulher, sentindo-se mais e mais apaixonado por ela até fazer que reclamá-la como companheira esta manhã lhe parecesse à ação mais natural.

E tinha medo.

Ele retrocedeu, de modo que o assombroso vínculo já não zumbisse entre eles. Possivelmente seus sentimentos eram mais unilaterais do que tinha acreditado. Possivelmente os sentidos de seu lobo lhe enganavam.

—O que tenho feito para merecer algo semelhante?

Ela apertou as mãos, retorcendo-lhes enquanto a ansiedade os rodeava com uma densidade maior à névoa matinal. E duas vezes mais fria.

—Me responda. — Ele teria uma resposta; não era um ogro para ser temido pela mulher destinada a levar a seus filhos.

—Poderia chegar a amar você — disse ela, sua voz foi tão fraca que nem sequer se podia considerar um sussurro.

Se não fosse um lobo, não a teria ouvido. Mas era lobo e realmente a ouviu, mas nada tinha sentido.

—Como pode ser algo mau? Deveria uma mulher não amar a seu companheiro?

Verica elevou a cabeça abruptamente, seus formosos olhos azuis disparavam faíscas de fogo quase irresistíveis.

—E você? Também me amará?

—É o dever de um homem sentir carinho por sua companheira.

—Sentir carinho e amor não é o mesmo.

—As mulheres podem assinalar a distinção, mas um guerreiro não.

—Sabrine é uma guerreira. Estou segura de que nota.

—Ela é um mistério que Barr deverá resolver antes que este clã seja posto em perigo.

—Crê que é um risco para nós? Ela não é Rowland, procurando o poder ao final de seu punho.

—Vem de um povo que todos acreditávamos um mito.

—Não todos — disse ela, lhe recordando que Verica também era corvo.

—Como seu clã pôde permanecer ignorante de sua natureza dual?

—Aos Éan é ensinado na infância a mascarar sua verdadeira essência.

—Mas a natureza Chrechte não se mostra até que o corpo inicia sua viagem física à idade adulta.

—Para os Faol possivelmente. Os corvos não mudam até que chega esse tempo, mas nascemos com a capacidade de mascarar algumas emoções e nosso verdadeiro aroma.

—Todos os corvos o têm? — porque não todos os Faol possuíam esse dom.

—Pelo que sei, sim.

—E seus outros dons?

—Manifestam-se com plenitude depois de nossa cerimônia de maioridade.

—Têm uma cerimônia para essa ocasião?

—Todos os Chrechte costumavam tê-la, mas os Faol deixaram de realizar a sua quando se uniram aos clãs.

—A qual estava envolta na violência e o desenfreno sexual. — Ele começou a recordar as histórias, mas jamais poderia imaginar-se participando da classe de ritual que seus antepassados tinham realizado. Sobre tudo na cerimônia de transição que uma vez se praticou.

—A dos Éan é mais mística.

Afastaram-se do tema de seu temor e ele não estava preparado para deixá-la ir, inclusive para falar de quão fascinante eram os Éan.

—Não tem nada que temer de mim.

—Tenho muito que temer.

—Prometi não feri-la jamais.

—Mas pode prometer que alguma vez me romperá o coração?

—Nay.

Ela voltou a retroceder e franziu o cenho, evidentemente incomodada por sua resposta.

—Se me amasse como afirma que poderia, minha morte em uma batalha romperia o seu coração e não posso prometer a você que isso não passará.

—Ah.

—Nem sequer que jamais tocarei a outra mulher.

—Se for meu autêntico companheiro, não será capaz de fazê-lo.

Ele sorriu feliz.

—Se for seu Autêntico Companheiro, conhecerá meu coração embora eu não seja aficionado a falar do que ali guardo.

O sorriso que cobriu seu rosto fez que sua beleza brilhasse do interior.

—Será melhor então que tome cuidado, quando a coisa que mais temo é que sejamos companheiros sagrados.

—Porque temer semelhante dom?

—Olhe o que isto custou a minha mãe.

—Porque o diz?

—Meu pai se sentia crédulo em sua capacidade para protegê-la. Negou-se a permitir que escondesse sua herança corvo. Não lhe contou da natureza dual de Circin e da minha. Foi algo que tivemos que esconder de nosso pai como do resto do clã, mas mamãe estava muito segura de que revelá-lo nos poria em perigo.

Como devia ter sido difícil e seguia sendo para Verica, uma mulher de peculiar honestidade.

—Sua crença em que seus próprios guerreiros compartilhariam sua honra destruiu a ambos.

—Sim.

—A decisão de a quem revelar seu segredo será sempre tua. —Suas palavras eram mais que uma promessa, um voto.

Ela sacudiu a cabeça, a expressão em seus olhos era de total incredulidade.

—Nenhum guerreiro é tão pormenorizado como se mostra.

Ele quase riu em voz alta dessa avaliação de seu caráter, mas viu que ela queria dizer justo isso, assim cortou sua alegria. Não compreendia essa compulsão por proteger a sua companheira com tudo o que tivesse ao seu dispor, incluindo o subterfúgio quando fora necessário.

—Me alegre que acredite

—Não, não o faz.

—Nem sempre sou um homem paciente. — Um guerreiro devia ter paciência, mas ele era Chrechte e a espera não era algo natural em Earc.

—Já me dava conta disso. Ela riu brandamente. —Quando anunciou que nosso matrimônio devia realizar-se esta noite.

—Então já o aceitou?

Ela mordeu os lábios, mas assentiu.

—E agora qual é sua preocupação? — não desejava soar irritado, mas este assunto de cortejar a uma fêmea Chrechte não era menos complicado do que teria sido se fosse humana. Depois de ter visto seu antigo laird e a sua dama lutar audaciosamente para que seu acasalamento fosse um êxito, tinha esperado que o acasalamento com uma mulher de sua raça as coisas fossem mais simples.

—Faz soar como se tivesse um cesto de preocupações.

Ela os tinha, mas ele suspeitou que dizer-lhe não a animaria a lhe revelar o último, assim simplesmente a observou com um olhar que esperava inspirasse confidências. Este funcionava com seus irmãos pequenos.

—Sou virgem. Ela o fez soar como se fosse algo vergonhoso, em vez de como o presente que ele considerava que era.

Para ambos.

—Eu também.

As pupilas escuras dos olhos de Verica quase tragaram o azul que os rodeava.

—É?

—Aye. Talorc desestimulava os lobos a terem sexo fora do acasalamento.

—O que quer dizer com que desestimulava?

—É um oponente muito forte. — O que acreditava ela? Que Talorc tinha imposto castigos severos se sua recomendação fosse ignorada? Possivelmente com um laird como Rowland, semelhante pensamento não fora tão misteriosamente desatinado. —Barr ignorou as restrições de Talorc, mas eu não. Ele era meu laird.

Barr havia dito que um laird não tinha direito a ordenar em assuntos pessoais dessa classe, mas Earc não esteve de acordo. Sobre tudo porque o laird não era um monte de merda como Rowland.

—Assim você nunca... — a voz suave de Verica foi apagando até desaparecer, mas o rosa de suas bochechas lhe disse tudo.

—Nunca.

—Nem sequer um beijo? — A comoção em sua voz teria sido divertida se isto não lhe fizesse perguntar o mesmo sobre ela.

Não gostava da possibilidade de que outros lábios houvessem tocado sequer uma pequenina porção dela, pelo que lhe perguntou:

—Nay. E você?

—Não, claro que não! — Ela o olhou furiosa e logo voltou a morder o lábio. —Mas então como saberá o que fazer?

—Meu pai teve uma conversa com todos os irmãos quando nos crescíamos o suficiente para nos acasalar. — Os humanos poderiam ter achado muito francas as descrições de seu pai e muito desmedidas suas respostas às perguntas embaraçosas.

Entretanto, ele era um Faol. Desde que o sexo já não formava parte do ritual de maioridade, discutia-se sobre este e não se deixava nada à imaginação.

—É isso habitual? Entre os de nossa raça? Entre os lobos quero dizer.

A pergunta de Verica atingiu o coração de Earc, obrigando-o a encarar a verdade de que ela tinha perdido a seu pai antes que se convertesse em adulta.

—Aye.

—Os Éan não são tão diretos, acredito.

—Possivelmente o são, mas sua mãe não teve a oportunidade de falar de tais assuntos contigo.

O rubor nas bochechas de Verica se fez mais profundo e o pulso em sua garganta tremulou.

—Poderia perguntar a Sa... a alguém, suponho.

—Iria nomear Sabrine. Não tente dissimular comigo.

—Eu...

—Barr compartilha tudo comigo como se fôssemos irmãos. Disse-me que era o corvo que sobrevoava no momento que matei Rowland.

—Não pode lhe contar a ninguém mais sobre ela.

— Eu sei. Revelar o segredo dela arriscaria o seu. Ele estendeu a mão e puxou Verica para que estivesse no círculo de seus braços. A extremamente estranha e maravilhosa conexão os uniu mais fortemente que seu abraço. —É minha companheira; nunca a porei em perigo. Além disso, ela é a companheira de meu laird. É meu dever protegê-la; os misteriosos segredos não mudam este fato.

—Não acredito que se veja como a companheira de Barr, embora não negou que se uniram fisicamente.

Earc riu da vergonha na voz de sua companheira.

—Aye. Barr já a considera assim e assim o será; só espero que não prejudique o clã.

—Sabrine não fará mal ao clã.

—Então por que está aqui?

O doce olhar azul de Verica se encheu de confusão.

—Barr a encontrou ferida no bosque e a trouxe para nós.

—E crê que Sabrine estava perto de nossa caçada sem motivo algum?

Verica tentou separar-se dele, seus olhos eram mais tempestuosos que o céu antes de uma tormenta de verão.

—Questiona sua honra? É minha amiga.

Earc não deixaria que sua companheira se afastasse e puxou-a até que seu rebelde corpo se apertou contra ele.

—Conhece-a faz apenas uma noite.

—E um dia.

—E um dia.

—Ela salvou sua vida.

Esse comentário o irritou.

—Não crê que eu haveria sentido a flecha?

—Não é Deus.

—Sou um guerreiro Chrechte.

Verica sacudiu a cabeça, mas permitiu que seu corpo se relaxasse contra ele.

—É muito arrogante.

—E você é muito sedutora.

Uma vez mais, Verica abriu os olhos de par em par, mas sua comoção estava atenuada pelo aroma de sua própria excitação.

—Não podemos fazer nada. Não aqui. Nem agora.

Earc não estava de acordo com o aqui, mas o agora era verdade. Tinha prometido a Barr lhe ajudar a treinar aos soldados.

—Teremos que esperar esta noite.

Toda sua angústia retornou de repente, rodeou-os e encheu seu corpo com a rigidez da tensão.

—Teremos uma cerimônia Chrechte de acasalamento?

—Deseja uma? — A verdade era que não o tinha considerado, já que sua família não estaria presente na boda.

Ela examinou seus olhos e logo deixou cair sua cabeça contra seu peito, escondendo efetivamente seu rosto dele.

—Não somos tão livres com nossos corpos como seus Sinclair parecem ser.

—A antiga tradição dita que posso cobri-la com as peles que cacei. Fazê-lo simbolizava sua capacidade para prover a sua companheira e sua perícia na caçada.

Ignorava se os Éan possuíam tradições similares. Havia muito a respeito dos que se transformavam em aves que teria que aprender incluindo a melhor forma de protegê-los daqueles que ainda se consideravam seus inimigos.

—Faria? — Ela voltou a retroceder para olhá-lo aos olhos e a expressão em seu olhar o fez sentir como o vencedor de todos os desafios.

—Aye.

—Mas tem suas peles aqui?

—Durmo nelas. — Era uma antiga tradição Chrechte a que muitos dos Sinclair ainda se aferravam, inclusive Talorc.

—Barr tem um plaid dos Sinclair em sua cama.

Earc deu de ombros.

—Recorda-se que este clã não é dele. Faz isto pelo bem de seu irmão.

—É um homem de honra.

—É.

—Você também.

—Me alegre que pense assim.

—Há uma cova no penhasco onde Connor se escondeu hoje. Os poucos Chrechte que decidem honrar sua companheira com o ritual ancestral vão ali.

Ahá, então considerava o ritual de acasalamento Chrechte uma honra e claramente desejava participar do rito. Modestamente, é obvio. Ele quase sorriu, mas suprimiu o impulso e perguntou:

—Porque não nas covas sagradas com os mananciais termais?

— É quase um dia de trajeto até ali e Rowland desalentou a nosso clã de fazer a viagem.

—Depois que as coisas no clã estejam mais assentadas, viajaremos ali para uma segunda cerimônia com minha família. Isto os agradaria e ajudaria a seus pais a aceitar a eleição de Earc de fazer sua vida com o clã Donegal.

—Obrigado. Eu gostaria muitíssimo.

—Agora, podemos voltar para o torreão? Tenho soldados que treinar. — E se ficassem ali um tempo a mais, esqueceria suas responsabilidades em favor de uma cerimônia de acasalamento muito íntimo, só entre a curandeira e ele.

Capítulo 13

Barr fechou com o calcanhar a porta de sua antecâmara antes de se permitir soltar Sabrine. A necessidade de fazer amor os levou a arrancar os plaids e o resto de suas roupas, mas ele tomou um segundo para colocar as armas a uma distância fácil de alcançar tal como era seu costume. Logo os fez girar, pressionou-a contra a porta e lhe devorou a boca.

Sabrine não permaneceu quieta, mas sim lhe devolveu cada ardente carícia por outra, seus lábios, línguas e dentes entrechocaram. Era seu parceiro ideal em cada forma possível. Uma humana recatada não encaixaria tão corretamente. Mas a pele suave de Sabrine se sentia perfeita sob seu toque, quente e suave, e desmesuradamente sedutora.

Enquanto seus sentimentos por ela eram uma mistura de ternura e luxúria, nesse instante o desejo voraz tinha pleno controle. Levantou-a pelas nádegas até que seus sexos estivessem alinhados e logo passou seu rígido pênis contra o montículo feminino. Os úmidos e sedosos cachos se sentiam tão bem, mas ele conhecia algo que seria melhor e ansiava a sensação de sentir-se envolto por sua disposta e escorregadia carne.

—Está pronta para mim? — perguntou contra os ativos lábios de sua amante.

Sabrine cabeceou desesperadamente, fazendo que sua cabeça golpeasse a porta duas vezes.

Barr quase riu, mas sua garganta estava muito seca e seu membro muito endurecido.

Sabrine estendeu as coxas, fazendo que suas pernas rodeassem as coxas de Barr, lhe dando acesso a sua doce profundidade. Barr deslizou seu membro endurecido de cima abaixo pelas delicadas dobras até que ambos gemeram, e soube que devia entrar nela. Agora.

—É minha! — gritou quando a ponta de seu membro invadiu o santuário feminino.

—Sua. A voz de Sabrine apenas foi um sussurro, mas esteve tão cheia de ofegante paixão que ecoou dentro dele como o grito de guerra mais potente.

Sabrine se arqueou para ele enquanto Barr a penetrava lenta, mas inexoravelmente.

Agarrou seu pescoço tão ferozmente que lhe deixaria marca e ele se deleitou por essa verdade.

—Até um fogo tão ardente deve consumir-se.

—Nay — rechaçou ele imediatamente. Eram autênticos companheiros, face ao que ela insistisse em acreditar, a paixão entre ambos arderia intensamente até que fossem anciões e suas cabeças se cobrissem de cinza. Até que um deles transpassasse as fronteiras da seguinte vida.

—Essa é a realidade. Como nós mesmos morreremos.

—Viveremos!

—É tão contraditório.

—E você tão fatalista. Ele a penetrou. — Construiria muralhas no céu se lhe permitisse isso, mas eu construirei tal êxtase entre nós que suas muralhas cairão.

Plantaria sua semente. Seu bebê seria concebido, algo que só era possível entre autênticos companheiros quando um Chrechte e um humano se acasalavam. Assumia que seria o mesmo para um Éan e um Faol.

Teria que perguntar a Sabrine.

Depois.

Custasse o que custasse, ela daria a luz a seu filho. A criança nascida de suas forças combinadas seria o guerreiro mais forte em muitas gerações. A perspectiva de que o bebê pudesse ser uma garotinha não desalentava absolutamente seus pensamentos.

—Sei o que nos proporciona o futuro. — As lágrimas destacavam nos olhos quase negros de Sabrine.

Aprenderia que chorar era desnecessário.

—Igual a mim, mas só um de nós tem a razão.

—Homem arrogante. E acredita que é você que tem.

—Chorosa mulher, crê que a tem você. — Mesmo em meio da alegria de suas penas, a tristeza subjacente nela não se dissipava.

—Não quero voltar a chorar! — As palavras se perderam entre seus gemidos de prazer e Barr permitiu que estas se desvanecessem.

Demonstraria que não tinham que se separar como estava tão segura que fariam. Aprenderia que podia lhe confiar os segredos de seu povo. Não a trairia.

Casaria com ele; Sabrine diria seus votos Chrechte nas covas sagradas. A convenceria de que tudo isso era correto. Ele não tinha opção. Não perderia sua companheira, não pelo medo ou a loucura de outros.

Earc cheirava a satisfação, mas esta não era originada pela paixão, quando se reuniu com Barr para começar o treinamento adequado dos humanos e Chrechte do clã Donegal.

—E então, levará a cabo a boda? — perguntou a seu primeiro.

—Chegou a duvidar?

—Ela fugiu de ti como se fosse um coelho escapando do lobo que é.

—Tinha algumas preocupações femininas.

—E você a consolou? — perguntou Barr, com riso na voz.

Earc o empurrou enquanto avançava, para ficar diante de um grupo de homens humanos.

—Era meu dever.

Barr conteve sua risada. Abertamente. Earc desejava à curandeira e a teria, mas ela tinha deixado claro que isto não seria fácil.

Treinaram aos homens com dureza e quando terminaram, cada um dos membros do clã tinha sinais para demonstrá-lo, fossem humano ou Chrechte sem distinção.

Sabrine se reuniu com eles para a refeição da noite, seu comportamento recatado não concordava com a mulher selvagem que o tinha feito arder até convertê-lo em cinzas contra a porta de sua antecâmara essa tarde. Tinha sido um golpe de sorte poder seguir em pé no treinamento da tarde justo depois de estar com ela. Seus oponentes em tais disputas não costumavam tocar em Barr durante um encontro, mas hoje um dos primos de Brigit tinha conseguido lhe dar um golpe na coxa.

Não tinha sido sério, mas o fato de que o homem tivesse acertado um golpe contundente, e não apenas roçado, foi causa de grande regozijo entre os recrutas.

E tudo era culpa de Sabrine. Tinha-o deixado malditamente perto da extenuação.

Verica parecia nervosa, mas não aterrorizada. Tudo o que Earc lhe houvesse dito para acalmar seu notório temor ainda perdurava.

Circin sorria e ria com seus amigos enquanto eles tiravam o sarro pelo iminente matrimônio de sua irmã. O padre Thomas tratou de levar Earc à parte para lhe dar o tradicional conselho antes de realizar a cerimônia nupcial e Padraig se ofereceu para aconselhar Verica sobre os deveres de uma esposa. Sem dúvida seu semblante delatava que o homem, que seria sacerdote se não fosse pelo irmão ao que esteve obrigado a obedecer, sabia menos de tais assuntos que a virginal noiva balbuciante e ruborizada.

Esta era a situação mais normal que viu neste clã e Barr se permitiu desfrutar do momento.

Claro que isto não podia durar, o fedor da amargura e inveja acompanhava o avô de Muin enquanto se aproximava da mesa de Barr.

—Aprovou a união entre nossa curandeira e seu primeiro? — perguntou ele sem preâmbulo.

—Sim.

—E o que será de nosso clã sem uma curandeira quando a levar? — perguntou o ancião queixosamente.

Que desmancha-prazeres.

—Não a levará a nenhum lado.

—Levará quando vocês dois permitirem que Circin lidere aos Donegal. O homem cuspiu o nome de Circin com uma grande dose de desprezo.

Barr ficou em pé e se dirigiu ao salão agora silencioso.

—Um dia Circin conduzirá este clã, mas não antes que alcance a idade para fazê-lo, tanto em força como em sabedoria.

As aclamações soaram por todos os lados e vários aplaudiram. Circin sorriu abertamente, sem parecer preocupado por suas perspectivas.

—Earc veio aqui porque seu laird o pediu — disse Barr. —Se ficar, será porque sua companhia assim o solicite.

—Ela já o fez — disse Earc tranquilamente, assentindo para Verica.

Verica retorcia a saia com tanta força que provavelmente enrugaria as dobras se não parasse.

—E qual foi sua resposta? — perguntou Barr, apesar de estar seguro desta.

—Que reclamaria o clã Donegal como minha família depois de nosso matrimônio.

A ovação foi ainda mais sonora que a anterior, com muitos mais aplausos de mãos e pés. A curadora era muito apreciada no clã e Earc era um guerreiro excelente.

—Tudo solucionado então. — Barr despediu o ancião Chrechte com um olhar. —A boda se realizará no pátio ao por do sol.

Verica se moveu nervosamente e seu olhar trêmulo foi para Earc. Ele sorriu e lhe piscou os olhos. Pelo visto não tinha mencionado que tinha feito os acertos para que pronunciassem seus votos sob o céu tal como preferiam os Chrechte.

Barr olhou Sabrine para captar sua reação ante as novas e encontrou que seu rosto tinha essa impassível máscara que ele achava tão incomoda. Não havia forma de ler seus pensamentos ou sentimentos; ela os tinha mais agasalhados do que um bebê inglês em pleno inverno.

—Você não gostaria de pronunciar seus votos comigo? — perguntou-lhe, causando que muitos na estadia guardassem silêncio já que os Chrechte podiam ouvir suas sussurradas palavras.

Ela o fulminou com o olhar, mas Barr permaneceu imperturbável. Ela era dele. Todos deviam ser conscientes do fato.

—Falaremos disso mais tarde.

—Não pode dizê-lo a sério, laird. Era o avô de Muin outra vez. O homem não tinha um mínimo sentido de propriedade quando falava com seu laird.

A diferença de Rowland, Wirp não era uma ameaça direta para a liderança de Barr e era propenso a mostrar um pinga de piedade. Osgard não estava presente na refeição desta noite para repreender ao ancião Chrechte como já tinha feito com Rowland.

Osgard tinha sofrido uma recaída em sua saúde depois de testemunhar o desafio. As lembranças e o presente competiam pela supremacia em sua mente, a compaixão de Barr pelo homem crescia dia a dia.

— Já disse em uma ocasião e o repetirei pela última vez. O proximo comentário sobre o tema será visto como um desafio. É minha função assinalar quem escolha como companheira, não a de ninguém mais e certamente não a sua.

O ancião o olhou irado e abriu a boca, mas Muin devia lhe haver dado um chute sob a mesa, porque Wirp fez uma careta de dor depois que se ouviu um ruído seco, e não falou.

Barr percorreu com o olhar aos reunidos.

—Alguém põe em dúvida meu direito a escolher a minha companheira?

—Nay, mas meu laird, de onde vem ela?

—Sua memória é pouco precisa nesse aspecto. — Ou ao menos sua admissão sobre o tema era.

—Golpeou a cabeça no bosque? — perguntou outro.

—Aye.

—Ah. — Um coro de compreensão percorreu a estadia.

Embora tivessem escutado o mesmo a noite anterior, agora que viam Sabrine, os guerreiros pareciam mais inclinados a aceitar sua história. Ele não estava, mas sabia que para ela dizer a verdade era um assunto de confiança.

Confiança que Sabrine ainda não sentia, mas que conseguiria sentir.

Era seu companheiro.

E era o laird.

E um Chrechte de honra, maldição.

Ela simplesmente tinha que abrir os olhos a estes importantes feitos.

Sabrine ia provar sua carne quando um aroma desconhecido e muito fraco chegou às fossas nasais de Barr. Seu lobo uivou uma advertência e sem necessidade de pensar agarrou pela mão.

A carne caiu dos dedos de Sabrine, e esta elevou a vista para ele, Barr lhe arrebatou o prato e o elevou até o nariz. O aroma desconhecido era mais forte. Podia ser uma especiaria que os cozinheiros Sinclair não usavam, mas seu lobo lhe advertia que era algo mais.

—Verica, cheira isto — ordenou, lhe entregando o prato.

Ela farejou delicadamente e logo ficou pálida, seu olhar preocupado se posou em Sabrine.

—Comeu algo?

—Ainda não.

—Bem.

—O que é?

—Folhas de tomate, secas e pulverizadas. Porão a um homem muito doente, mas matarão a uma ave — sussurrou ela muito discretamente a última parte. —Não deveria haver nada disto nas cozinhas.

—Então como apareceram em seu prato? — perguntou Barr.

Verica não teve resposta, nem Sorchia ou as outras cozinheiras. Os pratos de Sabrine e Barr tinham sido servidos em separado com o melhor de um lombo de cordeiro e colocados a um lado enquanto o resto da comida era preparada para ser levada a salão.

Alguém poderia ter orvalhado o veneno no prato de Sabrine, mas como saberia qual seria o dela? Sorchia não os tinha distinguido nem sequer no tamanho das porções, dando um silencioso testemunho de sua aprovação à companheira do laird, embora essa companheira não quisesse ser chamada assim.

Não havia indício de que quem tinha orvalhado o prato com as folhas de tomate seca queria fazer algo além de fazer que ele ou Sabrine adoecessem. De fato, também poderia ter sido uma prova das capacidades de Barr.

Mas apesar de tudo, não gostava de ser consciente de que a travessura poderia ter sido mortal para Sabrine devido a sua natureza corvo.

Sabrine permanecia muito direita junto à Verica, ainda aturdida que a outra mulher lhe tivesse pedido que a acompanhasse na cerimônia de matrimônio. Como protetora, ela passava muito pouco tempo entre sua gente. Nunca tinha assistido a uma cerimônia Chrechte de acasalamento, muito menos a uma das escassas bodas em que um Éan e um humano uniam suas vidas.

Não desejava fazer algo que danificasse o momento para sua nova amiga, mas não tinha ideia do que devia esperar, ou do que se esperava dela.

Permaneciam em pé ante o sacerdote, Earc junto à Verica e Barr do outro lado do noivo. Se havia uma só pessoa do clã que faltasse entre a multidão que os rodeava, Sabrine nunca seria capaz de afirmá-lo. Havia tantos que o pequeno clã tinha que estar presente em sua totalidade, da avó mais anciã até o último recém-nascido.

Enquanto o ácido fedor da amargura surgia de vez em quando, nada podia competir com o afeto esmagador que a multidão sentia pela curandeira do clã. A alegria, pelo contrário, era uma fragrância embriagadora ao redor deles tão agradável como a urze nas colinas.

Verica tremeu nervosa e Sabrine se perguntou o que se supunha que devia fazer a respeito, se é que devia fazer algo. Possivelmente acariciar o braço da outra mulher de um modo tranquilizador?

Tentou-o e Verica lhe deu um pequeno sorriso.

Alguma melhora.

Earc franziu o cenho e girou de tal forma que seu corpo se orientasse mais para sua noiva que ao sacerdote.

—Acreditava que já havia resolvido seus medos.

Verica ofegou e olhou a todos os lados com um ar intensamente envergonhado.

—Shh... — vaiou.

Earc sacudiu a cabeça, mas seu cenho diminuiu como se lhe tivesse ocorrido algo.

—Não há necessidade de estar nervosa diante de seu clã. Estão aqui para que vá bem, não se darão conta de qualquer tropeção que possa fazer quando pronunciar seus votos.

Seu intento por falar discretamente serviu de pouco, considerando o fato de que os Chrechte seriam capazes de lhe ouvir com total clareza.

Verica olhou carrancuda a quem seria seu marido, mas sua desigual respiração se aliviou um pouco e seus ombros se relaxaram.

As palavras de Earc tinham sido as corretas.

Pegou-a pela mão e quando ela tentou liberar-se de maneira muito óbvia, enquanto voltava a olhar a todos os lados, ele apertou seu agarre. Os humanos poderiam divertir-se devido ao afeto entre companheiros, mas Sabrine aprovou as ações de Earc. Porque logo que ele tomou a mão da Verica, o pulsar do coração da curadora se fez menos errático e sua respiração recuperou sua normalidade.

Depois de outro intento fracassado por liberar sua mão, Verica permaneceu junto a Earc, seu olhar pousou no rosto de seu prometido como se os membros do clã que a tinham posto tão nervosa deixassem de existir.

O sacerdote abriu a boca para falar, mas olhou a Barr e a tornou a fechar.

Sabrine deu uma olhada em Barr para ver o que tinha feito que o padre Thomas vacilasse. Barr estava em pé, com os braços cruzados e os músculos cheios, sua postura era rígida e controlada. O feroz olhar em seu rosto era tão ardente que poderia queimar as pedras, e o homem de Deus parecia estar chamuscando-se.

Parecia que nem Earc nem Verica o notavam, estavam muito concentrados em olhar fixamente um nos olhos do outro. Na realidade, isso era algo doce, mas não muito proveitoso na atual situação.

Sabrine decidiu que teria que tomar as rédeas do assunto se queria que as coisas avançassem. Possivelmente por isso Verica lhe tinha pedido que a acompanhasse?

—Aconteceu algo, Barr? — perguntou.

Deu um olhar de soslaio, sua expressão não mostrava uma apreciável melhora.

—Nay.

—O sacerdote pode começar?

—Aye. Preferiria que o fizesse. Em minha opinião, isto está demorando mais do que deveria.

O padre Thomas se estremeceu.

—Possivelmente se não franzisse o cenho como um urso zangado, ele acreditaria que esta cerimônia tem a aprovação do laird deste clã.

Finalmente, o cenho de Barr diminuiu, mas agora suas sobrancelhas se uniam pela confusão.

—Se não fosse assim por que estaria aqui?

—Estou segura de que o sacerdote se pergunta o mesmo. — Ela não fez nenhum esforço por ocultar a brincadeira em sua voz. —Não acredito que seu trabalho como laird requeira que intimide ao sacerdote encomendado a servir a seu clã.

Barr observou ao padre Thomas.

—Intimido-lhe, Padre?

O homem grisalho de olhar gentil trouxe saliva, mas assentiu.

—Um pouquinho, meu laird.

—Isso não foi intencional. — Barr a olhou, sua expressão lhe perguntava se já estava contente.

Ela realizou um leve assentimento.

Os lábios de Barr se curvaram ligeiramente nas commissuras.

O sacerdote soltou um pequeno suspiro, seu alívio era visível.

—Me alegro de escutá-lo.

—Continuem.

—Sim, meu laird.

Sabrine não estava segura, mas suspeitava que nem sequer um laird devia tratar o líder espiritual dos humanos com tal arrogância. Entretanto não disse nada, já que não desejava prolongar a cerimônia.

O padre Thomas respirou fundo, exalou lentamente, engoliu, clareou a garganta e finalmente começou a falar. Pronunciou um sermão sobre o matrimônio e a honra que todos deveriam sentir por participar da cerimônia que ligava duas vidas como uma corda trançada. Era uma estranha comparação, pensou ela, mas insolitamente precisa.

Quando o sacerdote convidou à congregação a participar de um hino, Sabrine se sobressaltou quando quase todos os presentes fizeram exatamente isso. As agudas vozes dos meninos se mesclavam com os gorjeios dos anciões e os profundos barítonos dos guerreiros. As vozes femininas teciam as demais, como os fios de uma tapeçaria, fazendo que a música comunal fosse tão formosa como comovedora. Não importava a fealdade que residia entre este clã, havia mais. Muito mais do que Sabrine teria acreditado possível antes de chegar a eles.

Nem todos os lobos eram malvados assassinos e os humanos não eram uns estúpidos por lhes permitir viver entre eles. Este grupo, cantando tão alegremente, era uma família, no sentido mais autêntico da palavra.

Enquanto uns poucos, sem dúvida, ainda choravam a perda de seu antigo laird, a maioria estava claramente contente olhando ao futuro e todos desejavam celebrar o matrimônio da bondosa curandeira.

Seus vínculos eram um pouco mais fortes que entre os Éan e Sabrine não o tinha esperado. Os Faol sempre tinham sido monstros em sua mente e agora eram um povo no qual alguns de seus membros eram bons e outros maus... mas ainda assim não podia confiar demais.

Quando a canção terminou, o padre Thomas sorriu.

—Foi uma canção de divina beleza e ninguém me convencerá jamais de algo diferente.

Verica sorriu e Sabrine se alegrou de que as palavras do sacerdote tivessem agradado à mulher corvo, embora não estava segura de que ele havia dito para agradá-la. Ele abaixou a cabeça e rezou. Embora ela não entendesse uma só palavra, reconheceu a atitude de reverência. Sabrine falava o suficiente inglês para reconhecer o idioma, mas nenhuma das sílabas pronunciadas pelo religioso era de alguma forma discernível.

Não fechou os olhos nem abaixou a cabeça como muitos tinham feito, assim notou o ancião que observava ao casal de noivos com total aborrecimento. Era o mesmo homem que tinha sido tão desagradável na refeição da noite. Tinha escutado que se chamava Wirp.

Seus olhares se encontraram e os olhos do ancião se alargaram quando ela não abaixou o seu. Sabrine deixou que o guerreiro vislumbasse seu rosto e lhe deu uma advertência silenciosa do que aconteceria se tentava interromper a felicidade de sua amiga.

O olhar hostil do velho se intensificou, mas esta vez se focava totalmente nela. E Sabrine o permitiu ver que seu ódio não a assustava. Tinha vivido toda sua vida acreditando que os Faol a odiavam até a morte. Aprender que alguns não compartilhavam esse sentimento, fazia com que o ódio deste homem parecesse insignificante. E com segurança não tinha o poder de lhe fazer mal.

Entretanto, Verica não sentiria o mesmo a respeito; Sabrine estava segura. A curandeira era vulnerável às opiniões de seu clã e Sabrine não permaneceria com os braços cruzados enquanto um ancião amargurado fazia sua nova amiga miserável.

Durante um breve segundo, a guerreira descendente da linha real dos Éan se rodeou com a imagem de um dragão dourado, antigo ancestral de seu povo.

Os que se transformavam em dragão já não sulcavam os céus, mas sua lembrança não tinha sido esquecida como as grandes bestas Faol tinham descartado as histórias antigas como um mito. Assim como muitos deles tinham descartado aos Éan.

Mas não este homem.

Tinha a sensação de que Wirp sabia que a aves Chrechte ainda existiam e as desprezava com todo seu ser. Mas nesse instante não havia espaço para seu ódio. Ele estava muito ocupado agarrando o coração e retrocedendo vários passos.

Tornou-se tão branco como o leite. Sabrine não sentiu culpa por lhe causar tal medo.

Os pensamentos do homem tinham sido tão transparentes como a água. Se pudesse faria mal a Earc e Verica.

Iria se assegurar que o maldito filho da puta não tivesse a oportunidade de fazê-lo.

Despediu-o com um movimento rápido de seus olhos e focou sua atenção no sacerdote, que tinha terminado de rezar e agora se afastava para Padraig ler o pergaminho que este sustentava com grande reverência.

Outra vez falou naquele idioma que não se parecia nem o gaélico, nem o Chrechte o suficiente para que ela pudesse entender algo, embora quanto mais escutasse mais fazia pensar que possivelmente soava com um estranho tipo de inglês.

É latim. A voz de Barr na cabeça de Sabrine continha um grunhido subjacente que devia provir de seu lobo e que não estava presente quando lhe falava em voz alta.

Durante um momento, as repercussões de poder ouvi-lo não a golpearam. Possuía o dom de comunicar-se mentalmente com todos seus congêneres se assim o decidia, mas os Faol não possuíam semelhante dom.

Ou sim?

Deviam fazê-lo. A outra perspectiva, que ele pudesse ser seu autêntico companheiro, era muito aterradora para considerá-la. O céu poderia ser tão cruel?

Pode falar desta forma a outros? Perguntou ela, sabendo que seu pânico ressonava no vínculo mental entre eles.

A meu irmão e meu pai antes que morresse. Mas a ninguém mais. Ele por outra parte parecia extremamente satisfeito por sua capacidade de comunicar-se mentalmente. De fato, um estalo de alegria se elevou no ar que os rodeava o suficiente para que Earc e Verica olhassem com estranheza e curiosidade a Barr.

O estômago de Sabrine revirou, o suor molhou as palmas de suas mãos.

Não estou vinculada a ti.

É minha companheira. Minha Companheira sagrada.

Os joelhos de Sabrine começaram a dobrar e só por pura força de vontade permaneceu erguida.

Não.

Aye. Ah, ele soava feliz por sua tortura.

Mas era um homem arrogante, um Faol que não tinha ideia alguma do que significava perder o que lhe era mais querido.

Está equivocada. O tom do lobo procurava acalmá-la.

Sabrine havia dito as palavras em sua mente enquanto suas ideias giravam como folhas levadas por um diabólico vento? Devia havê-lo feito, para que ele pudesse sabê-lo.

Perdi a muitos que me eram muito queridos. Não perderei você. Uma vez mais lhe falou como se lesse seus pensamentos, em vez de só comunicar-se mentalmente com ela.

Capítulo 14

A arrogante convicção de Barr também pecava de ingenuidade e era incapaz de dar consolo a Sabrine.

Assim a angústia continuou oprimindo-a com seu implacável agarre. *Não posso ficar.*

Barr não respondeu, mas seu cenho retornou, a fúria emanava dele como o calor de um forno. Sem dúvida, o laird e alfa da matilha encontrava sua contenção menos que complacente, mas o que acreditava que esse fato fazia a ela? A dor no centro de seu peito fazia que ofegasse, em um intento por agarrar ar e apaziguar uma ferida que jamais poderia chegar a curar.

Foi seu turno de receber os olhares dos noivos. Sabrine fez todo o possível para aparentar a estoica fachada de uma guerreira.

Isso não funcionou. Verica parecia mais preocupada que antes e Earc se via como se estivesse a ponto de deter a cerimônia para averiguar o que estava mal.

Sabrine lhe disparou um olhar de "não se atreva", por sorte, ele se retratou, voltando sua atenção ao sacerdote.

Felizmente, o padre Thomas não notou nada disto. Estava muito ocupado entregando outro pergaminho a Padraig. O erudito Faol também o leu. Depois devolveu o pergaminho ao sacerdote e começou a falar desta vez em gaélico, as palavras soavam memorizadas como as tradições orais entre os Chrechte.

Falou de Cristo transformando a água em vinho durante uma boda. Quando terminou, retrocedeu, levando os pergaminhos do padre Thomas com ele.

O sacerdote começou a falar sobre o júbilo e o sacramento do matrimônio. Suas palavras caíram como uma chuva de primavera no chão seco do coração de Sabrine, lhe causando de uma vez uma grande alegria como uma pena ainda mais profunda. Nunca acreditou possível ter um companheiro, muito menos um marido.

Já não podia negar o Vínculo sagrado entre Barr e ela, mas isso não mudava seu futuro. Não podia. Não importava quanto pudesse desejar seu coração um desenlace diferente. Saber essa verdade perfurava sua alma com a devastação de um machado de guerra.

O fato de que sentisse emoções tão fortes por um lobo deveria surpreendê-la. Mas de algum jeito, não o fazia. O qual era mais prova da que necessitava para saber que ele era seu autêntico companheiro. Esse era o único vínculo que podia vencer sua aversão para os Faol e fazê-la desejar emparelhar-se com um para toda a vida. E não importava quanto desejasse que as coisas fossem diferentes, o amor crescia em seu coração como tenros brotos na primavera.

Sabia que sem importar o que desejasse esta cerimônia nunca se desenvolveria com ela como protagonista. Embora ouvir as palavras de bênção e a promessa feita por sua amiga comovesse tão profundamente Sabrine, que ficou perto das lágrimas. E apesar da dor que rasgava o coração que por tanto tempo tinha negado possuir, estas não eram lágrimas de tristeza.

Tinha entregado sua vida ao amparo de seu povo para que outros pudessem ter a família que negava a ela. E possivelmente Verica viveria com maior liberdade que qualquer dos Éan escondidos tão profundamente no bosque. Teria filhos e, devido a Barr e a Earc, não se preocuparia de que seus descendentes fossem caçados pelos Faol que chamavam a si mesmos de clã Donegal.

Barr arrancaria o mal do clã e deteria a ameaça para sua própria matilha e até possivelmente faria a vida mais segura para os Éan que viviam isolados. Sabrine tinha de acreditar

que ao menos ele poderia fazer uma diferença para aqueles aos quais tinha jurado proteger e liderar.

Ao chegar o momento de pronunciar os votos, estes quase foram tão profundos como as promessas feitas pelos Chrechte em seu ancestral rito de acasalamento. Embora algo diferente. As atitudes de ambos os noivos outorgavam solenidade assim como alegria à ocasião.

Independentemente de suas diferenças, Earc e Verica se sentiam felizes por acasalar-se.

Quando Verica prometeu obedecer a Earc, Sabrine teve que morder a língua. Não estava na natureza de um Chrechte submeter-se a outros sem falar, mas sem dúvida o homem Faol sabia. Ele nunca esperaria que Verica fora tão obediente como o voto sugeria. Embora como seu companheiro e beta da matilha, tampouco seria um marido dotado com uma interminável tolerância.

Na mente de Sabrine, isso os fazia um casal forte, um bom acasalamento que proveria a meninos tanto à matilha como ao clã.

O sacerdote voltou a benzê-los e logo fez um movimento com a mão.

—A paz de nosso Senhor e Pai estejam convosco.

De repente todos repetiam as palavras a outros, estreitavam-se as mãos e sorriam.

Sabrine encontrou estranha esta conduta e se absteve de fazê-lo até que Barr a pegou pela mão.

—Que a Paz seja contigo.

Ela o olhou. A paz não era a emoção mais importante quando se encontrava ante sua presença. Nesse momento, não podia imaginar paz de nenhuma forma com a força de seus sentimentos para com ele. Mas a mão cobrindo a sua fez que emergisse um prazer inexplicável que não pôde mascarar completamente.

Sua mente lhe dava voltas outra vez, parecia que suas emoções tinham optado por imitá-la. Elevou o olhar para Barr.

Um sorriso alvoreceu nas duras feições de Barr e seu dedo lhe acariciou a palma quando ele separou sua mão.

—A resposta apropriada é: e também contigo.

—Na verdade desejo paz a você, embora tema que seja tão alheio a ela como laird deste clã.— Por não mencionar um macho Chrechte cuja Autêntica Companheira não teria outra opção, salvo abandoná-lo muito mais cedo do que qualquer deles desejava.

Os olhos de Barr lhe disseram que tinha lido seus pensamentos e apesar disso seu sorriso aumentou.

—É uma mulher única, minha pequena princesa guerreira. — Pronunciou as últimas palavras em voz baixa, mas ela as ouviu.

Seu pai estava acostumado a chamá-la sua pequena princesa. As emoções que afloraram quando Barr lhe recordou esses dias felizes antes dos assassinatos de seus pais ameaçaram sufocar Sabrine.

Ele a tocou na parte baixa das costas, sua ação era de uma vez possessiva e consoladora. *O futuro não é tão triste como crê*, disse-lhe mentalmente.

O resto do clã tinha retornado a seus lugares originais, mas agora Barr estava em pé ao lado dela, em vez de estar junto a Earc. A mão de Barr permaneceu na parte baixa de suas costas e ela pôde sentir o estreito escrutínio de muitos dos presentes.

O padre Thomas e Padraig ofereceram a Comunhão. Ela tinha ouvido disto, pelos humanos que viviam entre os Éan, mas nunca tinha visto administrá-la. A sensação de união com o espiritual durante o ritual era tão forte como a adoração comunal que os Chrechte praticavam. Isto não deveria havê-la surpreendido, mas o fez.

Depois de que todos tomaram o pão e bebido goles do cálice, o clã e o sacerdote rezaram nesse estranho idioma, latim, ao unísono.

O padre Thomas apresentou Earc e Verica como um casal casado, embora Sabrine estivesse segura de que todos os assistentes eram bem conscientes dos votos que eles tinham pronunciado.

A multidão se dispersou, embora alguns que reconheceu do desafio da manhã se dirigiram ao bosque, em vez das suas cabanas. Não tomaram uma rota direta, notou, mas seu destino estava claro para ela.

Girou-se para Barr. *Haverá uma cerimônia de acasalamento Chrechte?*

A capacidade de lhe falar dessa forma e lhe perguntar sobre aquilo que tinha curiosidade sem se preocupar de ser escutada por acaso lhe outorgava uma liberdade assombrosa. Inclusive com sua inata capacidade para fazê-lo com seus congêneres Éan, ela não o dava por certo.

Aye.

Os mananciais sagrados estão a um dia de viagem.

Há um par de covas próximas para o uso do clã.

Por quê?

Ele deu de ombros.

Rowland ordenou à matilha para fazer as coisas de forma diferente, mas é a intenção detrás daqueles que presenciam a cerimônia, não onde se realiza realmente importa.

Possivelmente para os Faol, mas para os Éan há poder nas covas com os mananciais sagrados. Não só era A Clach Gealach Gra a que sobressaltava com sua força na cerimônia de maioria de idade.

O que quer dizer?

Ela negou com a cabeça, pouco disposta a falar do tema.

Barr permaneceu sozinho enquanto os últimos uivos dos Chrechte na cerimônia de acasalamento se desvaneciam no silêncio. Desejava Sabrine junto a ele, mas ela tinha se recusado a vir, dizendo que sua natureza Chrechte seria óbvia para seus inimigos se o acompanhasse. Acreditava que ela tinha revelado esse segredo em particular quando tinha salvado Earc e ficou com Barr ante a pira funerária em que se incinerou a Rowland.

Uma coisa era certa, além de que os Éan viviam, Sabrine estava tão acostumada ao seu papel como guerreira, que não se deu conta do fato de que esse deslize entre um clã tradicional delataria suas estranhas origens. Inclusive um clã Highland não estava acostumado a que suas mulheres se vestissem como homens e que levassem espadas.

Mas ele tinha gostado disso. Deixara-o excitado. E o conhecimento de que ela se pôs em perigo para salvar Earc tinha tirado toda a arrogância. Esta mulher seria difícil de proteger, e enquanto isto o preocupava, também o intrigava.

Tinha ouvido histórias de mulheres guerreiras entre os Chrechte de antigamente, mas nunca tinha pensado encontrar uma. Não acreditava que ainda existissem.

Sua formosa companheira lhe demonstrou seu engano e mostrou seu valor ao fazê-lo. Como seria caçar com ela no céu e ele em terra?

Ele ficou excitado só de pensá-lo.

Não importava quão diferente fosse das outras mulheres que conheceu, Sabrine era a companheira ideal para ele.

Não que ela estivesse de acordo nisto. Maldição. Embora não pudesse negar seu Vínculo sagrado, rejeitava ser reconhecida como sua companheira ante seu clã. Sua rejeição era como uma lasca em sua alma que não sabia extrair. Sentia como uma traição, não só ao seu lobo, mas ao homem que tinha posto ao dever sobre seus desejos pessoais toda a vida. Ela, sua formosa e perfeita companheira, era sua recompensa. Como só uma Companheira sagrada podia sê-lo.

Só que ela rejeitava ser considerada como tal.

Sempre tinha acreditado que seu prêmio simplesmente o esperaria ao outro lado de um sacrifício mais e a elusiva companheira que sempre tinha desejado seria consciente do que um Vínculo sagrado poderia lhes dar. Tinha observado seu irmão encontrar a felicidade com seu próprio Autêntico companheiro. Sua família havia se incrementando em um, e Barr tinha começado a esperar, nos esconderijos mais secretos de sua alma. Uma voz diminuta, logo reconhecida tinha sussurrado que possivelmente não morreria sem conhecer a sua.

Bem, já a conhecia, mas ela insistia em que seu tempo juntos era limitado.

Ao mesmo tempo em que o poder da cerimônia de acasalamento aumentava ao redor dos Chrechte na caverna sua confusão pessoal aumentava.

Como podia ela lhe negar o futuro que suas naturezas lhes destinavam? Como podia negar-se a ter filhos, o companheirismo e a intimidade? Não lhe importava o sofrimento que ambos experimentariam se tentava abandoná-lo?

Não deixaria que o fizesse.

Não importava o que ela pensasse que devia fazer, ele não deixaria que sua companheira renunciasse a seu sagrado vínculo.

Barr esperou a que a tensão do silêncio crescesse, logo recitou a bênção Chrechte para o casal como alfa da matilha, e guiou aos assistentes fora da cova.

Earc se acasalaria com Verica e sua união seria o ato final do vínculo que só a morte romperia.

Barr invejou a seu primeiro, mas não lhe invejou sua futura alegria. Earc merecia o dom que o Céu tinha decidido lhe outorgar.

Mas rejeitava acreditar que ele não merecia algo igual.

O instinto lhe levou a mudar em lobo e correr pelo bosque, não em direção ao torreão, a não ser longe deste.

Levou-lhe algum tempo rastrear cuidadosamente com os sentidos de seu lobo, mas encontrou o ponto do bosque onde tinha encontrado sua Sabrine. Farejou as folhas e a erva, o rastro de sua companheira e seu sangue derramado quase se desvaneceu do lugar. Ele soprou e logo girou em um círculo inquieto antes de cair para aconchegar-se no chão onde ela tinha jazido.

Verica sentiu a presença do poder espiritual enquanto seus irmãos Chrechte abandonavam a cova. Escutou sua marcha, mas não os viu saírem, seus olhos estavam firmemente enfocados em seu novo companheiro.

Earc a olhava com uma fome que temia não ser capaz de saciar. Seu desejo por ele era muito forte, mas a necessidade voraz que emanava dele era a de um guerreiro lobo, e esta era tão poderosa que era uma presença viva entre eles.

—Esta preocupada, companheira — disse ele brandamente.

Ela assentiu, sua garganta se sentia muito seca para poder falar.

Segurou o rosto com suas grandes mãos.

—O que lhe preocupa?

—Não sei fazer isto.

—Isto? — perguntou ele, parecendo quase divertido.

Ela franziu o cenho e agasalhou as peles melhor ao corpo.

—Sim, isto.

Ele puxou as peles; e estas se deslizaram antes que ela pudesse agarrá-las outra vez. Seus seios foram expostos, seus mamilos se endureceram imediatamente com o ar frio da noite.

Earc deslizou uma mão pela arredondada curva e seus dourados olhos brilharam pela excitação, o lobo era uma sombra em sua íris.

—Isto... — ele elevou a curva generosa e roçou um polegar sobre o mamilo, lhe provocando um prazer agudo direto a sua matriz — é formoso.

Verica não podia falar devido a um nó na garganta. Nunca acreditou que teria um companheiro, mas se tivesse se permitido sequer a fantasia de ter um marido, não teria sido um homem tão assombroso. Um homem em cuja força podia confiar, um homem que protegia a outros a custo de si mesmo, um homem que a afetava como nenhum outro.

Porque nunca antes tinha conhecido a alguém como Earc que devesse viver com seu clã.

Observava-a tão estreitamente como um pai com seu bebê ao dar seus primeiros passos, e lhe apertou o mamilo com o polegar e índice.

—Tão formosa.

—Não sou tão especial.

—É. — A sinceridade emprestou a sua rouca voz um bordo quase áspero.

Acariciou-lhe o seio, sua grande mão era tão suave, que ela desejou chorar. E muito mais. Esta ação causou que tremesse de prazer, algo que ignorava que pudesse sentir.

As fossas nasais de Earc flamejaram enquanto uma quente umidade se formava entre as coxas femininas.

Ela se aproximou da sua mão, seu próprio lobo ansiava o contato, seu corvo procurava que a tocasse carinhosamente contra o pescoço e a cabeça.

Os olhos masculinos cintilaram com algo quente e tenro, e ele se inclinou para frente para esfregar sua bochecha aspera contra a suavidade de Verica. A fragrância de seus aromas misturados os rodeou, fazendo-a sentir segura de um modo que não tinha experimentado desde que seu pai não retornou de sua última e funesta caçada.

As mãos de Earc sobre seu corpo incrementavam muito mais seu prazer sensual. Cada carícia realçava a sensação de que já não estava sozinha, já não era a única responsável pelo bem-estar de seu irmão, já não era peremptório que vigiasse suas costas tal como tinha feito até o momento.

Porque este homem, este lobo, que a tinha reclamado como companheira iria protegê-la daquilo que pudesse tentar surpreendê-la a traição.

Uma imagem de Earc erguido ante ela, espada em mão, entrou em sua mente e soube que isto não era próprio dela. Earc afirmava que agora era sua para protegê-la, como ele era dela.

Ela não tentou dizer-lhe que não era uma guerreira, mas havia outras formas de proteger a alguém. Tinha cuidado de seu irmão contra seus inimigos durante anos, desde a morte de sua mãe.

Este trabalho era agora responsabilidade de Earc e Barr. A sensação de liberdade e alívio ao dar-se conta desse fato foi tão grande, que a fez sentir-se enjoada. Ela cambaleou dentro do abraço de Earc.

Ele se afastou e seus olhos castanhos dourados se concentraram nela.

—O que aconteceu?

—Nada. — A alegria fluiu sobre mim em uma onda contínua. —Tudo finalmente esta certo.

Earc curvou a boca em um sorriso magnífico.

—Aye, é correto.

A felicidade de Verica borbulhou em uma risada.

—Acredito que eu gostarei de ser sua companheira.

—Sem dúvida.

Ela sacudiu a cabeça ante sua arrogância.

—Sou muito feliz de não estar mais sozinha.

—Tinha a seu irmão, não é assim?

—Tinha que protegê-lo, proteger nossos direitos de nascimento, sozinhos.

—Agora, é responsabilidade de Barr e minha.

—É justamente isso que estava pensando.

—Estava pensando em seu irmão enquanto a beijava? — perguntou Earc, nada feliz com a perspectiva.

—Tudo é parte de minha alegria recém-descoberta.

—Encontra felicidade em meus braços.

—Não tanto como decida ter — confessou ela vigorosamente.

O sorriso de Earc desapareceu ao mesmo tempo em que uma expressão selvagem surgiu em suas feições justo antes que seus lábios se abatessem sobre os dela uma vez mais. Este beijo foi o de um lobo reclamando a outro, sem restrições e ainda assim não era rude com ela.

Seus lábios lhe exigiram uma resposta; sua língua degustou e insistiu que ela fizesse o mesmo; a mão sobre seu peito deslizou para baixo até tocar sua carne mais íntima enquanto que com a boca reclamava a sua companheira.

O aroma da excitação de Verica floresceu em uma forte fragrância enquanto fluía mais umidade de suas quentes profundidades. Ele tocou um ponto que provocou que o corpo de Verica se esticasse pelo prazer. Voltou a fazê-lo e ela lançou um grito contra seus lábios.

Uma risada escura soou entre eles, mas esta não provinha da boca de Earc. Ela ficou absolutamente quieta. A risada apareceu novamente e esta vez era exultante.

E logo a voz de Earc soou dentro da cabeça de Verica.

Aye, é minha Autêntica Companheira e ninguém a afastará jamais de mim.

Acreditava que tínhamos que... Sua voz mental falhou antes que pudesse terminar.

Verica pôde sentir como Earc dava de ombros, embora seu corpo não se movesse. *A magia Chrechte funciona como lhe agrada.*

Não precisava responder a isso. Sua mãe estava acostumada dizer o mesmo quando seu toque curava a um membro do clã e não a outro.

Todo pensamento coerente esfumou da mente de Verica quando as mãos de Earc construíram tal prazer sobre seu corpo, levando-a ao fio de um abismo profundo. Seu medo se mesclou com um prazer esmagador e ele a acalmou com imagens mentais de seu corpo embalado contra o seu perfeitamente a salvo.

—Está bem, minha preciosa companheira. Salta o abismo; vou segurá-la.

Ela o fez, afrouxando o rígido controle de seus músculos. Seu corpo convulsionou em um cataclisma de sensações esmagadoras, não podia pensar, não podia mover-se, não podia falar; só podia sentir o que sentiu e foi a experiência mais assombrosa e deliciosa de sua vida.

Sua matriz convulsionou, seu coração palpitou e brilhos de luz explodiram detrás de suas pálpebras. Seu lobo uivou; seu corvo trinou de uma forma que um verdadeiro corvo não faria e sua mulher humana simplesmente gritou de prazer. Ainda estava tremendo de alegria quando a pôs de costas, cobriu-a e penetrou com seu duro membro a entrada de seu corpo.

—Somos um — disse ele em Chrechte.

—Sempre — respondeu ela com voz ofegante.

Earc se retirou. A dor floresceu e ela corcoveou contra ele, tentando que saísse rapidamente. Ele não se moveu, mas seus olhos estavam cheios de angústia.

—Se pudesse lhe teria evitado a dor de tomar sua virgindade.

Acreditou-lhe, apesar de sentir que uma total satisfação o embargava.

Ele se moveu e ela gemeu. Earc ficou absolutamente imóvel, cada um de seus músculos permaneceu rígido pelo esforço.

—Me diga quando posso me mover.

—Possivelmente o próximo ano.

—Não estou rindo.

—Eu tampouco.

—Não quero fazer mal a você.

—Estou certa disso.

O rosto de Earc se contorcia com uma dor equiparável a sua, embora fossem de uma natureza muito diferente. Mas seu corpo não se moveu.

—Possivelmente é muito grande.

—Os homens Chrechte não são pequenos.

—Então se poderia pensar que as mulheres Chrechte foram criadas para lhes acomodar — disse ela com uma voz crispada enquanto seu corpo continuava lutando contra a dor de sua invasão inicial.

—Você o é.

—Como pode estar tão certo?

—Meu pai e meus irmãos.

—Sei. Todos varões. O que sabiam eles?

—Confia em mim? — perguntou Earc em um tom que não podia ignorar.

Elevou o olhar para ele.

—Aye.

—Relaxa seu corpo.

— Irá se mover.

—Não o farei.

Verica desejou que promettesse, mas sabia que ele encontraria tal falta de confiança como uma negação direta do que ela acabava de dizer.

Não me moverei, disse ele, usando seu vínculo de Autênticos companheiros, sua voz grunhia com a honestidade de seu lobo.

Ela ordenou a seu corpo que afrouxasse sua rigidez. Incrivelmente, enquanto se relaxava a dor ardente entre suas pernas começou a amainar.

Embora o corpo de Verica já não lutasse contra a intrusão, Earc não tentou penetrá-la mais fundo, demonstrando a veracidade de suas palavras.

Enquanto a tensão diminuía, a profunda realidade de tê-lo em seu interior golpeou Verica.

—É uma parte de mim — sussurrou ela.

—Aye. — Sua voz foi rouca pelo esforço de não mover-se.

—É maravilhoso.

— Fez mal a você.

—Fez, mas ainda assim é maravilhoso.

—É?

Ela tragou, mas assentiu infinitesimalmente.

—Não é tão mal agora.

—Posso me mover? — sua voz apenas foi um sussurro nesta ocasião.

O ardor tinha diminuído assim agora voltava a sentir prazer. Tinha-lhe prometido que a agarraria quando saltasse esse aterrador precipício de prazer e tinha feito exatamente isso, sustentando-a enquanto ela voava pela primeira vez sem sua forma de corvo. Confiaria em que transformasse esta dor em um prazer renovado.

Além disso, seu lobo estava muito perto da superfície, se não faziam algo logo, ela uivaria.

—Sim.

Ele saiu, só um pouco, e logo investiu outra vez, sua rígida longitude a enchia tão completamente que sua conexão era tanto física como inflexivelmente espiritual. Este era um verdadeiro acasalamento Chrechte e ele tinha razão, não importava se estavam ou não nas covas sagradas. Sentia a presença da magia Chrechte rodeando-os.

Esta união estava abençoada.

Arqueou-se e ofegou quando o prazer provocou um fogo de necessidade em seu interior. Este ardeu fora de controle enquanto se moviam juntos, construindo o calor de seu vínculo até que seu corvo e lobo se sentiram arder.

E logo que o pináculo máximo apareceu outra vez, seu corpo se estendeu para este com uma necessidade cega.

Quando culminaram juntos, ela viu tanto ele, como seu lobo. Piscou, mas a imagem não mudou. Não tinha nenhuma outra opção, salvo aceitá-lo enquanto seu corpo superava seu anterior clímax até o ponto que apenas estava lúcida.

Ele a aconchegou contra seu corpo enquanto ficavam adormecidos e Verica ouviu que lhe sussurrava contra o cabelo:

—Amanhã, mostrará seu corvo.

* * *

Sabrine terminou de procurar entre os pertences do aposento de Rowland. A Clach Gealach Gra não estava em nenhum lugar à vista. Mas tinha encontrado uma inquietante coleção de plumas de águia e corvo, que ela assumia tinham relação de alguma forma com seu povo.

Não podia afirmar com certeza que proviessem dos Éan, mas não podia desprezar a ideia de que essas plumas eram uma forma de levar a conta de suas mortes. Ela as levou ao grande salão e acendeu um fogo com os rescaldos da chaminé. Colocou cada pluma entre as chamas, sussurrando as palavras de despedida para os guerreiros Chrechte enquanto que cada uma era envolta e consumida pelo fogo.

Seu coração sofreu quando observou desaparecer entre as chamas as provas da traição dos Faol contra seu povo. Os Éan simplesmente se esfumavam, e nunca mais se voltava a ter notícias deles. Quantos dos desaparecimentos que conhecia poderiam explicar-se pela coleção de plumas que nesse momento estava queimando com reverência e respeito?

O som das unhas de um lobo tamborilando o chão a fez levantar a cabeça.

Sabrine esteve tão concentrada em realizar o rito mortuário para seus irmãos Chrechte, que não havia sentido a aproximação de seu companheiro. O fato de que ele o fizesse em sua forma de lobo e que ela ainda não o conhecesse, enviou-lhe um profundo medo do qual não podia desfazer-se.

Um gigantesco lobo loiro se aproximou, seus olhos estavam cheios de inteligência, com a presença de Barr. Mas esta forma era a de sua natureza Chrechte. Um Faol. Uma mandíbula que poderia rasgar a uma ave pela metade de uma só dentada, garras que poderiam atravessar pele e plumas muito frágeis com tanta facilidade, o que provocou nela fragmentos de um medo atávico.

Inclusive sabendo que este lobo era seu Autêntico companheiro recém-descoberto, não pôde evitar estremecer-se enquanto a repulsão a embargava.

Um gemido baixo saiu da garganta lupina, mas ele não baixou a cabeça ou afastou o olhar dela.

—Seu antigo laird era um caçador de Éan.

Capítulo 15

Barr sacudiu a majestosa cabeça, emitindo um grunhido baixo.

Mas não lhe permitiria que rechaçasse a situação tão facilmente.

—Pode que não tenha sido seu laird, mas era o alfa da matilha Faol deste clã. O clã que agora você conduz.

Barr se aproximou, sua intenção era óbvia, o aroma de seu lobo era muito mais forte do que tinha sido em outras ocasiões perto dela.

Uma parte de Sabrine, a mulher que tinha sido educada para proteger a seu povo de toda ameaça potencial, em particular dos lobos Chrechte, exigia-lhe que se afastasse do perigo. Pelo contrário, seu corvo insistia em aproximar-se mais de seu companheiro; necessitava ao homem que lhe tinha ensinado tal prazer ao mostrar a si mesmo. Sabrine sentiu que seu coração e mente era rasgado em dois.

—Muda. Ela tinha querido que fosse uma ordem, mas a palavra saiu mais como uma súplica.

Teme a meu lobo? Perguntou ele usando sua conexão mental.

Ela negou com a cabeça, rejeitando comunicar-se mentalmente com um lobo. Acaso não a entendia? Nessa forma, ele não podia ser seu companheiro.

O ar brilhou ao redor deles e logo Barr estava ali em sua forma humana. Ele se ergueu, ultrapassando-a, sua expressão era severa.

—Odeia a meu lobo.

Ela não podia negá-lo.

—Os Faol sempre foram meus inimigos.

—Nem todos os lobos são bastardos assassinos como Rowland.

Ela baixou o olhar para a última pluma em sua mão; era a de um corvo.

—Ele matou a muitos que se transformavam em aves e a outros mais como humanos. Não é algo que possa esquecer. — Nunca. Ele não tinha matado a seus pais, seu aroma não era o correto, mas sem dúvida tinha formado parte da matilha que o tinha cometido.

—Não tem nada que ver comigo.

—Era o laird antes que você. Compartilhou sua mesa com ele durante mais de um mês.

O cenho de Barr se obscureceu, mas a culpa sombreou seus olhos.

—Não sabia que era um assassino.

—Sabia que era malvado.

—Existem pessoas malvadas entre todos os povos, humanos e Chrechte por igual. — Olhou-a como se estivesse esperando seu acordo.

Ela não estava de humor para ser agradável.

—Nenhum tão malvado como os Faol.

Um inexplicável sentido de culpa a aguilhoou quando as palavras caíram entre eles e a cólera embargou Barr junto a uma inequívoca dor.

—E seu povo é tão pacífico que suas mulheres são treinadas como guerreiras. — Esta vez a voz de Barr destilava brincadeira à opinião contrária de Sabrine.

—Me converti em guerreira depois de meus pais serem assassinados pelos lobos aos que você chamava amigos.

—Nunca chamei amigo a Rowland e sabe bem. Nenhum aos que chamo amigo caçaria a outro Chrechte sem uma causa justa.

—Eles acreditam ter uma causa.

—Por quê?

—Não me corresponde responder a essa pergunta.

—Sabe mais que eu sobre esta inaceitável inimizade, me conte o que sabe.

Sabrine encontrou que não podia lhe negar isso.

—Desprezam ao corvo por ser uma ave abominável, ou isso é o que escutei. Mas também matam as águias entre nós, assim que quem sabe a razão pela que nos querem mortos?

Barr pensou durante um momento, como se estivesse contemplado esse mesmo feito. Como se pensasse que ela realmente desejasse uma resposta.

Quando de fato o porquê tinha deixado de importar fazia muito.

Ele encolheu seus magníficos ombros, chamando a atenção para a nudez de seu corpo com a que se encontrava tão cômodo. Apesar de sua discussão e a forma em que ela tinha rechaçado seu lobo, ferindo-o no mais fundo, seu membro se fazia mais grosso e ereto.

Sabrine se obrigou a afastar o olhar de sua virilidade, mas não antes que os lábios curvados de Barr lhe dissessem que tinha notado seu interesse.

Ela franziu o cenho.

Piscou os olhos e logo já sério lhe disse:

—Possivelmente lhe temem.

Ela recordou a expressão do rosto de Wirp no matrimônio de seus amigos quando lhe projetou a imagem de seu antepassado dragão e devia conceder que possivelmente Barr tivesse razão, mas possivelmente também se equivocava.

—Todo Chrechte tem mais razões para temer aos humanos, que superam em número a nossa raça com tanta diferença que devemos nos esconder entre eles.

—Aye, mas os dons especiais que os Éan possuem devido a sua natureza Chrechte, são um motivo que poderia inspirar inveja e a inveja pode transformar-se em ódio com a piscada de um olho.

—Então, compreende a esses assassinos que continuarão dizimando a meu povo até nos extinguir?

Os olhos de Barr se obscureceram e ele se aproximou até que ela pôde sentir o calor de seu corpo.

—Não disse isso. Simplesmente especulei que a razão detrás de seu ódio poderia ser a inveja e o medo, sem importar quanto afirmem o contrário.

Apesar de si mesmo, assentiu. Tinha suspeitado fazia muito tempo que esse poderia ser o caso, mas as afirmações feitas pelos Faol sobre que os Éan não eram dignos de ser Chrechte tinham incomodado durante muito tempo a sua gente.

Barr pousou as mãos sobre os ombros de Sabine.

—Não pode odiar a meu lobo. É uma parte de mim.

E o homem arrogante estava tão seguro de que ela não podia odiá-lo. É óbvio, contra todas as expectativas de seu próprio coração e de quem a conhecia, não odiava ao laird lobo. De fato, estava a caminho de estar irrevogavelmente apaixonada.

Uma emoção que só poderia lhe causar mais pena e que ainda assim não tinha esperança de evitar.

—Um lobo e um corvo só podem unir-se em suas formas humanas; acredito que isso significa algo.

As mãos de Barr lhe pressionaram os ombros, sua intenção de retê-la era inequívoca.

—Isso significa que somos seres mágicos com duas formas diferentes, mas destinados a um futuro em comum como Companheiros eternos.

—Um lobo e um corvo não podem acasalar-se por toda a vida; isso nunca acaba bem. — Ele precisava entender. Esse vínculo entre eles não podia durar. Simplesmente não podia.

—Possivelmente foi verdade no passado, mas os Chrechte já não moram em covas e os ódios absurdos não têm lugar em nossa nova vida entre os clãs.

—Diga isso a este corvo. — Ela atirou a última pluma às chamas, pronunciando a bênção mortuária.

A voz de Barr se uniu à sua e o poder Chrechte se pulverizou no ar que os rodeava. Um vento sem causa aparente se precipitou pela estadia, levando a fumaça pela chaminé em um agudo sopro.

Barr repetiu a bênção mortuária Chrechte antes de cortar o dedo com sua adaga e orvalhar uma gota de seu próprio sangue sobre o fogo em uma ancestral oferenda que a maioria dos humanos não entenderia.

—Rowland seguiu o mesmo atalho daqueles aos que enviou a uma morte precoce.

—Mas seus cúmplices ainda vivem entre os Donegal. — Tinha que lhe fazer ver quão impossível seria um futuro juntos entre este clã. Levá-lo com o povo Éan era igualmente impossível. Barr nunca seria aceito entre eles devido ao seu lobo. —Os duais como Verica ainda escondem sua natureza corvo. Aos guerreiros como Muin ainda se ensina a matar aos corvos do céu embora não saibam que os Éan existem. É um tolo se crê que tudo mudou.

Mas quanto lamentava que esse não fosse o caso.

—Não sou tolo.

Ela simplesmente sacudiu a cabeça. Não podia lhe responder.

—É minha companheira — resmungou enquanto baixava a cabeça.

—Sou um corvo.

—É minha. — A boca de Barr caiu sobre a sua, beijou-a com frustrada irritação enquanto repetia a palavra, *Minha*, numerosas vezes em sua cabeça.

Ela respondeu com sua própria frustração ao descobrir que seu companheiro perfeito era um lobo. Sua cólera ante a injustiça da vida que fazia com que os Éan vivessem como sombras no bosque enquanto que seus irmãos Chrechte viviam ocultos entre os humanos.

Durante um breve momento, descarregou seus desejos mais profundos e os sentimentos mais escuros que ele provocava nela, o conhecimento de que nunca daria fruto à semente que tinha germinado em seu coração.

Fizeram amor nesse mesmo lugar, diante do fogo, utilizaram seu plaid como amparo contra o duro chão. E não lhe importou. O resto do torreão dormia enquanto Barr e ela reclamavam um ao outro em um ritual tão antigo como o mesmo tempo.

No dia seguinte, Sabine começou a treinar as mulheres na arte da defesa. Levou-as a uma clareira no bosque, bastante longe do torreão para que as mulheres não tivessem que preocupar-se de serem observadas por meninos curiosos e guerreiros zombadores. Vendo-se como uma mulher completamente feliz com seu novo estado, Verica se uniu ao grupo.

Trouxe as armas de sua avó e as ofereceu a Sabine para que as usasse na instrução.

Sabine percorreu amorosamente com a mão ao longo das folhas, mas negou com a cabeça.

—Devem aprender a defender-se sem outra arma além da faca que a maioria usa para comer e preparar os mantimentos.

—Depois ensinará a aquelas que desejam aprender como usar o arco e a espada não é assim? — perguntou uma jovem mulher Chrechte.

—Se estiver aqui, farei.

Os olhares curiosos que Sabine conseguiu das outras mulheres não afetaram em nada seu bom humor. Logo as instruiu com força a aprender as técnicas básicas de luta corpo a corpo que ela tinha dominado antes que fosse muito mais velha para possuir sua própria faca, nem pensar em uma adaga apropriada.

No transcurso dos seguintes dias, Sabine dedicou uma parte de seu tempo a treinar a um punhado de mulheres do clã nas artes da guerra feminina. Embora elas houvessem se sentido enormemente indignadas ante o fato de poder participar de uma. Mas bem viam as lições em estritos termos de defesa de si mesmas e de suas famílias.

O fato de que tantas desejassem unir-se a ela e Verica no bosque a cada tarde dizia muito sobre o que esteve passando no clã durante os últimos anos.

Sabine realmente desejava ajudar às mulheres do clã, mas tampouco perdia de vista sua razão primitiva para conviver entre eles. Procurava diligentemente A Clach Gealach Gra, mas nem sequer tinha encontrado uma pista de seu paradeiro. Sua sensação de desespero crescia dia a dia enquanto a cerimônia de maioridade de seu irmão menor se aproximava sem que pudesse por a mão a imprescindível relíquia sagrada.

Mas seus dias não estavam limitados só ao treinamento das mulheres. Barr tinha ideias muito definidas sobre como os companheiros deviam comportar-se e parecia que estas incluíam quantidades copiosas de intimidade sexual.

Barr não se restringia a fazer amor às noites, mas sim a arrastava rapidamente a sua antecâmara no meio do dia sem a menor hesitação. Sabine encontrou que era muito fácil justificar sua aceitação. Sua contínua liberdade para mover-se dentro do torreão e arredores fazia mais fácil sua óbvia relação com Barr.

Algumas mulheres do clã lhe dirigiam olhadas receosas, resmungando sobre mulheres estranhas encontradas no bosque que não eram em nada melhores a elas. Mas Sabrine não permitia que esses falatórios a afetassem.

Ela era muito feliz. Enquanto pudesse ignorar o iminente futuro, Sabrine desfrutaria ao máximo da alegria que jamais antes experimentou.

Pela primeira vez desde a morte de seus pais, tinha amigos que não eram guerreiros. Tinha a alguém a quem chamar dela, um companheiro que lhe pertencia, embora fosse temporariamente, de uma forma que não pertencia a ninguém mais no clã. Tinha passado muito tempo desde que tinha experimentado tal conexão, esqueceu-se da profunda alegria que isto trazia.

E essa satisfação estava relacionada com o prazer indescritível de sua relação com Barr.

Pela primeira vez desde que completou seu treinamento inicial, os dias e noites de Sabrine não estavam ocupados patrulhando os céus e vigiar que nenhum inimigo incursionara nas profundidades do bosque onde os Éan construíam seus lares.

Tinha esquecido como era sentar-se com uma família para a refeição da noite, mas se via desejando compartilhar a mesa de Barr com Verica e Earc. Inclusive Padraig e o sacerdote se fizeram queridos para ela. Frequentemente tentavam incluí-la em suas conversações indecifráveis de temas que soavam como as crenças espirituais de seu povo, mas que eram bastante diferentes, pelo que ela passava mais tempo sorrindo e assentindo que entendendo.

Mas nunca se impacientavam com ela, nem nenhum dos outros se burlava de sua ignorância. Bem, não desde que Wirp fez outro de seus efusivos sermões de desaprovação na presença de Barr, fustigando-o por compartilhar seus aposentos com ela.

Barr tinha banido Wirp do torreão durante a hora da refeição do meio-dia, até o momento em que sentisse que podia manter atada a língua. Tinha a sensação de que o ancião tinha evitado um desafio só por sua idade. E possivelmente Barr realmente não era como os Faol famintos de guerra de antigamente e esperava viver dando o exemplo.

Sabrine estava feliz de comprovar que longe de experimentar um acasalamento tormentoso, o prazer de Verica por sua união não diminuía com o passar dos dias. De fato, sua satisfação se fazia mais forte cada dia, tocando uma corda dolorosa no coração de Sabrine embora ao mesmo tempo se alegrasse por sua nova amiga.

Possivelmente a natureza Chrechte dual da outra mulher fazia possível que ela se acasalasse com um Faol e que encontrasse uma alegria que pudesse durar toda a vida.

Não é que Barr reconhecesse que sua união não podia durar. Ao contrário, o teimoso homem a fazia afirmar que era dele todas as vezes que faziam amor. Proporcionava a seu corpo mais prazer do que nunca voltaria a experimentar com uma insistência que a fazia reconhecer seu acasalamento ao nível mais básico.

Embora desejasse resistir, não tinha outra opção mais que aceitar. Sua capacidade de comunicar-se mentalmente tinha crescido tanto que embora ela estivesse treinando as mulheres no bosque e ele estivesse no torreão fazendo o mesmo com os homens, podia ouvi-lo com completa clareza em sua cabeça.

Deleitava-se a provocando com sussurros sedutores do que planejava para ambos quando ela retornasse de treinar as mulheres. Ou lhe perguntava onde se encontrava quando estava ocupada procurando a pedra sagrada. A voz de Barr sempre insinuava que sabia que planejava algo, mas obviamente não lhe importava. Sua ingênua confiança a assustava.

Sabrine não faria mal a ele ou ao clã que tinha chegado a significar tanto para ela, mas com outros não estava muito segura. Ele parecia ser consciente desse fato, mas insistia em acreditar no melhor dela, quando de fato, deveria ser mais desconfiado.

Estava se acostumando mais e mais ao grunhido do lobo na voz de Barr e sentia menos rechaço quando pensava em sua natureza animal Chrechte com o passar dos dias. Mas ainda não podia suportar a ideia de que ele mudasse em sua presença.

E ele sabia.

Sabia que sua rejeição contínua o incomodava, mas Barr nunca fazia nada mais que lhe recordar casualmente que seu lobo era parte dele, parte do homem que era seu Autêntico companheiro. Sabrine nunca negou isto e ele não insistiu mais. Por sua parte, sentia-se agradecida de nunca ter discutido o assunto em profundidade. Não tinha desejo de danificar tudo até que chegasse o momento em que se separassem.

Tinha que encontrar logo A Clach Gealach Gra, e quando o fizesse, teria que ir-se. Mesmo que sua asa ainda não estivesse curada.

Quanto mais tempo permanecesse com o clã Donegal, mais difícil seria partir. E não correria o risco de não voltar a tempo para a cerimônia de seu irmão.

Entretanto, sentia-se quase igualmente obrigada a treinar as mulheres Donegal nas formas de lutar. Tinham estado trabalhando em introduzir mudanças nas longas saias dos plaids femininos que tornasse possível que uma mulher corresse rapidamente ou desse um chute a um oponente com a suficiente força para fazer efeito.

Retrocedeu depois de corrigir a postura de uma mulher para que pudesse aproveitar melhor a força de seu oponente. Antes que pudesse provar a nova postura da mulher, uma mão lhe rodeou a cintura.

Embora conhecesse a sensação desse braço, Sabrine não o pensou, simplesmente reagiu, desfazendo-se de seu abraço para cair a terra. Logo, elevou-se para dar um chute nas partes mais vulneráveis do homem.

Barr saltou para trás a apenas meio centímetro para evitar o pé que roçou a frente de seu plaid.

—Bem feito — disse ele em voz alta. *Cuidado, minha companheira, ou danificará uma parte de meu corpo desfruta muito*, provocou-a mentalmente.

A arrogante satisfação de Barr a deixou zangada. Ele não acreditava que pudesse lhe fazer mal quando ela esteve defendendo a seu povo dos Faol desde que tinha quinze verões.

Sabrine não permitiu que seus olhos se estreitassem ou que seu coração se acelerasse. Manteve sua respiração normal, pretendendo desprezar sua postura de luta.

Fez uma reverência.

—Meu laird.

As outras mulheres em torno dela seguiram seu exemplo, embora o aroma da comoção ante sua aparição fora como candente enxofre. Penetrante e acre.

Barr sorriu, mostrando seus dentes brancos dando uma visão de seu lobo apesar de sua forma humana.

—Senhoras.

E Sabrine golpeou. Elevando as saias, girou e saltou, conseguindo lhe dar um chute no esterno. Tinha usado toda a força de seu corpo nesta ação e o tinha surpreendido com a guarda baixa.

Barr era um gigante entre os homens, mas não era imune e caiu, surpresa e uma ligeira dor cruzaram por seu rosto. Embora se recuperasse rapidamente. Tomando impulso, ficou em pé com facilidade.

Sua postura denotava alerta, mas um ridículo sorriso cruzou sua cara.

—Isso foi uma armadilha.

—Me alegre que o note. — Ela permitiu que suas saias caíssem e bateu as mãos como se estivesse lhes tirando o pó.

—Não crê que as mulheres exporiam suas pernas nuas para defender-se.

—Se surpreenderia do que uma mulher é capaz de fazer quando um filho está em perigo.— Sua própria mãe tinha enviado Sabrine ao refúgio do clã, enquanto que ela, uma exímia curandeira, não uma guerreira, uniu-se a seu companheiro para lutar contra os Faol que os atacavam.

Barr assentiu seus olhos cheios de um entendimento que só podia ser produto de sua imaginação.

—Ela atacou ao laird — sussurrou alguém.

Sua frustração aumentou e Sabrine franziu o cenho. Estas mulheres precisavam dar-se conta de que mesmo seu laird poderia pô-las em perigo e elas deviam brigar. As mulheres deste clã eram tão diferentes das mulheres entre os Éan, e ainda assim Sabrine sentia uma forte afinidade com elas.

Isto a preocupava.

—Simplesmente procurava lhes mostrar que o que aprenderam até agora não é em vão.

—Esse não foi um verdadeiro ataque — disse Barr desdenhosamente.

Preparando-se para mostrar sua desconformidade, Sabrine abriu a boca para falar, mas Earc, quem tinha conseguido chegar ao claro com tanto sigilo como Barr, deteve-a.

—Aye, se tivesse querido lhe fazer mal, nosso laird estaria sangrando. — Os dois lobos tinham mascarado seu aroma e se moveram tão silenciosamente, que ela não soube que estavam perto até que Barr pôs a mão sobre sua cintura. Não pela primeira vez, sentia-se agradecida que os Faol que ainda caçavam aos Éan não tivessem a destreza de seu companheiro. —Nossa misteriosa mulher do bosque simplesmente estava demonstrando um ponto.

Tinha a impressão de que Earc sabia que o ponto tinha estado dirigido mais para Barr que às mulheres.

O total assentimento de Barr era uma tática para apaziguar suas plumas agitadas. A suave carícia da mão de Barr por suas costas e nuca terminou o trabalho.

Seu corvo suavizou as plumas sob sua estrita atenção, e isso foi tudo o que Sabrine pôde fazer para não mostrar-se em sua forma de ave. De princípio, Barr parecia conhecer instintivamente o que seu corvo necessitava, inclusive também quando satisfazia cada um de seus desejos humanos.

As outras mulheres na clareira ainda os contemplavam em um horrorizado silêncio (sem dúvida a familiaridade pública de seu laird ou o golpe que lhe deu Sabrine seria motivo para as fofocas), quando Verica perguntou:

—Algum problema?

—Nay. — Barr percorreu com o olhar a cada uma das mulheres, fazendo contato visual desse modo especial que dizia a todos que realmente os via como só um alfa podia fazer. — Pensamos em vir e lhes ajudar por um momento.

—Vai nos treinar? — perguntou Verica, seus olhos abriram como um par de luas cheias.

—Nay. Vou ajudar Sabrine.

Earc disse:

—Eu também.

—Não podemos treinar com homens — disse uma das mulheres humanas com um tom completamente indignado.

—Como saberão que são capazes de se defender de um homem, se não praticarem com eles? — respondeu Sabrine, sentindo-se outra vez frustrada pelo sentido ultra desenvolvido da propriedade das mulheres deste clã.

—Não é correto — disse outra, seu aroma se tornou cortante pela desaprovação em menos de um batimento do coração.

—Quem são? Inglesas? — perguntou Barr, permitindo que o desgosto impregnasse sua profunda voz de guerreiro. —Somos um clã Highland. Obedecemos ao rei de nossa eleição e não seguimos os costumes dos sassenach.

As outras mulheres se ergueram em toda sua altura, dirigindo olhares de desaprovação às duas que tinham falado. Perto de dez mulheres do clã tinham querido aprender a defender-se. Nem sequer todas as mulheres Chrechte o tinham desejado, mas Sorchá estava ali, sua filha Brigit e Verica. A esposa de Aodh, a nova governanta de Barr, também desejava aprender a lutar.

—Desejam ser capazes de proteger a seus filhos e a vocês mesmas? — perguntou Earc.

—Não é nossa responsabilidade nos proteger. Para isso existem os guerreiros de nosso clã. — A primeira mulher que tinha falado disse isto.

Sabrine não fez nenhum esforço por esconder sua irritação.

—E quando não houver um guerreiro perto para fazê-lo? O que acontecerá?

A outra mulher não respondeu. Ela estava aqui, deixando muito claro que desejava aprender. E até o momento tinha sido uma boa estudante. Qual era o problema?

—Barr não está aqui para nos pôr a prova ou nos pegar em falta como Rowland faria — disse Verica com uma voz suave e com um vestígio de uma velha tristeza. —Ele quer que todo seu clã seja forte e seguro.

—Certo. — Barr cruzou os braços e assentiu. —Todas são importantes e não deveriam temer por sua segurança, sem importar a circunstância.

—Vivemos no meio de um povo guerreiro; todos devemos temer por nossas vidas em algum momento ou outro — disse Sorchá, mas seus olhos estavam cheios de esperança.

Quanto mais aprendia a lutar, mais crescia nela a tranquilidade. Em todos os sentidos, ela tinha o direito de sentir-se assim. Havia muito em seu mundo que ameaçava sua segurança. O que era uma razão para aprender a lutar e não render-se.

Barr deu de ombros.

Sabrine quase pôs os olhos em branco. O homem se sentia muito satisfeito de sua própria exatidão.

—Além das épocas de guerra, uma mulher deveria contar com suas próprias habilidades para defender-se.

Verica assentiu veementemente.

Earc lhe sorriu antes de adotar uma expressão mais séria para as outras mulheres.

—Ajudaremos vocês a ganhar confiança em sua capacidade de lutar não só contra um oponente de seu tamanho, mas contra um maior também.

—Sem ofender. — Sorcha fez uma reverência. —Mas você e nosso laird são maiores que a maioria dos homens; poderíamos aprender com homens do clã menores?

Os lábios de Barr se curvaram, mas o sorriso não aflorou de todo antes que sua expressão se tornasse mortalmente séria.

—Earc e eu somos os guerreiros com mais experiência e melhor treinados do clã. Não há possibilidade de que acidentalmente sejam feridas ao treinar conosco.

O homem oferecia o melhor a seu clã, fossem homens ou mulheres. O amor de Sabrine cresceu tanto, fazendo que nesse momento lhe fosse impossível negar sua existência por mais tempo. Amaria-o até que respirasse seu último fôlego, e não importava a dor que poderia lhe causar, não o lamentaria.

Se ele fosse um Éan, seria seu companheiro ideal. Se ela não tivesse responsabilidades com seu povo que fazia impossível que ficasse entre os Donegal, de boa vontade passaria sua vida como sua Autêntica Companheira. Faol ou não.

Ele a olhou e lhe piscou os olhos como se tivesse lido seus pensamentos. Barr fazia isso frequentemente e ela se perguntava com frequência se ele realmente o fazia, mas se supunha que os Faol não tinham dons adicionais como os Éan. Pelo que sabia não era possível.

Embora às vezes, não podia evitar questionar e possivelmente até esperar mais, que as coisas que deveriam ser impossíveis não fossem... com Barr.

Capítulo 16

Seus esforços para ensinar às mulheres a defender-se de oponentes maiores e fortes foram bem. Confirmando a veracidade de suas palavras, Barr soube exatamente como forçar às mulheres até os limites de suas capacidades sem fazer que se ferissem com a força de Earc ou a dele. Certo que um verdadeiro oponente não duvidaria em lhes fazer mal, nem seria tão considerado, mas estas mulheres não eram guerreiras.

Em uma situação perigosa, seus instintos mais primitivos saíam à luz e as ajudariam a rejeitar a qualquer atacante. Sabrine o esperava.

Ela deu por terminado o treinamento e enviou às mulheres ao torreão quando o sol avançou outra hora no céu.

Seguindo às mulheres, Earc e Verica deixaram o bosque, então, Barr se girou para Sabrine.

—É uma lutadora feroz, até com um braço ferido.

—Como protetora de meu povo, não posso me dar ao luxo de que uma ferida me impeça de cumprir com meu dever. — Além disso, sua ferida sarava cada dia. Esperava ser capaz de voltar a voar logo. —De todos os modos, a dor quase se foi.

—Me conte mais sobre sua gente.

Não era a primeira vez que o tinha pedido. Embora normalmente, esperava até que ela estivesse esgotada e relaxada por seu ato de amor. De alguma forma, tinha evitado responder, lhe dando minúcias que não podiam prejudicar ao seu povo.

Sabrine abriu a boca para fazê-lo outra vez, mas ele levantou uma mão. Seus olhos se viam escurecidos com alguma emoção inominável.

—Não o faça.

—O que? — mas ela sabia a resposta.

E ele era consciente disso.

—Responde a minha pergunta com a verdade.

—Sempre respondo a suas perguntas com a verdade. — Inclusive quando o fazia com algo que ele não queria ouvir.

—Pequenas verdades, me conte sobre os Éan.

—Não posso.

—Pode.

Ela sacudiu a cabeça. Barr era seu companheiro, mas era um Faol. Não podia lhe revelar os segredos de seu povo.

O semblante de Barr se obscureceu.

—Ainda não confia em mim.

—Não me corresponde confiar em você em nome de meu povo.

—Se não for você então quem? A rivalidade entre nossas raças deve terminar.

A comoção lhe tirou o fôlego. Acreditava que os Éan podiam unir-se aos Faol? Viver entre os clãs? Impossível.

—Os Faol começaram a rivalidade.

—E nós, os Faol, poremos fim.

—Esta louco. Nunca acontecerá.

—Só porque se nega a confiar. Segundo nossas lendas, todos os Chrechte viveram uma vez juntos como um único Povo.

Ela sabia muito bem.

—Estivemos em guerra duas vezes desde os anos em que os Faol se uniram aos clãs.

—Aye. É tempo que a guerra termine.

—Um homem não pode levá-lo a cabo.

—Com sua ajuda, posso.

O que ele procurava não só era impossível, era impossivelmente perigoso.

—Earc te contou a história de Verica?

—Verica compartilhou seu passado comigo. Mas eu não sou seu pai. Ele confiou nos Chrechte incorretos.

—Tem razão. Confiou nele mesmo para proteger a sua família, mas toda sua força não foi suficiente contra a astúcia daqueles decididos a destruir aos Éan. Inclusive agora eles planejam destruir a nosso clã desde seu interior.

—O que quer dizer?

Sendo consciente que tinha estado a ponto de revelar a verdade sobre a pedra sagrada e a necessidade dos Éan dela para procriar a seguinte geração, fechou com força os lábios e bloqueou sua mente para ele com toda sua disciplina Chrechte.

—Maldição, Sabrine, deve confiar em mim.

—Em meu nome, poderia, mas não posso arriscar a minha gente.

—Não lhes farei mal.

—Dizer é fácil.

—Mas crê que o farei.

—Sim. — A palavra saiu em um sussurro, mas ele a ouviu.

Barr franziu o cenho ferozmente, mas o mais grave era o olhar de dor em seus olhos.

—Nunca aceitará a meu lobo.

Sabrine não pôde fazer que as palavras saíssem. Sacudiu a cabeça, não para dizer que ele tinha razão, mas sim porque não sabia o que dizer.

Deu-se conta de que Barr a tinha interpretado erroneamente quando todo seu corpo se esticou com um estoicismo que escondia cada matiz de emoção. Um muro mais grosso do que ela pudesse ter construído caiu entre eles.

Sabrine estendeu a mão para tocá-lo.

—Barr...

Ele se afastou e pela primeira vez a olhou com a irritação que ela sempre tinha temido. Mas sabia que este não se devia a seu corvo e sim a sua covardia.

—É minha Autêntica Companheira. — Nunca tinha pronunciado sua reclamação com algo menos que satisfação, mas agora suas palavras não continham nenhuma alegria.

—Não o neguei.

—Não desde que começamos a nos comunicar mentalmente.

Que Barr recordasse seu intento de negar seu vínculo a feriu, embora não podia negar a verdade disso. Sabrine assentiu, sua garganta se sentia muito seca para falar.

—Planeja me deixar e voltar com sua gente.

Uma vez mais, só pôde mover afirmativamente a cabeça.

—Me tira a esperança de ter filhos, minha única esperança de uma companheira e família.

Não pôde contradizê-lo. Nem ela nem ele seriam fisicamente capazes de ter intimidade sexual com outros enquanto ambos vivessem.

A dor a atravessou de um modo que não tinha sofrido desde a morte de seus pais.

—Sinto muito.

—É uma covarde.

Sabrine se sentia como uma covarde, mas nem tudo estava relacionado com seus medos.

—Dediquei minha vida ao amparo de minha gente.

—Ofereci-me a compartilhar essa carga.

—Não pode.

—Não me permitirá isso.

—Por favor, Barr...

—Por favor, o que? Por favor, que não desvele seus planos para me trair, para trair nosso vínculo?

—Não posso ser sua companheira.

—É minha companheira.

Ela se afastou, incapaz de olhá-lo aos olhos por mais tempo.

—Não posso ser sua esposa.

Só o silêncio recebeu a essa declaração.

A mais ligeira mudança no ar lhe advertiu do perigo antes que um grande corpo masculino a cobrisse de repente, derrubando-a a terra quando uma flecha assobiou pelo ar onde ela tinha estado em pé. Barr mudou para sua forma de lobo justo depois de que aterrissaram contra a terra coberta de erva.

Outra flecha aterrissou junto a eles e Barr os fez rodar usando o corpo de seu lobo antes de ficar em pé. Ele deu a volta e ladrou, como se lhe dissesse que corresse, e logo começou a correr para o lugar de onde provinham as flechas.

Uma nova seta mortal apenas falhou seu coração lupino quando ele saltou no ar e logo prosseguiu com sua carreira mortífera.

Ela se dobrou e rodou enquanto uma flecha golpeava o chão onde tinha estado, equilibrou-se para a linha de árvores correndo agachada, ziguezagueando de um lado a outro em direção contrária. Sem a capacidade de voar, mudar não seria algo bom para ela.

Até que estivesse nas árvores. Ali lhe seria mais fácil esconder-se no corpo de seu corvo que em sua forma humana. Subiu à árvore mais próxima, usando seu braço ferido apesar da dor

que isto lhe causou. Uma vez que esteve entre os ramos mudou para sua forma de corvo, sua roupa desapareceu para aterrissar nos ramos de baixo.

Saltou de um ramo a outro até que chegou ao alto da árvore, então se moveu até a borda e contemplou o bosque com a aguda visão de sua ave.

Pôde ver a linha de pelagem loira entrando no bosque, mas não viu sinal do aspirante a assassino.

Está a salvo? Perguntou-lhe mentalmente, abrindo passagem através das barreiras que ela tinha imposto entre eles como se estas não fossem nada mais que névoa.

Estou no alto de uma árvore. Posso ver-te.

Pode ver nosso atacante?

Não.

Pode ver algo?

Posso ver a maior parte do bosque, mas não vejo nenhum homem, nem a um lobo além de ti.

Não há rastro de aroma que o delate. Deveria haver uma arma. A frustração que ele sentia cruzou seu enlace mental, bombardeando seu coração já aflito.

Pode mascarar sua essência Faol.

Aye, mas Rowland não treinou seus lobos para fazê-lo bem.

Claramente o fez. Ou ao menos um deles.

Uma obscena maldição soou em sua cabeça, mas ela não respondeu. Esta era a razão pela que sua gente não podia sair de seus esconderijos. O porquê não podia abandoná-los para que se defendessem por eles mesmos.

Inclusive se pudesse? Não estaria a salvo no clã Donegal. Isso era óbvio.

Amaldiçoou muito. Essas flechas estavam destinadas a mim.

Talvez. Ele não se sentiu de todo a vontade, em particular depois de permitir que Earc desafiasse Rowland.

Os humanos do clã tinham acreditado que se tratava do desafio de um guerreiro e tinham desaprovado ainda mais que os Chrechte, a luta do muito mais jovem Earc e seu antigo laird. Sem que importasse quão mau líder foi, ele era um membro do clã.

Ainda assim, ela não acreditava que as flechas estivessem destinadas somente a Barr. Seus sentimentos deviam ter manifestado seus pensamentos, porque Barr blasfemou outra vez.

Nunca estarei a salvo entre seu clã.

Maldita seja se não estará bem.

Justo como estou agora?

Justo assim. O grunhido de seu lobo foi tão profundo, que apenas pôde entendê-lo por sua comunicação mental.

Não sempre estará ali para me lançar a terra e me salvar de uma flecha.

Estarei.

Como podia ela discutir com tal intransigência?

Ambos sabiam que as flechas estavam destinadas aos dois; se foi porque era a companheira de Barr ou porque alguém tinha descoberto sua natureza Éan, Sabrine não podia estar certa. E por último, isto não tinha importância.

Permanecer entre os Donegal seria a máxima expressão de estupidez e ela não era uma tola. Sem importar o que seu coração desejasse.

Fica na árvore.

Enquanto você faz o que?

Tentarei encontrar um aroma ou rastros que rastrear.

Sabrine não tinha estado em sua forma de corvo desde o dia que se conheceram. Sentia-se bem — melhor que bem, sentia-se maravilhosa — tanto que concordou.

Como não desejava pensar na conversação que tinham cercado antes do ataque, Sabrine usou o tempo para saltar entre os ramos, contemplando o bosque desde todas as posições vantajosas. Não viu nada fora do comum.

Seu olhar foi atraído uma e outra vez ao céu, sua saudade por voar era uma dor aguda em seu peito. Provou sua asa, estendendo e dobrando, e pôde afirmar que esta não a sustentaria em voo. Uma águia solitária planava à distância, muito longe das terras de seu povo para ser um Éan, mas a vista da nobre ave lhe causou outro tipo de dor.

Uma dor causada pela nostalgia. Desejava estar entre sua gente outra vez, embora só fora com os guerreiros de seu destacamento, encarregados do amparo dos Éan.

Desejava ver seu irmão antes de sua cerimônia de maioridade. Desejava abraçá-lo de um modo que não tinha feito desde que se separaram para que ela pudesse começar sua formação como guerreira.

Tinha perdido tanto, primeiro a seus pais e logo, por sua própria vontade, ao resto de sua família quando os abandonou para unir-se aos guerreiros que nunca foram capazes de encher o vazio deixado por seus seres queridos.

Agora, estava abandonando a Barr e seu coração clamou contra essa injustiça. Um vínculo com seu Autêntico companheiro nunca deveria ser quebrado. Mas não sentia que tivesse mais opção da que teve no dia que tinha tomado seu voto como protetora dos Éan.

Tudo em seu interior se contraía com uma agonia emocional que tinha esperado nunca voltar a sentir.

Desde seu vínculo com Barr, sentia falta da sua família com uma nostalgia dolorosa que tinha acreditado sepultada fazia muito tempo.

Lembranças que se esforçou em empurrar tão profundamente que nunca veriam a luz outra vez se elevaram para a superfície, sufocando-a com velhas emoções que se misturavam com novas sensações. Sua mãe lhe ensinando os cânticos curativos enquanto cantava a Sabrine pelas noites para que dormisse. Seu pai sustentando no alto seu irmão para apresentar ao futuro príncipe de seu povo quando o menino nasceu. Os primeiros passos de seu irmão, não para sua mãe, mas para Sabrine.

Tinha sido sua favorita e ela o tinha abandonado.

A inevitável tortura que esse conhecimento trouxe para sua alma lhe tirou o fôlego ao corpo de sua ave. Quase caiu do ramo, mas conseguiu ficar em seu lugar quanto mais lembranças a sufocavam.

As histórias de sua mãe sobre a época em que os Faol se voltaram contra seus irmãos, os Éan. O som da risada de sua mãe, a voz de seu pai quando pronunciava as palavras rituais Chrechte em seu papel como o rei de seu povo.

O olhar no rosto de sua tia quando Sabrine insistiu em unir-se aos guerreiros, renunciando a seu status de princesa. Abandonando a sua família para que tratassem com sua pena da mesma única forma em que ela sabia dirigi-la.

A umidade em seus olhos caiu sobre suas plumas, mas a ignorou.

As princesas não choravam. Os guerreiros não mostravam debilidade.

O som de um lobo arranhando a base da árvore em que estava instalada mudou sua atenção do passado ao presente de um brusco golpe.

A pele do lobo era de um marrom avermelhado que não reconheceu; o sabor metálico do medo encheu sua boca. Não podia voar e não tinha armas para defender-se. Estava absolutamente quieta quando a cabeça do lobo se elevou e farejou o ar.

Ele grunhiu e ladrou. Embora soubesse que não podia vê-la através da folhagem, não duvidou que esses sons fossem dirigidos a ela.

Ele girou e trotou longe, depois girou sobre suas patas e tomou impulso correndo para a árvore, aterrissando no alto do tronco. Suas garras se afundaram na casca e começou a subir.

O coração de Sabrine se deteve em seu peito. Sabia que alguns de seus inimigos tinham sido treinados para subir em árvores em sua forma de lobo para ter um melhor acesso aos Éan. Assim a tinham advertido os guerreiros mais velhos, mas nunca tinha conhecido a um em pessoa.

Sabrine fez a única coisa que podia: subiu mais alto saltando de ramo em ramo, esperando poder alcançar uma altura onde o corpo maior do lobo não pudesse segui-la.

Sem advertência, um gigantesco lobo loiro chegou, seu corpo saltou tão alto no ar que foi capaz de golpear ao lobo marrom avermelhado na árvore. O lobo avermelhado se estatelou com estupidez sobre o chão, mas o lobo loiro aterrissou brandamente. O outro lobo deu a volta e expôs suas presas.

O lobo loiro saltou. Sujeitou com as mandíbulas o pescoço do outro lobo e o elevou como se fosse um adulto carregando a um cachorrinho, mas ali terminavam as semelhanças. Ele lançou ao lobo menor para outra árvore.

O lobo avermelhado golpeou a árvore com um ruído surdo. Uivou, caiu e não voltou a mover-se.

Um resplendor rodeou ao lobo loiro e logo um duplo de Barr esteve ali em pé nu na base da árvore. Seu aroma se parecia com o de Barr, mas se diferenciava o suficiente para que ela não os confundisse.

— Desce companheira de meu irmão. É tempo de nos conhecermos.

Sentiu-se tão impressionada que pela primeira vez que teve lembranças, caiu do galho em que estava instalada. Caiu, mas seus reflexos tomaram o controle e se afez ao seguinte ramo, aterrissando de repente sobre seus ombros. Lançou um grito de dor quando seu braço ferido se esticou, mas se agarrou ao ramo com a mão boa e com cuidado mediu com os pés para encontrar outro ramo abaixo dela. Encontrou-o e conseguiu deslizar pelo tronco da árvore até tomar assento em um ramo robusto, o bastante alto para que o lobo não pudesse tocá-la.

Em um inexplicável ataque de modéstia para Sabrine, acomodou seu corpo nu para evitar ficar ainda mais exposta.

Depois de tudo, ambos eram Chrechte e como se transformavam frequentemente tiravam as roupas antes de tomar suas outras formas.

—Quem é? — perguntou ela para ocultar sua confusão.

—Não pode supô-lo?

—Suponho que é Niall, o irmão de Barr.

—Esse seria eu. Minha cara não é tão bonita como a sua, mas, além disto, somos idênticos. Mostrou-lhe a bochecha marcada.

—Não, não são idênticos.

—É o que diz Guaire.

—É Guaire seu companheiro? — perguntou ela, embora a forma em que Niall pronunciou o nome do outro homem não deixava dúvida de sua relação.

Era o mesmo tom que Barr usava para dizer seu nome, ou assim o tinha feito, antes de suas duras e dolorosas palavras no claro.

—Aye. Ele é meu Autêntico companheiro. Soou igual à Barr quando pronunciava com satisfação que ela era sua companheira e por isso Sabine se encontrou sorrindo.

—Quem é esse Faol? — perguntou ela, indicando à figura imóvel.

—Esperava que você me dissesse isso.

Isso não tinha sentido.

—Porque o atacou se não o conhece?

—Estava decidido a te caçar. E tudo o que pude cheirar foi à companheira de meu irmão.

—Mas não me conhece.

—Sei que é família.

Seu coração se contraiu pela afirmação. Se só pudesse ser verdade.

—Sou Éan — ela soltou.

—Imaginei quando mudou de corvo a humana. Seu tom irônico a fez sorrir outra vez.

Mas foi rapidamente substituída por um cenho franzido.

—Viu-o?

—Minha cara está danificada, não minha vista.

—Diria que sua cara é o suficientemente agradável para manter o seu companheiro nas pontas dos pés perto de outras mulheres.

Niall jogou a cabeça para trás e lançou uma gargalhada.

Homens. Podiam ser tão vaidosos.

—Necessita ajuda para descer? — perguntou ele.

—Não.

Ele assentiu, a risada se desvaneceu tão rápido como tinha vindo. Sem outra palavra, afastou-se. Em muitas ocasiões Sabine tinha estado nua frente a seus irmãos guerreiros antes de mudar, mas a influência do clã Donegal devia estar fazendo efeito, porque outra vez sua modéstia se sentiu aliviada de que ele não pudesse vê-la descer da árvore. Sabine recuperou suas roupas enquanto baixava e as pôs rapidamente uma vez que chegou a terra.

Quando ajustou a última dobra, o lobo na base da outra árvore se moveu. Niall não o tinha matado.

Ela tinha estado muito mais interessada no encontro com o irmão de Barr que no destino do outro lobo. Este brilhou e recuperou sua forma humana quando recuperou o conhecimento.

Sabrine inalou com força.

—Conhece o filho da puta trepador de árvores? — perguntou Niall.

—É Wirp, o avô de Muin. — Lamentou não sentir-se surpreendida, mas não o estava.

O ancião os fulminou com o olhar do chão.

—Sabe malditamente bem quem sou cachorrinho.

Niall pôs em pé ao homem e o elevou sobre o chão no lapso entre um fôlego e outro.

—A quem ousa chamar cachorrinho?

As sobranceiras de Wirp se uniram pela confusão enquanto o medo impregnava o ar ao redor dele com um fedor rançoso.

—Você não é o laird.

—Nay, sou seu irmão, o mesquinho. — O grunhido de Niall teria feito que qualquer lobo se sentisse orgulhoso.

—Não pode ser pior que ele — cuspiu Wirp.

—Bem, agora, se lhe tem em tão alta estima, que demônios fazia tentando subir a uma árvore e atacar a sua companhia?

—Não o estimo em nenhum sentido — balbuciou o ancião.

Estúpido, pensou Sabrine. Considerando suas circunstâncias.

O cenho de Niall era quase tão intimidante como o de Barr.

—Está insultando o meu irmão? — perguntou ele em um tom tão tranquilo como controlado que só conseguia anunciar a morte iminente de Wirp se este dava a resposta incorreta.

—Acasalou-se com um corvo. — Cada palavra gotejava venenoso ódio.

Niall girou a cabeça e dedicou a Sabrine um sorriso de prazer sublime.

—Ele fez isso.

—Ela é uma abominação!

Inclusive sabendo que eram ditas por um ancião preconceituoso, que não deveriam significar nada para ela, suas palavras atravessaram o coração de Sabrine como a ponta de uma adaga recém-afiada.

—Qual é o problema contigo? — Niall parecia realmente perplexo. —Meu irmão conseguiu descobrir um membro da antiga raça e até-la a ele. Esse é um milagre que nosso laird, Talorc dos Sinclair, agradecerá profusamente.

Como se Barr tivesse tido algo que ver com sua queda dos céus e sua decisão de infiltrar-se no clã Donegal. Homens! Ainda assim, gostou mais da interpretação de Niall que a de Wirp.

—É uma carniceira, não é digna de ser chamada Chrechte.

—É uma Éan, mágica e poderosa com dons Chrechte que um lobo nunca conhecerá.

—Sabe mais sobre minha gente que seu irmão — ela não pôde deixar de observar.

—Escutei com mais atenção que ele as histórias enquanto crescia. E acreditei nelas. Em algum lugar lá fora existem Chrechtes que compartilham suas naturezas com os grandes felinos.

Sabrine conhecia as histórias das que Niall falava. As tradições orais diziam que muito antes que os Chrechte se instalassem em covas, quando vagavam pela terra como manadas de animais, havia mais raças que mudavam de forma e todas viviam juntas, submetendo-se a líderes muito parecidos com o Conselho do Triunvirato dos Éan. Mas essas histórias eram tão antigas, que nunca lhes tinha dado crédito.

O fato que ela mesma fora uma inesperada lenda para Barr fez que repensasse a veracidade das lendas mais remotas.

Mas esses eram pensamentos que analisaria num dia diferente.

—Não sente aversão para os Éan? — perguntou ela, precisando estar segura.

—Sou Chrechte.

—Como essa cabra velha cheia de ódio. — Ela sacudiu a cabeça para Wirp.

Ele mostrou seu desgosto por Wirp com outro grunhido digno de um lobo.

—Os Chrechte respeitam toda classe de vida, aprendemos o grande custo de não fazê-lo.

—Acredito que alguns Faol o fazem — confessou ela. — Mas outros ainda odeiam aos Éan por suas diferenças.

—Um pouco ciumentos.

—Eu? Ciumento dessa abominação? — uivou Wirp, cuspidando a torto e a direito.

Niall ficou muito quieto e baixou o olhar para Wirp.

—Não. Volte. A. Chamá-la. Assim. Outra. Vez. — Ele particularizou cada palavra sacudindo ligeiramente ao homem suspenso. — Jamais.

—Ela não tem um lugar em nosso clã.

Sabrine poderia estar de acordo com ele, mas não precisava admiti-lo a este cão horrível.

—Isso não corresponde a você decidi-lo.

— Está errado. Protegerei a meu clã dos de sua classe, custe o que custar. — Uma luz assassina ardia brilhante em seus olhos murchos.

Ela permitiu que a morte se mostrasse em seu próprio olhar.

—Pode tentá-lo, ancião. Descobrirá que não sou tão fácil de matar como outros.

Ante o desafio de Sabrine, invadiu-o a fúria e perdeu o controle, o aroma de seu lobo encheu o ar pela primeira vez. As lembranças caíram sobre ela pela segunda vez em menos de uma hora, mas estes foram os mais dolorosos que tinha suportado.

—Você! — rápida como uma serpente, ela agarrou a adaga do cinturão de Niall. —Solte-o, deixe que o assassino de meus pais me enfrente.

Niall a olhou com surpresa.

—As mulheres entre os Éan certamente são diferentes.

Ela não se incomodou em responder, adotando uma postura de luta, a raiva tornava vermelhas as bordas de sua visão.

—Que demônios se passa? — a pergunta de Barr quebrou o ar como um trovão.

—Acredito que sua companheira deseja matar a este ancião. É um desejo justo desde meu ponto de vista. Ele tinha o propósito de matá-la quando os encontrei.

Ela olhou Barr, a angústia de faz um momento tinha sido substituída por uma dor nova e velha de uma vez.

—Ele matou a meus pais.

—Está segura?

Ela voltou a olhar o rosto, agora cheio de ódio do Faol mais velho.

—Sim.

—Sem dúvida nenhuma?

—Captei seu aroma em seus corpos. Nunca o esquecerei. Ele o manteve mascarado ou o teria sabido antes.

Barr se dirigiu para Wirp.

—Acusam-lhe de assassinato. O que diz a isso?

—Não é assassinato liberar ao mundo de uma abominação.

—Não nega a acusação?

—Ela parece com sua mãe. É como soube que era um corvo no momento em que a vi. — A admissão implícita de Wirp e sua falta de remorso cortaram a alma de Sabrine.

Como podia acreditar que matar a sua gentil mãe e justo pai tinham sido algo bom?

—Eles nunca lhe causaram dano.

—Sua existência era uma permanente ofensa; esse era um dano suficiente.

—E é uma admissão suficiente. — A fria voz de Barr fez que sentisse calafrios.

Mas o ancião Chrechte não parecia afetado.

—Se busca uma confissão, com gosto reclamarei os assassinatos. Seu pai era o rei de seu povo. Sua morte foi um grande golpe para eles, mas não o suficiente... nem de perto, por isso sua filha está aqui. — A fúria e a repugnância em sua cara e voz fizeram que Sabrine desejasse tremer.

Mas não permitiria que este asqueroso assassino a visse debilitada.

—É culpado. — Uma vez mais, a voz de Barr levava o peso e a frieza do julgamento final.

Wirp deu de ombros.

—Então me acuse ante o clã.

De repente, Niall o liberou.

Barr avançou.

—Sou o laird. Não necessito a ninguém para te considerar culpado.

Muito tarde, os olhos de Wirp se encheram de entendimento e medo quando Barr agarrou ao ancião pela cabeça, retorceu-a e arrancou ao mesmo tempo. O estalo de ossos ao romper-se soou desagradavelmente e a luz da vida morreu nos olhos de Wirp com rapidez.

Barr permitiu que o corpo caísse.

Contemplou-lhe com comoção.

—Matou-o.

—A justiça Chrechte é rápida. Ele se confessou culpado de matar a dois Chrechte; não mostrou remorso. Só me deixou uma opção.

— Dirá que foi um acidente de caçada?

—Não sou Rowland. O clã pode apresentar uma solicitação ao rei para um novo laird, mas não pretenderei ser menos do que sou. Sou o líder deste clã e repartir justiça é minha responsabilidade.

—Desejava matá-lo. — Só quando disse as palavras, deu-se conta de que não importava quanto poderia lamentar não havê-lo feito, mas matar por motivos diferentes à mera defesa não era algo natural de um corvo. —E não pude fazê-lo. — As palavras saíram em um sussurro.

O conhecimento rompeu algo dentro dela e Sabine caiu de joelhos, toda sua força esgotada.

Capítulo 17

Um agudo som afetou seus ouvidos, mas ela não pôde evitar. Não podia proteger-se desse som tão cheio de dor.

A pena pela morte de seus pais fluía dos cantos mais recônditos de sua alma, mesclava-se com sua sensação de fracasso, causando que seu coração se fizesse em pedacinhos.

Tinha abandonado seu irmão quando mais necessitava dela, acreditando que fazia o melhor para ele. Agora, não tinha outra opção mais que abandonar ao seu companheiro. Nenhum Chrechte abandonaria ao companheiro outorgado pela providência.

Não fracassou. Ouviu em sua cabeça enquanto seus braços a rodeavam. *Pode ser uma protetora, mas não é uma assassina.*

Você o matou. Inclusive em sua cabeça, sua voz era áspera pela tensão.

Ele admitiu ser um assassino.

E se o tivesse negado?

O teria levado a um tribunal de anciões Chrechte.

Do clã Donegal?

Nay. Ainda ficam muitos com ideias preconceituosas. Ao menos ele reconhecia isso. O teria levado aos Sinclair para que Talorc o julgasse e impusesse justiça.

Em voz alta, ele sussurrou palavras de consolo enquanto esfregava suas costas e a abraçava mais estreitamente. Os horríveis gemidos se tornaram mais fortes e se deu conta que provinham dela, no momento que quentes lágrimas caíram por seu rosto.

—Estou chorando — soluçou ela.

—Noto-o.

—Eu não choro.

—Hoje o faz.

Recordando as lágrimas de seu corvo na árvore, não pôde fazer nada mais que estar de acordo.

—Aye.

Barr não a apressou ou tentou conseguir que ela ficasse em pé. Simplesmente a sustentou, consolando-a por sua antiga pena, enquanto ela chorava e sentia uma agônica opressão no peito.

Em todo momento, foi consciente de que não merecia os cuidados deste guerreiro. Tinha pensado em abandoná-lo a mais completa solidão e ainda assim ele a consolava.

Niall levava em braços o cadáver de Wirp ao torreão. E Barr sustentava a mão de Sabine firmemente enquanto caminhavam. Teria querido carregá-la, mas Sabine se negou.

Barr tinha sido incapaz de seguir zangado com ela ante sua angústia emocional. Sabine acreditava que devia abandoná-lo, mas agora que seu inimigo foi identificado, se daria conta de que podia ficar.

Não tinha outra opção. Ela ainda não podia ser consciente disso, mas sua formosa companheira corvo levava seu filho.

Não podia abandoná-lo. Não o faria.

Detiveram-se no pátio, os membros do clã correram para ver o que tinha passado.

—Foi um acidente de caça? — Perguntou Muin, sua expressão era estoica.

—Nay. Barr tinha a intenção de acrescentar algo mais, mas Niall o interrompeu.

—*Encontrei a este homem atacando à companheira de meu irmão.*

Escutaram-se vários gritos abafados. A palavra companheira sendo sussurrada com tanta veemência revelou que a surpresa se devia mais à reclamação pública que ao feito de que Wirp tivesse sido detido tentando ferir Sabrine.

O rosto de Muin se contraiu, mas não fez o que Barr esperava. O jovenzinho caiu de joelhos ante a Sabrine.

—Sinto-o tanto.

—Não é sua culpa. — A voz de sua companheira era oca, sem suspeita de emoção.

—Não seria a primeira mulher a que atacou. — A cabeça do Muin caiu. —Perseguiu a minha mãe, mas o detive. Acreditava que não o faria outra vez. — A vergonha na voz do jovem Chrechte era angustiante, inclusive para um guerreiro endurecido como Barr.

Este clã tinha uma veia venenosa que devia ser extirpada.

A extenuação se notava em seu rosto, mas Sabrine pôs as mãos sobre a cabeça de Muin.

—Não é responsável pela maldade de seu avô.

—Deveria haver dito ao laird.

Sabrine se viu incapaz de lhe responder. Entretanto, outros no clã não tiveram esse impedimento. Vários negaram suas palavras sacudindo as cabeças, mas uma mulher caminhou para frente.

Tinha a idade para ser a mãe de Muin, embora possivelmente fosse um pouco mais jovem.

—Wirp me roubou o que não tinha direito a me tirar. Era um homem mau. Disse a nosso antigo laird, mas Rowland me respondeu que era minha falta por ser muito sedutora. — A mulher cuspiu as palavras.

Um gemido de pena escapou de Muin.

Sem que lhe importasse sua própria fragilidade, Sabrine se ajoelhou e abraçou ao jovem, sua cabeça descansou contra a dele, enquanto que com a mão lhe acariciava circularmente as costas para lhe proporcionar calma. Seria uma maravilhosa mãe quando o bebê nascesse.

—Não foi sua culpa. Rowland fez coisas horríveis e deixou que outros fizessem o mesmo. Barr curará a este clã.

Sua confiança lhe deu esperanças quando a rejeição a seu lobo a tinha tirado quase toda.

—Com sua ajuda, faremos deste clã um lugar seguro e feliz para todos seus integrantes — afirmou Barr.

Não se escutou nenhum grito de aprovação, mas algo muito mais revelador chegou, a fragrância de alívio que caiu sobre toda a assembleia. Ele se sentiu como se fosse jovem novamente e Zachariah o estivesse testando no prado dos Sinclair.

Era tempo de esclarecer uma coisa. Não haveria falsidade entre ele e seu clã já que Rowland tinha se sobressaído tão funestamente nesse item.

—Não lhes mentirei, por omissão ou outra coisa. Meu irmão não matou ao avô de Muin. É meu trabalho como laird repartir justiça e assim o fiz.

Nesta ocasião as aclamações chegaram, impressionando-o e ecoando em torno dele com uma aprovação ensurdecadora.

Em meio de tudo, Guaire deu um passo adiante, vendo-se como um homem satisfeito por amar a um companheiro ao que tinha ansiado toda sua vida e não tinha esperado ter.

Ao ser completamente humano, o Autêntico companheiro de Niall tinha alguns traços muito distintos ao lobo.

Ele estendeu a mão e Barr a estreitou, e logo puxou o homem menor para lhe dar um abraço.

—Guaire.

—Laird. Talorc me enviou para treinar a seu senescal. Embora me pareça que esta pode ser a menor de suas preocupações. Niall me escoltou na viagem.

Ah, essa era a história que Talorc tinha decidido usar. Alguns humanos nos clãs viam com maus olhos os acasalamentos do mesmo sexo. Assim Niall e Guaire não viviam abertamente como companheiros, mas apesar de tudo eram felizes. Com seus irmãos Chrechte e inclusive alguns humanos, podiam ser tão abertos como qualquer outro casal. E para falar a verdade, dois solteiros vivendo juntos não era tão pouco comum entre os humanos dos clãs.

Que conveniente que tenha nomeado um novo senescal faz apenas uns dias, disse-lhe Barr a seu irmão usando seu vínculo mental.

Não é assim?

Niall devia ter repetido as palavras a Guaire porque ele sorriu e disse.

—Bem.

Uns pareceram confundidos pela resposta arbitrária, mas a maioria ainda se recuperava da situação com Wirp.

—Teremos uma pira funerária no bosque esta noite. — Barr não via com muita ilusão velar a um lobo com uma alma tão retorcida, mas não podia rejeitar sua responsabilidade como o alfa de sua matilha.

Vários membros do clã pareceram infelizes.

—A assistência não é obrigatória — disse ele.

Outra vez o alívio foi uma presença evidente entre eles. Então Wirp tinha sido ainda menos querido que Rowland.

Quem mais no clã levaria a semente da violência e a traição no suposto nome de protetores do clã?

Essa era uma pergunta que não teve que responder quando seu irmão a formulou no dia seguinte. Encabeçavam um grupo de guerreiros jovens Chrechte em uma caçada, da mesma forma que tinha feito no dia que encontrou a Sabine no bosque.

Earc tinha ficado no torreão, treinando aos guerreiros humanos e Guaire estava educando Aodh nas responsabilidades de um senescal.

Barr e Niall retrocederam, deixando que os homens mais jovens cercassem ao javali.

—Não conseguirão apanhá-lo se fizerem semelhante ruído — disse Niall discretamente enquanto se apoiava contra uma árvore.

—Aprenderão. Ou teria que golpear algumas cabeças.

—Aye.

—Sabrine diz que não ficará.

Niall, não disse uma só palavra, só olhou Barr.

—Está aqui por uma razão que ainda não descobri, mas uma vez que leve a cabo seu objetivo, irá.

—Tem certeza?

—Aye. Acredito que está procurando algo. — Não acreditava que Sabrine tivesse encontrado ainda, mas não podia estar seguro.

—É sua Autêntica Companheira.

Niall não o tinha perguntado, mas Barr respondeu de todos os modos.

—É.

—Ela sabe?

—Tentou negá-lo ao princípio, mas agora aceitou a verdade.

—E te abandonaria? — embora não tinha elevado à voz, a fúria de Niall estava ali, na pele em branco em torno de suas cicatrizes.

—Acredita que não tem opção.

—Equivoca-se.

—Eu sei.

Outra vez Niall ficou em silêncio, como se analisasse a uma companheira que rechaçava aceitar a palavra de Barr como lei. Finalmente, ele suspirou:

—Guairé não me teme.

—Nunca o fez. — Barr havia tentando explicar a seu irmão, mas Niall esteve tão certo de sua fealdade por causa das cicatrizes, que não lhe acreditou.

—Faz o que lhe agrada. — A frustração que isto causava em Niall impregnava sua voz de uma tensão sutil.

—Mas nunca te deixaria.

—Quase o fez.

Barr recordou que seu irmão tinha reclamado a seu Companheiro sagrado quando o outro homem tinha deixado o feudo Sinclair, com a intenção de viver entre os Balmoral.

—Não o faria agora que o reclamou.

—Nay.

Eles ficaram em silêncio uma vez mais, o som de uma corrida infrutífera se filtrou através das árvores. Barr permitiria aos mais jovens um pouco de tempo para atuar torpemente antes de intervir e lhes mostrar a forma correta de caçar... outra vez. Possivelmente tivessem êxito por fim.

Embora não tinha muitas esperanças.

—Guaire ameaçou me seguindo se não o trouxesse. — Niall parecia tão desconcertado como orgulhoso de seu batalhador companheiro.

—Foi tua idéia de fazer a viagem?

—Senti que algo ia mal.

Niall não precisou dizer mais. Seu vínculo sempre tinha sido particularmente forte, inclusive para irmãos Chrechte.

—Talorc lhe permitiu isso?

—Sem dúvida. É seu amigo.

—Abigail ainda o tem atado a seu dedo?

—Gosta de caminhar pelo bosque.

Barr quase riu. Podia imaginar como esse passatempo afetaria a seu antigo laird.

—Sozinha?

—Quando assim o deseja.

—Acaso Talorc não mantém um guarda colado a ela?

—É esperta.

—E suponho que Guaire é sua mão direita.

—Aye. — O grunhido na voz de Niall expressava muito mais que a única palavra de sua resposta.

—Ainda assim não está grávida?

Os Autênticos companheiros sempre tinham descendência, mas quando? Esse era um juízo do Céu.

—Certamente, está.

—Estou surpreso de que não a tenha atada ao seu lado. Mas por acaso ele não se deu conta de seu estado? — perguntou Barr com incredulidade.

—Estava perto e a mudança no aroma da Abigail era leve.

—Provavelmente seja um bebê humano.

—Aye.

—Talorc é feliz?

—Balbuciava quando parti.

—Balbuciava? Talorc? — isso era algo que Barr teria gostado de ver.

—OH, sim.

—E isso não fez que lhe parasse o coração além das notícias da gravidez de sua esposa?

—Rio mais agora.

Por causa de Guaire.

—Estou contente.

Niall encolheu de ombros.

—Diga que compartilho sua felicidade quando retornar.

—Farei.

Barr assentiu, seu humor se tornou sombrio tão rápido como tinha brilhado pelas boas notícias quando seus pensamentos retornaram a sua própria companheira.

Os pensamentos de Niall seguiram um mesmo atalho.

—Sabrine veio a seu clã com motivos secretos?

—Aye.

—Não seria seu objetivo a morte de Wirp?

—Não acredito. Não estive procurando uma pessoa, estive procurando algo.

Niall não parecia convencido.

—Então poderia ir embora neste mesmo instante sem problemas.

—Nay. Está treinando as mulheres do clã para lutar. — Ou estava quando foram caçar.

Provavelmente agora estaria visitando outra vez aos membros do clã procurando aquilo que estava tão decidida a descobrir. Sabrine não se deu conta de que essas visitas tinham feito que ganhasse os corações de seu clã.

Todos tinham começado a aceitá-la como sua companheira, todos, salvo ela. Não é que negasse seu acasalamento, mas rejeitava comprometer seu futuro, o que era o mesmo que negar a importância de seu vínculo.

—Não pode aceitar minha natureza de lobo.

—Por causa desta inimizade?

E retornaram ao tema que tinha começado sua discussão.

—Aye. Não se sente segura entre os Donegal.

—Se sentiria diferente entre os Sinclair?

—Não acredito. — A verdade era que sua Companheira sagrada era tão desconfiada com todos os Faol que provocava uma ferida aberta em sua alma.

—Com o tempo, aprenderá a confiar.

—E se não tiver esse tempo?

O silêncio de Niall foi suficiente resposta, mas então seu irmão grunhiu e se afastou da árvore.

—Então conseguirá o maldito tempo. É um guerreiro, não se rende.

Para os padrões de Niall, esse foi um verdadeiro discurso. E se parecia tanto ao próprio pensamento de Barr, que ele sentiu como um sorriso aflorava em sua cara.

—Se pode treinar a nossas mulheres a lutar, posso lhe ensinar a confiar.

Niall assentiu, sua própria boca se curvou em um sorriso tenso.

—É uma mulher incomum.

—Não entre os Éan.

—Inclusive entre eles, estou certo.

Possivelmente seu irmão tivesse razão.

—É especial.

—Planeja abandonar o seu Autêntico companheiro. O cenho de Niall se voltava mais escuro com cada segundo que passava. —Não é a classe de mulher especial que quero para ti.

— Olha, começa a soar como uma velhinha e não como um guerreiro.

—Sou seu irmão antes que um guerreiro.

Eles se estreitaram as mãos, abraçaram-se e logo se separaram.

—Ainda não partiu — Barr recordou este fato a seu irmão e a si mesmo.

—Seu braço está ferido. Não pode voar.

Barr assentiu, reconhecendo a inteligência de Niall. Também suspeitava que sua companheira o abandonasse logo que sua ferida estivesse recuperada o suficiente para voar.

—Esta consciente de que está grávida? — perguntou Niall.

—Acho que não.

—Diga-lhe.

—E se ainda assim insistir em partir?

Niall não tinha uma resposta como tampouco a tinha Barr.

Se sua companheira soubesse que levava um filho e ainda assim insistia em abandoná-lo, não estava certo de que sua força de guerreiro lhe permitisse resistir o golpe.

Sabrine podia sentir a infelicidade de Barr e sua frustração através de seu enlace mental. Não acreditou nem por um momento que fora porque a caçada do javali não foi bem. Embora não tinha dúvida que os caçadores mais jovens fossem os causadores da maioria dos enganos. A paciência de Barr com os aprendizes a caçadores que deveriam ter dominado essas lições para muitos verões, era algo além do que ela tinha visto entre sua própria gente. Havia pouca tolerância para os Chrechte que não podiam contribuir ao bem-estar de seu povo desde tenra idade. Os meninos eram mimados com grande afeto e atenção, mas a infância acabava uma idade mais cedo entre os Éan que entre os clãs.

Com a existência em perigo, não tinham nenhuma opção.

Assim, tanto como desejava acreditar que as sombrias emoções de Barr se deviam aos caçadores inexperientes, ela sabia que isso não era assim.

A carga de sua angustiante culpa esmagou seu coração, como só um gigantesco canto rodado acrescentava um desmoronamento.

Ela sabia que era a causa da infelicidade de Barr. O que não sabia era como solucioná-lo.

Tampouco sabia onde mais procurar A Clach Gealach Gra. Tinha procurado nas casas, chegando a conhecer seus inquilinos do modo em que sua mãe lhe tinha ensinado quando era uma garotinha. Procurou nas covas que os Chrechte usavam para seus rituais, mas não havia câmaras ocultas no labirinto de túneis em torno dos mananciais sagrados. Tinha procurado no bosque, mas nenhum poder Éan a tinha chamado, sem importar a quanta distância se aventurou nas terras Donegal. Procurou no torreão, mas o único poder Éan em seu interior emanava das câmaras de Verica e Circin. Algo que era de esperar, porque ela era maior e tinha um dom Chrechte muito poderoso, a câmara de Verica (agora de Earc, também) tinha uma presença Éan mais forte. Mas não importava onde procurasse, não encontrou sinais da pedra sagrada.

Estava perto de recrutar a ajuda de Verica quando o tempo se fez mais curto com o passar dos dias. Compartilhar os segredos dos Éan, inclusive com outro corvo cambia forma, não parecia

certo a Sabrine. Tinha passado muito tempo protegendo os mistérios de seu povo de olhos estranhos.

Mas tinha que sobrepor o risco de revelar o segredo contra o risco de não encontrar A Clach Gealach Gra e o que isto significaria para os Éan. Um tinha muito mais peso que o outro.

Mas o saber não fazia que a perspectiva de desvelar seus segredos fora mais agradáveis.

—O que faz que pareça como se o leite em seu mingau esteja azedo? — a suave voz de Verica abriu caminho através do estado absorto de Sabrine.

A outra mulher se sentou junto a Sabrine no banco comprido ante a mesa do grande salão. Sua fiel aprendiz não estava em nenhum lugar próximo, o que era provavelmente um sinal. Agora era o momento.

—Não estou comendo mingau. De fato, não fazia nada, salvo contemplar uma mesa que tinha sido cuidadosamente lavada pela nova governanta. Bem, fazia isso e se perguntava o que fazer depois.

Verica sorriu seu amistoso olhar azul tinha uma expressão indulgente.

—É um ditado.

—Ah. Naturalmente.

—Não têm ditados entre os Éan do bosque?

Sabrine se encolheu de ombros.

—Possivelmente. Passo pouco tempo na vila. E tinham transcorrido tantos anos desde que tinha vivido com alguém, salvo guerreiros, que não recordava os matizes da vida entre os Éan comuns.

—Há uma aldeia?

Sabrine abriu a boca com a intenção de desviar a pergunta, mas de repente mudou de opinião. Verica precisava entender que não era simplesmente um punhado de guerreiros do bosque os que seriam afetados pela perda da pedra sagrada.

—Um pouco parecido. Alguns vivem nas árvores, outros em covas.

Não primitivamente como tinham feito em gerações passadas, mas mais ou menos igual como os Chrechte nos clãs viviam em suas choças. Com fogões, mantimentos armazenados para o inverno, corte para as camas e inclusive simples mesas e bancos. Não é que o esculpido da madeira do mobiliário fora simples, em particular para aqueles pertencentes à linhagem real.

—E vivem ali corvos e águias por igual?

Outra vez, Sabrine se perguntou se Verica merecia saber sobre sua gente, embora nunca vivesse entre eles.

—Uma vez também houve falcões; mas não se viu um desde antes da época de minha avó.

—Ainda está viva?

—É a mais anciã dos Éan. Como líder espiritual, sua avó se havia sentido decepcionada quando Sabrine decidiu seguir o caminho de guerreira. Uma adepta estrita às tradições Chrechte e verdades espirituais, Anya-Gra estaria furiosa caso se inteirasse de que sua neta planejava abandonar o seu Autêntico companheiro. Possivelmente muito mais zangada que Barr. —Ela e eu não vemos o mundo com os mesmos olhos. — E esse conhecimento lhe oprimiu o peito como sempre fazia quando Sabrine pensava nesse fato.

—Isso é difícil. — A afetuosa voz de Verica estava cheia de compreensão e compaixão. Sentiria o mesmo quando se inteirasse de que Sabrine tinha a intenção de deixar aos Donegal e seu laird?

—Aye.

—É pelo que parecia tão infeliz quando entrei? Pensava em sua avó?

—Nay. — Agora que Barr tinha enviado aos anciões Chrechte viverem com suas famílias, em vez de permanecer no torreão como tinham feito com Rowland, era mais seguro falar abertamente.

Entretanto, não correria riscos. Sabrine abriu seus sentidos, procurando a alguém o suficientemente perto para ouvir sua conversação.

Não havia ninguém. Nem sequer o batimento do coração de um diminuto roedor delatou sua pequena presença.

Poderiam ter esta conversação usando sua comunicação mental, mas Sabrine temia perder o controle. Tinha revelado muito de si mesmo quando Barr e ela se comunicavam por seu enlace mental. Não quis arriscar-se a fazer o mesmo com Verica.

—Conhece a importância da cerimônia da maioridade para nosso povo? —perguntou Sabrine.

Verica lhe havia dito que não havia nenhum Éan no clã. Ela e seu irmão eram os últimos corvos desde a morte de sua mãe. Provavelmente, sua natureza Faol fazia possível que concebessem sem a cerimônia de maioridade e ao menos passar sua natureza lupina a seguinte geração.

Verica assentiu, uma expressão estranha se abateu em seus rasgos quase como se tivesse feito uma revelação inquietante. Certamente havia se tornado mais inquieta do que merecia a pergunta, a menos que ela não tivesse realizado a cerimônia quando cumpriu a maioridade. Mas não, devia havê-la feito porque ela possuía seu dom Éan especial, poderoso, ver aqueles que iriam morrer.

Verica lambeu os lábios, suas mãos retorciam as dobras de seu plaid.

—Minha mãe a realizou para mim e fiz o mesmo por Circin.

—Nas covas com os mananciais sagrados?

—Aye. — Os olhos de Verica estavam cheios de um medo inexplicável e uma cor doentia cobriu suas feições.

—Os Faol roubaram A Clach Gealach Gra. — Embora possivelmente a outra mulher já soubesse e isto explicaria seu transtorno. —Sem ela, nossa gente morrerá porque aqueles que não tenham em suas mãos A Clach Gealach Gra durante sua cerimônia de transição não serão capazes de outorgar seus dons Éan a seguinte geração, inclusive suas mesmas naturezas de águia ou corvo.

A lenda dizia que tinha existido uma pedra sagrada para cada uma das famílias ave: águia, corvo e falcão. Mas só uma existia ainda e com esta desaparecida, também se desvanecia a esperança da raça Éan.

—Não desejava... — as palavras de Verica se interromperam, sua agitação tinha aumentado assim como sua pena se fez mais profunda. De repente agarrou a mão de Sabrine. — Vem, por favor. Deve vir comigo.

Capítulo 18

Arrastando Sabrine com a força que lhe dava o desespero, Verica fez que subisse as escadas e a levou a antecâmara que agora compartilhava com Earc. A curandeira se precipitou para a arca onde guardava as armas de sua avó e bruscamente abriu a tampa.

Sem ser usualmente estúpida ou cega, Sabrine sentiu que as coisas começavam a encaixar em seu lugar. O poder Éan que sempre percebia ao estar nos aposentos de sua amiga e que tinha atribuído aos poderosos dons de Verica e à antiga magia Éan acumulada na espada e adaga, a qual se apegou tanto.

Sabrine sabia o que aquele pacote continha, antes que a outra mulher o extraísse do baú envolto em uma pele de alce. A chave para a existência dos Éan.

Sentiu tal sensação de traição que balançou.

—Roubou nossa pedra sagrada?

Verica não só era Éan, era sua amiga mais querida, não importava quão curto fora o tempo de sua amizade. Esta mulher tinha roubado a chave para o futuro de seu povo?

—Não a propósito! — o rosto de Verica se contorceu com uma emoção desencarnada, as lágrimas brilharam nos olhos usualmente cheios de paz. —Acreditava que a estava protegendo.

—Sabia que sem ela não podemos passar nossos dons Éan a nossos descendentes? — perguntou Sabrine, lhe dando a sua amiga uma oportunidade para defender sua inocência.

—Minha mãe me disse algo, mas não vejo como isso pode ser verdade.

Sabrine momentaneamente se sentiu aturdida pela estupidez das palavras de sua amiga.

—Teria destruído a nossa gente porque não crê em nossas tradições?

—Não, isso não é assim. — Verica começou a andar de um lado a outro, sua angústia crescia em vez de diminuir com cada passo. —Não sabia que ainda restassem Éan. Não antes que você viesse.

—Mas estive aqui durante mais de uma semana. Perto de meio mês, para ser mais precisa. —Nenhuma só vez mencionou seu roubo.

—Não a roubei; preocupava-me que os Sinclair encontrassem a câmara dos Éan, que levassem ou destruíssem a pedra. Isso foi antes que soubesse que não se pareciam com Rowland e que não odiavam aos descendentes do Povo Ave.

—Mas não me contou nada.

—Agora... logo que me dei conta do que estava procurando, trouxe-a até aqui pela pedra.

Era certo, mas Sabrine ainda estava embargada pelo horror de que alguém de sua própria raça quase destruísse a sua gente, fosse com boas ou más intenções. Sacudiu a cabeça, seu corpo estava rígido pela angústia mental.

Verica lhe ofereceu o fardo. Sabrine o recebeu, o poder as rodeou quando conectou com a pedra, inclusive atravessando a pele de alce, como só alguém pertencente à linhagem real podia fazer fora de suas cerimônias sagradas.

—Sei que deveria havê-lo dito faz muito, mas não pensei nisso.

—Não pen... — a voz do Sabrine se quebrou.

—Aconteceram muitas coisas desde que chegou.

Era verdade, mas não lhe dava muito consolo.

—A cerimônia de maioridade de meu irmão está muito perto. Possivelmente já tenha acontecido.

Rejeitava pensar muito nessa possibilidade, já que não estava disposta a considerar o fracasso de sua busca.

Any-Gra lhe havia dito que esperaria até a seguinte lua cheia para realizar a cerimônia, embora todos soubessem que se ela esperava mais tempo, ele poderia não ter uma oportunidade. O irmão de Sabrine estava muito perto de entrar na virilidade.

E a magia Chrechte nem sempre estava de acordo com o calendário da líder espiritual; em ocasiões uma lua diferente chamava o corvo no interior da alma de um Chrechte.

Ela mesma tinha sido chamada por uma lua crescente, recebendo durante sua cerimônia um dom de poder incomparável entre os integrantes de sua geração.

—Sinto muito.

Antes que tivesse chegado a este clã, Sabrine teria descartado tanto as palavras como a angústia na voz de sua amiga. Sua primeira e única prioridade teria sido A Clach Gealach Gra.

Mas agora não podia ignorar a notória angústia de Verica. A outra mulher era muito inteligente para não dar-se conta de todas as possíveis consequências de suas ações e sentir-se não só horrorizada por elas, como também ver-se assaltada por um terrível sentimento de culpa.

O qual não merecia.

—O desastre foi evitado. Isso é o que importa.

Embora se tivesse acontecido a tempo para seu irmão seria algo que descobriria nem bem retornasse com seu clã.

As lágrimas contidas nos olhos de Verica caíram, vendo-se pouco convencida.

Sabrine colocou o fardo envolto sobre a cama com grande cuidado e logo deu a volta para olhar a Verica e usando os tenros instintos que tinha extirpado fazia muito tempo, abraçou-a.

A outra mulher aceitou o abraço enquanto começava a chorar de verdade.

—Não pensei em machucar ninguém.

—Sei. E não tem feito mal a ninguém. — Ela rezou ao Grande Doador de Vida para que suas palavras fossem certas.

—Seu braço foi ferido quando lhe dispararam em pleno voo.

Sabrine torpemente acariciou as costas de Verica, tinha muito mais experiência em lutar que em dar consolo.

—Funcionou a meu favor. Barr me trouxe para o clã sem pôr em dúvida meus motivos.

Verica retrocedeu, secando as bochechas molhadas com o dorso de suas mãos.

—De início planejou que Barr a encontrasse no bosque?

—Aye. Sabia que alguém deste clã devia ter tomado à pedra. Esta desapareceu antes que os Sinclair realizassem sua primeira cerimônia nas covas.

—Eu a peguei logo que me inteirei que tínhamos perdido a terra em disputa com o clã Sinclair. — Verica suspirou. —Não contei a Circin. Ele quase se mata ao desafiar Sinclair para recuperar os direitos sobre as covas.

—Nay. Talorc nunca teria matado a um moço imberbe.

Barr estava ali, a porta aberta detrás dele, uma expressão ilegível em sua cara.

—Não me incomodarei em perguntar o que é isso. — Ele indicou o vulto sobre a cama. — Nunca me diria isso; depois de tudo sou um Faol. —Pronunciou a palavra com toda a repugnância que Sabrine tinha mostrado para ela.

Ele deu a volta e saiu sem dizer outra palavra.

Com o coração dolorido, Sabrine o viu ir. Desejou segui-lo e lhe exigir que escutasse suas explicações, mas não sabia o que dizer ou sequer se poderia.

—Não sabe o porquê está aqui — disse Verica com certeza.

—Nay.

—Vá atrás dele.

Para que? Suplicar piedade quando ela o tinha enganado e usado? Era um guerreiro, igual a ela, não um líder espiritual. O perdão não era sua primeira resposta à traição.

Embora ela não tivesse pensado em ir-se assim sem mais nem menos. Não lhe tinha gritado, ou acusado, ou... algo. Ele simplesmente partiu e isso doía mais do que podia ter pensado.

Se existia a menor possibilidade de que a amasse, ela a tinha destruído. E vendo retrospectivamente as últimas semanas, não sabia o que poderia ter feito diferente.

Seu coração gritava para que mudasse a situação nesse mesmo instante, mas a mente de seu guerreiro, a qual sabia que a traição se castigava com a morte, disse-lhe que não havia esperança.

Assim disse o que acreditou que era correto dizer.

—Possivelmente isto foi o melhor.

Deixar que Barr seguisse zangado com ela devia fazer que as coisas fossem menos dolorosas.

Não o fazia, mas sem dúvida seria mais fácil para ele deixá-la ir.

E como uma guerreira para seu povo, suas possibilidades de alcançar a velhice eram escassas. Ele não estaria sem uma companheira para sempre.

Tinha-lhe ensinado a aceitar a inevitabilidade de sua própria morte desde que tinha iniciado sua formação como protetora. Um Éan que aceitava que morrer por sua gente era uma grande honra e um quase inevitável, não duvidava em arriscar sua vida por aqueles que lhe confiavam sua segurança.

Os pensamentos desse futuro nunca lhe tinham doído tanto como neste momento.

—Não seja estúpida. — Verica sem dúvida não estava muito convencida. —Minha mãe não teve o tempo suficiente para me ensinar tudo sobre os Éan, mas me disse que um Autêntico companheiro Chrechte é o presente mais importante que nossas naturezas jamais nos outorgassem. Simplesmente não pode negar suas responsabilidades para Barr porque não coincidem com aquelas que têm com os Éan do bosque.

A sabedoria intuitiva da curandeira era arrepiante, mas Sabrine não podia ceder ante o encanto de suas palavras.

—Nem todos os Chrechte encontram a seu Autêntico companheiro.

—Pelo que aqueles que o fazem deveriam estar ainda mais agradecidos, certo?

—Então Earc é seu Autêntico companheiro?

—Aye, e não creia que vai mudar de tema.

—O que quer que te diga? — Sabrine se sentou energicamente na cama, fazendo que A Clach Gealach Gra ricocheteasse.

—Não quero que me diga nada. É com Barr com quem tem que falar.

—Nada do que diga fará que nossa realidade seja mais fácil de aceitar.

—Que realidade? Que se amam?

—Não o fazemos. — Ele não a amava de nenhuma forma, e ela devia sentir-se agradecida por isso.

Mas então qual era a razão pela que seu coração seguia sangrando. Ela não sabia.

—O que está fazendo aqui? — perguntou Verica, seu tom em realidade era perplexo.

—A que se refere? Vim para encontrar A Clach Gealach Gra. Encontrei-a; agora devo avisar a meus superiores e devolve-la à câmara dos Éan nas covas com os mananciais sagrados.

—Assim Barr retornará contigo.

—Não posso lhe contar sobre nosso povo.

—É seu Companheiro sagrado, tem que dizer-lhe.

—Não trairei aos meus.

—E então o que? Planeja trair seu companheiro? Irá e não olhará atrás... é por isso que está tão alterada e Barr tão zangado, verdade? Ele sabe.

—Sempre o soube. Não lhe menti. Ocultado, sim, mas nunca mentido.

—E isso o fere.

—Aye.

—Então, não parta.

—Não tenho opção.

Uma vez mais, Verica não parecia convencida.

—Claro que tem opção. Se estivesse morta, então não teria opção. Enquanto respire, pode lutar por seu futuro.

—E isso o diz uma mulher que nem sequer sabia como manejar uma adaga quando a conheci? — Sabrine já estava lutando quando Verica ainda era mimada como uma menina na casa de sua mãe.

Verica cruzou os braços e a fulminou com o olhar, sem ceder um centímetro.

—Há mais de uma forma de lutar.

—Disse-lhe isso sua mãe?

—Aye.

—E vê-se funcionou muito bem para ela. — Dizê-lo podia ser algo cruel, mas a verdade não podia ignorar-se.

—Acredito nisso. Viveu muitos anos com seu Companheiro sagrado. Tinham filhos e nos amava muito. Era feliz; embora se equivocasse ao não acreditar que sua felicidade seria interrompida pela maldade de Rowland, ainda assim foi feliz.

—Essa maldade ainda vive neste clã.

—Wirp está morto.

—Não era o único.

—Porque o diz?

—Crê que me equivoco?

O olhar de Verica disse tudo. Não, não acreditava que Sabine estivesse equivocada. Não havia dúvidas que seguiria escondendo sua natureza Éan.

—Sabe que tenho razão. Embora não lhe desse prazer dizê-lo. —Ontem, antes que Wirp me atacasse alguém mais disparou flechas em Barr e a mim.

—Foi Wirp.

—Nay.

—Não pode estar certa.

—Estou. Não pôde ter fugido de Barr e me alcançar no bosque.

—Mascarava seu aroma.

—Seu aroma Chrechte, sim, mas seu aroma corporal? Não, o homem fedia a puro ódio. E não se movia furtivamente. Teria deixado rastros se tivesse vindo de onde provinham as flechas.

—Possivelmente Barr se enganou.

—Acha?

—Mas...

—Não o vi; mas para poder me alcançar, devia vir de outra direção.

Os olhos de Verica se encheram de medo.

—Quem tentaria matar a Barr?

—Essas flechas foram dirigidas aos dois.

—Mas não necessariamente porque seja Éan.

—Crê que alguns estejam tão zangados com a liderança de Barr, que tentaram matá-lo?

—Não notei ninguém, os anciões seriam os chamados a experimentar essa classe de ódio, mas inclusive à maioria deles acalmaram sua aversão — confessou Verica. —Ninguém sofreu a morte de Rowland ou Wirp com uma emoção desmesurada.

Sabine estava de acordo e isto a levou a uma conclusão.

—Embora ninguém sentisse pena autêntica por suas mortes, não significa que não compartilhem o ódio irascível dos dois para os Éan.

—Não pode abandonar seu companheiro porque tem medo. — A surpresa de Verica e sua incredulidade eram uma presença evidente entre elas. —Não é uma covarde.

Barr pensava que era e possivelmente tivesse razão.

—Não serei a razão pela qual Barr morra às mãos de um dos membros de seu próprio clã.

—Como minha mãe, quer dizer?

—Não. Rowland tinha fome de poder. Usou a herança de sua mãe como uma desculpa para suas diabólicas ações. — Mas alguém neste clã os queria mortos e Sabine não acreditava que a pessoa fosse conduzida por algo mais que um ódio profundo e perdurável para seus irmãos com uma herança ave.

—Crê que seria diferente com Barr e contigo?

—Barr está levando a este clã a uma era melhor; não posso me interpor em seu caminho.

—É parte dessa mudança.

Durante um breve momento, Sabrine admitiu que desejasse sê-lo. Muito, muitíssimo.

—Fiz que me odiasse.

—O tem feito se zangar. É uma mulher inteligente; pode mudar isso.

—O apaziguar nunca foi uma de minhas fortalezas — foi seu turno de admiti-lo.

Um sorriso pícaro brilhou no adorável rosto de Verica.

—Atraia-o a sua cama e logo lhe diga a verdade.

—Essas verdades não são minhas para contá-las. — Sempre se chocava contra esse muro.

—É teu se confiar em que Barr não trairá seus segredos.

Seu coração desejava desesperadamente acreditá-lo, mas seu treinamento de guerreira lutava com os desejos de sua alma de mulher.

—E se tratar de forçar uma reconciliação entre nossos povos e conduzir a nossos inimigos para nós?

—Realmente crê que o faria?

Sabrine girou, sem lhe importar que uma vez mais ele a tivesse encontrado completamente despreparada. Esta vez, quando viu seu companheiro, permitiu que seus instintos mais profundos a guiassem. Precipitou-se através do quarto e o agarrou por ambos os braços, como se dessa forma pudesse retê-lo ali.

—Não irei a nenhuma parte. — Barr não sorria, mas algo em seus formosos olhos cinza lhe dizia que sabia o medo que pulsava em seu peito.

—Tampouco quero ir a nenhum lado, mas não tenho op... — se deteve incapaz de pronunciar outra vez essa afirmação.

Eram certas essas palavras? A chamada de atenção que Verica lhe tinha dado a pouco lhe exigia a mudar sua atitude derrotista.

Não era uma dócil donzela para aceitar um caminho que só os levaria a uma vida de profunda dor. Era uma guerreira, como muitas gerações de Éan antes dela. Era uma princesa, embora tivesse renunciado a seu direito a governar.

Mas o mais importante, era uma Chrechte e isso significava que não rechaçava os dons que sua natureza lhe outorgava, qualquer que estes fossem.

A volta de Barr tinha derrubado sua certeza de que não havia esperança para um futuro juntos. Não sabia o porquê, mas a férrea vontade de Barr de lutar por seu acasalamento não podia topar-se com nada menos que com a determinação de sua própria guerreira.

Poderia ser?

—Wirp não era o arqueiro — disse ela, sem saber a razão pela que essas fossem as primeiras palavras e escapar de sua boca. Possivelmente era uma prova. Até o momento, Barr tinha rejeitado reiteradamente reconhecer o perigo real que alguém em seu clã representava para ela.

—Porque acha?

Sabrine o disse.

Ele assentiu.

—Cheguei à mesma conclusão.

—Não o mencionou.

—Esperava que também se desse conta.

—E possivelmente não queria me dar outra razão para não me sentir segura aqui.

Barr encolheu de ombros.

—Não confia em mim para te proteger.

A ideia de poder fazê-lo jamais lhe tinha ocorrido.

—Eu sou a protetora de meu povo.

—Como seu companheiro, eu sou seu protetor.

—E eu tenho o dever de te proteger.

—Barr não te agradecerá que parta por acreditar que fazê-lo deterá quem quer que seja que tentou matá-los ontem — disse Verica, sem mostrar o mais leve arrependimento por revelar essa confiança.

—Crê que sua marcha me manterá a salvo? — perguntou ele com a mais autêntica surpresa, que só um homem realmente seguro de si mesmo sentiria.

—É uma de minhas preocupações, sim.

—Exatamente qual?

A porta se abriu sem prévio aviso, Earc entrou, sem ver-se surpreso ao encontrar a seu laird e a Sabrine com sua esposa. Niall e Guaire o seguiam muito de perto.

O olhar que Niall deu a Sabrine sem dúvida significava que Barr tinha compartilhado com ele seus planos de partir. Guaire a olhou com uma mescla de compaixão e censura o que lhe fez pensar que teria sido um líder espiritual muito bom.

Earc olhava a todos com uma expressão de diversão que nunca parecia afastar-se de suas feições.

—Deveria me preocupar? Esta é a segunda vez que encontro a minha esposa recebendo a meu amigo em nossa antecâmara.

Verica o golpeou no braço. Com força. E se ruborizou com mais ímpeto que o normal.

Barr não riu, mas a tensão de seu corpo desapareceu um pouco. Disse a seu amigo que fizesse algo anatomicamente impossível, intensificando o rubor nas bochechas de Verica.

Foi o turno de Sabrine para golpear o seu companheiro. Golpeou justo no meio de seu peito.

—Se comporte. Fará que as bochechas de sua curandeira fiquem feito fogo e começará a lançar fumaça muito em breve.

—Noto que não se ruborizou. Niall o disse com uma pergunta em sua voz.

Ela tinha ouvido coisas muito piores entre seus irmãos protetores e nem sempre dos varões.

—Sou uma guerreira.

—Que era tão inocente como qualquer filha mimada durante nossa noite de bodas. — A satisfação de Barr por esse fato era de uma absoluta complacência.

E Sabrine não sabia que parte desse comentário a fazia sentir-se mais ofendida.

—Não estamos casados.

—Estamos acasalados. Disse seus votos essa noite. E eu também.

Niall lançava olhadas iradas de um lado a outro. Não o olhava, mas podia sentir a fúria do irmão de Barr para ela.

Ele esquece que não necessito um defensor, disse-lhe Barr através de seu enlace mental.

Odeia-me.

Já que planeja me abandonar, não te deveria importar.

Ah, não havia nenhum pinga de cólera na rouca voz mental do Barr.

—Voltarei. — Ela disse em voz alta, já que também desejava que outros escutassem seu compromisso.

Não trairia seus votos Chrechte, não lhe importava o risco pessoal que correria por mantê-los. Embora ainda não soubesse como conciliar estes com sua antiga promessa a sua gente. Só sabia que os votos entre companheiros substituíam todo o resto, face ao que lhe ditava sua formação como guerreira.

Tinha-lhe tomado muito tempo aceitar esse fato, mas não se permitiria esquecê-lo outra vez.

Não podia; seu amor lhe exigia recordá-lo.

Ele a contemplou, seus olhos pareceram esquadrihar sua alma e logo pareceu dar-se conta de que essas palavras eram outro voto. Um que ela não romperia.

—Irei contigo. — Suas palavras foram pronunciadas com a solenidade de uma promessa.

Pela extremidade do olho, ela viu a Niall cruzar os braços e assentir com certo acordo. Earc fez um ruído de aprovação, mas nem Guaire nem Verica disseram algo.

Sabrine não duvidava que se afastasse a vista de Barr o tempo suficiente para verificar suas expressões, encontraria também aprovação.

Nenhum entendia.

—Não pode.

—Tem certeza? — uma sobrancelha sardônica se elevou.

Isto deveria havê-la irritado, mas tudo o que sentiu foi que a embargava uma terrível onda de amor. Não importava quanto a incomodasse sua obstinada resposta ao negar-se a entender suas verdadeiras diferenças, encontrava-o completamente irresistível.

Mas não o deixaria viver sob a ilusão que poderia acompanhá-la.

—Barr...

—É minha.

—Aye.

—Irei contigo.

—Minha gente te matará.

—Você me protegerá.

Barr acreditava que estava lhe tirando o sarro, mas não sabia quão verdadeiras seriam essas palavras.

De todos os Éan, era a única que poderia fazê-lo. Mas ainda assim era um risco.

—Farei. — Não havia espaço para discussão na voz de Barr.

Sabrine não podia estar de acordo, mas tampouco o negaria.

—Tenho muito que dizer.

—Finalmente.

—Não traia minha confiança.

—É minha companheira, um dom ao que eu nunca renunciarei.

Ah, ele estava pondo o dedo na chaga e parecia sabê-lo.

—Sinto muito.

—Por quê? Por acreditar que tenho tão pouco valor que poderia te deixar sozinha? Por recear de mim? Por rejeitar aceitar a meu lobo? Por ameaçar levando a meu filho?

Capítulo 19

Barr quase se sentiu mal pela forma em que o rosto de sua companheira empalideceu e pela surpresa total que brilhou em seus olhos, fazendo que o marrom destes quase tragasse o negro de suas pupilas. Mas este seria o momento definitivo em que aceitaria o verdadeiro significado de ser sua companheira.

Sua incapacidade para aceitar a seu lobo tinha causado tudo isto. Embora pudesse entender sua dificuldade, ele não era o Faol que tinha matado a seus pais ou a qualquer outro Éan para ser mais preciso.

Era seu Autêntico companheiro, um macho de valor que podia ser seu igual e protegê-la, e ela devia ser malditamente consciente disto.

—Estou... crê que estou...

—Levando meu filho? Aye. Meu bebê cresce em seu interior. — Qual seria sua reação se esse bebê nascia Faol e não humano ou Éan, Barr não desejava considerá-lo.

Sabrine possuía preconceitos profundamente arraigados e embora estivessem justificados, teriam que ser vencidos antes que seu filho nascesse. Ele rejeitava considerar qualquer alternativa.

—Mas eu... meu fluxo mensal...

Ele nunca a tinha visto perder a palavra. Isto seria encantador se não fosse porque se sentia transtornada por levar a seu menino.

—Sou Faol, não Éan, mas também temos nossos dons. Seu aroma mudou.

—Não... Não é...

—Aye. Notei-o imediatamente. — A confirmação de Niall fez que Sabrine girasse para observar o rosto do irmão de Barr.

—Como pode afirmar que meu aroma mudou? Nunca antes nos tínhamos conhecido.

—A fragrância de meu irmão se combinou com a tua.

—Acreditei que se referia a que podia cheirar seu aroma em mim.

—Leva o bebê de meu irmão e por seu aroma será um lobo.

Barr tinha suspeitado, mas seus próprios sentimentos estavam muito implicados para havê-lo afirmado com segurança.

—Não pode sabê-lo. — Ela tropeçou ao retroceder, longe dele... longe das notícias que seu irmão tinha repartido. —A mudança dos Faol não acontece até que se encontram no auge de sua vida adulta.

Barr teve que fazer um esforço sobre-humano para conter seus desejos de agarrá-la com força e atraí-la para ele. Estava farto de que sua companheira se afastasse dele, ameaçasse abandoná-lo e rejeitasse a mesma essência de sua natureza.

Niall encolheu de ombros.

—Barr e eu sempre fomos capazes de saber coisas pelo aroma que outros não podem.

Sabrine se voltou para encarar Barr, sua expressão quase era acusatória.

—Quando se deu conta?

—Faz três dias.

—E não disse nada.

Ele esticou a mandíbula, negando-se a falar.

—Possivelmente desejava que decidisse ficar sem que se inteirasse de que está grávida de seu filho — disse Verica brandamente, agora rodeada pela segurança dos braços de Earc.

Barr lhe franziu o cenho. A curandeira podia guardar suas observações para si mesma.

Mas os olhos de Sabrine se abriram de par em par ao entendê-lo.

—Sinto muito— repetiu.

Desta vez, ele decidiu simplesmente assentir seu reconhecimento à desculpa. Isto não fará diferença no que causava seu arrependimento.

Sabrine lhe tinha prometido voltar e ele confiava em sua palavra. Assim tinha elegido ficar sem saber que levava o seu filho.

—Não desejava te abandonar.

—Estava disposta a trair ao meu irmão e ao seu vínculo de companheira. Nenhum Chrechte deveria ser tão insensível aos obséquios que nossas naturezas nos outorgam. — A voz do Niall deixava pouca dúvida de que ele ainda estava zangado pela afronta com que Sabrine tinha tratado ao Barr.

Encontrando os olhos de Niall, Sabrine tragou e assentiu com a cabeça.

—Tem razão.

—No que rejeitou nosso acasalamento como se fosse algo sem importância? — pressionou Barr.

Os olhos de Sabrine se encheram de dor.

—Te disse que voltaria.

Não gostava que duvidassem de sua palavra. Igual a ele.

E não permitiria que deixasse o clã sem ele. Não o teria permitido antes que estivesse grávida, mas agora não existia a menor possibilidade.

Certamente era o bastante sábia para saber isso.

—Levo a seu bebê? Não é? — o olhar maravilhado nos olhos de Sabrine apaziguou a cólera de Barr.

—Aye. Ele franziu o cenho, pouco disposto a confiar na aparente felicidade de sua companheira, considerando sua rejeição para seu lobo. —Não descarte as palavras de meu irmão. É provável que nosso filho seja Faol.

—E crescerá acreditando que nenhum Chrechte é uma abominação. — O sorriso em seu rosto era como o sol ao sair depois de uma tormenta.

Esta iluminou a estadia e o fez ansiar fazer amor com ela, mas o tempo para as revelações tinha chegado.

Era tempo para que ela falasse.

—Disse que tinha muito que me dizer.

Ela assentiu e seu prazer decaiu.

—Sim.

—Então deveríamos nos retirar a minha antecâmara.

—Verica e Circin merecem saber mais sobre sua gente.

A comoção atravessou Barr com a intensidade de um relâmpago.

Mas foi Earc quem perguntou a sua companheira:

—Circin também possui uma natureza Chrechte dual?

O olhar de desgosto que passou sobre as feições de Sabrine não deixou dúvida de que não tinha pensado revelar os segredos de seus amigos.

Verica suspirou e elevou a vista para seu companheiro.

—Deveria haver lhe dito.

—Mas não é fácil confiar aos outros segredos que não considera somente seus, certo? — perguntou Sabrine. —Lamento ter delatado a Circin.

Verica negou com a cabeça.

—Não. Está bem. Confio em todos os que estão neste quarto, pela razão fundamental que meu Companheiro sagrado o faz.

A mensagem subjacente nas palavras de Verica não passou despercebida para Sabrine, enquanto olhava de soslaio a Barr, que franzia o cenho com desgosto.

Este lhe deu um olhar que lhe exigia responder a insinuação na declaração da curandeira. Não dava nada por certo com sua companheira.

Sabrine respirou fundo e logo girou para olhá-lo só a ele nesta ocasião.

—Confio em você e, portanto, confio naqueles aos que tem em alta estima.

Barr pôde ver quão difícil tinha sido para ela pronunciar as palavras e uma vez mais, o impulso de abraçá-la foi quase entristecedor. Por fim era completamente dele.

—Bem.

Ela franziu o cenho, mas seus olhos castanhos cintilaram com algo mais que moléstia.

—É arrogante.

— Já disse em outras ocasiões.

—Às vezes é muito mais pronunciado em você que em outros.

—É um defeito de família — disse Guaire, sua voz estava cheia de risada.

Niall grunhiu, mas seu companheiro nem sequer piscou ante a ameaça tácita. Só deu a Niall um sorriso ao feroz irmão de Barr desfazendo-se como a névoa ao aparecer o sol. Niall atraiu a Guaire a seus braços e o beijou a fundo antes de soltar o ruivo. Depois de todos os anos que Niall tinha passado sozinho, suspirando por um companheiro que acreditava lhe tinha medo, Barr nunca se cansaria de ver as evidências da nova felicidade de seu irmão. A expressão de satisfação no rosto cheio de cicatrizes fez que seu coração se contraísse, embora nunca o admitisse em voz alta.

Sente-se feliz por seu irmão. A voz de Sabrine era suave devido à indulgência no interior de sua cabeça.

Aye. Encontrou a alegria com Guaire.

Nunca vi guerreiros tão em paz. A voz feminina continha uma perplexidade e um desejo que Barr não entendia.

Ela podia encontrar a paz com ele. Acaso não era consciente disto?

Verica é tão feliz, apesar dos riscos de viver aqui, entre inimigos potenciais.

Este clã é sua família. E descobrirei a aqueles que têm sede de sangue. É meu dever como seu laird.

Está tão seguro de si mesmo.

Como você.

Um sentido de surpresa palpitou entre eles.

Ele quase riu em voz alta. *É uma guerreira tão segura de si mesma como eu.*

—Mesmo sendo tão preciosa antecâmara de Verica e Earc, possivelmente poderíamos fazer estas revelações em um lugar mais cômodo — disse Guaire sorrindo a Verica e interrompendo o rápido intercâmbio mental entre Barr e Sabine.

Barr não tinha dúvida que o companheiro de seu irmão sabia exatamente o que tinha interrompido. O senescal de seu antigo laird era um homem muito inteligente, embora fosse um guerreiro comum. Earc se arrepiou e outra vez Barr quase riu; o encanto de Guaire tinha crescido em confiança depois de acasalar-se com Niall. Menos mal que Talorc não mostrava sinal algum de ciúmes pela profunda amizade do homem com sua companheira e esposa, outros guerreiros não eram tão tolerantes.

Girando para a porta, Barr disse:

—Nos encontraremos no salão.

—E se Padraig ou o padre Thomas voltarem de suas visitas aos membros do clã? — perguntou Verica.

—Estão visitando os Donegal que vivem nos confins do feudo — Barr deu de ombros. — Não voltarão ao menos em uma semana.

Como havia se sentido preocupado de que o sacerdote e Padraig viajassem sem escolta, tinha enviado a dois de seus melhores guerreiros com os homens de Deus.

—Aodh está fazendo o inventário nos armazéns de hidromel e cerveja — acrescentou Guaire amavelmente. —E sua esposa fiscaliza a preparação da última refeição nas cozinhas.

Earc trouxe Circin e todos se encontraram no salão ao redor da mesa que compartilhavam durante as refeições. Sabine começou lhes contando sobre os Éan do bosque. Os olhos de Circin se abriram como pratos quando se deu conta que existiam outros corvos e não porque as pessoas nessa mesa conhecessem sua natureza dual.

Formulou pergunta atrás de pergunta, as quais Sabine respondeu com paciência e uma nova franqueza que agradou a Barr.

O sobressalto de Barr crescia ao mesmo tempo em que sua companheira explicava a vida dos Éan no bosque. Os que se transformavam em aves continuavam praticando os antigos costumes Chrechte, embora alguns humanos vivessem na aldeia. Como companheiros, como amigos e como conselheiros.

—Não permitem que os humanos partam se tropeçarem com sua aldeia? —perguntou Circin com estupefata curiosidade.

—Nossas terras estão longe de qualquer clã. Aqueles que nos encontram procuram uma lenda. Se a encontrarem, devem esquecer suas vidas anteriores.

—Ou o que? — perguntou Verica.

Sabine olhou a Verica com estoico pragmatismo.

—Conhece a lei Chrechte a aplicar sobre quem revela nossos segredos.

—Matam-nos? — os olhos de Verica se alargaram. —Mas e se lhes prometerem não contar nada?

—Não tivemos que aplicar a lei nos últimos cinquenta anos — disse Sabrine.

Barr notou que não era uma resposta à pergunta de Verica, a não ser uma evasão. Sua companheira era boa nessa tática em particular e vê-la usá-la em alguém mais, aumentou sua admiração, em lugar de sua moléstia, como quando ela a usava com ele.

Vendo-se cético, Guaire perguntou:

—Nenhum humano encontrou aos Éan nesse tempo?

—Nenhum tentou partir depois de fazê-lo — respondeu Sabrine em tom grave.

Guaire assentiu seu acordo e Niall cabeceou sua aprovação. As consequências podiam ser espinhosas, mas Barr também entendia e aprovava o cumprimento da antiga lei.

Também houve uma época em que os Faol viveram separados dos humanos, antes da traição de MacAlpin, quando a lei se cumpria com ainda mais rigor entre eles. Ainda se castigava com a morte a aqueles que revelavam os segredos dos Faol a seus inimigos.

—Faz parte de suas responsabilidades como guerreira? — perguntou Verica a Sabrine. — Matar aos que descumpram as antigas leis?

Pela primeira vez, o semblante sem emoção de Sabrine rachou e a infelicidade se mostrou através dele.

—Os corvos não são predadores como os lobos. Matar, salvo em defesa, é quase impossível de tolerar para nossas naturezas.

Souu como se pensasse que isso era um defeito. Barr se estendeu para ela usando seu vínculo de companheiros fazendo o melhor esforço por tranquilizá-la. Não é uma debilidade em você, disse ele, ouvindo o grunhido de seu lobo em concordância.

Era um guerreiro, não uma babá, antes de tudo.

Ela o olhou, seus olhos estavam cheios de gratidão. Ele encontrou seu olhar, os olhos de Barr ardiam. As pupilas de Sabrine se dilataram e sua sensação de tristeza se desvaneceu.

—Então como fazem cumprir a lei? — perguntou Circin, rompendo sua conexão.

Sabrine estremeceu e logo pareceu dar uma sacudida mental.

Barr gostava de ter tal efeito nela.

Ela inalou e exalou. Barr podia sentir sua indecisão antes de falar.

—As águias executam as penas de morte. Possuem a natureza predadora dos Faol, mas são muito poucos. É por isso que não temos êxito em nossa guerra contra os lobos.

Barr entendeu a frustração na voz de sua companheira.

—Porque nunca podem continuar a ofensiva.

Sabrine assentiu e em seus olhos angustiados se lia o custo que essa limitação de suas naturezas significava para os corvos e para ela.

—Há outros Faol, além dos integrantes deste clã, que caçam aos Éan? — perguntou Verica, soando preocupada.

—Aye.

—Quem? — quis saber Barr.

—Não estamos bastante familiarizados com os clãs para nomeá-los.

—Mas não levam as cores Donegal — adivinhou Earc.

—Nay.

—Me descreva seu tartán — ordenou Barr.

Sabrine pôs os olhos em branco ante o que sem dúvida considerava uma nova amostra de sua arrogância, mas fez o que lhe pediu. As cores que descreveu lhe eram desconhecidas a Barr. Mas acreditava que o sacerdote poderia saber a quem pertenciam. Perguntaria ao padre Thomas quando ele e Padraig retornassem.

—Disse que seus pais foram assassinados pelo Faol caçando aos Éan? — perguntou Barr.

—Aye.

—Algum Éan foi assassinado nesta guerra secreta recentemente?

—No ano passado desapareceram três Éan. No ano anterior, desapareceram igual número e duas mortes mais que sabemos é o resultado de ataques de lobos.

Os números eram pequenos, mas os Éan sobreviventes não eram uma população grande e perder a um membro do bando podia ser devastador, Barr sabia muito bem.

A matança indiscriminada tinha que deter-se.

As perguntas continuaram e Sabrine seguiu as respondendo com uma honestidade que o teria feito feliz antes, mas estava contente com que tivesse decidido finalmente confiar nele e naqueles com quem contava. Quando Sabrine explicou sobre a pedra sagrada dos Éan, entendeu completamente seu desespero por recuperá-la para sua gente. A sobrevivência de seu povo estava em jogo. Como seu companheiro, estava igualmente decidido a ver a balança inclinar-se a favor dos Éan.

Um dia, ela entenderia e aceitaria esta verdade.

Por outro lado ela não deixaria as terras Donegal sem ele, mas esteve de acordo em que devolver A Clach Gealach Gra aos Éan era de suma importância e urgência.

Desejava falar com o Conselho do Triunvirato que ela também lhes tinha falado. Era tempo de acabar com esta guerra secreta. Os Faol que a continuavam estavam rompendo a lei mais nova dos Chrechte, a de só empreender a guerra em benefício de seu clã humano, assim que eles seriam os mais interessados em manter oculto o segredo dos Éan. Tinha a intenção de explicar-lhe ao Conselho do Triunvirato. Além disso, ninguém lutava contra um lobo tão bem como outro lobo. Tampouco ninguém podia exigir a paz com mais efeito.

É obvio uma demanda de paz feita por um lobo raramente incluía a via diplomática.

A esposa de Aodh veio com o jantar e por necessidade, sua discussão mudou para temas mais inofensivos.

Sabrine esperou até que Barr e ela estivessem sozinhos em sua antecâmara essa noite para lhe mencionar outra vez a necessidade de voltar para sua gente sozinha. Ele simplesmente não entendia o risco que correria ao acompanhá-la.

—Nay. — Barr tirou seu plaid, realizando seu ritual noturno com as armas, as colocando em um lugar de fácil alcance.

—Seja razoável. Não pode deixar seu clã justo agora ou a sua matilha. Necessitam sua liderança.

—Niall consentiu em ficar e ajudar a Earc na condução do clã e no treinamento dos guerreiros. Guaire também fará todo o possível para ensinar a Aodh as funções de um bom senescal. — A voz de Barr lhe disse que os planos estavam preparados e não mudariam.

Nem sequer recordava ter escutado uma só insinuação de tal conversação na refeição da noite.

—Quando o falaram?

—Na última refeição.

Não devia estar pensando com clareza quando de repente se deu conta de que Barr e seu irmão se comunicaram mentalmente. Barr tinha fechado sua mente e tinha suposto que se devia a ainda estar zangado com ela por ter estado disposta a abandoná-lo.

Possivelmente isto tinha sido simplesmente o resultado de Barr sustentando uma conversação mental.

—A que distância podem se conectar mentalmente Niall e você?

Sentia curiosidade pelos dons dos Faol sobre os quais não sabia nada.

Barr deixou cair à barra na porta e logo subiu à cama pela primeira vez sem assegurar-se que estivesse nua e ali antes que ele.

—Mais longe que a maioria, mas não tão longe como você e eu.

Em vez de lhe perguntar o que realmente queria, e averiguar o que estava fazendo na cama sem ela, disse:

—Não sabia que os Faol possuísem dons diferentes.

—Há muito sobre as matilhas que desconhece, mas claro não está interessada, certo? — ele não soava particularmente aborrecido por essa reclamação, mas em realidade não soava particularmente a nada, sua voz não continha emoção como a expressão em sua cara.

—O que quer dizer? Claro que sinto curiosidade. É meu companheiro.

Barr simplesmente deu de ombros e girou, ficando de frente à parede oposta.

—Iremos aos mananciais sagrados antes da alvorada.

—Porque tão cedo?

—Não quero que nos sigam.

Se sentiria mais cômoda viajando sem que fossem vistos por seu clã.

—Obrigado.

Sabrine pediria emprestada a Verica a espada e adaga de sua avó. Viajar sem armas era uma maldição para ela. Tinha sido muito difícil deixar as suas no bosque para introduzir-se no clã sob o pretexto de ser uma humana indefesa. E ainda estariam no alto de uma árvore, no caminho de volta às terras dos Éan, no mais profundo do bosque.

Sem sua capacidade para voar, poderiam ter estado também na fortaleza de um lobo.

Barr não se incomodou em responder a sua gratidão e ela não se esforçou em prolongar a conversação. Não quando estava tão claro que ele não estava interessado em falar com ela.

Tirou suas roupas silenciosamente, perguntando-se se deveria oferecer-se a dormir em outra parte. Mas isso seria estúpido. Era seu companheiro, e, além disso, era o alfa da manada. Se não a queria em sua cama, era mais que capaz de fazer conhecer seus desejos.

Verbalmente. Não era um menino para zangar-se e fazer o que desejasse. Sem dúvida tinha suas razões para guardar silêncio, mas em nenhuma ocasião tinha insinuado, nem sequer com um olhar, que não a desejava em sua cama como sua companheira.

Como a mãe de seu filho "por nascer", ele não tinha a menor possibilidade para lhe negar um lugar em sua vida.

Uma parte de si não podia menos que perguntar se a queria só porque era sua Companheira sagrada e estava grávida de seu menino. O amor que sentia por ele não era claramente correspondido.

Mas então, o que sabia ela de emoção e amor? Tinha vivido como um guerreiro, entre guerreiros, muitos dos que tinham tomado companheiros pelo bem da raça Éan, em lugar de por um forte vínculo emocional.

Como podia saber a forma em que um macho Chrechte atuava quando estava apaixonado por sua companheira? Sua única referência era ter visto Earc com Verica e a Niall com Guaire. O afeto que sentiam por seus companheiros era mais que evidente.

Sem saber como atuar com um Barr que não reagia com instantânea excitação ao estar a sós, e preocupada suas próprias inseguranças, Sabrine subiu resolutamente à cama com ele.

Barr não deu a volta, nem a tomou em seus braços. Assim que ela estendeu uma mão para lhe tocar as costas e simplesmente a pousou contra a omoplata detrás de seu coração.

Ele se levantou bruscamente e a cobriu tão rápido, que ela soltou um ofego de surpresa impróprio de uma guerreira.

Barr a olhou, suas feições brilhavam pela luz da lua, mas permaneciam parcialmente em sombra. Sabrine não podia ler sua expressão, mas a sensação de sua virilidade contra a coxa lhe disse que nada tinha mudado. Sem palavras, baixou a cabeça e reclamou sua boca em um ardente beijo.

O alívio a tomou e ela respondeu com todo o desejo feminino de seu coração.

Seu ato de amor foi intenso e assustador, seu corpo possuiu o seu com urgente desejo no qual ela se deleitou. Só quando a inconsciência do sonho a dominou, sentindo-se envolta em seus braços, notou que ele não tinha feito sua reclamação habitual sobre ela.

Não a tinha incitado a reconhecer que ela era dele nenhuma só vez.

Sabrine contemplou o cavalo que Barr dispôs para ela. Era uma égua branca encantadora e parecia ter um temperamento tranquilo. Não que isso fosse importante.

—Não monto.

Barr deteve o que estava fazendo com seu cavalo, um enorme garanhão marrom que francamente assustava terrivelmente a Sabrine. Embora estivesse longe a ocasião em que admitisse essa debilidade. Barr deu a volta para ficar frente a ela, mas se via como se tentasse decidir se estava sendo simplesmente difícil ou falava a sério (coisa que fazia), mas em nenhum momento falou.

Guaire, quem tinha vindo com Niall para despedir-se, não foi tão reticente.

—Porque não?

—Não tenho um cavalo. — De fato, apenas havia um punhado de cavalos pastando nas terras de sua gente, e aqueles eram possuídos pelos poucos humanos que viviam entre os Éan.

—Nunca montou um? — perguntou Niall, incapaz de esconder sua surpresa.

Embora Sabrine pudesse afirmar que ele o tentou valorosamente.

Sentiu as bochechas avermelharem, embora não acreditava que deveria sentir-se envergonhada... depois de tudo, sua gente tinha razões para não possuir a essas grandes bestas. Assim sacudiu a cabeça firmemente.

—Então montará comigo. — Barr imediatamente começou a transladar as coisas que tinha atado detrás da cadeira da égua branca para seu gigantesco cavalo.

—Eu... né... não estou certa que seja uma ideia boa.

Ele a voltou a olhar, sua mandíbula revelava tensão.

—Não correrei o risco de que caia e se fira porque é a primeira vez que monta.

—Poderia mudar e montar em minha forma de corvo. Poderia me aferrar à sela com as garras.

—Como é que pode mudar? — perguntou Guaire—. Acreditava que as mulheres Chrechte não podiam mudar quando estão grávidas.

—Uma vez que a terceira lua de nossa gravidez passou perdemos a capacidade de mudar até a primeira lua cheia depois do parto.

—As Faol não podem mudar para sua forma de lobo da concepção — acrescentou Niall para seu curioso companheiro.

—Estaria muito vulnerável como corvo com sua asa ferida — disse Barr, ignorando a discussão sobre a mudança feminina.

—Quase está curada. — Muito em breve seria capaz de voltar a voar.

—Quase não manterá você segura.

Ela nunca teve ninguém tão preocupado por seu bem-estar desde as mortes de seus pais. Uma vez que renunciou a seu status como futura líder de seu povo para assim unir-se aos guerreiros, toda sua vida consistiu em procurar a segurança de outros.

—Seu cavalo é grande.

—Como eu.

Isso era certo. Mas o tamanho de Barr não a assustava.

—Não tenho o costume de avançar tão rápido a menos que voe.

—Me assegurarei que não caia.

—Não tenho intenção de cair. — Embora não estava completamente certa de como o faria, supunha-se que evitaria fazê-lo.

—Então não tem nada que temer.

—Não disse que tenho medo.

Ele simplesmente a olhou. Era um lobo; é obvio que tinha captado sua inquietação por montar uma destas grandes bestas.

—Nunca desejei montar a cavalo.

—Não caminharemos. Demoraríamos três vezes mais.

Ela não tinha argumento ante isso. O tempo não estava de seu lado. Mas ainda assim vacilou.

Barr subiu a seu cavalo, fazendo que o já enorme animal parecesse ainda maior. De repente, as mãos de Niall estavam em sua cintura e se viu impulsionada para cima. Barr a agarrou, balançando-a para localizá-la e sentá-la escarranchada detrás dele.

Por sorte não era uma mulher do clã pudica, porque suas saias se elevaram até revelar a maior parte de sua perna. Guaire se adiantou e as ajustou sem dizer uma palavra, ficando muito perto das poderosas patas traseiras do bruto. Não pôde menos que admirar sua coragem.

Sorriu-lhe tensamente enquanto seu amor próprio ficava a prova.

—Obrigado.

Ele assentiu.

—Segure com força — lhe instruiu Barr quando o cavalo começou a mover-se.

Só pôde fazê-lo com seu braço são; esperava que isto fosse suficiente. Ele fez que o cavalo fosse a um passo tranquilo e estável até que entraram no bosque e logo depois de um momento a outro estavam galopando, e um grito totalmente involuntário quase deslizou de sua garganta. Ela o reteve quase imediatamente, mas se sentiu mortificada apesar de tudo.

Os guerreiros não gritavam de medo. Jamais.

Entretanto, ela intensificou seu abraço sobre seu companheiro até fazer que ele grunhisse. Sua outra mão se aferrava ao cinturão de Barr em um apertão mortal e grudou seu corpo ao dele, seguindo seus movimentos mais facilmente do que faria com o rápido galopar do cavalo baixo ela.

Capítulo 20

Cavalgaram com rapidez até muito depois de que o sol se elevasse no céu. Pouco antes do meio-dia se detiveram perto de um riacho, onde desmontaram em silêncio. Sabrine sentia as pernas débeis e teve que agarrar-se em Barr durante vários segundos antes de poder andar. Ele não a apressou, mas ela sentiu a necessidade de evitar aferrar-se.

As coisas tinham mudado entre eles e não entendia este sentimento de vulnerabilidade que a incomodava. O amor não era uma emoção plácida e não entendia o porquê outros acreditavam que era tão maravilhoso. Possivelmente quando estava segura de ser correspondida, esses assustadores sentimentos lhe traziam alegria em vez de angústia.

Nenhum falou enquanto comiam as provisões que Barr tirou de um alforje na garupa do cavalo. Ela procurou comprovar se os tinham seguido, não desejava ser surpreendida por um inimigo inesperado como fez Wirp no bosque.

Ignorava a razão do silêncio de Barr. Poderia ser porque estava fazendo o mesmo que ela ou porque simplesmente não tinha nada que lhe dizer.

Deu-se conta de que não desejava sabê-lo se o último era certo e, mesmo que estava bastante segura de que nenhum perigo os espreitava, não iniciou a conversação.

A água borbulhando sobre as rochas era o único som que rompia o silêncio. Inclusive os animais permaneciam calados, mas isso era algo frequente ante a presença de um depredador. E tão controlado como era, Barr era um predador aos cem por cento.

De um momento a outro, Barr ficou quieto, seu olhar percorrendo cuidadosamente a área circundante.

—Tem armas?

—Sim. — Verica não tinha vacilado em emprestar-lhe quando Sabrine chamou a sua porta a altas horas da noite para lhe pedir em empréstimo a espada e a adaga antes que deixasse o torreão essa madrugada.

—Bem.

Sem dizer outra palavra ou advertência, Barr mudou para lobo. Sabrine estendeu a mão, desejando tocar ao Faol que também era seu companheiro, seu sentido de rejeição estava completamente ausente e agora se via substituído por um tenro sobressalto. Entretanto, Barr pareceu ser inconsciente de seu desejo. A magnífica criatura saltou para o riacho, entrando no bosque. Tudo o que ficou no lugar onde tinha estado foram seu plaid e armas.

Lutou com sua desilusão e duvidou que ele entendesse, ou inclusive acreditasse no que ela sentia. Ficou em pé de um salto, seus sentidos permaneceram alerta ante qualquer sinal de perigo.

Algo tinha provocado os instintos de seu companheiro, mas não podia dizer o que. Não acreditava que fosse um perigo próximo ou ele não a teria deixado sozinha. Apesar do respeito que mostrava a suas habilidades de guerreira, o homem era muito protetor para abandoná-la desprotegida contra uma ameaça iminente.

Reuniu os pertences de Barr e os levou ao cavalo, o qual tinha deixado de pastar perto do riacho e agora permanecia quieto sem fazer ruído, salvo o realizado por sua própria respiração tranquila.

Acariciou ao cavalo.

—Pode se abaixar, por favor?

Não sabia como fazer para que o grande animal o fizesse por si mesmo, já que não queria puxá-lo a terra sobre o ventre. Isso parecia inseguro. Ainda assim, precisava estar perto para que seu dom pudesse protegê-los a ambos e sabia que não seria capaz de permanecer em pé se Barr estivesse fora muito tempo.

Lamentava não ter o dom de comunicar-se com os animais, mas não o tinha, e o seu seria inútil se não conseguia que este grande bruto cooperasse.

Provando que seu dono o elegeu bem, e que era mais inteligente do que aparentava, o cavalo se abaixou sobre a terra. Suas patas se dobraram embaixo dele e pareceu bastante resolvido e calmo.

Esperava que neste caso as aparências não fossem enganosas.

Cautelosamente, sem desejar assustar ao grande animal, moveu-se até sentar-se junto a ele. Quando este não mostrou nenhum temor, fundiu-se cuidadosamente contra o cavalo, deixando que seu corpo pressionasse o corpo muito maior do equino.

Fechando os olhos, concentrou-se em visualizar uma imagem do bosque vazio como se o cavalo e ela não estivessem ali. Uma vez que sentiu que a imagem se assentava completamente sobre a grande besta e sobre ela, abriu os olhos e procurou na zona evidências de uma ameaça.

A quietude do bosque tomou conotações mais sinistras quando nem sequer se pôde ouvir o canto dos pássaros. Nada se movia entre as árvores. Nem um rangido delatava a presença de um coelho sob a folhagem. Nem sequer seus sentidos desenvolvidos captaram aromas que pudessem assinalar perigo.

Não deixou que a falta de sinais manifestos a desalentasse a manter defendida sua presença e a do cavalo que Barr tinha em tão alta estima. Minuto após minuto teve que projetar a imagem em torno deles, drenando suas forças, mas não podia fazer nada mais até que seu companheiro retornasse.

Se só estivesse ela, teria tomado A Clach Gealach Gra e teria subido a uma árvore. Camuflar-se entre os ramos teria sido muito mais fácil que construir a imagem de um ponto vazio perto da corrente ao redor dela e do cavalo.

Mas não podia arriscar ao garanhão. Pertencia a seu companheiro e, portanto tinha grande valor para ela. Por sorte, o cavalo fez sua parte, mantendo um silêncio que tinha acreditado incapaz.

Perdeu a noção do tempo em que Barr esteve ausente, enquanto se incrementava seu cansaço e debilidade. Manteve-se quase em transe enquanto seu corvo sustentava a imagem de escudo.

Só o som de seu companheiro gritando em sua cabeça a tirou desse estado, afastando-se desse profundo lugar onde seu dom se manifestava. A imagem caiu quando soltou o escudo, sabendo que Barr estava o suficientemente perto para protegê-la a ela, ao estoico cavalo —ao que agora considerava altamente brilhante — e à pedra sagrada.

De repente ele estava ali, justo frente a ela, atraindo-a a seus braços.

—Onde estava? O que passou? Qual é o problema? — perguntou ele, cada pergunta acontecia rapidamente à outra, de um modo tão impróprio em seu fleumático companheiro.

Ela tentou falar, mas não pôde pronunciar uma palavra. Clareou a garganta, lambeu os lábios e logo grasnou:

—Precisava proteger a pedra e ao cavalo.

Barr gemeu.

—Acredito que é um cavalo ardiloso. — Sua garganta convulsionou e teve que deixar de falar enquanto tratava de tragar a umidade que não estava ali. —Tenho sede.

Barr a liberou, mas antes de tivesse uma oportunidade de queixar-se sequer mentalmente, ele já estava de volta com um odre. Ela bebeu, o líquido e reanimou um pouco.

Tomou um pouco de ar antes de beber mais, logo descansou contra o duro peito de seu companheiro.

—Obrigada — disse ela brandamente.

Da garganta de Barr escapou um estranho ruído de afogamento.

—Não estava aqui quando retornei. Acreditei que tinha cavalgado para um lugar mais seguro, mas não havia rastro.

—Não posso montar a cavalo.

—Aprenderá.

Ela apenas pôde pensar que poderia.

—Você me ensinará.

—Aye. Ninguém mais.

—Eu gosto de seu cavalo, ficou em silêncio.

—Estou certo que também gosta de você. A indulgência na voz de seu companheiro era uma grande melhora sobre a frieza do dia anterior.

Não gostava dos segredos. Isto havia se tornado muito claro para ela.

—Posso levantar um escudo que ninguém pode ver e inclusive mascarar aromas detrás deste, mas não posso esconder o som.

—Que tipo de magia é essa? — perguntou ele nada surpreso.

Isto fez que o rosto de Sabrine mostrasse um débil sorriso.

—É o dom que me outorgou A Clach Gealach Gra ao alcançar minha maioridade.

—Assombroso.

—Mas fatigante quando se usa em tão grande escala. Seu cavalo não é pequeno. — E ela tinha tido que sustentar a imagem protetora ao redor deles... olhou ao céu... durante quase uma hora nesta ocasião.

—Poderia ter tomado à pedra e ter se escondido em uma árvore.

—Mas qualquer predador que incitou a você buscá-lo em sua forma de lobo poderia ter vindo atrás do cavalo.

—Não sei o que procurava, mas não encontrei nada. Nem rastros ou aromas que rastrear.

—Porque foi?

—Meu lobo me advertiu do perigo.

—Os instintos dos Faol são poderosos.

—Aye.

—Deveríamos nos mover.

—Aye.

Esta vez Sabrine montou no regaço de Barr e dormiu a sesta contra ele, confiando sua segurança completamente à força de seu companheiro. Fazê-lo foi uma experiência completamente nova para ela, enquanto repunha as forças perdidas em seu intento por proteger tanto ao cavalo, como a ela mesma perto do riacho.

Não se surpreendeu quando não se detiveram para comer e descansar outra vez com o passar das horas. Barr continuou avançando, animando-a a comer a maçã que tirou de seus alforjes. Também tomou uma para ele.

Não havia dúvida de que nesse dia viajariam tão longe como lhes fosse possível.

Entretanto, finalmente, detiveram-se perto de um pequeno e claro espelho de água, alimentado por um riacho do norte.

—Acamparemos aqui — lhe disse enquanto Sabrine se esticava, em uma tentativa para que suas pernas voltassem a funcionar depois do largo rodeio.

Os dias de verão eram muito compridos e ela protestou:

—Mas não escurecerá até dentro de várias horas.

—É uma posição mais defensável. Ele assinalou uma pequena entrada de uma cova não muito longe.

—Crê que nos seguem?

—Meu lobo diz que sim.

Ela assentiu, não duvidou nem um momento de sua natureza Faol. Havia uma razão para que fossem considerados inimigos formidáveis.

—Porque os mananciais sagrados? — perguntou ele, quando compartilhavam outra comida fria, cada um sentado contra a base de uma árvore, frente ao outro.

Ela teria sentado junto a Barr, mas ele era outra vez inacessível.

—O que quer dizer?

—Porque não deixar a pedra em seu lar? Viajar até os mananciais sagrados para seus rituais Chrechte deve ser um grande risco.

—Viajamos em nossa forma de ave. Apesar da entusiasta adesão de Muin aos ensinamentos de seu avô, poucos dispõem às aves do céu por norma. Sobre tudo aqueles entre os clãs mais afastados do norte.

—Ainda assim, é um risco.

—Aye. Mas nas covas existe um antigo poder Chrechte, por isso um lugar assim bem merece alguns dias de viagem.

—Não têm covas assim em sua parte do bosque? — perguntou ele.

—Nenhuma que ressoe com mil anos de rituais Chrechte e acasalamentos. — Sua avó afirmava que nenhum outro lugar era tão benéfico para sua gente como o cenário mágico para realizar os ritos sagrados.

—Os antigos costumes Chrechte são muito importantes para os Éan, não é verdade?

—Aye. — Quando seu número diminuiu pelos ataques de seus irmãos Chrechte, seus antigos costumes foi aquilo que os sustentou.

Barr comeu durante alguns momentos em silêncio e logo perguntou:

—O que passará uma vez que coloque a pedra em seu lugar?

—Retornarei com os meus e lhes direi que tive êxito em minha busca.

—Quer dizer que iremos juntos aos Éan.

—Sim. — Uma parte sua esperava com antecipação que Barr conhecesse sua avó, embora se sentisse preocupada da forma em que outros responderiam a ele devido a sua natureza Faol.

—Any-Gra predisse que os lobos se uniriam a uma jovem moça em sua luta para salvar aos Éan. — Sua avó havia contado a Sabrine a profecia quando ela alcançou a maioridade. —Não acreditei.

—Não me custa acreditar isso. — Seu sarcasmo não lhe passou despercebido.

Ela franziu o cenho.

—Culpa-me de meu cinismo? Como poderia ver os lobos como nossa salvação quando eram os maiores inimigos que enfrentávamos?

Tampouco era o único Éan cético, embora não mencionou essa verdade ao seu companheiro. Sem dúvida ele já imaginava.

—Seu maior inimigo é o ódio irracional, não os lobos em si mesmos.

—Possivelmente é mais fácil fazer tal distinção quando não é você que consideram uma abominação — respondeu ela com um pouco de acritude.

Embora, enquanto dizia as palavras, perguntou-se se ele se referiu ao ódio dos Éan assim como ao dos lobos que ainda tratam de matá-los.

Barr suspirou.

—Aye, sem dúvida. — Ficou em pé.

—Aonde vai? — desapareceria outra vez?

—Vou levar nossas coisas à cova.

Ela o seguiu.

—Não queria ofender.

—Não estou ofendido. — Ele tirou o alforje dos arreios de seu cavalo e deu um tapa no flanco.

O cavalo se dirigiu tranquilamente para beber a água, sua lustrosa pele marrom brilhava pelos últimos raios do sol.

—Não está?

Deteve-se e deu a volta para encará-la, sua expressão estava muito longe de mostrar ofensa. O que sombreava seu olhar cinza era algo muito pior. Era dor.

Ela estendeu sua mão, precisava tocá-lo.

—Eu...

Ele retrocedeu, afastando-se dela.

—Sou um lobo.

—Sei. — Embargou-a uma dolorosa confusão ao admitir que essa era a única coisa sobre a que jamais teve dúvida alguma.

—Despreza meu lobo.

—Não.

—Não minta.

—Não o faço. — Resolutamente, avançou, posando sua mão contra o coração de Barr. — Seu lobo é uma parte importante do que faz você tão feroz e maravilhoso como qualquer outro aspecto de sua natureza.

E tinha aprendido a amar à besta como fazia com o homem que a fez conhecer emoções muito mais poderosas que o dever ou inclusive a honra.

Não respondeu simplesmente a olhou com olhos ilegíveis.

—Mude. — Provaria a si mesma ante seu companheiro. —Chama a seu lobo.

—A última vez que o viu, com muita dificuldade pôde ficar na mesma casa.

—Estava equivocada. Voce me mostrou que nem todos os lobos são meus inimigos. Certamente notou isso. — Seus olhares se conectaram, e ela viu dúvida no dele. Suplicou-lhe: — Por favor, me deixe demonstrar isso.

O ar brilhou em torno deles e logo ele desapareceu para ser substituído pelo lobo. Um lobo enorme, magnífico e poderoso, igual ao homem mesmo. Com essas grandes mandíbulas que poderiam lhe partir as extremidades, inspirava respeito, em lugar de medo.

Estendeu uma mão, tocando a cabeça.

—É formoso.

Sou um lobo, disse-lhe mentalmente.

Ela quase riu, mas o momento era muito importante.

—Sou consciente disso. É meu companheiro.

Sou. Havia algo em sua voz, algo além da arrogância natural e a indiferença do guerreiro.

Esse algo a fez cair sobre seus joelhos e lhe rodear o pescoço com os braços.

— Sim. É.

Ela mergulhou o rosto na suave pele loira de seu pescoço. Uma faísca de conhecido medo tocou seu coração, mas o desterrou. Este lobo era dela, seu companheiro, seu protetor, definitivamente não era seu inimigo.

Mostrou-lhe seu carinho segundo a forma dos corvos, esfregando sua cabeça contra a sua. Do peito do lobo retumbou um profundo som.

Não era um grunhido; seu aroma indicava que era um ruído de prazer, assim voltou a fazê-lo. Esta vez ele pressionou em resposta, esfregando sua cabeça contra o corpo dela e logo seu grande lobo voltou a empurrar, procurando atenção adicional.

Se marque com meu aroma. A voz em sua cabeça foi mais um grunhido que a voz de um homem.

—Como? — perguntou ela em voz alta, amando a suave e rica grossura da pele de seu lobo contra seu rosto.

Uma imagem de seu lobo se formou em sua cabeça, esfregando sua pele contra suas roupas, contra seu corpo, compartilhando suas fragrâncias de tal forma que realmente se mesclassem.

Tudo isto tinha relação com a posse e o acasalamento. Embora não havia necessariamente uma insinuação sexual em sua necessidade.

—Este é um ritual Faol, não é? — perguntou ela.

A afirmação que Barr lhe deu mentalmente foi um simples grunhido e não uma palavra real.

Ela riu brandamente.

—Faz o que necessite.

Barr puxou seu plaid e ela o tirou. Parecia contente de que ela se desfizera de sua regata enquanto ele esfregava a cabeça e corpo contra os flancos e pernas femininas, deixando o distinto aroma que usualmente mascarava.

Com seu focinho lhe acariciou a parte baixa das costas e ela riu, sentia cócegas embora nunca o soubesse. Ele ladrou e ela riu outra vez, seu solene ritual degenerou em um jogo de luta livre que a fez rir como não tinha feito em anos.

Imobilizou-a contra o chão, a língua do lobo pendurava de uma boca sorridente sobre ela. As fragrâncias do bosque se mesclaram com a essência única de Barr e ela inalou profundamente, descobrindo realmente quanto gostava.

Não podia pronunciar as palavras de amor que ardiam em seu peito, mas podia lhe dizer que não havia parte dele a que pudesse desprezar outra vez.

—Barr, laird do clã Donegal, alfa da matilha e meu companheiro, aceito você e a cada parte de quem é irrevogavelmente não só como meu companheiro, mas sim como a outra metade de minha alma. O amor estava ali, se ele desejava vê-lo, mas não o pressionaria quando os sentimentos dele não eram os mesmos.

O ar brilhou e agora era um homem quem a sujeitava, um homem grande que bloqueava a luz do ocaso e dominava todos seus sentidos com sua presença. Um homem cuja excitação crescia contra seu quadril com insistente rapidez.

—Obrigado. — Logo sua boca reclamou a dela com uma gentileza e uma ternura que fez que seus olhos se umedecessem.

Ela os fechou, pouco disposta a permitir que ele visse sua debilidade e lhe devolveu o beijo com cada grama de emoção que clamava por liberar-se de seu coração. Sabrine podia sentir a presença de seu lobo de uma forma que antes não tinha podido.

Barr teria estado contendo-se? Ela não via? Não daria importância a isso; o que importava depois de tudo era que seu acasalamento era uma autêntica união Chrechte e não meramente dois corpos humanos juntos.

Fizeram amor lenta e meigamente, culminando em um clímax mutuamente compartilhado, fazendo que no mundo de Sabrine não existisse nada salvo o corpo sobre ela. Não via nada salvo a ele; não sentia nada que não fosse a forma em que seus corpos ainda estavam unidos; não ouvia nada exceto o som de seu coração e sua respiração.

Até que o chiado de uma águia rompeu a silenciosa alegria entre eles.

Sabrine girou a cabeça a tempo para ver a descida em picada da ave com as garras estendidas. Esta se dirigia para o alforje que Barr tirou do cavalo e que tinha deixado cair quando ela procurou fazer as pazes com ele.

Barr rodou a um lado, mudando enquanto o fazia, e de repente o corpo de seu lobo saltava sobre a ave, enquanto ela se equilibrava pelo alforje — por La Clach Gealach Gra, a que devia proteger a qualquer custo.

Ela a cobriu com seu corpo e logo girou com ela enquanto a águia mudava de curso, voando fora do alcance de Barr. Seu companheiro mudou de retorno a sua forma humana e agarrou sua adaga.

Ele girou e esteve preparado para lançá-la.

Não o mate, gritou ela mentalmente a seu companheiro.

Barr não se incomodou em responder, fazendo que a adaga atravessasse o ar. Esta se cravou na asa da águia e a ave tentou endireitar-se, mas não pôde. Isto a fez virar e perdeu a força de suas asas, desabando-se em terra com nada que amortecesse sua queda.

Exceto Barr que estava ali, esperando, com os braços estendidos. A águia aterrissou contra ele com um ruído surdo, suas garras se afundaram em seu peito, enquanto lutava por sua liberdade.

Ela ficou em pé e correu, rodeando com os braços as asas agitadas, as pressionando contra o corpo da ave enquanto Barr capturava suas garras com mãos cuidadosas para não feri-la. Outra vez, sentiu-se golpeada pela honra e o profundo compromisso de seu companheiro.

Em um instante, a águia mudou para homem. Seu cotovelo retrocedeu, golpeando-a no peito e deixando-a sem ar.

No passado, não o teria soltado. Mas no passado, não tinha tido Barr. Nem levava a seu bebê. Mas agora o fazia, e não tinha outra opção, salvo liberar o combatente antes que pudesse causar dano a ela ou ao bebê que esperava.

Saltando para trás, apressou-se a sair do caminho de Barr para que este pudesse submeter à águia que mudava de forma sem preocupar-se com ela. Apesar de que o sangue das feridas de seu peito fizesse que ele e seu oponente fossem escorregadios, o submeteu rapidamente.

Quando Barr teve à águia cambia forma imobilizado, Sabrine pôde ver a cara do homem e logo que pôde respirar por sua surpresa.

Era um Éan, mas nunca o tinha visto antes.

—Quem é?

Barr deu um tabefe na cabeça do homem e disse:

—Se apresente.

—Você? — perguntou emocionada.

—Aye, este é o humano, Lais. — Enfatizou a palavra humano e o fez em uma tentativa óbvia de brincadeira. —É primo de nossa Brigit; treinei-o pessoalmente. Ainda tem muito que aprender.

Lais fulminou com o olhar a Barr.

—Embora sua perícia com o arco fosse elogiada por seus parentes. — O significado desta declaração não escapou a Sabrine.

—Foram vocês. Mas por quê? — por que um que se transforma em ave tentaria matar Barr, um lobo claramente bom e honorável entre os Faol? E a ela, uma de sua própria espécie?

A mesma ideia atravessou seu coração como uma lança envenenada com veneno. Seus joelhos fraquejaram, oscilando um pouco e quase soltando a bolsa com La Clach Gealach Gra.

Lais a teria roubado e o que teria feito com ela? Guardá-la para ele? Com que objetivo?

Sua garganta se sentia tão apertada que não podia falar, simplesmente contemplou ao homem quem seria capaz de destruir a sua própria raça.

—Doçura... — Barr falou brandamente como o faria com um animal muito assustado.

Ela deixou que seu olhar fosse da mudança a ele. O calor e a compaixão que viu em seus olhos estiveram muito perto de ser sua perdição.

Tinha passado toda a vida sabendo que ela e todos seus irmãos eram odiados pelos Faol, mas ser desprezados por um dos seus? Isso causava uma ferida aberta e lhe sangrava em sua alma.

—Minha preciosa princesa guerreira...

—Não o sou.

—O que? — perguntou ele, tão brandamente.

—Uma princesa. Renunciei a meus direitos ao trono.

Barr abriu mais os olhos.

—Não é mais que um corvo assassino. — Cada palavra que saía da boca de Lais destilava um profundo aborrecimento.

Não o olharia. Esta classe de ódio era muito difícil de suportar.

—Os corvos não podem assassinar, a menos que sua natureza se tornou tão retorcida que sua ave já não tenha o poder de influir em emoções e pensamentos.

—Mentirosa.

O som de um golpe encontrando seu objetivo ressonou pelo bosque. Lais cambaleou e caiu a terra.

Barr posou a mão em seu ombro.

—Sabrine, meu amor, por favor, ponha sua regata.

A mundana petição quase a fez rir, mas tinha medo de que se comesse, não pararia até que suas gargalhadas se convertessem em lágrimas histéricas.

—Sua possessividade é uma fanfarronice. Somos Chrechte.

—Sou possessivo. — Não parecia nada incomodado por isso.

E ela não se opôs. Preferia pensar na aversão irascível de seu companheiro para a nudez. Ele também tinha sido rápido em cobri-la diante de Muin o primeiro dia, quando se conheceram no bosque.

Ela procurou pelas cercanias e encontrou sua regata, colocando-a rapidamente. Embora não tivesse sentido, sentia-se melhor com esta pequena barreira entre ela e a águia.

Era uma Chrechte, mas possivelmente mais humana do que jamais se desse conta.

Olhou a Barr.

—Melhor?

—Aye. — Ele sorriu, embora seus olhos ainda refletissem essa afetuosa preocupação.

Ela deu a volta e encarou ao Lais.

—Os corvos não assassinam. Nunca matei por algo que não seja proteger aos meus.

—Os corvos mataram a meu pai, a última águia cambia forma.

Capítulo 21

Algo se partiu no interior de Sabrine e quase se pôe a choramingar como uma criança sentia-se tão cansada e enojada do legado de mentiras de Rowland em um clã constituído em sua maioria por humanos e Chrechte de bem.

—Idiota. Em primeiro lugar, seu pai não era a última águia cambia forma, embora se tivesse tido êxito em roubar A Clach Gealach Gra, dentro de uma geração veríamos o final de toda a raça Éan.

—Bem. Os corvos merecem morrer. Estiveram atormentando a outros Chrechte durante centenas de anos.

—Onde ouviu semelhante estupidez? — como se ela não soubesse. —E não me referia apenas aos corvos. Teria provocado o extermínio das águias, que já não são muitas, mas que ainda existem em liberdade no bosque. Você que deveria lutar pela existência de sua raça teria feito o que não puderam os malvados entre os Faol em dois séculos de intentos.

—O Faol tentou proteger a meu pai. — Mas a voz do juvenzinho vacilou com uma falta de convicção.

Barr lhe perguntou:

—Que lobo tratou de protegê-lo e falhou?

—Rowland. — Os ombros de Lais se afundaram, seu olhar encurvado delatava que ele sabia quão estúpido tinha sido ao confiar no antigo laird.

Barr soprou burlonamente.

—O mesmo homem que violou a sua tia é o suposto salvador de seu pai? O mesmo homem que quase destruiu ao clã com seu egoísmo? Escondeu sua natureza dele, certo?

O moço assentiu, sua tristeza e confusão eram ainda mais evidentes.

—Intuíra que não era seguro lhe falar sobre sua natureza.

—Isso não faz nenhuma diferença. Não posso transmitir meu legado ave.

—Não teve sua cerimônia de maioridade? — perguntou Sabrine com voz afligida.

Lais o confirmou.

—Meu pai me falou sobre aquilo, como seria maravilhoso, dos dons que podia outorgar, os que perderiam se não seguia os velhos ritos Chrechte; — ele morreu antes que meu tempo chegasse.

Muita da cólera de Sabrine se esfumou.

—Assim pensou em fazer pagar a outros por sua perda?

—Não. Eu... os corvos...

—Teríamos ajudado a seu pai, se tivéssemos sabido dele. Teríamos nos assegurado de que tivesse sua cerimônia de maioridade para que recebesse todos seus dons de La Clach Gealach Gra.

—Não é um estúpido nos treinamentos; como é que ainda crê que Rowland disse a a você verdade sobre a morte de seu pai?

—Porque ele mentiria?

Sabrine respondeu quando a Barr as palavras parecerem fugir.

—Porque de uma forma retorcida, possuía um sentido de justiça. Se não fosse um que se transforma, um verdadeiro Éan, não queria matar você.

—Mas ele...

—Enganou a você e a sua família de cada maneira possível. — Agora Barr tinha separado a língua e tinha muitas palavras que dizer.

A cabeça do moço se dobrou e embora suas lágrimas fossem silenciosas, Sabrine podia cheirá-las. Não podia deter sua dor assim tentaria consolá-lo, mas Barr se ajoelhou rapidamente antes dela.

Ele pôs uma mão no ombro do jovem Chrechte.

—Foi enganado, como muitos antes que você.

—Mas meu pai. Era tudo o que eu tinha... — as palavras se apagaram em um sussurro cheio de dor.

Barr não disse nada, mas permaneceu onde estava respeitando a dor do outro homem.

Sabrine terminou de vestir-se e logo levou o alforje com a pedra sagrada à cova. Emocionalmente esgotada e mais exausta do que jamais havia se sentido preparou uma cama.

Lais poderia dormir no plaid de Barr.

Mas primeiro atenderia as feridas de Barr como as do jovem Chrechte.

Nenhum homem protestou quando insistiu em lavar os restos de sangue com areia e água do pequeno lago. Possivelmente notaram seu cansaço ou talvez fosse o tom de voz cortante que usou para lhes ordenar que se metessem na água. Uma mulher mais feminina, uma como Verica, sem dúvida usaria um tom de voz mais suave e gentil.

É tão feminina como qualquer mulher e é perfeita tal como é, disse-lhe Barr mentalmente enquanto ela lavava cuidadosamente o sangue e a sujeira das feridas em seu peito.

Ele e Lais teriam que mergulhar nos mananciais sagrados quando chegassem ali a seguinte noite, mas no momento isto teria que bastar.

Obrigado, respondeu-lhe usando sua comunicação mental, muito cansada para falar.

Barr guardou silêncio e Lais também permaneceu calado enquanto ela terminava seus cuidados.

Finalmente, ela se obrigou a falar.

—Não sou uma curandeira como Verica, mas isto deveria lhes ajudar. — Examinou o braço do que se transformava em águia, agora que estava limpo de sangue e sujeira. —É afortunado. A adaga de Barr causou uma ferida superficial, poderá voar se for obrigado a fazê-lo.

—Eu... sinto muito. Sei que não é suficiente e mereço meu destino, mas estou contente de não te-los matados com minhas flechas. — Lais a olhou aos olhos, com valentia.

Ela suspirou.

—Eu também.

—Embora não estou impressionado por sua exatidão, neste caso me agrada que tenha falhado. Se tivesse ferido a minha companheira, não ficaria outra opção senão matar você. Barr não soava entristecido no mínimo.

—Querem dizer que não vão a... — parecia que Lais não podia encontrar a palavra, embora ela pudesse supor o que queria expressar.

Assim como o fazia Barr.

—E esbanjar os esforços de minha companheira em cuidar de suas feridas? Jamais teria tanta desconsideração.

Sabrine sorriu pela primeira vez no que lhe pareciam dias.

Barr piscou e ela sacudiu a cabeça. Homem arrogante, encantador.

—Disseram que há mais águias cambia formas? — perguntou Lais.

—Sim. Se Barr o aprovar, posso lhes pedir que lhe treinem.

—Mas não sou um Éan completo. Nunca serei um.

—Porque não tem nenhum dom secundário? Tolices. Sinto que os filhos que possa conceber sejam completamente humanos, mas asseguro a você, os humanos foram muito felizes desde que nossas raças caminharam sobre a face da terra.

—Sou um mau guerreiro.

—Podem treinar você— disse Barr à contra gosto, ainda não de tudo preparado para desprezar as ações de Lais e as crenças confusas em que se apoiaram.

—Permitiria que fosse com os Éan? — perguntou Lais a seu laird, uma cautelosa esperança beirava sua voz tranquila.

—Se me convencer que é em seu melhor proveito, sim.

Isso pareceu aturdir Lais.

—Se importa?

—Naturalmente. É um membro de meu clã.

—Mas tentei mata-los.

—Você? Vi você caçar; ouvi as histórias de sua orgulhosa família. É melhor que muitos de meus guerreiros Chrechte. E sua exatidão com o arco é ainda melhor que a de Connor. Isto me faz me perguntar por que Rowland não recrutou sua ajuda no desafio com o Earc.

—Tentou.

—Mas voce negou.

Lais quadrou os ombros.

—Não sou um assassino. — Seu rosto mostrou um aspecto desolado. —Mas depois tentei sê-lo.

—Nay. Se o tivesse tentado, ao menos teria causado algum dano. A verdade é que não é um assassino, como era Rowland.

—Realmente creem que foi ele quem matou a meu pai?

—Ele ou alguém que tinha sua aprovação para fazê-lo.

Lais tragou e assentiu.

—Odiava aos corvos porque era mais fácil que odiá-lo.

—Mais seguro, também.

—Envergonha-me dizê-lo, mas sim.

Barr desfaria fio a fio o legado de ódio e engano de Rowland, Sabrine não pôde evitar amá-lo ainda mais por isso.

É o homem e Chrechte mais assombroso que jamais tive a honra de conhecer, enviou-lhe através de seu enlace sagrado.

O repentino e deslumbrante sorriso de Barr devia ter confundido Lais porque ele começou outra vez a balbuciar suas desculpas por ter tentado feri-los.

—Se realmente o tivesse tentado, teria nos acertado no dia que disparou no bosque.

Lais sacudiu a cabeça.

—Tentei.

—Nay. Se tivesse tido em mente um tiro mortal, nem sequer os instintos de meu lobo poderiam nos haver salvado ao menos de uma de suas flechas.

Um olhar de entendimento e maravilha iluminou os traços de Lais, mas de repente suspirou e recuperou sua seriedade.

—Não mereço sua piedade.

Homens. Uma mulher sabia quando aceitar um presente quando lhes oferecia, sobre tudo quando esse presente significava conservar sua vida.

—Não estou de acordo. — A voz de Barr dizia que sua opinião era quão única contava.

Mas Sabrine não se enganou em acreditar que isso se devia a que ele interpretava seu papel de laird. Simplesmente o homem estava muito seguro de suas próprias opiniões.

E o que se o estava? Sabrine não acreditava que ele tivesse um motivo para duvidar.

Ao dia seguinte, Lais mudou para sua águia e se acomodou no ombro de Barr. Um homem menor não poderia fazê-lo, mas Barr não era um guerreiro comum e não teve problema algum em avançar rapidamente com uma grande ave de rapina instalada em seu ombro e sua companheira no regaço. Ele tinha insistido em sustentá-la, como se pudesse protegê-la fisicamente de ser ferida com seu corpo.

E sem duvidar, iria fazê-lo.

A grande besta equina parecia não notar a carga adicional tampouco, e assim alcançaram as covas dos mananciais sagrados uma hora depois do ocaso.

Barr se sentiu aliviado quando sua companheira não mostrou dúvida alguma em guiar a ele e ao Lais à câmara secreta dos Éan no labirinto de covas além dos mananciais sagrados.

O som de um cântico alcançou a audição de seu lobo antes que os passos de sua companheira vacilassem ao dar-se conta de que não estavam sozinhos. Mas Sabrine não se deteve.

Ela acelerou seus passos, claramente decidida a chegar à cova antes que o ritual terminasse. Estava correndo quando alcançaram uma caverna gigantesca iluminada por várias tochas, uma plataforma de pedra se elevava no centro e a ambos os lados desta havia dois espelhos de águas alimentadas por correntes subterrâneas.

Uma anciã, que parecia assombrosamente com Sabrine, levava uma capa de plumas de corvo e falava Chrechte antigo sobre um moço na flor de sua juventude. Devia ser Anya-Gra, a avó de Sabrine e a única que havia predito a ajuda dos Faol na luta pela sobrevivência dos Éan.

Dois homens fortes avançaram, obstruindo seu caminho ao mostrar suas armas. Sabrine os ignorou, correndo entre eles, evitando por pouco as mãos estendidas com um giro rápido de seu

corpo. Para unir-se Barr teria que desembainhar sua própria espada, mas não estava preparado para fazê-lo.

Ele cruzou de braços e dirigiu a cada guerreiro um olhar que lhes disse que nem os temia, nem desejava causar problemas.

Descartando-os, observou como Sabrine corria para a sacerdotisa que ainda recitava seu cântico e virtualmente lhe lançou A Clach Gealach Gra nas mãos. Uma estranha luz azul pulsou ao redor delas enquanto ambas as mãos se pousavam na pedra.

De repente Sabrine retrocedeu e dobrou a cabeça.

—Sabrine-Gra Gealach, princesa corvo, suas mãos devolveram A Clach Gealach Gra.

A confusão de sua companheira o alcançou através de seu vínculo.

Valor, meu amor. Faz o que sua sacerdotisa requeira.

É minha avó.

Razão a mais para obedecer.

Seu lobo ria e ele também, embora procurasse que não se notasse através de seu enlace mental.

Arrogante.

E você é uma princesa; assim atua como tal.

Esta vez ela não discutiu. Pousou outra vez as mãos no agora-branco-e-resplandecente cristal. Uma luz azul voltou a emanar da pedra sagrada.

—Taran-Gra Gealach, ponha suas mãos no cristal.

O jovem — quem devia ser o irmão de Sabrine, pelo qual ela tinha sacrificado tanto — fez o que lhe ordenaram, mostrando uma leve vacilação quando as pontas de seus dedos roçaram a sua irmã.

A luz flamejou violácea e um zumbido estranho encheu a caverna, o ar pulsou com um poder Chrechte que Barr nunca tinha conhecido.

O moço resplandeceu, chamas vermelhas o rodearam e de repente já não era um moço, a não ser um corvo. Ele soltou um brusco grasnido, jogou para trás a cabeça, estendeu as asas e logo a luz brilhou em torno dele outra vez e o corvo desapareceu para ser substituído por um dos antigos. De toda a caverna chegaram ofegos de assombro, mas Barr estava muito desconcertado para sequer emitir esse som.

Um dragão, suas escamas eram de um escarlate tão escuro que quase pareciam negras. Este jogou para trás a cabeça e bramou vitorioso antes de respirar uma esteira de fogo para o teto.

Todos na caverna retrocederam, o sobressalto se mesclava com o medo, seus aromas delatavam seus sentimentos embora suas ações não o fizessem. Exceto Sabrine. Sua princesa guerreira estendeu a mão para tocar à mágica criatura.

O dragão agachou à cabeça e deu um golpezinho com o focinho em Sabrine. Ela riu em voz alta.

—Meu irmão, será o rei que salvará a nosso povo.

—Com seus aliados, os Faol que aprenderam a respeitar toda classe de vida e vivem entre os humanos como seus protetores. — A voz da anciã ressonou na caverna, atravessando o corpo de Barr como um fulminante e poderoso batimento de coração. —Taran-Gra Gealach conduzirá aos Éan para um novo amanhecer para nossa raça.

Tão rápido como tomou a forma de corvo e logo a de um dragão, o jovem recuperou sua forma humana, fincou-se de joelhos e se inclinou, dando graças ao Criador de todas as coisas no Chrechte antigo. Então ele entrou no espelho de água à direita da plataforma, inundando-se completamente e logo ficou em pé com um grito triunfante.

Sua cerimônia de maioridade tinha culminado.

—Há alguém maculado entre nós — entoou a sacerdotisa com a voz cheia de poder. — Uma águia cuja alma leva a culpa e a dor de enganos que rasgaram seu coração.

Lais olhou com pânico para Barr.

—Não tema. Isto é um lugar sagrado e ela sente afeto por todos os Éan. — Lais sabia que Barr dizia a verdade, embora nunca tivesse conhecido a Anya-Gra ou tivesse sabido de sua existência antes desta viagem.

Lais assentiu e deu a volta caminhando como se estivesse hipnotizado.

Os guardas tinham retrocedido como todos outros quando Taran tinha tomado sua forma dragão. Mas agora deram um passo adiante para impedir que Lais se aproximasse da sacerdotisa. E logo, moveram-se a um lado como se tivessem recebido uma ordem direta, embora Barr não tinha escutado que se pronunciasse palavra alguma.

—Coloque a mão sobre A Clach Gealach Gra, jovem Lais.

—Como me conhecem? — perguntou ele com voz atemorizada.

A anciã sorriu, seus olhos da mesma cor que os de sua neta mostravam compaixão e estavam cheias de uma sabedoria antiga que Barr só podia admirar.

—O Criador sabe tudo e eu faço sua vontade.

Sem voltar a falar com Lais, ela instruiu a seus dois netos para que também pousassem as mãos sobre o cristal.

—Os corvos curarão o coração que se desgastou ao injuriá-lo durante tanto tempo.

Lais emitiu um soluço, mas fez o que lhe haviam dito.

Ao princípio a cor em torno deles era quase negra, mas com o passar do tempo se fazia mais e mais luminoso até que tudo era de um amarelo pálido. A cor do sol.

—Minhas mãos ardem — disse Lais, a agitação se mesclava com a esperança.

—Companheiro de minha neta, veem aqui — exigiu Anya-Gra imperiosamente.

Barr nem sequer considerou desobedecer. Ele se deteve menos de trinta centímetros do pedestal de pedra.

—Águia, ponha suas mãos sobre as feridas que infligiu.

Lais deu a volta e fez exatamente isso, pousando suas palmas sobre as feridas mais graves que suas garras tinham infligido sobre o peito de Barr no dia anterior. Um calor pulsante percorreu cada uma das feridas até que só permaneceu a calidez das mãos de Lais.

Barr baixou o olhar e não sentiu surpresa ao ver que seu peito não mostrava nem sequer a marca de uma ferida. Desde que conhecia Sabrine, tinha chegado a aceitar que as lendas diziam a verdade e o poder dos Chrechte residia em algo mais que suas forças e sentidos realçados por suas naturezas animais.

Lais, ao contrário, não era tão rápido em aceitar tais maravilhas.

—Eu... mas pensei...

—O poder na caverna é o mais forte em todos meus anos como líder espiritual dos Éan. Nestas circunstâncias, os milagres acontecem. — Anya-Gra agitou uma mão e a água no espelho de água à direita da plataforma se levantou, empapando a ambos.

Lais retrocedeu, elevando a vista para Barr com esperança.

—Sinto-me livre da culpa.

—Aceita o dom.

Lais assentiu e se girou para ficar frente à sacerdotisa.

—Obrigado, mãe de nossa raça.

Anya-Gra sorriu.

—Embora seja uma águia com instintos guerreiros, é um curandeiro, deve confiar e usar seu dom.

— Vou usar.

Permitindo que seu lobo se mostrasse em seus olhos, Barr olhou a sua companheira e estendeu uma mão para ela. Sabrine tomou sem duvidar. Os milagres passavam.

—Te amo — disse ela na antiga língua de seu povo.

Ele a atraiu ao círculo de seus braços, deixando que outros desaparecessem como se não estivessem ali.

—Amo você com tudo o que sou.

—Faol e homem.

—Lobo e homem.

Ela sorriu, sua beleza brilhava tão alegremente que suas almas se uniram.

—Amo tudo o que é — disse ela o bastante forte para que todos os Chrechte na caverna a ouvissem.

Os sons de comoção quase igualaram aos que ele tinha ouvido quando Taran tinha mudado em um dragão.

Mas Barr não podia se importar menos. Ele trataria com as dúvidas e preconceitos de sua gente depois. No momento, bastava que ela se liberasse dos seus e aceitasse seu acasalamento tanto com seu coração como com sua mente.

Seus lábios se encontraram e o ar ardeu como fazia depois de uma tormenta elétrica. Ele não sabia quanto tempo se beijaram para selar seus votos de amor, mas quando seus lábios se separaram estavam rodeados por um círculo Chrechte que pronunciavam discretamente os cânticos antigos de um acasalamento Chrechte.

Não havia dúvida que Anya-Gra o tinha ordenado. Barr o agradeceria mais tarde.

Nunca conheceu uma sensação de paz semelhante a que experimentou ao pronunciar seus votos e receber os dela em resposta. A sacerdotisa benzeu aos Autênticos companheiros e o retumbar de um trovão ao cair sobre a terra soou ao redor deles.

Anya-Gra liderou para fora da caverna a todos os presentes, lhe permitindo unir-se com Sabrine seguindo as antigas tradições de seu povo. Quando juntos alcançaram o orgasmo, uma luz azul brilhou em torno deles outra vez e Barr sentiu que esta o atravessava como um quente vento.

—Te amarei até o dia que morra — disse ele, sua promessa pessoal contra seus lábios.

Os olhos de Sabrine brilharam com feroz alegria.

- Temia que não correspondesse meu amor.
- Temia que nunca aceitasse a meu lobo.
- Amo você; amo você.
- Sou seu companheiro ideal, embora seja um Faol.

Sabrine elevou o olhar para seu marido. Embora teriam que casar-se segundo o costume dos homens, seus votos foram ditos e nunca seriam quebrados.

Curiosa pela reclamação de seu marido, ela disse:

- Pode ler meus pensamentos.

O sorriso de Barr só revelou o profundo e eterno amor que seu coração sentia para sua esposa guerreira.

- Posso?
- Não brinque.
- Às vezes me envia pensamentos que eu sei que não quer pronunciar.
- Isso não é possível.

—Confia em mim o suficiente para não manter tão ferreamente o controle sobre seus pensamentos, e sempre o tem feito. Isso me dava esperanças quando se estremecia ante meu lobo.

- Mas...

- É minha.

Ela não tinha desejo de negá-lo.

- Ah, sim, como você é meu.

—Aye, seu marido, quem pode ouvir seus pensamentos. — Por seu tom zombador, ela não podia afirmar se ele queria dizer as palavras ou não.

- Isso não é possível.
- Diz uma mulher cujo irmão se transforma em um dragão?

Em um primeiro momento não esteve segura que ele realmente tivesse mudado em seu antigo ancestral.

- Eu posso projetar ao dragão, mas não me transformar em um.
- É minha feroz princesa guerreira. Não necessita a forma do dragão para ser forte.

Ela amou o orgulho que captou na voz de Barr. Sua força o agradava, quando ela conhecia muitos homens, Faol e humanos por igual, que não se sentiriam tão felizes por esse fato.

- Meu irmão será rei.
- Porque você renunciou aos seus direitos.
- Não desejava ser rainha. Acreditava que poderia fazer mais protegendo a minha gente como uma guerreira.

—E tem feito. Nunca teria deixado suas terras se tivesse sido rainha e não nos teríamos conhecido.

—E meu companheiro tal como se há predito trará os lobos que nos ajudarão a lutar contra aqueles que desejam nos destruir. — Possivelmente a arrogância de seu marido fosse justificada. Ela quase sorriu.

—Finalmente compreende.

—Era-me muito difícil confiar.

—Em sua mente, mas seu coração acreditou desde o começo.

—Acredito que tem razão.

—Sei que a tenho.

—Arrogante.

A risada de Barr ressoou na caverna e em seu coração, o qual tinha passado muito tempo carente de alegria. Não só tinha encontrado a seu Companheiro Sagrado, tinha encontrado um novo caminho na vida que não estava ligado ao dever e à morte.

Um verdadeiro milagre.

Fim

Glossário:

Chrechte: A forma em que todos os que se transformam chamam a si mesmos. Por ser a tribo de maior poder os Homens Lobos usam esta palavra como sinônimos de sua espécie.

Companheiro Sagrado/Autêntico Companheiro: Para os Chrechte significa acasalar-se. Esta união é mais que física, mas nem sempre reconhecida como tal.

Companheiro: A outra metade de um casal acasalado.

Comunicação mental: Conversação mental com outra pessoa. Não é a interpretação dos pensamentos, a não ser escutar a voz da outra pessoa quando seus pensamentos são dirigidos para o receptor. Nem sempre é intencional, mas na maioria dos casos sim. Alguns membros das famílias de Chrechte podem falar mentalmente entre eles e alguns companheiros sagrados também podem. Alguns Chrechte muito poderosos podem falar mentalmente com alguém mais.

Ean: Nome genérico para os Chrechte ave, que inclui os corvos, falcões e águias reais.

A Mudança: Quando um Chrechte toma sua aparência animal. É um processo completo sem fase intermédia. Alguns homens lobos controlam sua mudança desde a primeira vez, outros não podem até que têm sexo pela primeira vez. Se os machos não tiveram sexo até os 30 anos, nunca controlarão sua mudança. As mulheres não têm nenhum limite de tempo. As diferentes formas de ver o sexo pré-matrimonial nas diferentes matilhas tem impacto sobremaneira nisto.

Acasalamento fora da raça: Um dos companheiros é humano. (Quando são companheiros sagrados podem ter filhos. Essas crianças têm tanta possibilidade de ser chrechte como não, mas o gene não se mostra até a primeira mudança em algum momento da puberdade).

Acasalamento: Matrimônio eterno. Algumas manadas consideram ter sexo como um automático acasalamento e outros não o fazem.

O Cio: refere-se à ovulação da mulher, quando é lobo ou totalmente humana.

Faol: Forma ancestral em que as outras tribos Chrechte denominam aos homens lobos.

Homem lobo: cambiaforma masculino que toma a aparência de lobo. Também pode ser usado para referir-se à raça em geral. À exceção dos lobos brancos e seus descendentes, os homens lobos precisam ter sexo para adquirir o controle de sua Mudança.

A Caçada: Durante uma lua cheia, os homens lobos se reunirão em forma de lobo e caçam. Participar da matança forma parte de sua antiga cultura e contínua até nossos dias.

Mulher lobo: cambiaforma feminina que toma a aparência de lobo. Muitas delas possuem o controle de sua Mudança desde seu nascimento.

Otherness: Pode interpretar-se como o “outro eu”, ou a outra natureza animal dos cambiaformas. É um nome genérico para esse denominar ao “alter ego” animal quando se desconhece ou não quer nomear a raça específica (lobo, ave, felino, etc.)

Pictos: A forma como são chamados os clãs de homem lobo assentados no antigo norte de Escócia.

Vínculo Sagrado/Vínculo Verdadeiro: Condição pela qual, uma vez que um casal teve sexo, muda formas acopladas já não são fisicamente capazes de ter sexo com alguém mais. (Para o varão significa a impotência salvo com sua companheira e para a mulher significa uma contração involuntária dos músculos vaginais que acautela a cópula com alguém mais, salvo seu companheiro.) Quando um vínculo sagrado se estabelece entre um cambiaforma e um humano, podem ter filhos. Do contrário, seu acoplamento será estéril. Alguns vínculos sagrados causam a capacidade de falar mentalmente.

Bênção Matrimonial Chrechte

Possa o Senhor, que fez do matrimônio um dom
ao unir duas almas, benzê-los:
Possam encontrá-lo a Ele em meio de seu
amor e à cabeça de seu lar.
Possa sua união dar o fruto das crianças para nosso
povo e que um acasalamento sagrado esteja em vós.
Possa cada lua nova trazer maiores
alegrias e acrescentadas benções.
Possa Jehova Magen, Deus nosso Escudo,
proteger seu matrimônio de cada ataque.
Possa Jehova Shalom, lhes conceder a paz juntos
para que colham harmonia onde a vida semeie discórdia.
Possa Jehova Rophe, Deus nosso Curador,
curar cada lugar quebrado e deixá-lo inteiro.
Possa Jehova Rohi, Deus nosso Pastor, guiá-los
para verdes pastos e levá-los pelo caminho da mansidão.
Possa a Luz da Manhã iluminar seu caminho e
lhes mostrar o atalho da força ao permanecer juntos.
Possa a Rocha dos Anos ser um Alicerce Seguro para vós
quando prosseguirem sua viagem pela vida como um.
Possa o Rei de Reis coroar seu matrimônio com a glória.
Possa Mannah o Oculto alimentar o espírito de seu
matrimônio de modo que seja total e completo.
Possa a Sabedoria de Deus lhes conceder
sabedoria em atitude, pensamento e feito.
Possa Deus, Amor, benzê-los
Com um amor recíproco.
Possa o Senhor, Quem é nossa Alegria,
infundir alegria a cada um de seus corações.
Possa o Senhor do Céu fazer de seu matrimônio
um vislumbre do Céu na Terra.

Marcas dos Clãs Chrechte

Os Chrechte praticaram a arte da tatuagem durante milênios e o usam para marcar dois momentos de transição de grande significado na vida. A primeira é a mudança inicial a uma forma animal o qual acontece aproximadamente durante a puberdade. Então, o tipo de animal no qual o Chrechte se converte é tatuado em seu corpo. Os homens lobos possuem suas tatuagens na escapula direita. Ao princípio, todo Chrechte usava a mesma tinta azul em uma simples tatuagem, mas com o passar dos séculos e ao isolar-se mais as manadas, as tatuagens foram mudando até que nem sequer todos os membros de uma manada usavam os mesmos, ou algum.

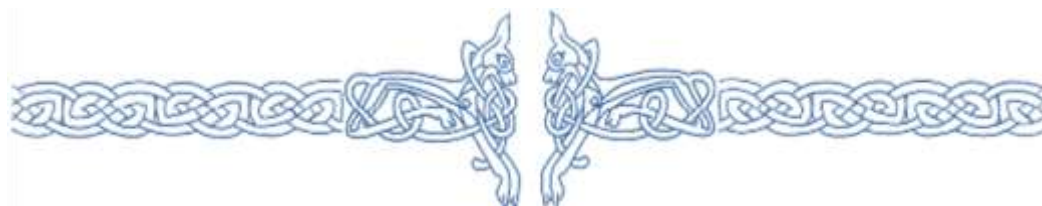
O segundo momento de transição era quando um Chrechte assumia o mando de seu grupo individual. Então um bracelete lhe era tatuado no braço para destacar seu status de líder. Ainda hoje em dia se pratica, embora as tatuagens tenham mudado grandemente.

Um terceiro momento, embora seja pratica pouco comum é que os casais emparelhados possuem uma tatuagem comum a ambos os companheiros. Isto simboliza sua vontade de estar juntos por sempre.

1. Braceletes Tatuados



Este é o bracelete usado hoje em dia pelo líder da matilha McCanlup. O rei o faz tatuar em seus bíceps direito. Quando Duke assume o mando da matilha, ele também conseguiu uma tatuagem similar. O singelo lobo representa sua natureza interna, as outras ilustrações representam o poder e a vontade de lutar pela matilha.



Este é o antigo bracelete do líder da matilha McCanlup. Em algum momento denotava tanto o senhorio sobre o feudo McCanlup e o status do líder da matilha (que nem sempre vão juntos). Os dois lobos Pictos simbolizam a força do número e a importância do acasalamento para as matilhas.



Este é o antigo bracelete do líder da matilha Balmoral. Lachlan o tem tatuado em seus bíceps direito. Os dois lobos podem ser interpretados como enfrentados ou acasalados, representando a natureza guerreira do líder da matilha assim como a importância de acasalar-se para manter viva à matilha dentro do clã. Este bracelete também representa o papel de Lachlan como o laird de seu clã.



Este é o antigo bracelete do líder da matilha Sinclair. Talorc o tem tatuado em seus bíceps direito. Os dois lobos no centro estão entrelaçados, representando a força numérica e a confiança que os Chrechte devem ter um no outro. Seu aspecto vigilante representa o fato que todo Chrechte deve cuidar-se da traição tanto de um lado ou do outro, que é pelo que parecem atirar entre eles.

2. Outras Tatuagens Chrechte



A lua na vida dos Chrechte

1. As estações e a Lua

Cada lua cheia tem seu próprio nome segundo o mês e/ou estação. Aqui estão os nomes reconhecidos pela maioria Chrechte para as temporadas da lua. Alguns associam certas coisas com o tipo de lua cheia, enquanto que para outros todas as luas cheias são iguais. Mas a maioria dos Chrechte reconhece que a lua crescente e minguante, são as únicas fases da lua que afetam suas vidas de uma forma significativa.

Inverno: Lua da Longa Noite (Dezembro), Lua do Lobo (Janeiro), Nívea Lua ou Lua da Fome (Fevereiro).

Primavera: Lua Ventosa (março), Lua Herbal (Abril), Lua Incipiente (maio).

Verão: Lua de mel (Junho), Lua de Sangue ou Lua do Estrondo (Julho), Lua Frutífera (Agosto).

Outono: Lua da Colheita (Setembro), a Lua do Caçador (Outubro) e Lua de Geadas (Novembro).

2. Fases da Lua

Lua Nova ou Novilúnio: Quando a lua não é visível da terra. Corresponde ao dia 0 e 29 de seu ciclo.

Lua Crescente e minguante: Quando a lua adquire forma de foice ou corno no céu da noite. A lua crescente é vista do 1 ao dia 6 do ciclo lunar e a minguante é vista do dia 23 ao dia 28.

Meia lua: Quando a metade da lua se mostra no céu (também chamada Quarto Crescente). Produz-se nos dias 7 e 22 do ciclo lunar.

Lua do Gibbous ou Gibosa: Quando mais da metade da lua se observa no céu. A lua Gibbous crescente se vê do dia 8 ao dia 13 e a lua Gibbous minguante do dia 15 ao dia 21.

Lua cheia: eleva-se nos dias 14 do ciclo da lua ao redor da terra.

Lua Azul: Quando uma segunda lua cheia ocorre em um mesmo mês. O fenômeno passa a cada 2.5 anos. Existem muitas lendas sobre os efeitos da Lua Azul.

Contemporâneo Werewolves

Come Moonrise / Filhos da Lua - Que Nasça a Lua (Rev. PRT)

Histórica Werewolves

Run with the Moon / Filhos da Lua 00 - Corra com a Lua (Rev. PRT)

Moon Awakening / Filhos da Lua 01 - Moon Awakening (rev. PRT)

Moon Craving

Moon Burning / Filhos da Lua 03 - Lua Ardente (rev. PRT)

Dragon's Moon / 2012